

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JEFERSON NEDELCIU

EVASÃO ESCOLAR EM UMA UNIDADE DE ENSINO MÉDIO E TÉCNICO
AS ETECS EM UM NOVO SIGNIFICADO

Sorocaba-SP
2023

JEFERSON NEDELCIU

**EVASÃO ESCOLAR EM UMA UNIDADE DE ENSINO MÉDIO E TÉCNICO: AS
ETECS EM UM NOVO SIGNIFICADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação *campus* Sorocaba para obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação, Comunidades e Movimentos Sociais.

Orientação: Prof. Dr. Felipe de Souza Tarábola

Sorocaba-SP
2023

Nedelciu, Jeferson

Evasão Escolar em uma unidade de ensino médio e técnico: as Etecs em um novo significado / Jeferson Nedelciu -- 2023.
182f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Felipe de Souza Tarábola
Banca Examinadora: Ana Paula de Oliveira Corti, Maria Carla Corrochano
Bibliografia

1. Evasão Escolar. 2. Ensino Técnico. 3. Educação. I. Nedelciu, Jeferson. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Mestrado do candidato Jeferson Nedelciu, realizada em 16/02/2023:

Professor Dr. Felipe de Souza Tarábola
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Dra. Maria Carla Corrochano
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Professora Dra. Ana Paula Corti
IFSP – Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

DEDICATÓRIA

Para Vanessa Nedelciu –
O grande amor de minha vida
e
Para Anna Luiza e Luiz Gustavo –
As razões de minha existência

AGRADECIMENTO

O tempo é intrigante. Há três ou quatro anos estar em uma universidade era simplesmente um sonho distante, algo que como milhares de brasileiros traduzia como “aquilo não é para mim”. Hoje, aqui estou escrevendo os agradecimentos de minha dissertação. Nesse caminho adquiri experiências às quais nem sequer imaginava. Experiências que, inclusive, adquiri em meio a uma pandemia e outros turbilhões com os quais convivemos em nosso país. Enfim, simplesmente me resta neste momento agradecer a vida!

Agradeço minha família. Minha esposa Vanessa e meus filhos Anna Luiza e Luiz Gustavo. Sem eles, nada disso seria possível. Todos compartilharam de minha batalha, cada um à sua maneira. Portanto, sem sombra de dúvidas merecem destaque.

De uma forma especial, agradeço ao meu orientador, Professor Felipe de Souza Tarábola. Tivemos uma experiência ímpar no desenvolvimento deste trabalho. Estudar em meio à pandemia não foi fácil, trabalhar muito menos. E no meio deste percurso convivemos e construímos aquilo que aqui está registrado. Parabéns pelo trabalho, professor! Não o que está descrito em palavras, mas aquele que estará marcado em mim. Afinal, “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar numa alma humana, seja apenas outra alma humana” (Carl G. Jung).

Agradeço a todos que tive contato na UFSCar ao longo deste ciclo: meus colegas de grupo de estudos, aos companheiros que encontrei em todas as disciplinas que participei, nos seminários; tudo foi muito especial. Agradeço a Fernanda, Secretária do Programa de Pós-graduação da UFSCar, sempre ágil e dedicada em me apoiar. Não foram poucas dúvidas ao longo deste caminho e em nenhum momento deixou de ajudar. De forma especial, também compartilho minha gratidão à Professora Ana Paula Corti e a Professora Maria Carla Corrochano, cujos ensinamentos me ajudaram a construir grande parte do que aqui segue. A tudo que me foi compartilhado enquanto fruímos da oportunidade de conversar.

Aos professores da Faculdade de Tecnologia de Tatuí (Fatec Tatuí). Serei eternamente grato ao que pude vivenciar com a Professora Eoná Moro Ribeiro, o Professor Nilton José Pereira e o Professor Mauri César Soares, cujos ensinamentos há muitos anos me plantaram o desejo em prosseguir com meus estudos e me fizeram acreditar que aquilo que estou conseguindo hoje seria possível. Também aos meus amigos de Fatec, Professor Anderson Luiz de Souza e Professora Patrícia Glaucia Moreno, que além de poder ter muito aprendido, nesse momento compartilho meus dias profissionalmente com muita alegria!

Aos amigos de Lions Clube Tatuí. Instituição que acabei ingressando em um período

próximo ao início de meu mestrado e consegui amizades valiosas para tornar a caminhada um pouco mais leve. Apesar de sempre muito me dedicar na construção dessa dissertação, já dizia Carlos Drummond de Andrade, “A vida necessita de pausas”. E essas pausas sempre foram valiosas enquanto interagindo com vocês. Em especial, agradeço a Beatriz Soares Amaro, minha madrinha de Lions Clube e amiga de profissão, que há muito tempo me incentivou a buscar o ensino superior, tornando então nesse ato, aquilo que hoje está se tornando possível.

Por fim, aos meus familiares, Rodrigo Cristovam, Thaís Yoshioka Cristovam e Viviane Cristovam que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis e, em especial, para minha sogra/mãe, Dona Ivanir Assumpção Cristovam da Silva, que sempre me encorajou a lutar por meus objetivos e se fez presente, com imenso carinho, para me ajudar!

Quem é você? — perguntou a Lagarta.
Eu... mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã,
mas acho que já passei por várias mudanças desde então
(CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas, 1865)

NEDELCIU, Jeferson. **Evasão escolar em uma unidade de ensino médio e técnico**: as Etecs em um novo significado. 2023, 182. Dissertação – Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

RESUMO

A evasão escolar é um fenômeno presente em nossa sociedade e identificada como um dos problemas mais graves da educação no país. Apesar de muitos estudos presentes na área e uma série de hipóteses levantadas, o tema ainda carece de respostas claras. É possível notar que existe um determinado “senso comum” quando se trata de evasão, no qual muitos pesquisadores apontam sempre um direcionamento para identificar os culpados no processo. Entretanto, a evasão é complexa e permeada de vertentes no qual inclusive para simplesmente definir o que é evasão já encontramos discordâncias entre pesquisadores. Em paralelo, as discussões de evasão escolar são quase sempre direcionadas aos níveis de ensino fundamental, médio e/ou superior; pouco se produz e se discute sobre a evasão escolar no ensino técnico. O ensino técnico, hoje, é uma modalidade de ensino extremamente importante em nossa sociedade e movimenta a vida de milhares de jovens e adultos no Brasil. Para contextualização, este estudo se dará exclusivamente em uma escola de ensino médio e técnico, denominada como Etec (Escola Técnica Estadual): a unidade conta com cerca de dois mil alunos matriculados, mas faz parte do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), autarquia do Governo do Estado de São Paulo, que possui atualmente um movimento de mais de 230 mil matrículas por semestre. Portanto, temos no ensino técnico um movimento enorme de jovens e adultos que estão buscando nessa instituição o processo de profissionalização e demais “benefícios” que se esperam na escolarização. Contudo, as escolas de ensino técnico estão construídas sob a ótica de mudança social por meio da profissionalização. Tal fato nos apresenta discussões sobre a mercantilização do ensino, bem como os problemas gerados pela meritocracia na educação. Para desenvolvimento da pesquisa, se buscou jovens entre 15 e 17 anos que estiveram matriculados na Etec, entre 2016 e 2021, e evadiram do curso técnico no período. O recorte histórico teve pretensão de pegar estudantes que estiveram presentes durante o período de imposição da reforma do ensino médio, promulgada pela Lei nº 13.415/2017, e aos que estiveram sob as mudanças ocasionadas pela Pandemia da Covid-19. O resultado da pesquisa aponta que passamos por uma grande mudança no perfil dos jovens que estão presentes nas unidades de ensino médio e técnico das Etecs. De longe, o público já não é mais aquele identificado em meados de 1980, quando o ensino técnico era direcionado para os marginalizados, tendo que a formação técnica seria sua única formação profissional possível. Sendo assim, novas exigências se fazem presentes na vida destes jovens, e seus anseios, se divergentes daquilo que se impõe na escola técnica, refletem em sua evasão. Portanto, uma formação escolar voltada ao mercado de trabalho e tendo o princípio do mérito individual como fonte de destaque, desconsiderando as desigualdades de nossa sociedade, precisa ser repensada e discutida.

Palavras-chaves: Ensino técnico; evasão escolar; juventude

ABSTRACT

School dropout is a phenomenon present in our society and identified as one of the most serious problems of education in the country. Despite many studies in the area and a series of hypotheses raised, the topic still lacks clear answers. It is possible to note that there is a certain “common sense” when it comes to evasion, in which many researchers always point out a direction to identify the culprits in the process. However, evasion is complex and permeated with aspects in which even to simply define what evasion is, we have already found disagreements between researchers. In parallel, school dropout discussions are almost always directed at elementary, middle and/or higher education levels; little is produced or discussed about school dropout in technical education. Technical education, today, is an extremely important teaching modality in our society and moves the lives of thousands of young people and adults in Brazil. For contextualization, this study will take place exclusively in a high school and technical school, called Etec (State Technical School): the unit has about two thousand students enrolled, but is part of the State Center for Technological Education Paula Souza (CEETEPS), autarchy of Government of the State of São Paulo, which currently has more than 230,000 enrollments per semester. Therefore, we have in technical education a huge movement of young people and adults who are seeking in this institution the professionalization process and other “benefits” that are expected in schooling. However, technical education schools are built from the perspective of social change through professionalization. This fact presents us with discussions about the commodification of education, as well as the problems generated by meritocracy in education. For the development of the research, young people between 15 and 17 years old who were enrolled at Etec, between 2016 and 2021, and who dropped out of the technical course in the period were sought. The historical clipping was intended to pick up students who were present during the period of imposition of the high school reform, enacted by Law nº 13.415/2017, and to those who have been under the changes caused by the Covid-19 Pandemic. The result of the research points out that we are going through a great change in the profile of the young people who are present in the secondary and technical education units of the Etecs. By far, the public is no longer the one identified in the mid-1980s, when technical education was aimed at the marginalized, with technical training being their only possible professional training. Therefore, new demands are present in the lives of these young people, and their aspirations, if different from what is imposed in the technical school, are reflected in their evasion. Therefore, a school education focused on the labor market and having the principle of individual merit as a prominent source, disregarding the inequalities of our society, needs to be rethought and discussed.

Keywords: High School; school dropout; Technical Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixa etária dos jovens matriculados no ensino técnico _____	38
Gráfico 2. Declaração de sexo – estudantes da Etec _____	40
Gráfico 3: Declarações raciais percentual _____	41
Gráfico 4: Referente a seus estudos anteriores _____	41
Gráfico 5. Média salarial dos alunos técnicos da Etec (2019) _____	42
Gráfico 6. População de 5 a 17 anos que não frequenta escola - Brasil – 2021 _____	51
Gráfico 7. Taxa de insucesso (reprovação e abandono) por série/ano nos ensinos fundamental e médio por rede de ensino - Brasil 2020 _____	52
Gráfico 8. Taxa de insucesso (reprovação e abandono) por série/ano nos ensinos fundamental e médio por rede de ensino - Brasil 2019 _____	53
Gráfico 9. Número de matrículas na educação profissional - Brasil - 2017-2021 _____	55
Gráfico 10. Qual motivo levou você a escolher este curso? _____	81
Gráfico 11. Classificação por cor/etnia de estudantes da Etec _____	116
Gráfico 12. Declarações sobre religião de estudantes da Etec _____	116
Gráfico 13. Renda familiar dos estudantes da Etec _____	117
Gráfico 14. Ocupações do principal responsável pelo estudante na Etec _____	118
Gráfico 15. Busca por atividades extracurriculares _____	119
Gráfico 16. Nível de instrução do primeiro responsável _____	120
Gráfico 17. Nível de instrução do segundo responsável _____	121
Gráfico 18. Fatores que ocasionaram, em alunos que obtiveram reprovação, a desistência nos estudos _____	123
Gráfico 19. Motivos que ocasionaram reprovações _____	124
Gráfico 20. Motivos que levaram o estudante a evadir do ensino técnico _____	126
Gráfico 21. Impactos da integração entre Ensino Técnico e Médio _____	127
Gráfico 22. Fatores consideráveis para um retorno à Etec _____	128
Gráfico 23. Fatores que desmotivam seu retorno à Etec _____	129
Gráfico 24. O ensino durante a pandemia _____	132
Gráfico 25. Atividades remuneradas durante o ensino técnico _____	133
Gráfico 26. Dedicção ao mundo do trabalho enquanto estudante _____	134
Gráfico 27. Atividades domésticas durante o ensino técnico _____	134

Gráfico 28. Impactos na vida profissional mediante dedicação nas atividades domésticas	135
Gráfico 29. Idade dos jovens em seu primeiro contato com o Mundo do trabalho	136
Gráfico 30. Impactos profissionais do curso técnico	137
Gráfico 31. Renda mensal considerando o trabalho em paralelo a escola	138
Gráfico 32. O trabalho pode ser considerado um dos motivos de evasão de seu curso?	139
Gráfico 33. A busca por oportunidades no Mercado de trabalho enquanto estudante	140
Gráfico 34. Perspectiva do jovem quanto a determinante de um curso técnico realizar sua inserção no mercado de trabalho	141
Gráfico 35. Experiência com discriminação no mercado de trabalho	142
Gráfico 36. Análise das questões raciais e de gênero sobre as competências técnicas no mercado de trabalho	143

TABELAS

Tabela 1. Cursos técnicos da Etec Sales Gomes, no período do 1º Sem.2016 até 2º Sem.2021 com taxas de evasão maiores que 10%	35
Tabela 2. Percentuais de alunos matriculados nos cursos técnicos, separados pelo público masculino e feminino	39
Tabela 3. Taxa de Evasão e Trancamentos no Centro Paula Souza: comparativo de 2016 até 2021	54
Tabela 4. Características da jornada semanal de trabalho da população jovem que só trabalha, por faixa etária. Brasil, 2006	98

FIGURAS

Figura 1. Taxa de escolarização do município de Tatuí/SP	25
Figura 2. Índice de desenvolvimento da cidade de Tatuí/SP	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALESP - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
AMS - Articulação Médio Superior
ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BD CETEC – Banco de Dados da Unidade de Ensino Médio e Técnico
CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
CEE - Conselho Estadual de Educação
CIEE - Centro de Integração Empresa-Escola
CPS - Centro Paula Souza
CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social
EEPSG - Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau
ETEC - Escola Técnica Estadual
ETIM - Ensino Técnico Integrado ao Médio
FAT - Fundação de Apoio a Tecnologia
FATEC – Faculdade de Tecnologia
GT - Grupo de Trabalho
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada
LDB - Lei de Diretrizes e Bases
MEI - Microempreendedor Individual
MP - Medida Provisória
MTec – Médio e Técnico
NovoTec - Novo Ensino Técnico
ONU – Organização das Nações Unidas
PIB – Produto Interno Bruto
PPG - Plano Plurianual de Gestão
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SERT - Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho
UFIEC - Unidade de Formação Inicial e Continuada
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OBJETIVOS	19
2.1 OBJETIVO GERAL	19
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3 A EVASÃO ESCOLAR NO COTIDIANO DA ETEC	20
3.1 O PERFIL DO PESQUISADOR: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ESCOLAR	20
3.2 A INSTITUIÇÃO DE ENSINO: BREVE HISTÓRICO	24
3.2.1 Dados de Evasão escolar na Etec Sales Gomes	35
3.2.2 Perfil discente na Etec Sales Gomes	38
4 AS RAMIFICAÇÕES DA EVASÃO ESCOLAR	44
4.1 EVASÃO, ABANDONO OU DESISTÊNCIA ESCOLAR? DIFERENÇAS DE TERMOS	45
4.2 DADOS SOBRE EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL E NO CENTRO PAULA SOUZA	50
4.2.1 A evasão escolar é alta e já foi muito mais alta. Seria a progressão continuada uma solução?	55
4.3 A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO CONCOMITANTE: TRABALHO E QUALIFICAÇÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	58
4.3.1 Programas de empregabilidade combatem à evasão escolar?	78
4.4 A EVASÃO ESCOLAR: PROBLEMAS ESTRUTURAIS, PEDAGÓGICOS E SOCIAIS	83
4.5 A MERITOCRACIA E A JUSTIÇA ESCOLAR NO CONTEXTO DO ENSINO TÉCNICO CONCOMITANTE	89
4.6 DISCRIMINAÇÕES POR GÊNERO E RAÇA NO ENSINO TÉCNICO	92
5 MÉTODOS E TEORIAS: REFLEXÕES SOBRE EVASÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA DE ENSINO TÉCNICO	107
5.1 ANÁLISE DO PROLEMA, TÉCNICAS DE SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE DADOS	109
6 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	113
6.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESQUISADOS	115
6.2 TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS EVADIDOS DE ETECS	118
6.3 TRABALHO E ESTUDO NO ENSINO TÉCNICO	132
6.4 AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS EVADIDOS DAS ETECS	142
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE A	167
APÊNDICE B	182

1 INTRODUÇÃO

As Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) são instituições que oferecem ensino técnico profissionalizante para jovens e adultos, em diferentes modalidades. Essas unidades de ensino são vinculadas ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CPS), uma autarquia do governo estadual de São Paulo, ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Em dados divulgados pelo CPS, em 2020 a autarquia registrou cerca de 230 mil alunos matriculados, divididos em 223 unidades dentro do estado de São Paulo. O principal objetivo das Etecs, conforme descrito no sítio eletrônico do CPS é, promover a mudança social através da profissionalização de jovens e adultos, por meio da inserção no mercado de trabalho¹. Ainda, essas escolas estão inseridas em 165 municípios do estado, com diversas modalidades de ensino, sendo elas principalmente o Ensino Médio, o Ensino Técnico e o Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio.

Nosso país enfrenta um grave problema de evasão escolar, fenômeno que assombra o sistema de ensino há muito tempo e atinge todos os níveis e modalidades, desde o fundamental até o superior, passando também pelo técnico. Logo, também é um problema enfrentado pelas Etecs, cujos indicadores de alguns de seus cursos apresentam números alarmantes, tornando-se um desafio não só para as escolas, mas para toda sociedade.

Buscando, por consequência, melhor entender esse fenômeno, principalmente quando tal evasão ocorre diretamente com um público jovem em busca de inserção no mercado de trabalho, este estudo visa apresentar uma análise quantitativa sobre a evasão, discutindo ao longo de todo trabalho as ramificações que possam ter levado os jovens que ingressam no ensino técnico concomitante, ou seja, àqueles que se matricularam exclusivamente em um curso técnico na Etec e que mantinham seu vínculo de ensino médio em outra instituição de ensino, a desistir da formação profissional proposta pela instituição.

Extremamente importante para desenvolver uma pesquisa é conhecer o público ao qual se direciona a investigação e com quem se dialoga. Como recorte histórico, se efetuará uma análise de um público jovem, com idade entre 15 e 17 anos, que cursou o ensino técnico paralelamente ao ensino médio, indiferente se tenha sido em escola pública ou particular. De início, o perfil deste jovem será discutido considerando dados extraídos no Plano Plurianual de

¹ Marx define o trabalho como “o fundamento de toda a vida social e, em consequência, da verdadeira história” (MARX, 1999b, p. 214). Desta forma vale destacar que existe uma grande diferença entre trabalho e mercado de trabalho. A mercantilização do trabalho, bem como o envolvimento dessa prática com o sistema capitalista será discutido neste estudo.

Gestão (PPG), disponíveis no sítio eletrônico da Etec Sales Gomes², considerando exclusivamente apenas o critério de idade e estar matriculado em um curso técnico concomitante da unidade.

No começo dessa pesquisa, me remeto Ana Paula Corti, socióloga que possui diversos trabalhos relacionados a evasão escolar, com foco principalmente no ensino médio. Para Ana Paula Corti, a compreensão de partes individuais se dará após analisar e compreender as estruturas. Em concordância com a definição, Nobert Elias indica que "[...] é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca" (ELIAS, 1994, p. 25). Parafraseando então com o termo, Ana Paula Corti afirma que uma "[...] ação social não é apenas imprevisível por parte do agente [...] ela se constrói a partir de um conjunto de interdependências humanas não intencionais" (CORTI, 2015, p. 35). Assim, temos que o indivíduo parte de um conjunto de pessoas que existiam antes dele para um que ele mesmo ajudará a construir (ELIAS, 1994). Portanto é fundamental entendermos a estrutura do ensino técnico e da unidade de ensino em questão, o perfil desse jovem e a interação entre eles, não se abstendo de questões sociais diretamente ligadas a esse processo, tais como gênero e raça e de outras instituições sociais, como a própria família.

Ana Paula Corti (2015) ao apresentar seus métodos de pesquisa, destaca o quão importante é tentar superar os modelos estatísticos que na grande maioria são impostos para alguns fenômenos, principalmente da evasão escolar. Para a socióloga, devemos "[...] ir além dos modelos estatísticos, superar algumas dicotomias clássicas, tais como a de indivíduo e de sociedade" (CORTI, 2015, p. 34), isso implica em abrir um leque de opções e saber que o fenômeno da evasão escolar é complexo, inclusive entender que "[...] as estruturas sociais não são racionais, no sentido de serem fruto da ação intencionalmente planejada de um ou mais indivíduos, nem irracionais no sentido de incompreensíveis. Elas são históricas" (CORTI, 2015, p. 35).

Em outro momento, Zaia Brandão (2008) discute sobre a importância da comunicação entre os dados macrossociais e os microssociais, reforçando a necessidade de entrelaçar os dados, em conseguir alinhar o método *quanti* ao método *quali*, nessa perspectiva a autora define

² O PPG é um documento oficial emitido pela Diretoria das Etecs, construído por diversos membros eleitos da comunidade escolar e homologado pelo Centro Paula Souza. Este documento é disponibilizado nos sítios eletrônicos das Etecs e descrevem as ações de gestão que a unidade está realizando, os indicadores da instituição, projetos e outras informações de interesse geral. O PPG da Etec Sales Gomes pode ser conferido em <https://www.etc-salesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

tal ação como um jogo de escalas. Patrícia Hill Collins, enquanto estudava o pensamento feminista com mulheres negras, identificou a necessidade de alinhar os dados micro situacionais aos macrodados. Essa afirmação está presente na obra “Pensamento Feminina Negro”, e concordo, quanto a afirmação:

Os dados micro-situacionais têm prioridade conceitual. Isto não quer dizer que os macrodados nada significam; mas, estatísticas globais e dados de *surveys* não oferecem um retrato acurado da realidade social, a não ser quando interpretados no contexto de seu enraizamento micro situacional (COLLINS, 2000, p. 16)

Com isso, esse estudo se estrutura de uma forma analítica por dados estatísticos, mas não deixa de trazer a importância de se trabalhar dados qualitativos para maior proximidade com o entendimento do fenômeno. Interligar os resultados de uma análise estatística aos dados obtidos por meio de aplicação de questionário semi fechado, com variedade entre perguntas fechadas e abertas, poderá aproximar a questão da realidade do jovem que está sendo pesquisado, bem como do contexto em que ele está inserido.

Quando se busca construir uma série de dados para construção de uma pesquisa Bourdieu (1998, p. 30) alerta para não “[...] cair na armadilha do objecto pré-construído”; esse alerta é extremamente importante, ainda mais quando o pesquisador está diretamente envolvido com um problema; se por definição um objeto de estudo me interessa, primeiro é preciso conhecer o verdadeiro propósito desse interesse, não deixando-o influenciar no desenvolvimento e nos posteriores resultados da pesquisa. Por fim, Max Weber em “Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais” salienta que:

Não existe qualquer análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objetos de pesquisa (WEBER, 1991, p. 87)

Em diálogo com o pensamento de Pierre Bourdieu, Max Weber e Norbert Elias, pretendo introduzir a importância de se olhar para a estrutura da instituição de ensino e alinhar com as questões que influenciam diretamente o ensino técnico e o mercado de trabalho, assim como discutir situações como a classe econômica e social dos jovens. Esse alinhamento poderá ser ainda mais próximo ao se considerar que tenho um contato grande com o cotidiano da escola, pois atuei por cerca de 10 anos em atividades acadêmicas e pedagógicas, bem como nesse período também apresentei experiência de relações institucionais entre a Etec Sales Gomes e diversas empresas da região que a escola está inserida.

Portanto, para a melhor interpretação possível da evasão escolar no ensino técnico, irei discorrer sobre diversos fatores que podem fazer parte do processo, seja direta ou indiretamente, tais como: os fatores sociais que levam um estudante a evadir da escola, as intervenções ocasionadas por outras instituições, as influências mercadológicas e políticas na educação, questões raciais, de sexualidade e de gênero, os conceitos presentes no cotidiano escolar sobre meritocracia e justiça escolar, os conflitos existentes dentro da instituição, os processos pedagógicos existentes e as conexões geracionais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho foi realizar uma análise das razões que levam os jovens ingressantes em cursos técnicos concomitantes das Etecs a evadir de seu curso, sem que necessariamente tenha evadido do seu ensino médio em outra instituição que esteja matriculado.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Entender as diferenças entre os anseios dos jovens quando buscam se matricular nas Etecs e os objetivos articulados pela instituição de ensino;
- Identificar os principais motivos de insatisfação dos estudantes ao longo do curso, confrontando os resultados com as práticas de ensino nas Etecs que são voltadas ao mercado de trabalho e com termos comumente encontrados, como a meritocracia;
- Discutir sobre as mudanças que ocorreram dentro das Etecs ao longo dos anos, tanto na estruturação dos cursos, quanto ao público que hoje se encontra nas unidades de ensino;

3 A EVASÃO ESCOLAR NO COTIDIANO DA ETEC

Este trabalho buscou se aproximar do entendimento das causas de evasão escolar do ensino técnico de jovens entre 15 e 17 anos que simultaneamente estiveram matriculados em um curso de ensino técnico na Etec Sales Gomes e no ensino médio em qualquer outra instituição de ensino, considerada tal modalidade como o ensino técnico concomitante³. Como recorte histórico, se trabalhou a evasão registrada entre 2016 e 2021 na unidade. O período selecionado buscou apresentar jovens que evadiram em um breve período anterior ao da reforma do ensino médio, promulgada em 2017, os que estiveram diretamente envolvidos nas mudanças promovidas pela reforma e também alguns que vivenciaram a pandemia da Covid-19.

Nesse contexto, para melhor discutir sobre a evasão do ensino técnico, inicialmente vamos trazer um pouco de minha trajetória escolar; importante no processo de entendimento de uma pesquisa é termos conhecimento de quem é o pesquisador por trás dela, pois assim podemos criar relações e diálogos fundamentais para enriquecer o processo de construção do conhecimento. Logo após, traremos informações oficiais da instituição de ensino, sua localidade e os dados de evasão escolar que são diretamente ligadas a ela, bem como do cenário em que ela está localizada. Ainda no contexto da unidade de ensino, vamos apresentar dados importantes para entender o perfil dos alunos dessa Etec especificamente.

Na questão do perfil discente é fundamental entender que: utilizaremos primeiramente estes dados secundários, obtidos nas publicações oficiais da instituição para poder entender o público que está envolvido no dia a dia da Etec e, depois, através de minha pesquisa efetivamente com o público selecionado, apresentar dados e discussões atualizadas para ampliar o entendimento do processo de evasão no ensino técnico concomitante.

3.1 O PERFIL DO PESQUISADOR: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ESCOLAR

Para entender sobre a principal motivação de estudar a evasão escolar nas Etecs, antes cabe entender minha própria trajetória escolar: além de sempre ser identificado como um estudante/trabalhador, combinei minha trajetória com o ensino técnico e tecnológico apresentado pelas unidades de ensino vinculadas ao Centro Paula Souza. Desde 2006 vivencio

³ Como apresentado anteriormente neste trabalho, o ensino técnico hoje possui uma série de modalidades disponíveis aos estudantes, sendo estas principalmente o ensino técnico concomitante, o ensino técnico integrado ao médio e o ensino médio subsequente. Este trabalho terá foco exclusivo da evasão no ensino técnico com o público que se matricula na modalidade concomitante, que é aquela cujo ensino técnico se dá em paralelo ao médio, sem que o ensino médio esteja sendo cursado em Etecs.

o ambiente proporcionado pelo Centro Paula Souza: como profissional, concursado, a partir de 2010 e como estudante em diferentes cursos técnicos e tecnológicos dentro deste período.

Estudando integralmente em escolas públicas, meu contato com o mercado de trabalho começou aos 12 anos, sempre associando o estudar com o trabalho. Na década de 1990, residia na região do ABC⁴ e vivenciei os impactos gerados pelo desemprego do principal responsável pela fonte de renda familiar⁵. Nesse período meu trabalho era informal, mas passou a ter grande importância, pois em certas ocasiões se tornou a principal fonte de renda de minha residência. Contudo, mesmo com as adversidades, finalizei o ensino fundamental sem retenções e um bom desempenho escolar (considerando os critérios de avaliação indicados pelas unidades de ensino).

Quando matriculado no ensino médio, que realizei entre os anos de 2004 e 2006, além de seguir com a necessidade de trabalhar em paralelo, também vivenciei as dificuldades de socialização pelas constantes transferências de escolas e cidades. Nesse período também passei por conflitos familiares e outros problemas que não entrarão neste estudo, mas que dificultaram minha vida escolar. Em três anos passei por três escolas diferentes, além de dividir alguns anos letivos em parte do ensino matutino e outra parte noturno. Iniciei a 1ª série do ensino médio na EEPSP (Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau) Sérgio Milliet da Costa e Silva, período da manhã, logo no começo do ano letivo me transferi para cidade de Sorocaba/SP, para seguir os estudos na Escola Estadual “Joaquim Izidoro Marins”, período da manhã. No mesmo ano passei para o período noturno, e logo retornei para o matutino. Retornei para Santo André/SP na 2ª Série e terminei meus estudos em Sorocaba/SP, na Escola Estadual Guiomar Camolesi Souza; na 3ª Série retornei para a EE “Joaquim Izidoro Marins”.

Na terceira série, além de trabalhar nos finais de semana e estudar, decidi buscar um ensino técnico para me profissionalizar, eis que ingressei no curso técnico em Mecatrônica, na “Etec Rubens de Faria e Souza”. Neste momento não conhecia praticamente nada sobre Etecs, mas recebi a influência de meu pai, metalúrgico da região do ABC e grande defensor do ensino técnico (só que pelo SENAI). Logo no 1º Semestre do curso, apesar de estar gostando dos métodos de ensino encontrados lá, abandonei o curso por precisar retornar para Santo André. No segundo semestre do mesmo ano retornei para Sorocaba e por ter minha matrícula cancelada

⁴ A região do ABC é o nome fornecido para a junção das cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano. Todas fazendo parte da região metropolitana da Grande São Paulo. Conhecida como uma região extremamente voltada ao polo industrial do estado de São Paulo.

⁵ No estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), organizado por Neri, Camargo e Reis (2000) a década de 1990 apresentou uma forte queda industrial, passando por uma recessão movida a ações de privatizações e crises internacionais que impactaram diretamente o mercado nacional.

pelo abandono, precisava prestar novo vestibular para ingressar novamente na Rubens de Faria. Fiz novamente o exame, mas agora para cursar o técnico em Eletrotécnica. Aqui vale destacar que Mecatrônica e Eletrotécnica foram escolhas na época muito influenciadas pelo meu pai, mas que eu sentia que “até gostava”.

Em 2016, finalizei meu ensino médio e terminei o primeiro semestre do curso técnico em Eletrotécnica. Minha família se mudou para Tatuí/SP, mas como não desejava largar novamente a Etec, optei em ficar na cidade. Após alguns meses, tive que acabar me mudando também, mas antes disso encontrei informação de que em Tatuí também tinha Etec, a Etec Sales Gomes (e isso foi um dos fatores cruciais em aceitar a nova mudança). Mas como na época não existia a possibilidade de me transferir de curso, tive que prestar um novo vestibular. Desta vez, sob orientação de professores da Etec Rubens de Faria, escolhi o curso técnico em Edificações. Assim, prestei novo vestibular e me transferi de Etec (e cidade novamente).

Já no primeiro semestre de curso consegui um estágio na prefeitura da cidade. Atuei nessa área por cerca de seis meses e após participação em um concurso público, fui aprovado e tomei posse de um cargo na “Secretaria de Obras e Infraestrutura”, atuando integralmente e diretamente com obras e tentando seguir meus estudos no período noturno. Pelas dificuldades de conciliação, terminei o primeiro semestre do curso técnico e tranquei minha matrícula. Após cerca de um ano trabalhando, senti algo pendente e busquei novamente a unidade para seguir com o curso; consegui terminar mais um semestre e tranquei novamente o curso. Sempre articulando escola e trabalho, mas já na ocasião, tendo um contato maior com professores do período, recebia grande incentivo em buscar outras atividades profissionais, e usar o curso técnico para conseguir essa mudança. Após mais um intervalo de 12 meses, retornei ao curso, nesse período já perto de me casar e sair da casa de meus pais. Terminei meu curso, consegui atuar inclusive na área com ajuda da Etec e, por influência do contexto em que estava inserido, me tornei funcionário da unidade (uma vez que havia me inscrito em um concurso público para o Centro Paula Souza e perto desse período consegui aprovação e fui convocado).

Na unidade então, desde 2010 passei por vários setores, tendo os mais diversos e variados contatos com alunos e professores. Na Secretaria Acadêmica, setor em que comecei, conheci os procedimentos burocráticos da vida acadêmica, atuei como atendente de classes, atuei na biblioteca da unidade e também na “loja do xerox”, sempre estabelecendo uma proximidade com os alunos. Na biblioteca, o contato foi muito grande, pois o espaço cultural propiciava uma necessidade de comunicação e como diria Dayrell:

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde

são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva (DAYRELL, 2007, p. 1112)

Em 2013, voltei a ser um aluno/estudante. Dentro do Centro Paula Souza identifiquei que haveria oportunidades de promoção, mas que só as alcançaria com um ensino superior. Inicialmente, busquei a Faculdade de Tecnologia Prof. Wilson Roberto Ribeiro de Camargo, conhecida como Fatec Tatuí, no curso de Tecnologia em Gestão Empresarial, pois estaria próximo da área em que atuava e tinha benefícios, tais como gratuidade do ensino e tempo mais curto do que um bacharelado ou uma licenciatura (formação Tecnológica em três anos de estudo). Em paralelo, já com contato a um grupo de professores que buscavam formação de Licenciatura em Pedagogia na FACESPI, também decidi fazer parte desse grupo, uma por começar a me identificar muito com o cotidiano escolar, outra pelas facilidades de ensino ali propostas. Com o interesse que vinha demonstrando no trabalho, fui designado para atuar na área de recursos humanos da unidade, perdendo praticamente todo o contato com os alunos e ficando exclusivamente atuando com os professores, mas sendo aqui o marco de minha primeira promoção obtida (à qual atribuo a minha dedicação escolar alinhada com as competências profissionais).

Em 2017 recebi nova promoção, tornando-me assessor da diretora. Este cargo dentro do Centro Paula Souza direciona a atuação para as relações institucionais da Etec, trazendo então um grande contato com estudantes e com as empresas, através de programas de incentivo para ingresso no mercado de trabalho. Os principais programas são através da oferta de estágios e do “Aprendiz Paulista”. No tempo que atuei na função, tive diversas experiências sobre casos de sucesso e de fracasso, sempre me chamando muito a atenção e me dedicando para ajudar o máximo de alunos possíveis. Em visitas formais, conversei com diversos setores de recrutamento, agências de integração, empresas de pequeno e médio porte por toda região, vivenciei um pouco do empresariado dentro dos sistemas educacionais, suas influências (no micros social) e os anseios de todos envolvidos.

Em 2022 assumi a diretoria acadêmica da Fatec Tatuí. Com esta mudança perdi o contato com os estudantes que descrevi anteriormente, mas sigo dentro do sistema de ensino do Centro Paula Souza, mas agora identificando outros desafios, novas fontes que podem trazer perspectivas interessantes para cada vez mais entender os jovens matriculados em Etecs e Fatecs. Uma das motivações que me trouxe para diretoria acadêmica é, quem sabe, poder trabalhar de uma forma mais humana, com proximidade aos alunos, e não sempre de forma

protocolar e burocrática como identifiquei na grande maioria das unidades por onde passei e com colegas que conversei. Importante afirmar que durante todo esse período me mantive como aluno/trabalhador, portanto compartilho na prática diversas dificuldades em dar sequência aos estudos e buscar, através da escolarização, seus desejos pessoais e sociais como vivenciam e relataram os jovens interlocutores desta dissertação.

Portanto, dentro dessa perspectiva histórica, considero extremamente válido trazer a experiência de alunos e ex-alunos, que com dificuldades assim como eu, têm na Etec uma história para contar de como a formação técnico-profissionalizante gerou impactos em sua vida; analisar os motivos que os levaram a evadir de seus estudos ou o que trouxe força e interesse a eles para continuarem sua trajetória escolar. Tal problema faz parte da realidade de muitos, eu vivi casos (pessoais) que mereceriam destaque e podem ter influenciado em minha trajetória, mas prefiro me abster e deixar que a pesquisa fale por si.

3.2 A INSTITUIÇÃO DE ENSINO: BREVE HISTÓRICO

Este estudo é destinado a discussões sobre a evasão escolar no ensino técnico e seus impactos sociais, entretanto como recorte contextual a unidade escolhida é a Etec Sales Gomes, escola de ensino médio e técnico localizada na cidade de Tatuí/SP, com características que podem enriquecer esta análise. A Etec Sales Gomes foi fundada em 1934, sob o Ato Municipal n.º 32⁶, do então prefeito do município de Tatuí, João Gândara Mendes, nomeando a unidade como “Escola Profissional Mista”, equiparando a unidade com as escolas profissionais do Brasil.

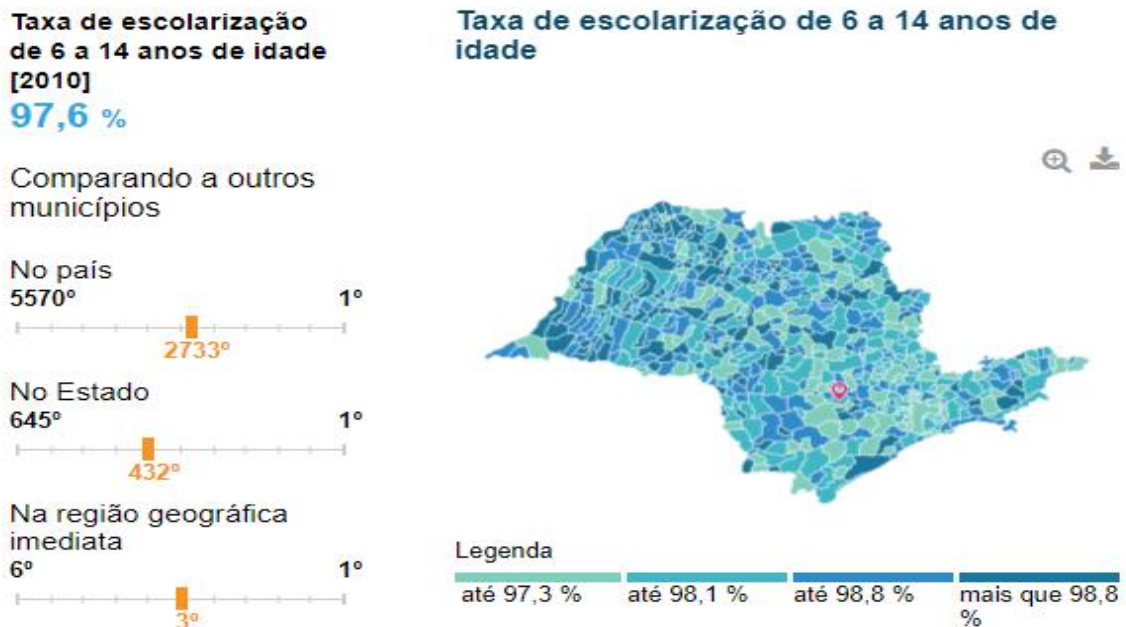
A instalação da unidade teve grande repercussão, inclusive pois São Paulo se erguia da revolução de 1932 e tinha o desejo de mostrar sua força ao país, usando como um dos fatores o investimento na educação técnico-profissional. Nessa época ocorreram diversas mudanças na sociedade, como a própria promulgação da Constituição de 34, buscando “[...] organizar um regime democrático, que assegure à nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico” (BRASIL, 1934). O movimento denominado Escola Nova também agia para a reorganização do nosso sistema de ensino, envolvendo as escolas de ensino superior e as escolas secundárias. Contudo, durante esse período tivemos a incorporação de um Plano Nacional de Educação, que dava as regras para oferta do ensino primário integral, e “[...] sob o domínio de pensamentos conservadores destinou o ensino profissional às classes menos favorecidas,

⁶ Histórico da Etec Sales Gomes disponível em seu sítio eletrônico www.etecsalesgomes.com.br/escola.

mantendo princípios socialmente discriminadores” (BOCLIN, 2019, p. 407).

A Etec Sales Gomes foi implantada no município de Tatuí/SP; cidade localizada na região metropolitana de Sorocaba/SP. Tatuí é denominada como “Capital da música e terra dos doces caseiros”. No último censo divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2021 o município contava com 124 mil habitantes⁷. Apesar de no município termos a presença de uma Faculdade de Tecnologia (Fatec) e uma Escola Técnica Estadual (Etec), os números quanto à escolarização no município passam longe de ser os ideais. Conforme destacado na figura 1, informação extraída no próprio site do IBGE, hoje o município está classificado como 432 dos 645 municípios de nosso Estado.

Figura 1. Taxa de escolarização do município de Tatuí/SP



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

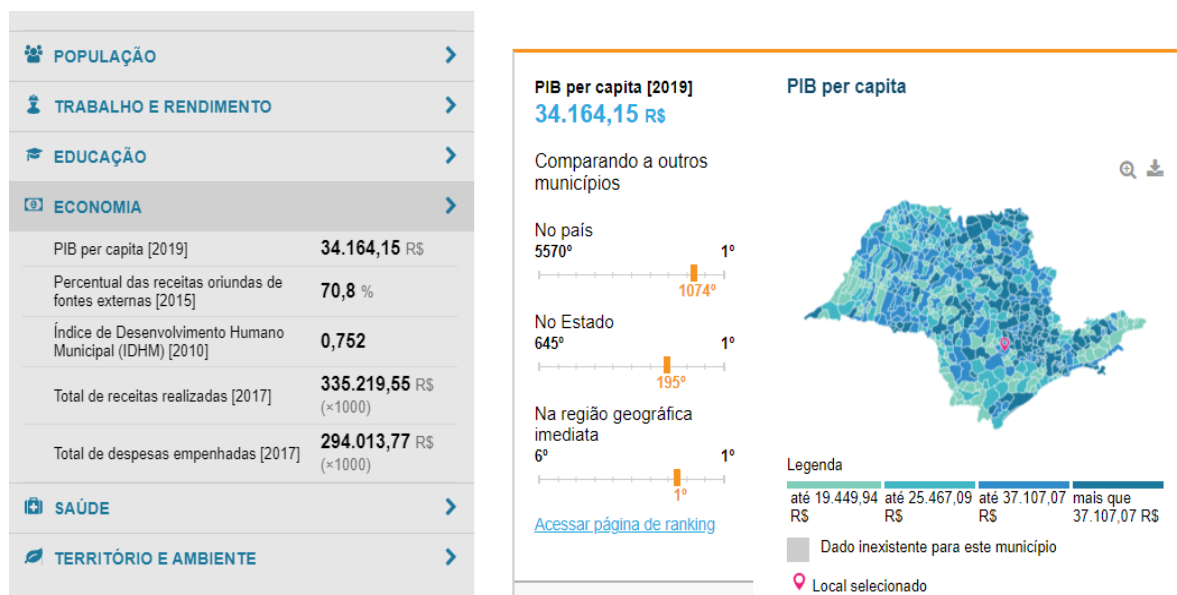
Outra informação importante são os dados do PIB (Produto Interno Bruto) *per capita*. Conforme figura 2, identificamos que o município está em 195º no estado de São Paulo. Contudo, se identifica que muita parte desta renda se adquire fora do município (70,8%). Apesar de Tatuí levar o título de capital da música e possuir projetos de turismo, o maior número de possibilidades de emprego para os tatuianos está em torno de suas indústrias (e neste momento ampliando também para algumas no entorno da cidade), inclusive multinacionais e em

⁷ Os dados divulgados pelo IBGE, relativo ao município do Estado de São Paulo podem ser consultados através do link <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/tatui/panorama>

empresas ceramistas.

Quanto ao fato de termos multinacionais ao entorno da região, vemos que uma parcela de jovens que identificamos na Etec apresenta o desejo de conseguir um emprego, entendendo que o estudo na Etec ou na Fatec⁸ (Faculdade de Tecnologia) pode ser uma ferramenta que contribua com esse fato. Tal desejo acompanha sempre uma série de incertezas, de aspirações que ainda estão em construção, inclusive traduzindo como uma característica comum dentre os jovens, fatores estes que serão discutidos nesse estudo⁹. Entretanto, no outro lado da moeda, outra parcela significativa não vê interesse em conseguir uma vaga no mercado de trabalho, considerando ainda que muitas dessas vagas são preenchidas para atuação em atividades como a linha de produção; e com esse fato buscam através da Etec uma oportunidade de ingressar no ensino superior, e por sua vez, oportunidades diferentes.

Figura 2. Índice de desenvolvimento da cidade de Tatuí/SP



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Retomando ao histórico da Etec Sales Gomes, no início a unidade de ensino ofertava os cursos de “Mecânica Geral” (exclusivamente para pessoas do sexo masculino) e “Confecção

⁸ As Fatecs são unidades também administradas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e Tatuí tem uma unidade instalada. A diferença entre elas é que as Fatecs oferecem o curso de ensino superior na modalidade de Tecnologia. Enquanto as Etecs oferecem cursos na modalidade de Ensino Médio e Técnico

⁹ Diversos autores nos ajudarão com o diálogo sobre juventude, mercado de trabalho e o processo de escolarização. Em diferentes linhas de pensamento, que podem ajudar a trabalhar melhor algumas perspectivas. Entre eles, encontramos José Machado Pais, que no estudo “A esperança em gerações de futuro sombrio” discute a problemática no processo de integração entre jovens, escola e trabalho.

em Geral” (voltado apenas para o público do sexo feminino), ambos no período diurno. Ainda em 1934 com a publicação do Ato Municipal nº 33 a unidade passou a oferecer cursos noturnos, nas áreas de ‘Alfabetização’, ‘Desenho’, ‘Pintura Artística e Decorativa’, modificando também o nome da unidade de ensino que passou então ser “Escola Profissional Primária Mista Dr. Salles Gomes”.

Entre os anos de 1930 até o início da década de 1940, o ensino técnico pouco avançou, pois através de uma Carta Magna do Estado Novo o governo forçou que as escolas investissem mais em ensino religioso; cenário que se modificou sob a gestão do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, que trouxe o chamado “Sistema S de ensino”, formado pelas escolas SENAI e SENAC, colocou em destaque novamente as Escolas Industriais e as Escolas Agrícolas (BOCLIN, 2019).

Posteriormente, entre as décadas de 1940 e 1950 é possível identificar mudanças importantes no desenvolvimento da unidade, cujo Decreto-Lei nº 4.073, de 30 janeiro de 1942, conhecido como “Lei Orgânica do Ensino Industrial” (BEISIEGEL, 1986) dividiu o ensino técnico industrial em dois ciclos: o primeiro, o ensino industrial básico, o ensino de mestria, o ensino artesanal e a aprendizagem; e o segundo ciclo o ensino técnico e o ensino pedagógico.

Em 1949, a Etec Sales Gomes amplia sua oferta de cursos, passando a oferecer também, pela Lei nº 373, de 25 de julho de 1949, os cursos básicos de “Alvenaria e Revestimento”, “Fundição” e “Marcenaria”, e em 1952, pela Lei nº 1.970, de 16 de dezembro, amplia também para os cursos de mestria nas áreas de “Mecânica de Máquinas” e “Corte e costura”. Tal configuração de ensino se manteve até 1961, com a promulgação da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro, que implantou as “Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BEISIEGEL, 1986).

Na década de 1960, a unidade passou a se denominar como “Escola Industrial Dr. Salles Gomes”¹⁰, regulamentada pelo Decreto nº 38.643 de 27/06/1961, seguindo as determinações da Lei nº 6.052, de 03 de fevereiro de 1961. Tal nomenclatura não durou tanto tempo, pois o Decreto nº 44.533 de 18 de fevereiro de 1965 alterou a unidade para “Ginásio Industrial Estadual Dr. Salles Gomes”. Para Valnir Chagar (1978) tais modificações representavam um sinal claro da falta de uma elaboração em conjunto da educação no país, os diferentes níveis de ensino, suas comunicações; existia na época (e talvez exista até hoje) um problema na articulação entre os níveis de ensino. Como afirma o professor Celso Beisiegel, a estruturação de ensino proposto criou uma dualidade, cujo:

¹⁰ Plano Plurianual de Gestão da Etec Sales Gomes para os anos de 2020 até 2024 em <https://www.etc-salesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

Ensino profissional, ante a preocupação de propiciar uma ‘formação humana’ e evitar a ‘especialização prematura e excessiva’, continham uma base de cultura geral que repetia, em última análise, o conteúdo do secundário, certamente ajustado à natureza e aos objetivos do curso. A nível de segundo grau, o ensino secundário constituía o que se chamava na época a grande ‘estrada real’ e, assim, comandava todo o sistema então estruturado. Era o único a ensejar efetiva circulação horizontal e vertical, pois todos os demais ficavam circunscritos ao seu próprio âmbito, ainda quando eventualmente algum trânsito se admitisse para o mesmo nível ou para o nível mais alto (BEISIEGEL, 1986, p. 392).

Se por um lado o ensino técnico profissional no Brasil já buscava ali uma formação voltada aos marginalizados, aos filhos de operários, tendo o único intuito a continuidade dos estudos focados em mão de obra e a Etec Sales Gomes, na época denominada como “Escola Profissional Primária Mista” estava envolvida nesse processo. Por outro, o movimento que eclodiu na revolução francesa, na fase Napoleônica, assim como o materialismo histórico-dialético de Marx, já apontava o interesse da educação ser universalizada, porém seguindo os ideais da burguesia (BOCLIN, 2019). Ainda em Marx e Engels (1978), os autores olhavam para educação considerando que ela deveria ser voltada para formação integral do homem, tendo ali um vínculo do ensino com o trabalho produtivo.

Beisiegel (1986) destacou que o ensino técnico na época apresentava um ensino restrito, cujo diploma limitava a pessoa a seguir apenas na sua formação, em uma carreira diretamente relacionada, não possibilitando então uma formação voltada ao pleno desenvolvimento humano. Nota-se nas configurações dos cursos até então oferecidos pela Etec Sales Gomes, que o foco de ensino era industrial, em consonância com o alerta feito inclusive por Anísio Teixeira no período em que havia a construção de dois sistemas paralelos em nosso país, sendo que o ensino técnico e profissional era voltado para população em geral e o ensino secundário era elitista, focado nos privilégios para aqueles que obtinham melhores posições sociais (BEISIEGEL, 1986).

Ainda, no contexto da educação estar moldada para uma formação profissional e não para o pleno desenvolvimento humano, Bernard Charlot (2014) destaca que esse pensamento pegou força a partir da época do Estado Desenvolvimentista¹¹ (décadas de 1960 e 1970), pois então a educação começou a ser pensada pela lógica econômica. No mesmo período se identificou uma “crise” na educação, que na verdade ocorreu devido ao impulsionamento de novos pensamentos trazidos pela globalização e pelo capitalismo mundial. De acordo com tal

¹¹ Para Bernard Charlot (2014) nas configurações do Estado Desenvolvimentista a educação é garantida através da diplomação. A articulação deste documento configura a forma que será tratada a concorrência mercadológica, pois com ele você participará de determinadas vagas ou será automaticamente desclassificado. Isso se dará além de disputa em mercado, pelo próprio acesso a outros níveis de educação.

pensamento, destaco que:

Naquele momento da História em que a escola passa a ser percebida como elevador social, as questões do fracasso escolar, da desigualdade social face à escola e dentro da escola, da “igualdade de oportunidades” impõem-se, logicamente, como temas principais de debate sobre a escola. Não se fala da qualidade da escola, questiona-se a justiça da escola (CHARLOT, 2014, p. 27)

Seguindo no processo de democratização do ensino, alinhado com a massificação da educação no Brasil e em concordância que a escola passou a ter significado de instituição que apresenta benefícios, trouxe um aumento exponencial da presença popular nas escolas. Beisiegel destacou que:

O povo resolveu ingressar, não na escola prática, que a priori se lhe destinou, mas na acadêmica, com tanto maior razão, quanto se pretende que seja esta a escola de formação da elite, e o povo não vê razão de ele também não fazer elite (BEISIEGEL, 1986, p. 394)

Em tal entendimento a escola passa a ser enxergada como uma oportunidade de mobilidade social vertical. Tal mobilidade passou a ser vista como mais acessível buscando a formação em escolas secundárias, ou de ensino superior (BEISIEGEL, 1986). Em 1980, o campo educacional passou por uma reestruturação profunda, vindo de todas as lutas que eram travadas pela ditadura militar. O clima de democratização, com participação de políticos e educadores, buscava a elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB). Em termo de educação profissional, visava-se ao avanço da politécnica, como princípio de enfrentamento da dualidade educacional; tal discussão de fez presente no estudo “Ainda a educação politécnica: o novo decreto da educação profissional e a permanência da dualidade estrutural” de José Rodrigues (2005). Para o autor, a busca da época apresentava novas propostas para educação tecnológica, mas a dualidade do ensino se mantinha.

Pela industrialização que vivenciamos em território nacional, notamos que nesse período também passamos por diversas modificações, inclusive com uma presença grande do empresariado nos sistemas educacionais do país; pela ascensão do povo à escola, e as influências do mercado. Entre as décadas de 1970 e 1980 a então Escola Técnica Estadual de 2º Grau Dr. Salles Gomes (nomenclatura recebida pela Resolução S.E. 43, de primeiro de março de 1986), passa a oferecer os cursos técnicos de ‘Mecânica’, ‘Nutrição e Dietética’ e ‘Eletrotécnica’; logo em seguida, em 1991 a unidade é transferida da Secretaria da Educação para Secretaria de Ciência e Tecnologia, pelo Decreto nº 34.032 de 21 de outubro de 1991,

passando então ser chamada de “Escola Técnica Estadual de 2º grau ‘Dr. Salles Gomes’”.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 31) nos trazem uma reflexão sobre a educação, se olharmos para história começamos entender que a defasagem na educação se encontra quando se coloca em paralelo com o mercado de trabalho, e é possível encontrar uma contradição grande entre o trabalho e o capital, eis que a escola “[...] destina-se à formação propedêutica ou à preparação para o trabalho?”. Assim como Marx (s.d. *apud* CAMPELLO, 2009) já questionava se “[...] a educação pode ser igual para todas as classes”, a dualidade educacional trouxe caminhos diferenciados, que por um lado tínhamos a formação da classe operária e do outro a burguesia (CAMPELLO, 2009); um aprenderá a manusear os meios de produção e o outro aprenderia os conceitos científicos e tecnológicos para dominá-las.

Em um registro histórico, destacado pelo pensamento do empresariado, a educação se mostrou incapaz de acompanhar as evoluções da ciência e da tecnologia, configurando por essa situação uma série de crises ao longo dos anos; e com isso, deixando os que se formavam com defasagens e os que nem acesso à educação tinham, completamente marginalizados na sociedade, tornando-se ali um “problema” para o próprio empresariado, que ao longo dos anos decidiu ampliar sua participação na educação e torná-la “mais democrática”.

Em contraponto, José Mario Pires Azanha (2004) discute que só pela própria ação de democratização de ensino já estaríamos migrando para uma integração social do povo. Que nesse sentido, alguns termos como a própria “democracia na educação” podem sofrer certas distorções, em sentidos ideológicos. Para Azanha (2004, p. 336) “[...] o termo democracia e seus derivados se transformaram em elemento indispensável a qualquer esforço ideológico de persuasão político-social”. Ainda, ampliando a discussão sobre a democratização do ensino, temos que:

A idéia de democratização do ensino, como consistindo basicamente numa prática educativa fundada na liberdade do educando, tem sido muito mais atraente para os educadores do que a democratização como extensão de oportunidades a todos. Como já dissemos, esses dois modos de entender a democratização do ensino são considerados como ênfase, respectivamente, do aspecto qualitativo ou quantitativo de um mesmo processo. Contudo, essa maneira de situar a questão não nos parece inteiramente adequada; porque tende a obscurecer divergências de posição no esforço de dar conseqüência ao ideal democrático, que nem sempre é mera questão de ênfase, podendo até mesmo, num determinado momento, assumir o caráter de orientações inconciliáveis. É claro que, expandir universalmente as matrículas e instituir uma prática educativa especial, poderiam eventualmente ser conjugados, mas a verdade é que, historicamente, pelo menos no caso de São Paulo, têm se apresentado como opções que se excluem. (AZANHA, 2004, p. 341-2)

Vale destacar que José Mario Pires Azanha fez tais discussões refletindo sobre as ações

políticas-educacionais que estavam ocorrendo entre as décadas de 1920 e 1970 no Brasil, portanto dentro do contexto que estamos lidando com a evolução histórica do ensino técnico no país. Retornando exclusivamente ao ensino técnico, identificamos então uma grande expansão em sua modalidade, levando em conta especificamente e principalmente o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, a partir da década de 1970. Contudo, sempre acompanhando críticas de não apresentar um ensino com os investimentos condizentes para eliminar o que autores como Ana Margarida Campello definem como “a dualidade do ensino”.

Ainda na reconfiguração que passamos a identificar na educação, a “crise” e o apelo por uma educação “mais democrática” é possível identificar reflexos nos dias de hoje:

Hoje em dia, para que as crianças vão à escola? Para “passar de ano” e “ter um bom emprego mais tarde”. De certa forma, isso é realismo. Só que há cada vez mais alunos que vão à escola apenas para passar de ano e que nunca encontraram o saber como sentido, como atividade intelectual, como prazer. A ideia básica da teoria do capital humano, de que a educação é um capital que traz benefícios para a vida profissional, não é apenas uma ideia dos capitalistas, é também a ideia predominante na mente dos jornalistas, dos políticos, quer de esquerda, quer de direita, dos pais e dos próprios alunos (CHARLOT, 2014, p. 27)

Retornando para o contexto histórico que as Etecs estão inseridas, entre os anos de 1993 e 1994, 82 escolas técnicas foram migradas para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, inclusive a Etec em questão teve sua mudança realizada sob o Decreto nº 37.735 de 27 de outubro de 1993. Segundo Ana Paula Corti (2015), esse movimento gerou uma “[...] divisão na oferta pública de ensino médio que perdura até os dias atuais: de um lado uma rede estadual descaracterizada e precarizada e, de outro, uma rede de ensino técnico de nível médio mais qualificada e com identidade própria” (CORTI, 2015, p. 267-8).

Após a mudança da Etec para o Centro Paula Souza, pelo Decreto nº 38.703, de 31 de maio de 1994, além da nomenclatura da unidade se tornar “Etec Sales Gomes” (nome que perdura até os dias atuais), a unidade também passou ser habilitada para as ofertas do Ensino Médio, Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico (ETIM) e as modalidades de Ensino Técnico, que já faziam parte da instituição desde sua implantação.

Em 1996, à luz da Lei nº 9.394/96 o ensino médio integrado foi interrompido pelo então governo do Fernando Henrique Cardoso (RODRIGUES, 2005); pouco adiante, pelo Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997 o governo determina que:

Art 1º A educação profissional tem por objetivos:

I - promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas; II - proporcionar a formação de profissionais, aptos a exercerem

atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação; III - especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos; IV - qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho.

Art 2º A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou em modalidades que contemplem estratégias de educação continuada, podendo ser realizada em escolas do ensino regular, em instituições especializadas ou nos ambientes de trabalho (BRASIL 1997, p. 1).

Nesse sentido, os objetivos da educação profissional deveriam ser articulados com o ensino regular, assim como compreendendo seus níveis e os responsáveis pelo seu desenvolvimento em diferentes modalidades. Portanto o ensino profissional deixa de ser integral ao ensino médio, mas mantendo uma necessidade de articulação entre eles. Essa articulação, por sua vez, é de responsabilidade de instituições como o Instituto Federal, o SENAI e o próprio Centro Paula Souza. O decreto nº 2.208/1997 não contemplava uma série de fatores importantes para educação, anos depois, foi revogado pelo Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004, no qual, de maneira mais precisa realmente se articulou e definiu critérios para essa integração entre os ensinos.

Em sequência, as Etecs continuaram ampliando suas unidades ao longo de todo estado de São Paulo e por consequência suas modalidades de ensino. Em 1994, a Escola Industrial Primária Mista de Tatuí foi incorporada ao CPS, denominada a partir de então como “Etec Sales Gomes”. Uma unidade que inicialmente mantinha a oferta de cursos técnicos, e a partir de 2008 começou também a ofertar o ensino médio¹².

Essa modalidade alguns anos depois tornou-se o Técnico Integrado ao Médio (ETIM). Nesse momento vale frisar então que a unidade passou a ter diretrizes da Secretaria de Desenvolvimento Econômico. As novas configurações que foram surgindo para as escolas trouxe a seguinte reflexão de Charlot, no qual compartilho:

A escola, portanto, há de encarar um novo desafio. Apesar de não ter resolvido ainda os problemas atinentes à generalização do ensino fundamental, ela deve acolher jovens de classe popular no que era a parte mais elitista do sistema escolar: do ensino médio até o superior. Em segundo lugar, a escola deve levar em conta as novas lógicas na sua própria organização. Passa a ser interpelada sobre a sua qualidade e avaliada repetidamente. Deve elaborar projetos, celebrar contratos, firmar parcerias, colaborar cada vez mais com o meio local etc. Essas lógicas novas atropelam o funcionamento tradicional da escola e a identidade dos seus professores (CHARLOT, 2014, p. 31)

E dentro da discussão de se ter cada vez mais a educação integrada ao mundo do

¹² A movimentação de Etecs passaram a ofertar o Ensino Médio, integrando a modalidade de ensino ao técnico pode ser considerado um movimento político validado pelo Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004.

trabalho, vale questionar: que tipo de trabalho e como está sendo integrado? Na visão marxista o trabalho se apresenta como fundamento da humanidade e a educação torna-se processo essencial quando de uma forma dialética caminha no processo e como define Charlot (2014), se opõe ao trabalho e não apenas o supõe. Seguindo, quando pensamos em trabalho integrado às bases da educação, de qual trabalho estamos falando?

Resta, entretanto, que o trabalho na sua forma socioeconômica real, quer seja na época de Marx, quer seja na nossa, é um trabalho dominado, alienado. Pode esse trabalho ser a base da educação? Embora o trabalho seja fonte de criação, de liberdade, de dignidade e da própria humanidade, as formas socioeconômicas reais do trabalho fazem com que ele permaneça, pelo menos, um problema e, às vezes, uma maldição. Os marxistas e o próprio Marx tiveram de enfrentar essa contradição: enquanto fundamento antropológico da humanidade, o trabalho deve ser a base da educação; entretanto, há de se preservar a criança¹³ do trabalho explorado e alienado imposto pelo capital. (CHARLOT, 2014, p. 47)

Contudo, o processo de reformulação do ensino médio e do ensino técnico seguiu. Novos cursos foram sendo implantados na Etec Sales Gomes, muitos a partir dali sendo denominados como “ETIMs” (Ensino Técnico Integrado ao Médio). A unidade passou então a ofertar: o ensino médio regular no período da manhã, esse ainda sem integração ao técnico; o ensino técnico integrado ao médio nas modalidades de Administração e Informática que teriam uma carga horária que seria desde o começo da manhã até próximo do final da tarde; e o ensino técnico regular, sendo algumas modalidades no período da tarde, mas quase sua totalidade sendo ofertada apenas no período noturno. Nesse contexto, considerando todos os cursos e Etecs, a ideia central de formação é a formação voltada ao mercado de trabalho.

Em 2016 tivemos a Medida Provisória nº 746, que buscou de uma maneira truculenta modificar as configurações do ensino médio no país. A medida foi estabelecida em Lei no ano seguinte, a Lei nº 13.415 de 2017, que ficou conhecida como a Lei de reforma do ensino médio. Essa ação também gerou reflexos diretos no Centro Paula Souza, inclusive tendo registros de Etecs que foram ocupadas, em uma onda de protestos que presenciamos no ano de 2016¹⁴. Como desdobramento da própria reforma, alguns anos depois, no então governo de João Dória, surge nas Etecs o NovoTec, entre os anos de 2018 e 2022. Em resumo, a iniciativa era ampliar a integração do ensino médio com o técnico utilizando o ‘novo ensino médio’, ou seja, manter a

¹³ Quando Bernard Charlot cita crianças em seu texto a discussão se faz com as mudanças ocasionadas especificamente para o ensino fundamental, com crianças de 8, 9 anos, cuja presença no mundo do trabalho era comum e inclusive foi alvo de muitas críticas por parte de famílias que contavam com tal mão de obra para contribuir no sustento familiar.

¹⁴ Veículos de imprensa destacam as diversas manifestações por todo estado de São Paulo em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/estudantes-protestam-contra-reforma-do-ensino-medio-no-centro-de-sao-paulo>

integração proposta pelos ETIMs, mas com carga horária reduzida. Vale destacar que o NovoTec é dividido também em diferentes modalidades de ensino, tendo especificamente na Etec o NovoTec, MTec (Médio e Técnico) e o NovoTec AMS (Articulação Médio Superior), uma ação que envolve Etecs e Fatecs, para oferta do ensino médio integrado ao técnico possibilitando ao estudante um passaporte, digamos assim, para ingressar nas Fatecs sem a necessidade de prestar exame vestibular.

Em números globais, a unidade de ensino registrou 1.193 alunos matriculados considerando o 2º semestre de 2020¹⁵, em uma grade de ensino de 19 diferentes cursos, totalizando 47 turmas. Esse número se divide em Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM), NovoTec com Articulação Médio Superior (AMS), NovoTec Integrado e Técnico regular. Destaca-se que as nomenclaturas do NovoTec são modalidades implantadas pós-reforma do ensino médio e serão discutidas neste estudo.

Considerando o atual corpo discente da Etec Sales Gomes, em pesquisas desenvolvidas pela própria unidade, que constam em seu Plano Plurianual de Gestão (PPG), para caracterização e desenvolvimento do perfil dos alunos em 2020, os jovens entre 17 e 25 anos correspondem a cerca de 75% do total de alunos do ensino técnico. Quando se observa na mesma pesquisa os motivos que levaram os jovens a escolher tal modalidade de ensino, o resultado se divide entre o ensino proposto ser gratuito e uma busca por oportunidades de ingressar no mercado de trabalho. Contudo, em números preliminares, extraídos pelo sistema “BD CETEC” (Banco de Dados da Unidade de Ensino Médio e Técnico), ao observar um recorte histórico de 2016 até 2021, identifica-se que vários cursos da unidade sofrem com a evasão escolar, período esse que abrange a reforma do ensino médio e a pandemia da COVID-19¹⁶.

Entendendo a evasão escolar como um problema social grave, ainda mais quando esse fenômeno está diretamente ligado aos jovens, cabe neste estudo buscar contribuir com os debates sobre o fenômeno, a partir de um universo circunscrito, reflexões de maneira qualitativa, mas sem deixar de lado números e estatísticas da questão. Inclusive, diversos estudos sobre evasão escolar reforçam a necessidade de ouvir o evadido, como por exemplo nos artigos de Claudio Kubilius e Bruno Zolotareff dos Santos (2019) “Fatores de evasão no

¹⁵ Números extraídos do sistema CETEC, sítio eletrônico com a publicação dos dados de todas as Etecs do Centro Paula Souza. Acesso público em <http://bdcetec.cpsctec.com.br/index.php>

¹⁶ A pandemia da COVID-19 que trouxe uma série de impactos para a humanidade, e entre os principais setores atingidos, podemos indicar a educação, teve seu final decretado politicamente em 2022. Com a promulgação da Lei nº 13.979/2020 tivemos o início de uma série de medidas de contenção do vírus no país, e seu fim foi decretado em abril de 2022. Contudo vale destacar que o vírus ainda continua circulando e com *status* de pandêmico segundo a ONU - Organização das Nações Unidas

ensino técnico das escolas do Centro Paula Souza” e de Roberto Kanaane e Claudio Kubilius (2019) “Evasão no ensino médio: estudo de caso”, ambos trabalhos desenvolvidos com uma abordagem dentro das instituições do Centro Paula Souza e que retratam o universo das Etecs.

Ainda, por ser qualitativo este estudo pretende adentrar nas questões sociais e pessoais dos jovens que vivenciaram e tentaram articular sua vida escolar em duas instituições diferentes, intercalando o ensino médio em uma escola de ensino público e o ensino técnico na Etec, compreendo assim um pouco mais sobre sua trajetória escolar e essa vivência.

O contexto analisado permeia a reforma do ensino médio, buscando identificar se as mudanças na reforma trouxeram impactos nesse processo. Ao se olhar para evasão do ensino técnico é sempre interessante um cuidado, pois o aluno evadido nem sempre desiste de sua vida escolar, ele pode seguir em seus estudos de ensino médio, fazer um intervalo e retornar posteriormente aos estudos, tais percursos se assemelham às trajetórias ao modo “io-iô”, caracterizadas pela perda de linearidade e por configurarem experiências reversíveis e labirínticas, como afirma o sociólogo português José Machado Pais (PAIS, 1993). A evasão no ensino técnico também pode ser caracterizada pela ação do estudante em deixar de cursar o ensino técnico e ir atrás do ensino superior, como vemos na tese de Sandra Margarete Bastianello Scremin: “Evasão-permanência em uma instituição total de ensino técnico: múltiplos olhares”. E é fundamental olhar para estudos próximos, que podem trazer um diálogo interessante, como nos estudos de Meire Satiko F. Toyota e a “Evasão no Ensino Técnico e Técnico Integrado ao Ensino Médio: um estudo de caso nos cursos técnicos em Eletrotécnica, Informática e Mecatrônica da Etec Jorge Street do Centro Paula Souza”.

3.2.1 Dados de Evasão escolar na Etec Sales Gomes

Ao analisar os dados de evasão escolar na Etec, considerando o recorte histórico do 1º Semestre de 2016 até o 2º Semestre de 2021, identificamos 4420 estudantes matriculados. Este número diz respeito aos ETIMs, ao Ensino Médio regular (modalidade de ensino que era ofertada de 2010 até 2019 nas Etecs, mas foi extinta devido ao aumento da oferta de médios integrados ao técnico) e ao técnico regular. Ainda quanto aos números globais, 2.654 estudantes realizaram o ensino técnico ao mesmo tempo em que cursaram o ensino médio em outra unidade, seja escola pública ou privada.

Aplicando um filtro nos dados adquiridos através do sítio eletrônico que publica os resultados institucionais das Etecs, considerando os cursos técnicos com taxa de evasão maior que 10%, bem como os registros de matriculados que cursaram ensino médio ou tinham

concluído no período, temos a seguinte configuração conforme tabela 1.

Tabela 1. Cursos técnicos da Etec Sales Gomes, no período do 1º Sem.2016 até 2º Sem.2021 com taxas de evasão maiores que 10%

Curso	Semestre e Ano	Ensino Médio em Etecs	Ensino Médio fora do CPS	Ensino Médio Concluído	Total de Alunos	Taxa de Evasão
Desenvolvimento de Sistemas	1º Sem.2019	2,50%	52,50%	45,00%	40	25,00%
	2º Sem.2020	0,00%	45,00%	55,00%	40	30,00%
Segurança do Trabalho	1º Sem.2017	0,00%	0,00%	100,00%	40	25,00%
	2º Sem.2018	2,50%	12,50%	85,00%	40	10,00%
	1º Sem.2020	0,00%	10,00%	90,00%	40	22,50%
	2º Sem.2021	0,00%	5,00%	95,00%	40	40,00%
Manutenção Automotiva	1º Sem.2016	2,50%	10,00%	87,50%	40	25,00%
	2º Sem.2017	2,50%	12,50%	85,00%	40	17,50%
	1º Sem.2018	1,35%	33,78%	64,86%	74	20,27%
	2º Sem.2018	1,96%	43,14%	54,90%	51	23,53%
	1º Sem.2019	0,00%	27,12%	72,88%	59	11,86%
	2º Sem.2021	0,00%	26,09%	73,91%	23	17,39%
Nutrição e Dietética	2º Sem.2018	0,97%	42,72%	56,31%	103	10,68%
	2º Sem.2020	0,00%	39,80%	60,20%	98	14,29%
	2º Sem.2021	0,00%	37,23%	62,77%	94	24,47%
Edificações	1º Sem.2017	5,26%	2,63%	92,11%	38	13,16%
	1º Sem.2018	0,00%	17,50%	82,50%	40	15,00%
	2º Sem.2019	0,00%	22,50%	77,50%	40	17,50%
	1º Sem.2021	5,00%	25,00%	70,00%	40	22,50%
Meio Ambiente	2º Sem.2016	0,00%	46,58%	53,42%	73	15,07%
	1º Sem.2018	1,43%	34,29%	64,29%	70	10,00%
	2º Sem.2018	0,00%	53,42%	46,58%	73	10,96%
	1º Sem.2020	0,00%	31,65%	68,35%	79	10,13%
	1º Sem.2021	0,00%	29,09%	70,91%	55	29,09%
Eletrotécnica	1º Sem.2017	0,00%	10,13%	89,87%	79	12,66%
	1º Sem.2019	0,00%	10,00%	90,00%	80	16,25%
	2º Sem.2019	0,00%	10,81%	89,19%	74	10,81%
	2º Sem.2020	0,00%	7,04%	92,96%	71	15,49%
	1º Sem.2021	0,00%	3,90%	96,10%	77	12,99%
Mecatrônica	1º Sem.2016	12,14%	38,57%	49,29%	140	10,71%
	2º Sem.2018	6,15%	30,77%	63,08%	130	12,31%
	2º Sem.2019	1,59%	42,06%	56,35%	126	11,90%
	2º Sem.2021	0,00%	32,71%	67,29%	107	14,95%
Mecânica	1º Sem.2020	0,00%	12,66%	87,34%	79	12,66%
Farmácia	1º Sem.2016	5,00%	35,00%	60,00%	40	12,50%
	2º Sem.2017	1,43%	27,14%	71,43%	70	15,71%
	1º Sem.2021	0,00%	39,24%	60,76%	79	10,13%
Química	1º Sem.2020	0,00%	24,00%	76,00%	75	12,00%
	2º Sem.2021	0,00%	26,32%	73,68%	76	23,68%
Administração	1º Sem.2018	0,00%	27,50%	72,50%	40	10,00%
	2º Sem.2019	0,00%	27,50%	72,50%	40	12,50%
	1º Sem.2021	0,00%	37,50%	62,50%	39	22,50%
	2º Sem.2021	0,00%	35,90%	64,10%	39	10,26%

Fonte: elaboração própria

Dos cursos identificados nessa seleção, temos então os Técnicos em Desenvolvimento de Sistemas, Segurança do Trabalho, Manutenção Automotiva, Nutrição e Dietética, Edificações, Meio Ambiente, Eletrotécnica, Mecatrônica, Mecânica, Farmácia, Química e Administração. A média geral de estudantes que cursaram o ensino médio fora do CPS foi de 26,48%, ou seja, de um total de 2.791 estudantes, cerca de 739 estudantes estavam matriculados na rede estadual de ensino. Outros dados importantes de destaque é que a média geral de evasão do ensino técnico na unidade foi registrada em 16,85%, enquanto a taxa de concluintes do ensino médio foi de 72% e 27.7% ainda estavam matriculados no ensino médio. Portanto, a evasão destes alunos se deu, praticamente apenas no ensino técnico.

De acordo com o artigo “Estudar e Trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis”, de Helena Wendel Abramo, Gustavo Venturi e Maria Carla Corrochano (2020) é cada vez mais comum, com índices em crescimento, identificar jovens que não desejam estudar, não tem emprego e não buscam ingressar no mercado de trabalho. Entretanto, vamos partir para outra problemática:

A expressiva ampliação do acesso ao ensino médio e à educação superior ocorrida no Brasil nas últimas décadas, especialmente de jovens cujas famílias foram outrora alijadas dessa possibilidade — sobretudo os pobres e negros —, e a manutenção da participação dos jovens no mundo do trabalho tornam importante o olhar para outra situação obscurecida no debate atual: a sobreposição de atividades, ou seja, a situação de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, que também caracteriza a transição dos jovens brasileiros para a vida adulta (ABRAMO, CORROCHANO e VENTURI, 2020, p. 524).

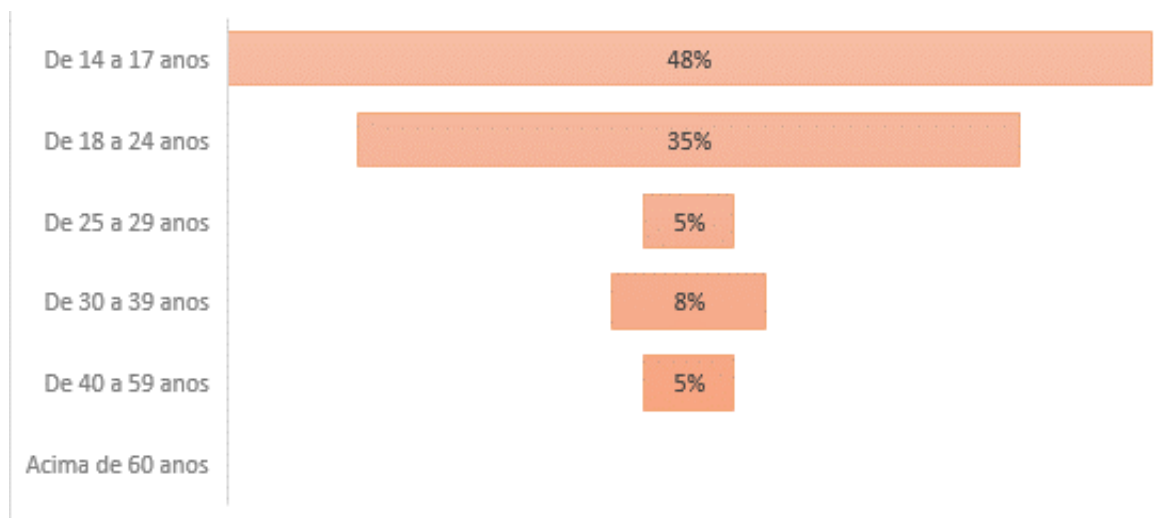
Nesse momento, temos nas Etecs uma proposta de ensino médio integral voltado para formação técnica-profissional, com o movimento de buscar a inserção do jovem no mercado de trabalho. Diferentemente da forma como se dá a transição do jovem para a vida adulta, considerando que essa passagem poderia ser definida pelo fim da escolaridade básica e início da vida profissional, no Brasil tal integração historicamente se faz de maneira precoce, e muitas vezes ilegal (ABRAMO, CORROCHANO e VENTURI, 2020). Ainda no mesmo estudo, e inclusive dialogando com a problemática levantada de Bernard Charlot sobre as crianças no mundo do trabalho, Abramo, Corrochano e Venturi concordam que a democratização do ensino e a massificação escolar trazem um afastamento da criança perante o mundo do trabalho, mas isso não se configura aos jovens; pelo que podemos observar em minha pesquisa, em concordância com as afirmações de tais autores, a educação e o trabalho não são etapas sucessivas, mas sim concomitantes.

3.2.2 Perfil discente na Etec Sales Gomes

Conhecer o público com o qual se está envolvido é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa (MILLS, 2009). Em primeiro momento, busquei em documentos oficiais da Etec Sales Gomes, publicados em seu sítio eletrônico¹⁷, dados que pudessem contribuir com a construção desse conhecimento. Por fim, se identificou no Plano Plurianual de Gestão da Instituição a construção do perfil discente da unidade, com dados coletados em 2020, contendo informações socioeconômicas destes estudantes, bem como a participação de 250 alunos na pesquisa, o que corresponde a uma amostragem de 37,5% dos alunos matriculados na ocasião.

Em análise preliminar, podemos identificar que grande parte do público do ensino técnico corresponde a jovens entre 14 e 24 anos, sendo 48,2%, destacado no gráfico 1, especificamente ao público com o qual dialogamos nesta pesquisa.

Gráfico 1. Faixa etária dos jovens matriculados no ensino técnico



Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes¹⁸

Um dado importante extraído do documento, que abre um diálogo com todo histórico da estrutura discutida anteriormente, é a diferença entre o público masculino e feminino na unidade. Conforme tabela 2, é possível identificar uma predominância masculina nos cursos diretamente ligados a áreas industriais e tecnológicas, tais como Mecânica, Eletrotécnica e Manutenção Automotiva, bem como nas áreas de tecnologia e serviços, como Edificações; já

¹⁷ Para acessar o documento na íntegra, basta acessar o sítio eletrônico da Etec Sales Gomes através do link <https://www.etecsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

¹⁸ Os dados oficiais podem ser visualizados em www.etecsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf

entre os cursos de áreas definidas como na saúde e meio ambiente, assim como gestão e negócios, o cenário se inverte e a predominância é do público feminino. A construção desse cenário nas escolas reflete aquilo que se identifica no mercado de trabalho; algo que foi construído na sociedade¹⁹. Para Helena Hirata, a evolução das frentes de trabalho mediante os novos interesses do empresariado trouxe uma configuração favorável ao homem nos processos industriais. Inclusive, às mulheres era vedado o acesso para qualificação nos novos conceitos tecnológicos, o que trouxe uma polarização no setor. Ainda, Hirata (1996, p. 136) afirma que “a divisão sexual do trabalho e a inovação mostrou que tais inovações podem reforçar a marginalidade das mulheres, e que podem constituir um perigo, sobretudo para as mulheres não qualificadas”.

Tabela 2. Percentuais de alunos matriculados nos cursos técnicos, separados pelo público masculino e feminino

Curso	Média Geral - Masculino	Média Geral - Feminino
Desenvolvimento de Sistemas	81,49%	18,51%
Manutenção Automotiva	93,49%	6,51%
Nutrição e Dietética	18,53%	81,47%
Edificações	64,76%	35,24%
Meio Ambiente	35,22%	64,78%
Segurança do Trabalho	55,02%	44,98%
Eletrotécnica	95,24%	4,76%
Mecatrônica	87,22%	12,78%
Mecânica	93,80%	6,20%
Farmácia	18,05%	81,95%
Química	49,17%	50,83%
Administração	35,47%	64,53%

Fonte: elaboração própria

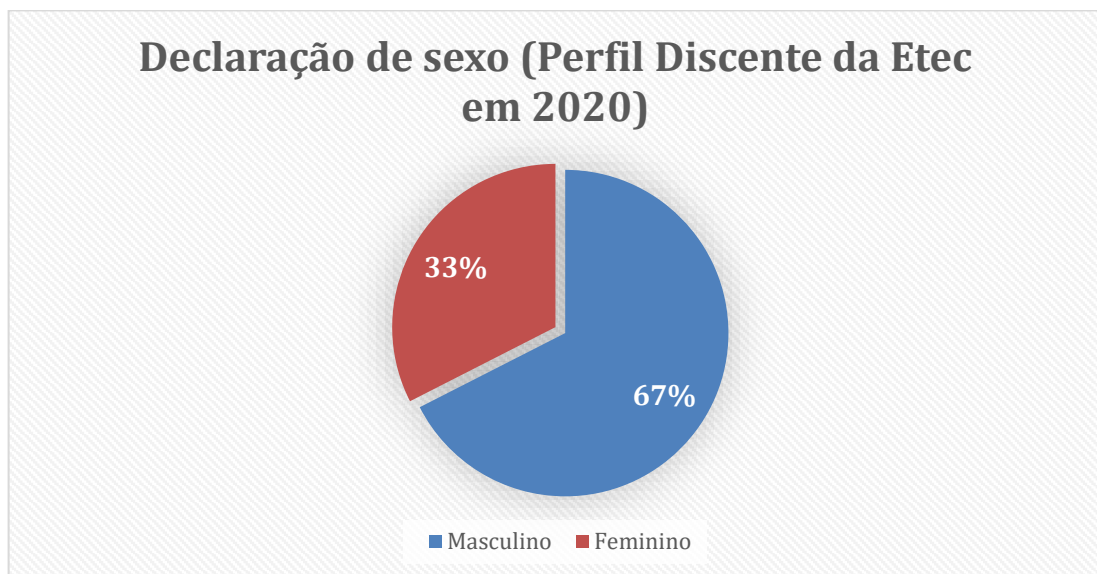
Nesse ponto então conseguimos identificar um número muito maior de mulheres se profissionalizando para atuar nas áreas de serviços, principalmente às que direcionam o processo de cuidados e de saúde. Para Hirata (2019, p. 4) “esse tipo de emprego que está se desenvolvendo, não é um emprego favorável às mulheres. Mas, ao mesmo tempo, existe o que denominamos a bipolarização do emprego feminino²⁰”.

¹⁹ Helena Hirata no texto “Da polarização das qualificações ao modelo da competência” a autora apresenta um histórico da evolução dos modelos de trabalho, indo do Taylorismo ao sistema produtivo japonês, ao qual se exige maior flexibilização e conhecimentos tecnológicos. Cenário predominantemente masculino.

²⁰ No subcapítulo 4.3.2 A evasão escolar no contexto das discriminações pretendo ampliar mais a discussão sobre gênero no mercado de trabalho. Levando em consideração a atuação das mulheres na área de serviços e os impactos

Seguindo nas análises do Plano Plurianual de Gestão divulgado pela Etec, cuja parte da estrutura se configura com o perfil discente que estamos analisando, aponta para uma pergunta específica de como o público da Etec se identifica quanto ao “sexo”. No entanto, não se faz nenhum tipo de abordagem sobre a identificação por gênero, ficando as únicas opções de resposta sendo “masculino” ou “feminino”. O resultado, exposto em gráfico 2 traz que 67,5% do público matriculado na Etec se identificam como “masculino”, enquanto apenas 32,5% do sexo “feminino”.

Gráfico 2. Declaração de sexo dos estudantes da Etec



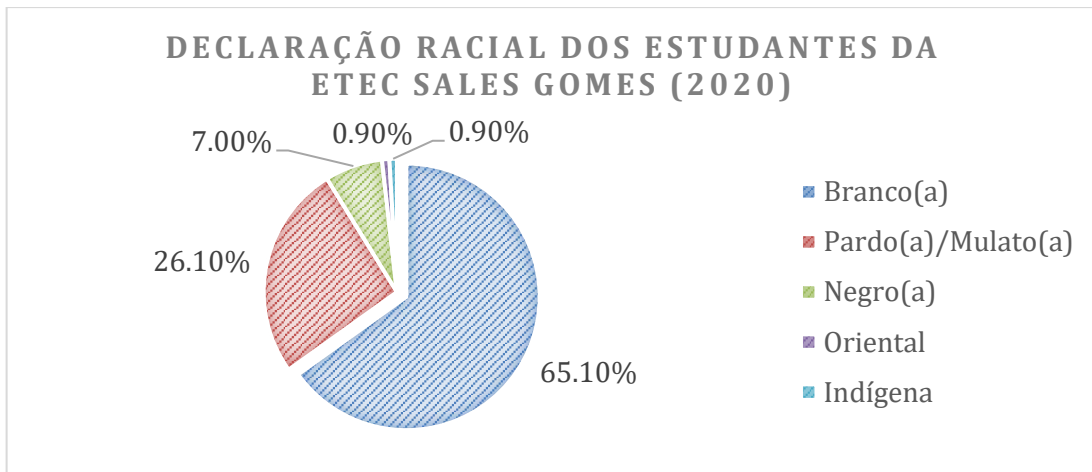
Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes²¹

Quanto as declarações raciais, na pesquisa os jovens poderiam se identificar como “brancos(as)”, “pardos(as)/Mulatos(as)”, “negros(as)”, “Oriental” ou “Indígena”. O resultado apresentou que 65,1% dos estudantes se declaram brancos(as), 26,1% se declararam pardos(as)/mulatos(as), 7% negros(as), 0,9% Orientais e 0,9% indígenas. O resultado segue expresso no gráfico 3, lembrando que tais determinações raciais foram extraídas de maneira fidedigna ao documento emitido pela instituição de ensino.

quando se identificam sua atuação nas indústrias, em cargos de destaque, na forma que Helena Hirata define como a “bipolarização do emprego feminino”

²¹ Disponível em <https://www.etcsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

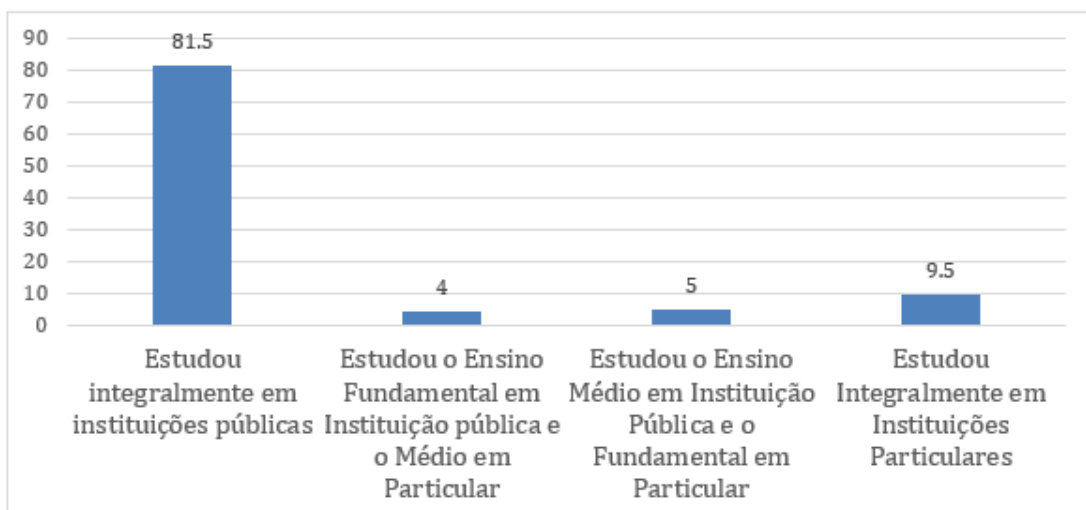
Gráfico 3: Declaração racial dos estudantes da Etec



Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes²²

Outra informação identificada no perfil discente da unidade é a trajetória dos estudantes atualmente matriculados no Ensino Técnico concomitante da unidade. 81,5% dos alunos vieram integralmente de escolas públicas (gráfico 4); o restante percentual se divide em estudantes que mesclaram seus ensinos entre a escola pública e a privada, sendo que desses, cerca de apenas 9% representam estudantes que vieram integralmente de escolas privadas e hoje frequentam a Etec.

Gráfico 4. Trajetória escolar dos alunos matriculados no técnico concomitante da Etec



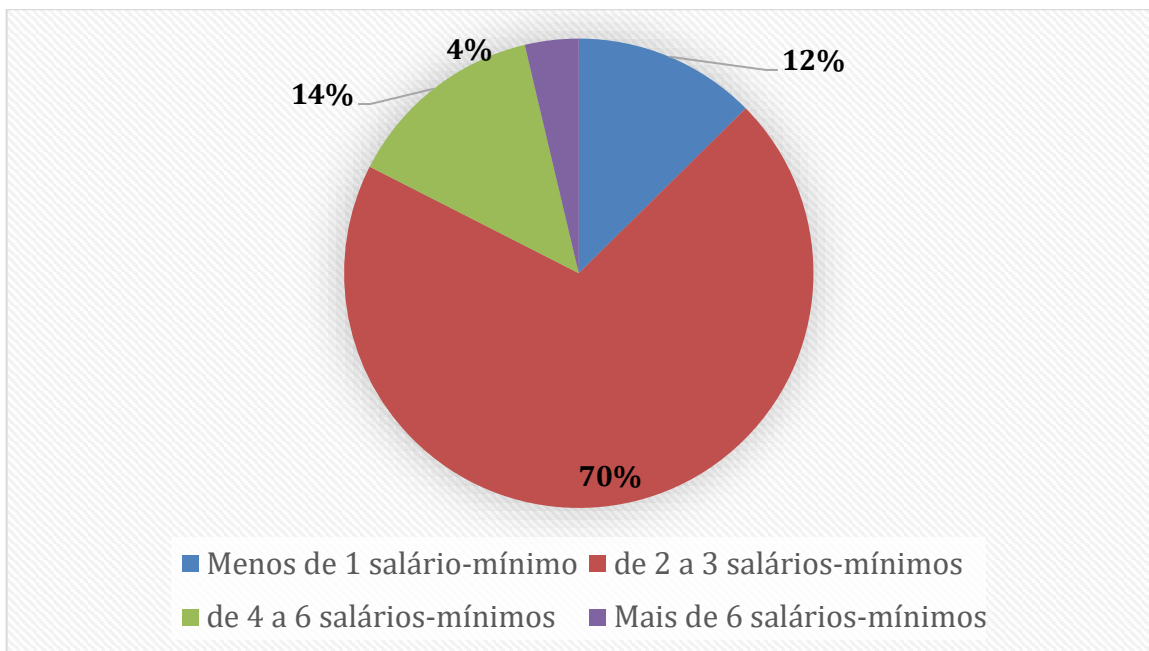
Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes²³

²² Disponível em <https://www.etc-salesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

²³ Disponível em <https://www.etc-salesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

Na sequência dos dados, extraí os resultados que dizem respeito a constituição da renda familiar dos estudantes da Etec (gráfico 5). No estudo podemos identificar que 70% dos estudantes indicaram renda familiar entre 2 e 3 salários-mínimos, enquanto 12% apontaram recebimentos menores do que 1 salário-mínimo e apenas 4% indicaram renda familiar maior que 6 salários-mínimos (a pesquisa realizada em 2019 considerava o salário da ocasião, que estava em R\$ 998,00).

Gráfico 5. Média salarial familiar dos estudantes do ensino técnico da Etec



Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes²⁴

Uma análise mais minuciosa desses dados seria totalmente válida, ampliando informações como trajetória escolar dos ascendentes desses jovens, o local de residência e o número de pessoas que residem com os estudantes, para identificar a renda *per capita*. Outra questão de extrema importância seria identificar com esses jovens, quais deles contribuem para a composição da renda familiar, assim como a forma que adquire essa renda, ou seja, se possuem emprego formal (CLT), se atuam em estágios ou em programas de aprendizado, se a renda ocorre através de trabalhos informais etc. Contudo, infelizmente, nenhum destes dados se fez presente no perfil discente elaborado pela unidade de ensino. Por conta disto, em minha pesquisa inseri esses dados e ampliarei a discussão mais a frente.

No campo de estudos que envolve a administração, após uma análise estatística sobre

²⁴ Disponível em <https://www.etcsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

determinado público-alvo, definimos os resultados que apontaram maior intensidade para umas características específicas, com a construção de um '*persona*'²⁵. A ideia não é de forma alguma criar um estereótipo, mas de trazer aos gestores e os envolvidos uma representação fictícia de determinado público, e assim, estabelecer métodos de atendimento e ações específicas para atender o que se identifica como necessário para este público. Portanto, nesse primeiro momento é possível identificar os jovens da Etec Sales Gomes com uma predominância masculina (67,5%), vindos em sua grande maioria integralmente de escolas públicas (81,5%), com média salarial de até 3 salários-mínimos em uma família de até 4 pessoas (70%), além de a grande maioria (65%) se declarar como branco.

²⁵ Persona subentende-se como um personagem fictício, algo construído para que as equipes de gestão, na administração, possam visualizar o público que estão envolvidos e estabelecer métodos para atendimento deste público. Na criação de um *persona* entram além de dados demográficos, pensamentos, motivações, desafios e toda informação que os criadores consideraram válidas para aproximar ao máximo o personagem daquele público específico.

4 AS RAMIFICAÇÕES DA EVASÃO ESCOLAR

O tema de evasão nas escolas é considerado entre a grande maioria dos pesquisadores da educação como um grave problema para o sistema de ensino. Florestan Fernandes, em “O processo do constituinte” define que o problema de evasão na educação pode ser indicado como o problema mais grave que temos no Brasil e que a educação sempre foi “escamoteada” (FERNANDES, 1985). Ao longo dos anos é possível encontrar diversos pesquisadores que enviaram esforços para tentar identificar esse fenômeno e, por consequência, até mesmo influir no debate político com apresentação de propostas para o sistema educacional. Por mais que meu estudo esteja ligado diretamente ao ensino técnico, meu diálogo também transcorrerá outros territórios. Estudar evasão escolar exige olhar para diversas ramificações que esse fenômeno constrói, e por sua vez, interligar fatos envolvidos neste fenômeno é fundamental para se aproximar dos motivos reais que levaram a evasão a acontecer.

Para Murillo José Digiácomo (2005, p. 1) a evasão escolar se define como “[...] um problema crônico em todo Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada ou tolerada por escolas e sistemas de ensino”. Murillo J. Digiácomo traz essa definição através de seu artigo “Evasão escolar: não basta comunicar e as mãos lavar”, em estudo publicado no site do Ministério Público do Paraná. Para Digiácomo, após analisar números formalizados junto ao Ministério Público sobre jovens que evadem do sistema de ensino ainda no ensino fundamental, o autor reforça a importância da atuação escolar nesse processo, inclusive citando o dever legal dessa ação (DIGIÁCOMO, 2005). Entretanto, quem vivencia o cotidiano escolar compactua da extrema dificuldade que uma escola em conseguir acompanhar e se comunicar com os mais diferentes casos que surgem, além das inúmeras necessidades que precisam ser realizadas para que se cumpra os deveres básicos. Inclusive, uma série de ações acabam sendo atribuídas ao próprio professor, por conta da falta de recursos nas escolas, tornando-o sobrecarregado e aumentando a ineficiência dessa ação.

Ampliando a problemática da evasão escolar, em “Educação e Sociedade no Brasil após 1930”, de Celso de Rui Beisiegel (1986), encontramos discussões sobre o processo de democratização escolar e da massificação do sistema de ensino, ponderando seus reflexos ao longo da história e considerando questões como a dualidade do ensino, a evasão escolar e outros fatores que nos trouxeram ao atual contexto da educação no país. Portanto, é notório que o número de matriculados nas escolas ampliou exponencialmente, mas a qualidade do ensino se dividiu e esse movimento foi definido pelo autor como a dualidade do ensino. Nessa mesma linha de pensamento, Fernandes (1981) aponta que os processos envolvidos na educação ao

longo dos anos, com suas mais diversas crises, apenas “modernizaram o arcaico”, continuando assim uma série de desigualdades econômicas, sociais, culturais e educacionais.

Portanto, nos próximos subcapítulos de minha dissertação irei discutir evasão escolar, na seguinte sequência: primeiro, irei separar os termos evasão, abandono e desistência, haja vista, inclusive para definir o que realmente é evasão ou não, já encontramos uma série de pensamentos diferentes sobre o fato; após a identificação dos termos, apresentarei os dados de evasão escolar do Centro Paula Souza e da Etec que foi alvo deste estudo, bem como um estudo sobre o perfil discente da unidade, para também conhecermos o público que estará posteriormente inserido na pesquisa. Por fim, acrescentarei diálogos sobre a evasão escolar considerando os principais cenários de discussões sobre os motivos que contribuem para esse fato, tais como o envolvimento do empresariado na educação, a mercantilização das escolas, os problemas políticos e sociais que envolvem a educação, as questões estruturais e pedagógicas na unidade, a evasão no contexto da meritocracia e da justiça escolar, bem como as questões de gênero e raça atreladas ao desenvolvimento do ensino técnico no país.

4.1 EVASÃO, ABANDONO OU DESISTÊNCIA ESCOLAR? DIFERENÇAS DE TERMOS

Para entendermos a complexidade de se estudar evasão escolar nos deparamos com o primeiro embate: o estudante que está deixando a escola, está evadindo, abandonando ou desistindo? Para interpretar determinados fatos é preciso enxergar além daquilo que está visível aos olhos. As motivações que envolvem a construção da ação e o desejo futuro do estudante, determinam se de fato ele está evadindo, abandonando ou desistindo de sua vida escolar. Os contextos sociais e pessoais não podem ser descartados neste momento, apesar de grande parte dos levantamentos estatísticos sobre evasão, assim procederem.

De acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), evasão escolar é o ato do estudante se desligar da escola e não mais retornar para seus estudos; diferentemente do que ocorre no processo de abandono escolar, termo sempre trabalhado muito próximo à evasão, mas que nesse caso diz respeito à ação do estudante em não continuar com seus estudos, mas no ano seguinte volta para a escola (INEP, 2008).

Partindo da definição do INEP, quando o estudante interrompe sua vida acadêmica, ainda não se pode definir se ele está evadindo ou abandonando, pois caso ele retorne no ano seguinte (ou qualquer ano posterior), não será considerado um aluno evadido. Portanto, neste cenário, a evasão escolar ocorreria apenas quando se tratasse do encerramento do processo de escolarização. Traduzindo este cenário para o ensino técnico, a análise fica ainda mais

complicada, justamente pela própria não-obrigatoriedade característica dos estudos desta modalidade, diferentemente do que concerne ao ensino fundamental e médio em nosso país. O estudante de ensino técnico muitas vezes constrói sua vida escolar em uma série descontínua, entra e sai de cursos técnicos, transitando entre aqueles que podem atender o que procura, inclusive mudando de escolas e períodos. Outra questão é traduzir a evasão escolar como um processo negativo para vida do estudante, quando se trata de ensino técnico, pois os alunos podem estar evadindo para ingressar no ensino superior ou em escolas de formação profissional particulares. Enfim, brevemente neste parágrafo podemos propor novas discussões acerca da evasão escolar no ensino técnico e seus impactos sociais.

Nos trabalhos de Rosemary Dore e Ana Zuleima Luscher, é possível reforçar aquilo que abro o diálogo anteriormente. As autoras retratam que “[...] a evasão escolar tem sido associada a situações tão diversas quanto a retenção e repetência do aluno na escola, a saída do aluno da instituição, a saída do aluno do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de ensino, o abandono da escola e posterior retorno” (DORE e LUSCHER, 2011, p. 775). Tudo isto demonstra a multiplicidade que se pode discutir quando o assunto é evasão escolar. Outro ponto de discussão e, fundamental para se entender a evasão escolar no ensino técnico, é que se trata de um fenômeno bem diferente daquele identificado no ensino fundamental e médio. Em partes é uma vertente mais próxima ao ensino superior, dada suas características. Entretanto, toda evasão que ocorre ainda nas séries iniciais, ou até no ensino médio, gera impactos direto nas escolas técnicas, pois, segundo a legislação em vigor²⁶, o aluno que se matricula em Etecs, para se formar técnico, precisa obrigatoriamente ter concluído o ensino médio regular.

Se no INEP encontramos a definição para diferenciar os termos evasão de abandono, no campo da pesquisa educacional isto não é tão simples assim. Nos trabalhos de Rosemary Dore e Ana Zuleima Luscher vemos a multiplicidade que se envolve nos termos. Para Raimundo Barbosa Silva Filho e Ronaldo Marcos de Lima Araújo em “Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências” não se é possível cravar com certeza uma separação entre os termos (ARAÚJO e FILHO, 2017). De uma forma ou de outra a descontinuidade dos jovens com o processo de escolarização no país é alarmante. Hoje os números são preocupantes, mas longe de ser um problema novo. Na década de 1990, já era

²⁶ De acordo com a Portaria CEETEPS-GDS nº 3.412, de 19 de outubro de 2022, o aluno poderá ingressar no ensino técnico a partir do momento que estejam cursando a 2ª série do ensino médio. Contudo, sua conclusão no ensino técnico dentro do Centro Paula Souza estará vinculada a sua conclusão do ensino médio. Disponível em <https://fatweb.s3.amazonaws.com/vestibulinhoetec/documentos/1SEM-23/Portaria-CEETEPS-GDS-3412-2022.pdf>

possível encontrar discussões que traziam a importância de se modificar o sistema de ensino, por supostamente não ser atrativo aos jovens da época. Em concordância aos pensamentos de Juarez Dayrell (*et. al*, 2009), aponta que:

Houve uma ampliação significativa tanto nas temáticas quanto nas abordagens realizadas, com avanços significativos na compreensão do jovem que chega às escolas. Podemos constatar um alargamento da problematização sobre a instituição escolar na sua relação com o jovem, abrangendo questões do cotidiano escolar, as relações sociais que aí ocorrem, os processos de ensino e aprendizagem, com uma maior visibilidade do sujeito jovem, sua subjetividade, suas expressões culturais (DAYRELL et al., 2009, p. 58).

Contudo, mesmo que se visualizem mudanças no cenário educacional, sinalizados há anos e que apontavam questões como o interesse do jovem em se tornar protagonista no cenário educacional e mesmo identificando programas do governo que buscaram essa mudança “[...] as políticas implementadas pouco avançaram na direção apontada pelos documentos e programas oficiais, de modo que a questão da “crise de identidade” do ensino médio permaneceu como traço marcante dessa etapa” (CORROCHANO, CORTI e SILVA, 2016, p. 1.165).

Um ponto de intersecção importante neste pensamento é o que nos traz José Machado Pais, ao estudar jovens portugueses e o mercado de trabalho. Para o autor, essa geração é diferente das anteriores, definindo-a como geração *ioiô*; sua ideia era fazer analogia com o brinquedo infantil que representa um vai e vem de escolhas entre o aluno evadir da escola e logo em seguida retornar e fazer isso ao longo de toda sua trajetória escolar (PAIS, 2001). Ainda no contexto da juventude, em pesquisas no contexto brasileiro, Sposito (2002) e Corrochano (2004) contribuíram com investigações para entendermos os jovens brasileiros, que nossa atual geração é envolvida em uma grande diversidade nos âmbitos do mundo do trabalho, da escola e do lazer. Tal pluralidade, torna o processo de entendimento da evasão escolar ainda mais complexa.

Retomando ao caminho de diferenciar uma evasão de um abandono escolar, me deparo com outra problemática: no sistema de ensino técnico é extremamente comum encontrar estudantes que estão retomando sua vida escolar, mas que estiveram afastados deste universo por anos; ainda, entre idas e vindas, turmas se formam com jovens que fazem ensino técnico junto ao médio, mas que também possuem estudantes que já estão acima dos 50 anos de idade. Essa pluralidade geracional implica em considerar a dimensão pedagógica da unidade de ensino, uma vez que demanda aos professores e à equipe de gestão que tenham soluções para a condizente adaptação do conteúdo programático e que se desenvolva em sala de aula a construção de conhecimento que seja enriquecedora para todos envolvidos; tarefa

extremamente complicada para aqueles que conhecem efetivamente o sistema de ensino. Nas pesquisas de Will J. Jordan, Julia Lara e James M. Mc Partland, que debatem sobre distinguir as dimensões conceituais da evasão escolar²⁷, os autores definem que: é imensamente importante se identificar em que nível ela está ocorrendo (básico, médio ou superior²⁸), se a evasão está sendo uma ruptura total ou parcial, ou seja, se o estudante apresenta possibilidades de retorno (algo extremamente complicado de mensurar) e, por fim, a razão que está ocorrendo a evasão (por questões profissionais, por conflitos de maneira geral, por problemas pessoais etc.).

Outro autor importante que traz definições de evasão escolar é Russel W. Rumberg²⁹, em *“Dropping out of middle school: a multilevel analysis of students school”*. Seus estudos na Universidade da Carolina do Norte identificaram, no cenário estadunidense, a importância de se olhar para o ambiente de convívio do estudante que está sendo pesquisado; em seus estudos ele identificou uma diferença variável na evasão em diversas escolas considerando sua incidência maior em escolas de classe social mais baixa. Contudo, não só estes fatores foram identificados. Para Rumberg (1995), os fatores sociais apresentam grande influência no cotidiano escolar. Suas pesquisas inclusive levaram em conta, além da classe social e raça dos estudantes, o tamanho de suas famílias e o clima escolar. Tais pensamentos reforçam a importância de se colocar a evasão escolar dentro de um sistema complexo, rodeada de diferentes caminhos para que se seja identificada com precisão. Ainda, reforço que tais experiências adquiridas no estudo da evasão escolar pode se firmar que os nexos identificados quando se está pesquisando um estudante nessa situação eles se relacionam direta ou indiretamente³⁰.

Para Dore e Zuleima (2011, p. 776), temos que:

²⁷ Os autores em questão debatem a evasão escolar nos estados unidos e suas discussões são embasadas quanto a problemática da evasão escolar quanto a problemas raciais e de gênero na educação. Contudo, se torna válido seu embasamento neste trabalho, haja vista tais discussões se fazem presente nesta pesquisa.

²⁸ Quando se traz a discussão do ensino técnico no país, me remeto ao artigo 39, do capítulo 3 da LDB (Lei de Diretrizes Básicas da Educação) que define “[...] a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (LDB, 1996), portanto a evasão escolar do ensino técnico é um fenômeno extremamente importante, pois está diretamente ligado aos jovens e sua integração ao mundo do trabalho.

²⁹ Russel W. Rumberg apresenta uma série de estudos, cuja sua perspectiva de pensamento apresenta ser economicista, ou seja, para o pesquisador o ponto de vista econômico na educação vale mais do que a busca pela permanência do estudante. Contudo, especificamente neste trabalho considere relevante seus resultados apontando para influência do contexto social no resultado de evasão do estudante.

³⁰ Neste ponto o autor discute a importância de se entender as perspectivas que fazem parte do cotidiano do estudante. Seu envolvimento familiar, a escola, a comunidade e os grupos de amigos; todos fazem parte do processo e se apropriam de “parte da culpa”, digamos assim, do processo de evasão escolar. Ainda, os próprios valores individuais são postos em prática no processo de escolarização, os comportamentos e as atitudes em sala de aula, o engajamento acadêmico ou social. Todos estes fatores são necessários na discussão sobre a evasão escolar e responsáveis pela complexidade do tema.

As possíveis causas da evasão são extremamente difíceis de serem identificadas porque, de forma análoga a outros processos vinculados ao desempenho escolar, a evasão é influenciada por um conjunto de fatores que se relacionam tanto ao estudante e à sua família quanto à escola e à comunidade em que vive.

Se nas pesquisas do campo educacional não se consegue “bater o martelo” sobre as definições da diferença entre abandono e evasão, no Centro Paula Souza vamos identificar que evasão escolar é trabalhada como um indicador definido pela falta de conclusão de uma determinada matrícula no processo de escolarização. Para o melhor entendimento, vamos nos remeter à Lei Complementar nº 1.086, de fevereiro de 2009. Esta lei é a que define as regras para o pagamento anual da bonificação aos professores³¹ e servidores administrativos de todas as Etecs e Fatecs (ALESP, 2009). Se aqui discutimos as diferenças que envolvem o processo de evasão escolar e as problemáticas do fenômeno, o processo anual de bonificação do Centro Paula Souza trabalha a evasão de uma maneira “muito simples”: para a instituição o cálculo de evasão escolar é a subtração dos concluintes de um determinado período pelo número de ingressantes em um período anterior.

Com isso, considera-se evadidos no Centro Paula Souza simplesmente os alunos que deixaram de concluir seu curso, sem levar em discussão o motivo que determinou sua saída ou se este aluno ainda está na instituição, mas sob a condição de reprova. Assim, podemos definir que estamos refletindo sobre evasão escolar através de uma perspectiva economicista.

Outros pontos de crítica são cenários em que o estudante migra de uma Etec para outra, de uma Etec para uma Fatec ou de uma Etec para qualquer universidade no Brasil e esse estudante passa a ser considerado como “evadido”; aqui nesta pesquisa entendemos que ele não poderia, socialmente falando, ser interpretado como alguém que evadiu da vida acadêmica. Além disto, o próprio mercado de trabalho que se trabalha no cotidiano das Etecs, torna-se um criador de evasão escolar, pois se o estudante consegue ingressar no mercado de trabalho e desistir de seguir com seus estudos, acaba ampliando ainda mais as estatísticas de evasão da unidade.

Portanto, ao fenômeno da evasão escolar podemos levantar inicialmente uma série de fatores que podem estar envolvidos direta ou indiretamente. No tocante a isso, neste trabalho consideramos as políticas públicas, a influência do mercado de trabalho na educação, as motivações pessoais e sociais, os conflitos pedagógicos e a questão do mérito e da justiça

³¹ A forma de bonificação adotada pelo Centro Paula Souza segue as diretrizes expostas pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e não da Educação, como muitos podem pensar. Essa diferença pode trazer dúvidas quando alguém vinculado à Secretaria da Educação vier a ler este estudo.

escolar. Novamente, minha pesquisa reforça a importância de se aplicar múltiplos olhares quando se discute evasão escolar, pois mesmo em modalidades diferentes, localidades distintas, mesmo assim cada um deles tem algo a acrescentar sobre o pensamento desse fenômeno.

4.2 DADOS SOBRE EVASÃO ESCOLAR NO BRASIL E NO CENTRO PAULA SOUZA

Iniciando uma abordagem que indica a evasão escolar como um problema grave enfrentado pelo Brasil, vale contextualizar atualmente o atual panorama dessa situação. A evasão é um problema que perturba todos os níveis de ensino, bem como apresenta uma série de reflexos para o nosso país, ou seja, um problema que não é só da escola ou do indivíduo evadido, vai além.

Segundo dados oficiais do Ministério da Educação, disponibilizados em seu portal eletrônico, em 2017 o Brasil apresentou sua maior taxa de evasão escolar no que diz respeito ao ensino médio, representando um total de 12,7% dos alunos matriculados no período e 7,7% aos estudantes que passariam do ensino fundamental (9º ano) para o ensino médio. Esses números fazem parte das estatísticas divulgadas pelo INEP - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. No período de enfrentamento da pandemia da COVID-19 criou-se uma expectativa muito grande pelos reflexos negativos que a pandemia apresentaria na educação, sendo um dos maiores problemas a exponencial ampliação das taxas de evasão. Segundo o IBGE, em dados divulgados pelo INEP (2022) em 2021, o número de estudantes que deixaram de frequentar a escola entre 15 e 17 anos chegou a pouco mais de 686 mil jovens, conforme dividido no gráfico 6.

Gráfico 6. População de 5 a 17 anos que não frequenta escola - Brasil - 2021



Fonte: IBGE³²

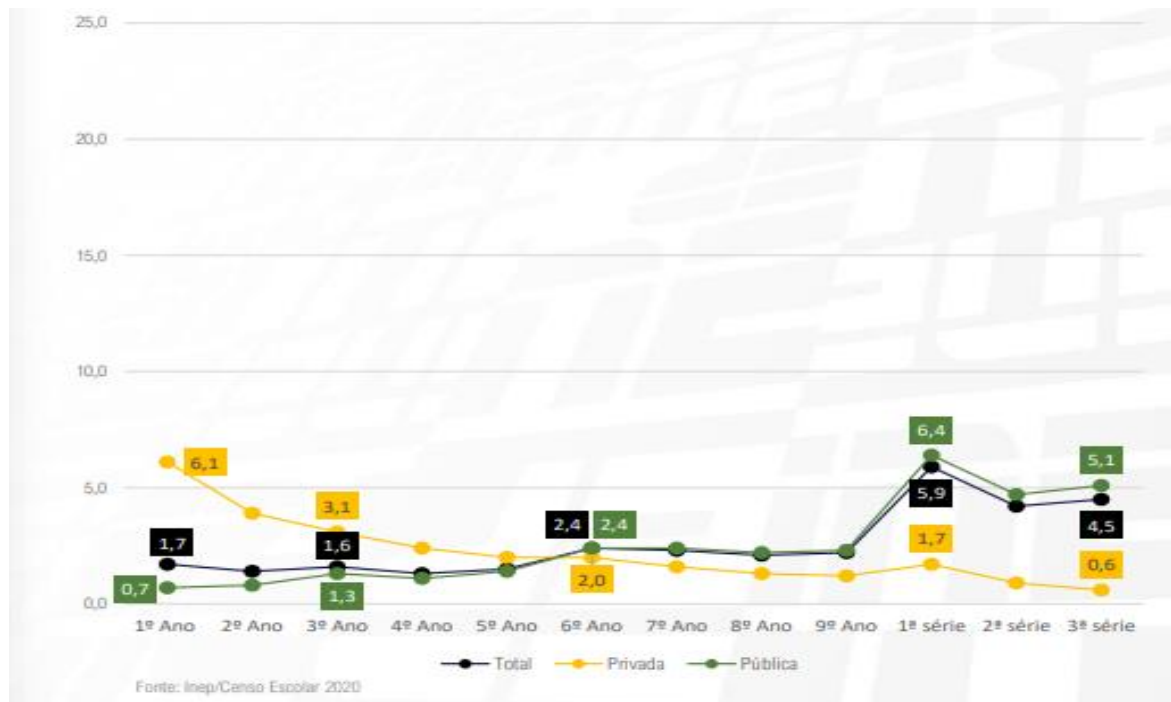
Nota-se então que o aumento do número de jovens fora da escola se inicia da transição entre os 14 para os 15 anos, e se intensifica dali até os 17 anos. Vale considerar que nesse período avaliado estivemos no enfrentamento da pandemia, cujos reflexos de abandono escolar eram aguardados por especialistas. Esse número além de alarmante para nosso país, também é de importância para o próprio Centro Paula Souza, parte deste estudo é diretamente relacionado a esses jovens, pois a matrícula nas Etecs se dá em sua grande maioria para este público, ou seja, jovens que estão finalizando o ensino fundamental (9º ano) e/ou matriculados no ensino médio regular.

Em outra análise, conforme destacado nos gráficos 7 e 8, a taxa de insucesso dos estudantes (termo utilizado pelo INEP em sua divulgação), que leva em consideração o abandono escolar no período bem como a reprovação do estudante na série em que estava matriculado diminuiu no comparativo entre 2019 e 2020, saindo de 21,3 pontos da 1ª série em 2019 e indo para 6,4 pontos em 2020. Contudo, esses dados não podem ser identificados como positivos, e existe uma necessidade de se tomar um extremo cuidado com essa interpretação sem considerar seu contexto. De acordo com o próprio INEP em seu material essa mudança abrupta é resultado das recomendações do CNE (Conselho Nacional de Educação) e de

³² Dados coletados pelo IBGE e divulgados pelo INEP, disponíveis em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf

organizações internacionais, tais como UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) e a UNICEF (Fundo das Nações Unidas de Educação), que fosse adequado os critérios de avaliação das instituições, minimizando as questões como retenção e abandono escolar (Parecer CNE/CP nº 11/2020)

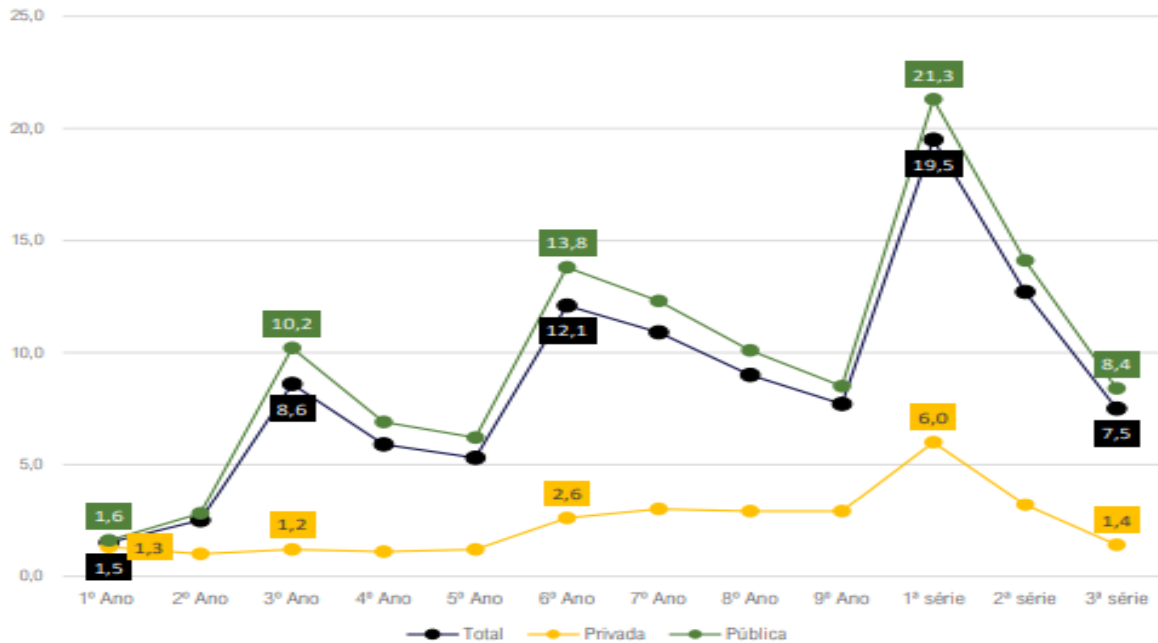
Gráfico 7. Taxa de insucesso (reprovação e abandono) por série/ano nos ensinos fundamental e médio por rede de ensino - Brasil 2020.



Fonte: INEP³³

Gráfico 8. Taxa de insucesso (reprovação e abandono) por série/ano nos ensinos fundamental e médio por rede de ensino - Brasil 2019

³³ Dados coletados pelo INEP e divulgados no Censo Escolar de 2021
https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf



Fonte: Inep/Censo Escolar 2019

Fonte: INEP, 2021³⁴

A situação apresentada acima poderá ser identificada também quando analisados os índices de abandono escolar e trancamentos de todas as unidades do Centro Paula Souza, no que diz respeito ao ensino técnico concomitante, conforme tabela 3, que apresenta o levantamento dessas informações junto ao banco de dados publicado da autarquia. Durante o período da pandemia, principalmente no 2º Semestre de 2020 o número de trancamentos subiu cerca de 54% em comparativo com a média geral do 1º Semestre de 2016 até o 2º Semestre de 2019. Considera-se que um aluno com sua matrícula trancada não deixa de ser aluno, por isso teoricamente ainda não evadiu, mas outro índice que nos mostra a situação complicada do ensino técnico no período é o número de desistências (essas já formalizadas), que chegaram no 2º Semestre de 2021 a 14.268, maior índice registrado desde o 1º Semestre de 2016 que na ocasião eram 13.183 desistências³⁵.

³⁴ Dados presentes no Censo Escolar, coletados e divulgados pelo INEP. Disponível em https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf

³⁵ A retomada das atividades presenciais nas Etecs ocorreu de forma gradativa, iniciando através do Decreto 65.597, de 26 de março de 2021, que iniciou apenas com as atividades práticas e mediante algumas condições, tais como apenas 35% dos estudantes; a retomada presencial de 100% dos estudantes ocorreu nas Etecs em Outubro de 2021, conforme determinações da superintendência do Centro Paula Souza em conjunto com o Plano São Paulo de enfrentamento da Covid 19 (<https://www.cps.sp.gov.br/etecs-e-fatecs-retomam-aulas-presenciais-a-partir-desta-semana/>)

Tabela 3. Taxa de Evasão e Trancamentos dos cursos de Ensino Técnico Concomitante do Centro Paula Souza: comparativo de 2016 até 2021.

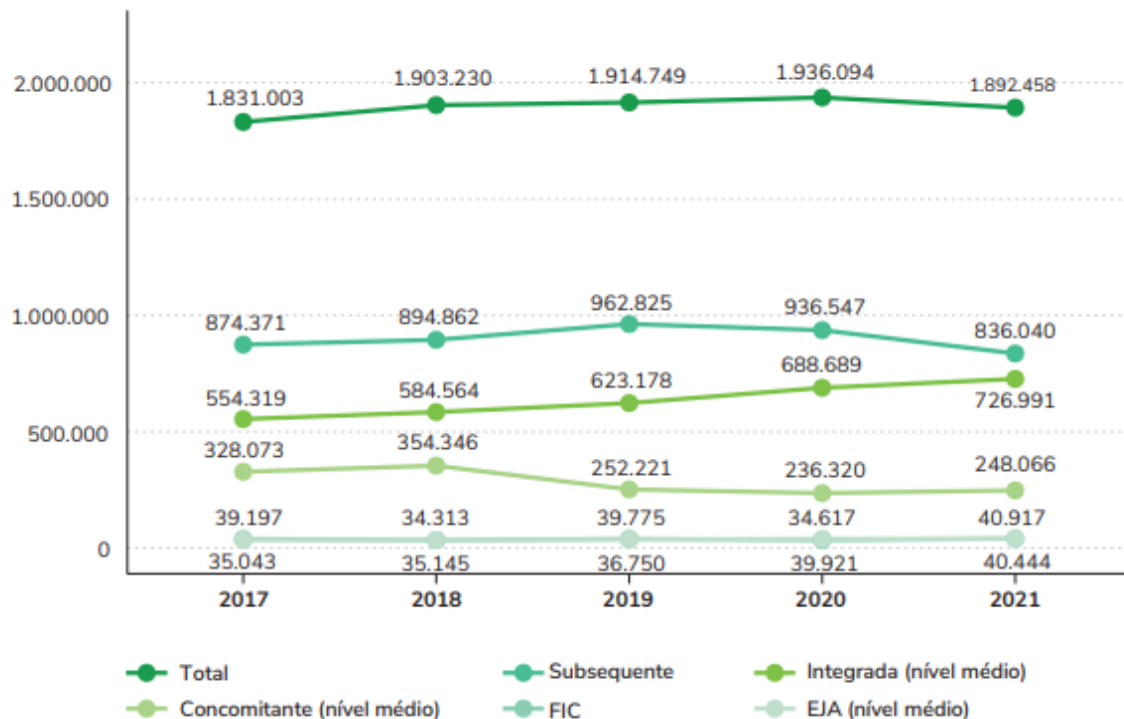
Período	Desistências	Transf. Expedidas	Transf. Recebidas	Trancamentos	Total
1º Sem.2016	13.183	2.074	1.129	3.678	213.499
2º Sem.2016	12.103	2.392	941	3.165	208.692
1º Sem.2017	12.521	2.465	1.220	3.710	211.312
2º Sem.2017	12.012	1.940	930	3.206	207.507
1º Sem.2018	12.374	1.564	816	3.434	211.067
2º Sem.2018	11.534	1.979	885	2.989	207.967
1º Sem.2019	13.393	1.915	829	3.553	213.134
2º Sem.2019	11.030	1.991	774	3.258	208.999
1º Sem.2020	7.112	1.022	633	4.702	224.515
2º Sem.2020	9.358	1.112	571	5.266	212.853
1º Sem.2021	9.919	4.362	1.032	4.865	228.376
2º Sem.2021	14.268	5.840	864	4.502	221.581

Fonte: elaboração própria

A evasão escolar atinge todos os níveis educacionais e no período da pandemia apresentou exponencial aumento, fato que poderá trazer consequências negativas para diversas esferas sociais. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) a evasão escolar entre crianças de 5 a 9 anos cresceu 128% no período de pandemia, em uma análise histórica para o período de 2013 até 2021 (OLIVEIRA, 2022).

Sobre a procura pelo ensino técnico profissionalizante, os dados divulgados pelo INEP demonstram que a procura por essa modalidade teve uma queda de 2,3% no comparativo de 2020 para 2021 (gráfico 9); uma tendência diferente do que vinha se demonstrando no período histórico de 2017 até 2020 (INEP, 2022).

Gráfico 9. Número de matrículas na educação profissional - Brasil - 2017-2021



Fonte: elaborado por Deed/INEP com base nos dados do Brasil. INEP (2021b)

Portanto, é possível identificar que o ensino técnico profissionalizante, assim como todas as outras modalidades de ensino sofreram impactos negativos pela pandemia e em até certo ponto um agravamento. Entretanto, o fenômeno da evasão escolar é anterior a esse contexto, precisando que tenhamos um olhar para identificar como a pandemia ampliou esse problema, mas sem deixar de seguir com as discussões sobre as outras hipóteses que se envolvem com esse fenômeno (fatores pessoais e sociais, conflitos pedagógicos e entre gerações, os anseios juvenis e as questões da empregabilidade interligada com as escolas, a atuação do empresariado, do mercado de trabalho e os diversos outros problemas relacionados).

4.2.1 A evasão escolar é alta e já foi muito mais alta. Seria a progressão continuada uma solução?

Se relato as problemáticas ocasionadas pela evasão escolar em nosso país, cabe neste ponto um breve parêntese: a evasão escolar hoje em dia é alta, mas ela já foi maior. O Estado ao longo do tempo foi ciente desta problemática de exclusão escolar a parcelas significativas da população e adotou medidas para o combate ou pelo menos, minimamente, para dirimir tal situação. Na monografia de Nicolas de Oliveira Meirelles, intitulada “Políticas educacionais

brasileiras: a progressão continuada e o mito da permanência”, me deparei com uma pesquisa construída através de uma indagação: como poderiam universitários estarem em uma sala de aula sem o interesse em buscar o conhecimento? Seu questionamento inicial, mesmo que diferente do meu, leva para um caminho similar e abre diálogo com Rose Neubauer da Silva e Claudia Davis, em seu trabalho “É proibido repetir” de 1993. Em sua crítica, as autoras ressaltam, que “como nação, perdemos a capacidade de indignação perante um sistema educacional onde os professores não ensinam e as crianças não aprendem” (SILVA e DAVIS, 1993, p. 5). Parafrazeando tais informações, os autores apontam como forma de enfrentamento à reprovação, fenômeno indicado como principal fator para evasão escolar na perspectiva economicista, a adoção de um sistema de progressão continuada, adotado oficialmente a partir da década de 1990. Para Almeida (2010, p. 43):

Aprovação automática quer dizer sem avaliação, sem orientação, sem cobrança, sem algum apoio. Sendo assim, sem nenhum critério, os alunos são empurrados adiante, correndo ele os riscos de não estar preparado para nada e podendo, mais tarde, atribuir à escola - com razão - o abandono a que foi submetido, sem ter nenhum tipo de orientação

Nesse contexto o autor abre discussão sobre os malefícios que poderiam surgir em virtude de um sistema imposto aos alunos que, independentemente da forma que se conduziria seus estudos ao longo de um ano, seriam aprovados de série³⁶. Muito importante destacar que este sistema se apresenta no ciclo inicial, portanto estaríamos falando de um sistema imposto para crianças e que, se depararam com isto, até chegar próximo aos seus 17 anos. Para Clarilza Prado de Souza, em seus estudos sobre a avaliação de aprendizagem formadora:

Sistema de avanços implica na adequação dos objetivos educacionais às potencialidades de cada aluno, agrupamento por idade avaliando o aproveitamento do educando em função de capacidades, não existe reprovação. A escolaridade do aluno é vista num sentido horizontal; o aproveitamento, numa linha vertical. Pelo regime de avanços progressivos, o aproveitamento escolar independe da escolaridade, ou seja, do número de anos que a criança frequenta a escola (SOUSA, 1999, p. 87)

Portanto, subentende-se que o aluno para seguir com seu progresso escolar deixa de se valer por méritos próprios, basta neste ponto conseguir manter o aluno em sala de aula. Ao dialogar com os estudos desenvolvidos por Celso Beisiegel, sobre a democratização do ensino no país e entender que cresceu exponencialmente o número de matrículas na rede pública, bem

³⁶ Aqui, vale destacar as discussões que nos traz Ana Paula Corti (2015), quando também reforça que tais medidas entram no contexto de uma política pública de cortes de recursos na educação, via políticas neoliberais.

como de ciência, entender que a reprovação escolar trazia para o sistema de ensino classes superlotadas e, por consequência, a evasão escolar. Eis que o sistema de progressão continuada ganhou força para sua implantação³⁷. Para Márcia Aparecida Jacomini, a progressão lançada no sistema de ensino desprovida de métodos e práticas pedagógicas, sem seus devidos investimentos, manterá o aluno em sala de aula por mais um determinando tempo, mas não resolve o problema da aprendizagem (JACOMINI, 2002). Portanto, o problema só estaria se postergando. Nos estudos de Rose Neubauer, vemos que a crise na educação enfrentada pelo Brasil no período refletia e era reflexo nas demais esferas sociais.

Essa situação alia-se à crise econômica que o país atravessava, gerando um clima ácido de insatisfação na sociedade, que demanda, com máxima urgência, serviços mais baratos e mais produtivos por parte do setor público. No campo específico da educação, busca-se uma escola eficiente e responsável, que se coloque a obrigação de realmente levar as novas gerações a se apropriarem dos conhecimentos socialmente construídos, a raciocinarem com lucidez e a construírem projetos individuais de vida que contemplem e se articulem com uma visão mais harmoniosa de sociedade (SILVA e DAVIS, 1993, p. 6)

Em números, Silva e Davis (1993) nos apresentam que entre as décadas de 1970 e 1980 o sistema de ensino do Brasil possuía as maiores taxas de repetência na América do Sul e não se via no sistema de progressão a solução. Ao contrário, pedagogicamente falando, ali estaria a chave para abrir a porta do fracasso em nosso sistema de ensino.

A polêmica em torno da promoção automática vem se acumulando e, à medida que se expande e se inflama, acaba por escamotear a realidade, impedindo o exame da questão central: a incapacidade da escola brasileira de abandonar suas práticas centenárias e virar o avesso sua organização interna, para atender aos interesses das crianças e jovens que a buscam (SILVA e DAVIS, 1993, p. 7)

Entre as décadas de 1940 e 1980 registramos um alto índice de expansão no sistema de ensino do país, o que Celso Beisiegel definiu como a massificação escolar. Entretanto, os índices de evasão escolar acompanharam o avanço escolar. Em Rose Neubauer e Cláudia Davis (1993), identificamos que uma das ações políticas da época foi a criação da progressão continuada, visando assim combater a repetência e, como proposta aberta para população, ter nisto um mecanismo de redução da evasão escolar.

³⁷ Apesar de citar a progressão continuada na década de 1990, sua discussão começou no país já em 1950. Sistemas de ensino como na França e na Inglaterra foram utilizados para implantação aqui no Brasil, mas com objetivos diferentes. Se em outros países a Progressão continuada foi implantada para tentar diluir diferenças existentes, aqui no Brasil tomou medida econômica, como discutem Machado Dias, em “Progressão continuada como promoção automática” e Nicolas de Oliveira Meirelles em “Políticas educacionais brasileiras: a Progressão Continuada e o mito de permanência”

Para Rosana Prado Biani, a implantação da escola com progressão continuada, se realmente visou melhorar os números da educação no país, apresentou outra situação:

Da forma como se concretizou, a Progressão Continuada não rompeu com os mecanismos e processos de seleção, fracasso e exclusão, levando a escola a manter o seu caráter seletivo e excludente (...) a exclusão, antes exterior à escola pelo não ingresso, repetência e evasão, acontece agora com a criança na escola, pela pouca qualidade de aprendizagem (BIANI, 2007, p. 35)

Por fim, é possível identificar que o sistema de ensino no país recebeu uma medida política de combate à evasão escolar pautada pelo viés econômico e não teve nenhuma preocupação com a qualidade do ensino, os resultados à médio e longo prazo das crianças que estariam envolvidas no processo e nenhuma preocupação com os reflexos sociais que poderiam ser causados por tais determinações. Aqui então, vamos abrir e ampliar as discussões das políticas públicas na educação e seu envolvimento com o mercado de trabalho.

4.3 A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO CONCOMITANTE: TRABALHO E QUALIFICAÇÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Quando se discute o ensino técnico, automaticamente é necessário olhar para o mundo do trabalho, pois emprego e trabalho fazem parte do cotidiano dessa modalidade de ensino. Segundo Nora Krawczyk, é muito presente o interesse do empresariado pela educação, principalmente pela educação profissionalizante. A mercantilização da educação é um processo que vem se fortalecendo cada vez mais, acompanhando a evolução industrial das últimas décadas e seus impactos vem marcando gerações³⁸ (KRAWCZYK, 2011). Inclusive, a autora indica que um dos principais eixos da reforma educacional da América Latina, que ocorreu a partir de década de 1990 teve a adoção do “[...] princípio do mercado como indicador das realizações em todas as esferas sociais e ao ressignificar o conceito de cidadania enquanto consumidor, define formas quase mercantis de delegação de poderes e de relação com a demanda educacional” (KRAWCZYK, 2005, p. 803). Portanto, fica determinado neste ponto que a esfera econômica se sobrepôs às demais, ficando então a educação definida como uma ferramenta manipulável pelo empresariado.

Para Gisela Tartuce (TARTUCE, 2002, p. 7) o trabalho na forma que vivenciamos hoje “[...] é um fenômeno da modernidade”. Nessa forma de pensamento, não temos mais no

³⁸ Apesar de citar Nora Krawczyk nesse ponto, também gostaria de destacar o trabalho de Christian Laval, “A escola não é uma empresa” cujos apontamos do autor é que o domínio neoliberal na educação se dá por um processo, distribuído em uma sucessão de reformas educacionais

trabalho uma relação de transformação da matéria, como tínhamos antes desse processo de modernização, de automação dos processos industriais. O trabalho, antes definido como propósito fundamental de nossa sociedade, passou por um novo processo, o de justificativa que levasse ao convencimento de cada vez mais homens para linha de produção. Nesse processo de modificações, o trabalho então antes definido como tarefa necessária, torna-se dever moral. (TARTUCE, 2002). Por isso existe sempre a grande importância de saber definir tais termos, principalmente a diferença entre trabalho e emprego, bem como entender o posicionamento das escolas em meio a todas as transformações.

o aprendiz e o mestre transformaram-se então em trabalhadores qualificados, semi-qualificados ou não-qualificados; da aprendizagem na oficina, passa-se para um sistema de educação e de formação profissional que deveria preparar e socializar o indivíduo para o trabalho. Para a consolidação da sociedade capitalista, não bastava que conhecimentos técnicos fossem transmitidos pelo processo educacional; era preciso também que os valores culturais burgueses fossem socializados para todos, por meio da escola' (TARTUCE, 2002, p. 18)

Sobre transformações, então, se hoje já não temos mais o mesmo tipo de trabalho ao qual era fundamentado ao homem, as escolas também já não são mais as mesmas. É extremamente comum e encontrar nas escolas uma série de regras, sendo que tais regras inclusive, para muitas, fazem parte da avaliação do aluno: comportamento, assiduidade, pontualidade, ordem e outras mais. Toda essa configuração imposta nas escolas é reflexo do capitalismo que construiu esse novo mercado de trabalho; são reflexos do movimento taylorista que antes apresentamos nesse estudo. Portanto, é muito importante entender que a escola também faz parte desse movimento. Quando se estruturou o mercado de trabalho segundo os pensamentos burgueses, se objetivou na escola, o ponto de intersecção para que se pudesse transmitir os novas ideias para a sociedade, construindo assim aquilo que hoje vivenciamos.

Nessa forma histórica e socialmente construída, o trabalho torna-se, portanto, sinônimo de trabalho assalariado, coletivo, fabril, ocupado por homens, na esfera pública, enfim, emprego, o exercício de uma atividade econômica dentro da divisão social e técnica do trabalho por meio de uma profissão (TARTUCE, 2002, p. 10)

E nessas novas construções de termos, cria-se alguns paradoxos, sendo que um deles é a presença do homem no processo produtivo coletivo: se antes, o trabalho era visto como integrador e fonte de riqueza, agora, mediante às imposições sociais, pode trazer constrangimentos e uma degradação da imagem³⁹ do homem (TARTUCE, 2002). Outro aspecto

³⁹ Nesse ponto é interessante integrar a discussão sobre a qualificação profissional, pois o termo comumente

que, cada vez mais, ganhou força é a qualificação, que não é nova, mas cada vez ficou mais presente:

Se a qualificação do trabalho não é, portanto, nova, novas são a sua preparação intencional e a sua separação de outras esferas da vida: é no modo de produção capitalista que a qualificação – assim como o trabalho moderno – aparece como uma esfera independente. Mais precisamente, pode-se dizer que o problema da qualificação profissional é introduzido a partir do momento em que há uma separação entre formação e trabalho, separação esta que pode ser melhor visualizada mediante o exemplo do artesanato, onde a aprendizagem dava-se no próprio local de trabalho (TARTUCE, 2002, p. 18)

Nos estudos de Carla Corrochano encontramos argumentações de extrema importância sobre emprego e trabalho, ambos dentro do contexto da juventude, definindo tal questão inclusive como um “[...] marco importante da transição dos jovens para a vida adulta” (CORROCHANO, 2008, p. 9). Contudo, vale distinguir que existem diferentes tipos de trabalho ao qual os jovens poderão estar condicionados em sua vida:

Embora a grande maioria busque uma inserção formal, nem todos a encontram. Assim, o “primeiro emprego” desses adolescentes pode tomar formas muito variadas, do trabalho mais precário e intensivo a certos tipos de trabalho protegido. Entre nossos entrevistados, envolveram: contrato de aprendizagem no administrativo de uma instituição financeira, estágio de 6 horas em instituição pública, assalariado registrado em uma rede de fast-food ou em uma metalúrgica de bairro, emprego informal como ajudante de cozinha ou como vendedora de pequena loja de roupas. Outros, enquanto não encontram emprego fixo, continuam fazendo bicos de intensidade variada, como distribuição de panfletos em faróis (ABRAMO, VENTURI e CORROCHANO, 2020, p. 530)

Devido à importância na construção do indivíduo nessa fase e tendo a escola diretamente envolvida, o ensino técnico passa a ter uma responsabilidade muito grande sobre essa pessoa, pois, além de fornecer uma instrução para formação técnico-científica, ainda articula a presença do estudante no mercado de trabalho. Essa presença, dependendo da forma que vier a ocorrer, poderá fazer parte da construção de toda carreira profissional do estudante.

Dore e Luscher (2013) identificam que estudos de evasão escolar específicos para essa modalidade de ensino não são o foco principal dos pesquisadores, tendo o maior referencial existente direcionado para o ensino fundamental, médio e superior. Por conseguinte, salientaram a grande importância de olharmos para o ensino técnico, em especial para a autarquia aqui discutida, que diretamente corresponde a cerca de 300 mil matriculados, sem contar o seu envolvimento na formação profissional com os novos programas implantados pelo

encontrado hoje no mercado de trabalho, faz parte dessa construção do “novo trabalhador”, bem como está totalmente alinhado aos conceitos trabalhados dentro das escolas de profissionalização técnica.

governo, denominados como “NovoTec” em parceria com a Secretaria da Educação, cuja presença se dará na vida de outros milhares de estudantes.

A despeito de suas diferenças, em um universo aparentemente próximo ao das Etecs, Scremin (2008) estudou a evasão escolar na rede federal de educação e identificou que alunos evadidos do ensino técnico terminaram seus estudos no ensino médio e, em muitos casos, tiveram em período posterior o ingresso no ensino superior. Assim, como mencionado outrora, esse fato torna então a evasão escolar no ensino técnico diferente da que ocorre em outros níveis, pois não necessariamente o estudante evadido representa alguém que desistiu da vida escolar, e encontra ali uma necessidade de novamente tratar de estudos qualitativos, para identificar melhor esse fenômeno.

Parafraseando Achilles Batista Ferreira Jr. em “Educação técnica e o trabalho no Brasil: uma análise retrospectiva e histórica da educação desse setor educacional”, a educação, principalmente a educação técnica não deveria ser dotada como programas de caridade aos jovens, mas sim ser atribuída como um papel complementar de ensino e buscar o desenvolvimento do estudante (FERREIRA Jr. et. Al, 2015). Voltando aos estudos de Krawczyk, a própria inserção do empresariado na educação pode ser um dos reflexos do alto índice de evasão, haja vista as escolas oferecerem um sistema de ensino voltado ao mercado de trabalho, sem conseguirem dar garantias que o ensino efetivamente trará uma inserção profissional⁴⁰, surgindo aqui um conflito (KRAWCZYK, 2018).

Identificando então que temos um problema grande com a mercantilização da educação, agora temos em um universo das escolas técnicas milhares de jovens que se matriculam na instituição e serão expostos para essa atividade: uma formação direcionada para o mundo do trabalho, para a formação de mão de obra técnica especializada. Diversos estudos relacionam a extrema importância que possui a fase em que o jovem transita da escola para o mundo do trabalho, por isso esse cenário recebe múltiplos olhares e é uma região de interesse, seja político, econômico ou social, pois a formação do jovem irá gerar reflexos posteriores em todas as esferas citadas. Portanto, entender os cenários que envolvem a educação e seu alinhamento com o mundo do trabalho é extremamente relevante.

A pesquisadora Marília Sposito (2005, p. 106) destaca que “[...] para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas

⁴⁰ Atualmente no Brasil temos um índice de 11,1% de desemprego, conforme dados publicados pelo IBGE em <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Entretanto, conforme o IPEA atingiu 15,1% durante a pandemia e o público que recebeu maior impacto foram os jovens veja em https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=39076#:~:text=O%20recorte%20por%20faixa%20et%C3%A1ria,%25%20para%2022%2C8%25

de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”. Seguindo com as ideias de Sposito (2005), entender a proximidade do trabalho e da juventude “[...] não significa, de maneira ingênua, defender o trabalho de adolescentes e jovens” (SPOSITO, 2005, p. 226), mas sim destacar a importância de se atuar na construção de sistemas que possibilitem combater as desigualdades e os mais diversos problemas que encontramos hoje aprofundados em nossa sociedade. Com isso, identificamos que apenas integrar escola e mercado de trabalho não seria suficiente, se estamos inseridos em uma sociedade com uma série de desigualdades e por sua vez a própria condição em que o jovem está inserido lhe possibilitará diferentes ações e reflexões de seus colegas de sala.

Nas pesquisas de Carla Corrochano (2008, p. 9), quando olhamos para suas definições sobre juventude e as categorias juvenis temos que “[...] é preciso considerar que os jovens são diferentes entre si a depender de sua classe social, sexo, cor/raça” e indo além, também são “[...] sujeitos que vivem em um determinado contexto social, econômico e político” (CORROCHANO, 2008, p. 9). Por isso, tratar de evasão escolar, bem como um projeto de integração do ensino médio ao ensino técnico profissionalizante sem levar em consideração as múltiplas dimensões às quais os jovens podem estar inseridos, é um equívoco.

Uma série de autores da educação definem o ensino técnico como a constituição de uma escola do trabalho⁴¹, cuja perspectiva era que ali se aplicasse uma educação politécnica⁴². Entretanto, por mais que identificamos um exponencial aumento no número de escolas e no número de matrículas, bem como uma diversificação do público que se encontra presente em escolas técnicas, ainda é possível identificar uma série de problemas relacionados nesse ambiente. Se considerarmos principalmente o período ditatorial que o Brasil viveu (entre 1964 e 1985) a educação, principalmente o ensino técnico, se marginalizou; nesse mesmo momento os investimentos necessários para se manter uma educação pública de qualidade⁴³ não foram

⁴¹ Antônio Gramsci em “Cadernos do cárcere” (2001) corrobora a necessidade de criação de uma cultura própria dos trabalhadores, e que a educação viesse a permitir o surgimento de intelectuais que compartilhassem dos mesmos ideais e que, assim, sabendo e sentindo a necessidade das classes subalternas, pudessem auxiliá-las a formular a própria visão de mundo, bem como difundir-la por diferentes meios, articulando forças sociais em torno dela, visando conquista da hegemonia

⁴² Marx e Engels (1978) define que a educação tem seu máximo proveito quando o envolvimento intelectual se mescla a educação corporal e tecnológica, abrangendo princípios científicos de todos os processos de produção e ocorrendo de forma gradativa e progressiva; nesse momento apresenta-se o ensino politécnico como uma das formas de se buscar essa integração de saberes, assim como define-se que a imposição aos jovens no processo educativo de práticas como o trabalho noturno ou industriais podem prejudicar o crescimento intelectual destes, o que também carrega outra problemática já que para as classes burguesas e aristocráticas não apresentam essas condições

⁴³ Aqui a qualidade será utilizada como indicador de estrutura para o desenvolvimento da escolarização. Estrutura essa definida por espaço físico nas escolas, bibliotecas, computadores, alimentação e professores bem remunerados. Me atenho nesse momento apenas a identificar que tais condições são propícias para um desenvolvimento escolar mais produtivo.

condizentes com a dualidade de ensino, anteriormente citada em meu estudo, criou forças e apresentou maior distinção entre as escolas do “saber pensar” e as escolas do “saber fazer”.

Neste cenário a qualificação profissional e as competências na educação surgiram como promessa de empregabilidade, uma série de programas governamentais foram criados para atuar diretamente na transição do jovem para o mercado de trabalho e a presença do empresariado tomou ainda mais força na educação.

Para Tanguy precisamos recordar que *“los diplomas profesionales y técnicos se establecen a partir de una descripción muy analítica de los empleos a los que se supone llevan, y esto mediante el método de los referenciales”* (TANGUY, 2001, p. 116). Portanto, a construção das qualificações necessárias para determinados empregos é imposta pelo mercado de trabalho e reproduzidos, então, pela escola. Helena Hirata (2019) complementa que tais condições de qualificação que são encontradas no mercado de trabalho são construções desiguais, pois para determinados sujeitos, poucas vagas realmente boas são identificadas e, quando são, exigem um sacrifício muito grande entre os envolvidos.

Para os pesquisadores Marília Pontes Sposito e Paulo César Carrano (2003, p. 71), hoje vivemos em uma sociedade que adotou o “[...] fetiche da capacitação do jovem para um mercado de trabalho de poucas oportunidades”. Tal crítica vem alinhada aos critérios de estabelecimento de competências para o mercado de trabalho trazidas pelo empresariado, cobrando além de conhecimentos técnicos também habilidades cognitivas e comportamentais (TOMASI e CORROCHANO, 2020). Importante aqui destacar, que nessa visão, não se existem desigualdades no mercado de trabalho, ou seja, sua inserção se daria, única e exclusivamente, pelas capacidades do jovem nesse processo. Portanto, além de um mercado de trabalho saturado, o jovem também leva o peso de que caso venha falhar, a culpa seja sua.

Quando falo de trabalho e escola, me remeto a Tomassi e Corrochano (2020, p.353), que definem trabalho “[...] como uma das dimensões constitutivas da experiência juvenil”, sendo inclusive, conforme dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, apontada como a segunda maior preocupação dos jovens (SPOSITO, 2005) e tendo destaque ainda maior quando Felícia Madeira (1998) afirma que “[...] no Brasil, o trabalho também faz juventude” (MADEIRA, *apud* TOMASSI e CORROCHANO, 2020, p. 353). Outro ponto muito importante no entendimento da integração jovem, escola e mercado de trabalho é que a busca por trabalho vai além da renda, ela é geradora de autonomia para os jovens (CORROCHANO, 2012).

A formação humana não nasce e nem se encerra no sistema educacional, ela ocorre a todo instante e por meio do trabalho se constrói a própria existência. A necessidade de se dominar determinados conhecimentos para realização de uma produção trouxe a existência das

escolas, definida inicialmente por Manacorda (2007, p. 23) como “[...] um luxo e não uma necessidade primária”. Essa definição se deu pelo fato de a escola ser criada para buscar a formação específica para uma aplicação, atendendo os desejos de uma determinada classe. Entretanto, alinhado aos pensamentos de Dante Henrique Moura, Domingos Leite Lima Filho e Mônica Ribeiro Silva (2015) na ótica de que na atual sociedade o capital detém o domínio e alinhado com a expansão científica e tecnológica a escola deixa de ser um luxo e torna-se essencial, pois sem capacitação fica cada vez mais complicado a inserção no mercado de trabalho e por consequência a manutenção da vida.

Ainda para Filho, Moura e Silva (2015), a escola e a formação do indivíduo nesse contexto, passa a se configurar da seguinte maneira:

A formação é produto das relações sociais e de produção, e a escola, espaço institucionalizado onde também existe parte dela, é fruto de tais relações. Dessa forma, não foi essencial, inicialmente, mas um luxo, porque foi concebida para atender aos interesses de uma determinada classe, a dos dirigentes. Por ter em sua gênese esse corte de classe e não da totalidade social, a escola tende a descolar-se da sociedade, ao mesmo tempo em que reflete suas contradições (FILHO, MOURA e SILVA, 2015, p. 1.059).

Dentro dos estudos de Manacorda, quanto aos princípios do pensamento de Marx e a educação, temos que:

A chave para entender o pensamento de Marx esteja justamente aqui, no fato de que une, com austero rigor, a estrutura da escola à necessidade social de reproduzir a vida, de regular o intercâmbio orgânico com a natureza, em que a liberdade humana se explicita apenas como regulamentação racional desse intercâmbio (MANACORDA, 2007, p. 108).

Para Gramsci, pensando em educação e trabalho, tendo o segundo como algo indispensável ao homem, o autor destaca que:

Não se pode separar o homo faber⁴⁴ do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou modificar uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 2001, p. 53)

Ainda, para Antônio Gramsci (1995) temos que o “[...] trabalho como princípio

⁴⁴ O termo homo faber é traduzido como ‘homem artífice’. Tal definição foi empregada por Henri Bergson para definir o homem primitivo diante da necessidade de produzir ele mesmo os utensílios indispensáveis para à manutenção da vida.

educativo, busca a articulação entre teoria e prática e a negação da separação entre cursos teóricos e cursos práticos, entre ensino propedêutico e ensino profissionalizante”. Portanto, até aqui podemos entender que a escola passou de um luxo para uma necessidade social devido à evolução tecnológica e as novas demandas apresentadas pela classe dominante e que o trabalho é fundamental para manutenção da vida, mas que não se pode separar o homem trabalhador do homem pensador, separar a prática da lógica.

Gaudêncio Frigotto refletindo sobre como a educação foi trabalhada na sociedade brasileira na década de 1980, o autor utiliza o termo da educação tecnológica para identificar que a educação se dividiu em dois conjuntos de categorias, politicamente articuladas, inserindo aqui os diálogos sobre a dualidade de ensino. Portanto, a ideia de educação profissionalizante não produziu a integração entre saber fazer e saber pensar, devido às políticas adotadas quanto à educação; o que ocorreu foi a dualidade no ensino, ficando uma escola de pensadores para a classe dominante e uma escola para aprender a trabalhar para população geral.

Outra referência nessa na discussão sobre educação tecnológica é Demerval Saviani⁴⁵. Para Saviani (2006) o homem não nasce pronto, ele se autoproduz pelo trabalho e a educação é entendida como mediadora desse processo, para ele o homem busca desenvolver suas múltiplas capacidades, no entanto a escola sem o investimento necessário e o tempo ideal para trabalhar essa questão, torna-se ineficaz. Esse movimento de conflito de interesses entre escola, proletariado e burguesia apresenta uma dialética⁴⁶, com autores ao longo da história discutindo sobre questões de a escola ser um mecanismo de reprodução ou de ruptura do atual contexto social.

Retornando os olhares para a educação ofertada pelo ensino técnico das Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), escolas responsáveis pela formação técnico-profissional de cerca de 300 mil alunos, em sua grande maioria jovens com faixa etária de 15 a 25 anos, dentro do Estado de São Paulo, espalhadas em mais de 200 municípios. Ao acessar o sítio eletrônico desta autarquia, é possível extrair que sua missão é “oferecer um ensino de qualidade que possibilite o desenvolvimento do aluno na construção de competências socioemocionais, pessoais, profissionais, formação do caráter e do respeito à pluralidade social, visando sua inserção no

⁴⁵ Saviani discute sobre a educação politécnica, que segundo ao autor, a “noção de politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral” (SAVIANI, 2003a, p. 136). Contudo, neste estudo não vamos adentrar na discussão sobre o assunto.

⁴⁶ Em Marx e Engels temos que “[...] as circunstâncias fazem os homens tanto como os homens fazem as circunstâncias” (1986, p. 56). Nessa visão a dialética pode ser definida como um movimento de conflito entre duas partes, cujo resultado desse conflito irá gerar algo totalmente novo. Assim entendemos a educação e o mundo do trabalho, mas um mundo de trabalho dominado pelo capital e pelos interesses da burguesia

mundo do trabalho” (CPS, 2021). Nisso, existe uma preocupação com a modalidade de ensino técnico que vai além da formação exclusiva ao mercado de trabalho, é possível entender que existe uma atenção aos fatores comportamentais e sociais dos estudantes e, em paralelo, é possível identificar dentro do universo das Etecs uma série de estudantes que não buscam emprego, mas sim uma possibilidade de ingressar no ensino superior⁴⁷. Entretanto, existe uma distância considerável entre o que são os objetivos e o que realmente ocorre no cotidiano e isso deve ser levado em consideração.

Dentro da gama de cursos ofertados pelo Centro Paula Souza temos o ensino médio, cuja estrutura passou por uma série de mudanças ao longo dos anos; antes, atendendo a Base Nacional Comum do Ensino Médio, contemplava a carga e as disciplinas para formação regular dos jovens, agora integrado ao ensino técnico configura novas modalidades de ensino abrindo destaques aos ETIMs (Ensino Técnico Integrado ao Médio), ao MTec (Médio Integrado ao Técnico), o NovoTec (Novo Ensino Médio Integrado ao Técnico) e o NovoTec AMS (Novo Ensino Médio Integrado ao Técnico com Articulação Médio-Superior)⁴⁸. Todas as modalidades de ensino apresentadas têm basicamente o objetivo de uma formação dentro do que contempla a missão da instituição, mas Paolo Nosella em outro momento e contexto levantou questionamentos que encaixam perfeitamente nesse cenário:

Como priorizar na escola média brasileira a dimensão da formação para a autonomia, quando a liberdade para a maioria é tão exígua? Como proteger o direito dos adolescentes a um tempo justo de “indefinição profissional ativa e heurística”, quando, de um lado, a minoria de jovens da classe dirigente usufrui de inúmeros anos de formação e “indecisão” profissional, enquanto, de outro lado, a imensa maioria para sobreviver é forçada a uma definição profissional precoce? A resposta a essa problemática passa pela luta política que visa tornar a sociedade mais justa e igualitária e, ao mesmo tempo, pela defesa de concepções e práticas pedagógicas que fortaleçam o ensino médio unitário não profissionalizante e para todos (NOSELLA, 2011, p. 1.062)

⁴⁷ Em 2020 o INEP divulgou a lista das melhores escolas em relação aos resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Na publicação, 64 Etecs ocupam o lugar entre as 100 melhores escolas de ensino médio do Brasil. Este número atrai os jovens para esse ambiente, sendo que ali eles podem encontrar uma oportunidade de conseguir essa transição para o ensino superior. Fonte: <https://www.cps.sp.gov.br/escolas-tecnicas-estaduais-destacam-se-com-otimo-desempenho-no-enem/>

⁴⁸ Para saber mais sobre o embasamento legal da estrutura dos cursos profissionalizantes integrados ao técnico interessante acessar a Lei Federal 9394, de 20-12-1996, a Lei 13415, de 16-2-2017, a Resolução CNE/CEB 2, de 15-12-2020, a Resolução CNE/CP 1, de 5-1-2021, a Resolução CNE/CEB 3, de 21-11-2018, a Resolução SE 78, de 7-11-2008, o Decreto Federal 5154, de 23-7-2004, alterado pelo Decreto 8.268, de 18-6-2014, o Parecer CNE/CEB 11, de 12-6-2008, a Deliberação CEE 162/2018 e Indicação CEE 169/2018 (alteradas pela Deliberação CEE 168/2019 e Indicação CEE 177/2019), o Plano de Curso aprovado pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico – 2159, de 29-10-2021, publicada no Diário Oficial de 30-10-2021 – Poder Executivo – Seção I – página 76. Todas as informações do embasamento legal dos cursos além de constar na matriz curricular junto a Secretaria da Unidade também são possíveis de consultar no Plano Plurianual de Gestão da Unidade, disponível no site da Etec Sales Gomes <https://www.etecsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

Não aprofundando nas discussões sobre a construção capitalista e do neoliberalismo, mas reforçando que em nenhum momento podemos descartar tais diálogos com nosso tempo presente, Frigotto (2007, p. 1.131) descreve que “a escola dual e uma educação profissional e tecnológica restrita (que adentra as mãos e aguça os olhos) para formar o “cidadão produtivo” submisso e adaptado às necessidades do capital e do mercado” é o interesse da classe dominante, ou seja, da burguesia.

Gaudêncio Frigotto em suas pesquisas sobre a relação da educação técnica e tecnológica com a educação básica relaciona que existe uma grande dívida histórica com tais modalidades de ensino. Essa dívida veio se ampliando com o passar dos anos, que para Gaudêncio:

Para entender a natureza da nossa dívida com a educação básica e a educação profissional e tecnológica, nas suas dimensões quantitativa e qualitativa e na sua relação, é preciso se dispor a entender o tipo de estrutura social que foi se conformando a partir de um país colônia e escravocrata durante séculos e a hegemonia, na década de 1990, sob os auspícios da doutrina neoliberal, de um projeto de um capitalismo associado e dependente (FRIGOTTO, 2007, p. 1.131)

Em outras palavras, Gaudêncio Frigotto (2007) informa que a classe dominante se alimenta da exploração de mão-de-obra de baixo custo, concentrando a propriedade e a renda dos detentores do capital. Nessa linha de pensamento a dualidade do ensino identificada no sistema de educação ficaria clara como uma construção proposital e não uma situação de incapacidade de gestão pública ou ineficiência do sistema, como por muitas vezes vemos cair nas discussões populares sobre a questão. Para José Carlos Reis (1996) podemos destacar, principalmente, três problemas existentes em nossa estrutura social: a primeira é que os responsáveis por criar reformas educacionais são formados em escolas estrangeiras. Portanto, para o autor, o desconhecimento da realidade de nosso ensino público é um fator complicante para que se avance em melhorias. Nesse sentido de pensamento concordo com o autor, mas destaco que não identifiquei fatos conclusivos para poder afirmar que os responsáveis pelas reformas são formados em escolas estrangeiras, pelo menos não em sua totalidade⁴⁹.

Na sequência, em segundo lugar, para Reis (1996) o endividamento externo é o próximo fator que relaciona a problemática de nossa atual estrutura social. Com certeza o endividamento é uma situação muito complicada, pois ela permite claramente que o empresariado, a burguesia,

⁴⁹ Um exemplo interessante nesse momento que vivemos é a escolha do atual Ministro da Educação, Camilo Santana, empossado junto ao Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, eleito democraticamente nas eleições de 2022 em nosso país, cujo mandato se iniciou em 1º de janeiro de 2023. Suas principais formações são voltadas para a Universidade Federal do Ceará, com experiência profissional pela Fatec de Juazeiro do Norte. Nesse caso, apesar de levar o mesmo nome das Fatecs do Centro Paula Souza, não passam pelas mesmas diretrizes de comando, haja vista que o Centro Paula Souza mantém suas unidades apenas no Estado de São Paulo.

revogue direitos sobre os investimentos que se realiza. É extremamente comum ver hoje em dia a proximidade que se busca entre o setor público e o setor privado. Em escolas, tanto em Etecs quanto Fatecs, se cria muito essas atividades que são de engajamento entre escola e empresa, principalmente por se postar como unidades de ensino voltadas ao mercado de trabalho. Apesar de tal situação não estar diretamente relacionada com o endividamento internacional, como cita o autor, torna-se uma analogia fácil para ajudar a entender que o dono do capital irá realizar cobranças sobre a dívida, e pensando que além do pagamento, uma busca em perpetuar o cenário poderá ser iminente.

Por fim, o autor realça como a terceira situação o abismo existente entre o capital e a mão de obra trabalhadora. Isso é uma grande problemática e podemos inclusive indicar que nesse momento de discussão se torna o ‘x da questão’. No modelo capitalista de pensamento temos como primórdio o capital, ele é o centro e o sistema gira em torno das diretrizes para se obtê-lo, com aqueles que o detém dedicando-se exclusivamente para ampliá-lo. Portanto, nesse processo aos envolvidos que se configuram como explorados pelo sistema, os interesses da burguesia são claros, que assim se mantenha. Se esse tipo de pensamento é uma condição imposta, característica da classe dominante, como esperar que a escola traga uma mudança dessa realidade se estaria diretamente envolvida na construção de suas diretrizes junto ao empresariado e a burguesia?

Aqui novamente caímos no princípio da dialética, cuja escola e sociedade se constroem em movimento, um conflito longo cuja construção histórica se faz com acordos e revoluções. Destaco concordância ao pensamento de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 43), quando identificam que “se a preparação profissional no ensino médio é uma imposição da realidade, admitir legalmente essa necessidade é um problema ético”. Tal afirmativa traz esse contraponto, de que: trazer para a escola de ensino médio a importância de se formar pensando na atuação profissional posterior é impor uma realidade, mas a partir do momento que isso se torna uma necessidade, ou seja, caso não seja feito fará falta, daí é um problema.

Ainda para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2015, p. 43) termos o “ensino médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a ‘travessia’ para uma nova realidade”. Portanto, alinha-se ao pensamento que se comumente encontra em Etecs e Fatecs, cujo intuito é a busca pela formação através do emprego do trabalho na educação. Aqui, definido sem as problemáticas que se envolvem na questão e abro diálogo nesse trabalho.

Para Frigotto (2007) o ensino tecnológico é uma necessidade da população, mas que conflitadamente nunca foi posto como necessidade pela população. Ainda, o autor alinha que

junto ao ensino tecnológico se alinhou os conceitos de ensino universal, laico, público e unitário. Para Frigotto, nesse momento vemos uma grande influência do mercado na construção dos currículos escolares. Em Bernard Charlot (2014, p. 54):

O Estado não renunciou a uma escola que inculca valores, mas, daí para diante, ele conferiu outra missão primeira à escola: contribuir para o desenvolvimento econômico. Tratou-se de elevar o nível de formação básica da população, para que ela pudesse ingressar em novos modos de produção e, também, de consumo

Ainda com Frigotto (2007), o capitalismo se mostrou, não só no Brasil, mas no mundo, que é possível conseguir crescimento mantendo a desigualdade, aumentando a concentração de renda e capital, sem gerar empregos e muito menos valor agregado a ele; e entender o capitalismo e seu contexto político, social, econômico e ideológico é também entender a estrutura da sociedade e seu reflexo no sistema educacional. Tal pensamento entra em concordância quando Charlot (2014) define o Estado Desenvolvimentista, cujas lógicas socioeconômicas trouxeram para a educação um pensamento economicista. Para ambos os autores o sistema capitalista toma as rédeas da educação, desde então, podendo ser interpretado como propulsor das atuais “necessidades” da população.

Quanto ao cenário político envolvido na questão, as políticas focais precisam ter uma efetiva ação na mudança social, com projetos que estruturam uma distribuição de renda e diminuir essa distância entre o valor agregado do emprego, assim como ampliar os investimentos na universalização da educação básica, e articulando ao ensino técnico e tecnológico, principalmente pensando em melhorar a qualidade de vida das pessoas (FRIGOTTO, 2007). Seguindo na definição de “necessidades da população”, Charlot traz que:

Não é o Estado que deve educar o povo, disse Marx, é o povo que deve educar o Estado. Encontra-se aí uma suspeita que atravessa a história desde o século XIX: a de que não seja o trabalho que atrapalhe o processo educativo, mas, ao contrário, a educação, na sua forma escolar, que se afaste do trabalho, desconheça o seu valor, ou, pelo menos, não prepare convenientemente para o trabalho. (CHARLOT, 2014, p. 49)

Portanto, não cabe simplesmente aceitar a imposição de certas realidades. A escola sempre configurada como “meio de campo” nesse sistema possui a missão fundamental de alinhar o jovem para o mundo do trabalho, mas não deixar que se imponha que tal trabalho será exploratório ou precário. Outro problema identificado é a interligação entre os níveis de ensino. Se esse pensamento de integração surge no ensino médio, resta discutir sobre a base estrutural se está se desenvolvendo no ensino fundamental. Saviani destaca essa diferença entre os níveis de ensino fundamental e médio, quanto a visão integrada do mundo do trabalho:

Se no ensino fundamental a relação é implícita e indireta, no ensino médio a relação entre educação e trabalho, entre o conhecimento e a atividade prática deverá ser tratada de maneira explícita e direta. O saber tem uma autonomia relativa em relação ao processo de trabalho do qual se origina. O papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho (SAVIANI, 2006, p. 14)

Reforço que essa análise de integração se apresenta em um cenário diferente ao da educação do nível médio da rede pública de ensino. As Etecs, por mais que também façam parte do Governo do Estado de São Paulo, são instituições vinculadas à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, e não da Educação. São níveis de investimento diferentes, seja em estrutura, em corpo docente ou na própria grade curricular, mas que também é uma instituição que sente uma grande falta de investimentos. Inclusive, Frigotto (2007) destacou que comparações das escolas da rede pública com o sistema técnico de ensino, na ocasião descrevendo principalmente o Senai, seriam totalmente inadequadas.

Considerando novamente as Etecs, identificamos historicamente modificações ao longo do tempo. Inclusive não se nota mais o mesmo método de ensino que era comum em meados de 1970, quando o ensino técnico era ofertado exclusivamente para filhos de operários e marginalizados. Ainda existe uma enorme necessidade de investimentos nas Etecs para que se consigam melhores resultados, inclusive indicado por Frigotto (2007) como sendo tais investimentos cruciais para se conseguir propor um ensino integral que traga ao jovem pleno desenvolvimento humano e uma integração com a vida do trabalho.

Ainda considerando Frigotto (2007) é extremamente fundamental que se resgate, já na educação básica, a universalização da educação pública, laica e gratuita, com uma concepção unitária e tecnológica. E Saviani indica necessidade de reformular a concepção daquilo que se muito entende no atual ensino médio:

Esta é uma concepção radicalmente diferente da que propõe um ensino médio profissionalizante, caso em que a profissionalização é entendida como um adestramento em uma determinada habilidade sem o conhecimento dos fundamentos dessa habilidade e, menos ainda, da articulação dessa habilidade com o conjunto do processo produtivo (SAVIANI, 2006, p. 15)

Voltando novamente às reflexões trazidas pelo capitalismo, identificando que é possível obter crescimento de um país, mesmo mantendo-se as desigualdades, percebe-se que não existe a necessidade de tal sistema em investimentos em melhorias da educação ou uma universalização do ensino médio de qualidade. Quando se criam projetos, não se identificam ações efetivas para execução, nem os investimentos necessários; não se melhora a estrutura,

não se capacita os envolvidos, e não passam de leis criadas que sobrecarregam o sistema e dificultam ainda mais as atividades das escolas. E pela falta de investimentos, pela estrutura que se mantém, sendo visível e praticamente tácita a subordinação ao capital e a classe trabalhadora sendo subalterna no mundo do trabalho, ou seja, uma sociedade que se mantém sob a produção de desigualdades, se alimentando dela, e tendo ainda a escola como instituição que pode ser reprodutora desse sistema ou simplesmente que acaba por refletir esse sistema e não consegue criar ações para mudança, identifica-se que existe uma lacuna muito grande para se trabalhar e conseguir integrar o ensino básico com o ensino técnico, aplicando por sua vez conceitos de formação politécnica, tecnológica e científica, inclusive essa integração no atual contexto é definida como ‘débil’ pelo Frigotto (2007).

Como se trabalhou ao longo de minha pesquisa, existe uma proximidade muito grande em definir que a evasão escolar das Etecs está diretamente ligada ao mercado de trabalho. Muitos envolvidos no cotidiano das Etecs fazem uma ligação entre a falta de oportunidades dos jovens em ingressar no mercado de trabalho como um dos principais pilares de sustentação do alto índice de evasão escolar. Portanto, nessa definição se subtrai qualquer outra responsabilidade que se possa atribuir aos envolvidos, por externalizar o problema. Nas pesquisas de Nadya Araujo Guimarães, Letícia Marteleto e Murillo Marschner Brito, os pesquisadores apontam que é extremamente importante aos jovens a inserção no mercado de trabalho, inclusive como tal atividade sendo relacionada à transição do jovem para vida adulta, no entanto uma inserção precoce revela as dificuldades financeiras da família, precisando que esse jovem, o mais cedo possível, contribua para o sustento da mesma; essa situação traz uma série de problemas para a sequência da vida escolar do jovem, influenciando negativamente em sua futura qualificação, e possivelmente, desqualificando-o para pleitear melhores cargos.

Quando estamos discutindo neste trabalho a educação técnica profissional, vale lembrar que estamos dialogando com a evasão escolar de jovens entre 15 e 17 anos, que estudam de maneira concomitante o ensino médio e o ensino integral, portanto são jovens com dedicação escolar que valem por dois turnos de seu dia, ou seja, entre 6 e 8 horas exclusivas para isso. E, mesmo assim, em alguns casos necessitam também iniciar uma dedicação para vida profissional.

Se no olhar da instituição temos identificado a falta de empregabilidade do jovem como hipótese primária de evasão escolar, em nenhum momento se pode afirmar que o ingresso no mercado de trabalho é uma condicional para permanência dele nessa modalidade de ensino. Pesquisadoras como Carla Corrochano (2008) e Marília Sposito (2009) identificaram que no Brasil o movimento de entrada dos jovens no mercado de trabalho ocorre mais cedo que o

abandono dos estudos, e que nem sempre esse fator é o indicado como o motivo pela saída do jovem de sua vida escolar. Em contraponto, por mais que não se indique o ingresso no mundo de trabalho como fator crucial para evasão, mantém-se a ideia de que essa prática, ainda mais quando relacionada a questões de precariedade do trabalho, é extremamente prejudicial ao desenvolvimento social e até profissional do jovem.

Os jovens ingressam em postos simples, de pouca qualificação, provavelmente executando atividades manuais, possivelmente em virtude da pouca escolaridade dos mais jovens e também da pouca experiência de trabalho acumulada. Os dados da pesquisa sugerem que o ingresso na atividade aos 16 anos, obrigando o jovem a conciliar trabalho e estudo, não representa um problema em si. Na verdade, o que parece ser a principal questão é o ingresso em postos precários que contribuem muito pouco para a qualificação do trabalhador. Por esse motivo, parece importante, para além da oferta de cursos de qualificação, um olhar mais aprofundado para as condições de trabalho juvenil e o desenvolvimento de ações que contribuam para o acesso a formas de ingresso em postos de qualidade, o que pode romper esse movimento comum de ingresso e manutenção em postos precários entre jovens de baixa renda (CORROCHANO, *et al.* 2008, p. 59)

Ainda no texto “Jovens e Trabalho no Brasil” foi possível interpretar que a qualificação profissional é insuficiente quando se analisa o mercado de trabalho e as oportunidades disputadas pelos jovens, como afirmam as autoras a seguir:

Há uma forte desigualdade nas formas de inserção no mercado de trabalho quando considerados o sexo e a cor/raça, fato indicador de que, provavelmente, a simples oferta de cursos de qualificação é insuficiente. Isso porque a escolaridade dos jovens do sexo feminino é mais elevada do que a dos jovens do sexo masculino. No entanto, a escolaridade não resulta em posições mais positivas no mercado; ao contrário, a proporção de rapazes nessa situação supera a das moças. Portanto, além da oferta de ensino de qualidade e de cursos de qualificação, é necessário o desenvolvimento de ações que ofereçam possibilidades de ingresso no mercado, atenuando as desigualdades que prejudicam as mulheres e os negros, em relação aos homens e brancos (CORROCHANO, *et al.* 2008, p. 59)

Levando em consideração os dados apresentados pela Etec Sales Gomes, em seu PPG, não é possível definir com exatidão o perfil socioeconômico de seus estudantes, se levar em consideração os levantamentos feitos por institutos como o IBGE. Contudo, algumas informações podem trazer hipóteses preliminares, como os principais interesses que levam os jovens a buscar o ensino técnico profissionalizante. Corti (2015) entende a importância do acesso à escola para todos estudantes, principalmente para parcelas mais pobres da sociedade, entretanto muitas vezes não é possível ver a escola como instituição que está efetivamente enfrentando essa desigualdade na sociedade:

Para muitos, o maior acesso à escola criou novas possibilidades de trajetórias de vida,

alterou padrões ocupacionais, inseriu parcelas dos segmentos mais empobrecidos na instituição escolar, que foi se tornando ponto de convergência de outras políticas sociais. Para outros, foram criadas novas expectativas ocupacionais não satisfeitas, produzindo frustração e aumentando o sentimento de fracasso. Os efeitos da ampliação do acesso escolar continuam a gerar frutos diversos e contraditórios na estrutura social brasileira (CORTI, 2015, p. 52)

Essa afirmação, segue em concordância com Beisiegel (2006) e a literatura de maneira geral, sobre a evolução da oferta das escolas públicas e gratuitas no Brasil, cujos avanços foram conduzidos por um regime precário e insuficiente para acompanhar tal progresso com a própria mobilidade social, e os anseios da população que viria fazer parte desse sistema. Reforçando tal afirmativa, Abramo (2020) afirma que ainda hoje não se encontram políticas públicas suficientes para conseguir manter o jovem na escola tempo suficiente para sua formação, sem precisar que este ingresse no mercado de trabalho, muitas vezes se submetendo a condições precárias, que podem prejudicar inclusive seu futuro profissional.

Segundo diversos autores, tais como Camarano (2006), Guimarães, Marteleto e Brito (2016) e Miranda e Corica (2018), vemos que a participação dos jovens no mundo de trabalho é um dos fatores para transição da vida adulta, é um processo social, como a conclusão da escolarização básica, a constituição de uma nova família, o nascimento de um filho, a saída das casas dos pais, e assim por diante; essa situação varia pelo contexto histórico, social e político nesse trajeto. Em Abramo (et al, 2020, p. 525) identificamos que “[...] No Brasil e em outros países da América Latina esteve nos próprios nexos entre o sistema educacional e o mercado de trabalho, aqui marcados pelo ingresso precoce de jovens no trabalho, por vezes ilegal⁵⁰, e pelos impactos dessa inserção precoce sobre a vida escolar dos jovens”. Ou seja, mesmo que ilegal e altamente prejudicial o ingresso do jovem no mercado de trabalho é algo institucionalizado, são números altos e de ciência (e até muita concordância) social. Abramo (2020) reforça que a vida familiar, escolar e profissional dos jovens, influenciam uma sobre a outra, trazendo impactos (positivos ou negativos) e mudando os rumos da vida desse jovem.

Os estudos de Corrochano (2012) e Tartuce (2010) buscaram por meio de entrevistas com jovens que alinham escola e trabalho, identificar os motivos que levaram estes a ingressarem no mundo do trabalho. Em resumo, os resultados apresentam que as e os jovens buscam por dois principais motivos: “ajudar a família” e “conquistar independência financeira”. Os resultados refletem a questão da necessidade econômica prevalecendo sobre as ações dos jovens, assim como a influência do capitalismo, as necessidades de consumo que fazem parte

⁵⁰ Define-se por atuação ilegal no mercado de trabalho a prática que acontece sem os devidos registros e acompanhamentos da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e que por sua vez geram um detrimento ao empregado.

do dia a dia. Em paralelo a este entendimento, Para Lia Ribeiro P. Almeida (2009, p. 368) “[...] quanto maior a independência financeira menos densa é a rede de vigilância e controle parental que limita a liberdade de ação e circulação”, por isso para o jovem também significa liberdade. Novamente, tal afirmativa se faz quanto ao jovem português, em um contexto pouco diferente daquilo que temos no Brasil, mas que ao meu entendimento podemos identificar também no cenário que vivemos. Por diversas vezes, em contato com jovens que recém ingressam no mercado de trabalho, pude identificar mudanças em suas posturas mediante o convívio social, dentre elas a busca pela autonomia.

Ainda sobre estudos realizados sobre esses jovens, em Abramo (et al, 2020) verifica-se que os jovens têm consciência que conciliar tais atividades (escola e trabalho), prejudica o processo de aprendizagem, contudo, muitos indicam que precisam ‘enfrentar’ tal situação da mesma forma. Nesse ponto, também vale reforçar que as dificuldades enfrentadas pelos jovens também variam:

As dificuldades decorrentes da sobreposição e as possibilidades de conciliação variam sobretudo em função das condições do trabalho exercido (jornada, intensidade, precariedade) e das demais tarefas pelas quais o jovem se responsabiliza no âmbito familiar, sobretudo o cuidado com membros vulneráveis (filhos, mas também irmãos menores ou pessoas doentes ou idosas). Nesse sentido, manifesta-se fortemente a desigualdade de gênero, trazendo para as jovens mulheres, desde muito cedo, a possibilidade de experimentar a situação de tripla jornada e obrigando muitas delas a participar, com as outras figuras femininas da família, da estruturação de uma espécie de rodízio intergeracional entre estudo, trabalho remunerado e tarefas domésticas. Além das condições de trabalho, a natureza da experiência escolar, suas regras e seu posicionamento também compõem as dificuldades e possibilidades para que a combinação seja ou não conciliável (ABRAMO, et al, 2020, p. 539-40)

Portanto, buscar o ensino especificamente para conseguir uma mobilidade econômica por meio do progresso profissional, o que se encontra muito forte em uma primeira análise feita em diálogo com estudantes de ensino técnico, pode não ser uma iniciativa muito condizente com a atual realidade; além de tal condição também variar de acordo com questões de gênero e raça, às vezes até sobrepostas a questões econômicas, como discutido anteriormente. Por definições, as escolas, isso incluindo as Etecs, por mais que tenham sistemas de integração com o mercado de trabalho, ofereçam um ensino voltado ao mundo do trabalho e estejam diretamente envolvidas com o empresariado, não podem e não conseguem dar garantias de que com certeza o estudante terá uma integração com o trabalho ou uma mobilidade social graças aos seus estudos. Recordando novamente a concepção de Martucelli (2015), segundo quem as escolas podem tornar-se mecanismos de criação de novas desigualdades, e perpetuar esse sistema, pois entendemos aqui que ela está construída em um círculo vicioso com o mercado

de trabalho, não criando meios de progressão social, mas sim mantendo a atual realidade.

No contexto das políticas públicas podemos identificar uma série de ações voltadas ao aumento significativo de matrículas nas escolas públicas, definida por pesquisadores como um processo de “massificação escolar” (BEISIEGEL, 1986), sem que, no entanto, os investimentos para tal conseguissem acompanhar essa atividade. Em paralelo a este processo, então, surgiram uma série de problemas, sendo a evasão escolar um dos principais.

Ainda, sobre o processo de massificação, encontramos uma influência do empresariado nas escolas, com grande interesse na participação da formação, haja vista o resultado da escolarização “apresentaria ao mercado de trabalho sua futura mão de obra” e aqui já encontramos dois grandes problemas nesse processo (KRAWCZYK, 2018): a evasão escolar não é desconhecida pelo poder público, tanto é que faz parte de diversos indicadores de órgãos governamentais, tais como IBGE, INEP e exposto pelo próprio Ministério da Educação; em paralelo, como demonstra Oliveira (2022), o maior índice de evasão ocorre no momento em que o estudante precisa optar em seguir na escola ou ingressar no mercado de trabalho. Contudo, para conseguir integração com o mercado de trabalho, por muitas vezes é exigido certos níveis de escolaridade. Aqui, voltamos com a problemática dialogada por Charlot (2014, p. 55):

Esse modo de articulação entre educação e trabalho induz também efeitos no mercado de trabalho. Hoje em dia, a formação, que era e permanece um direito fundamental do ser humano, e o diploma, que supostamente protege o trabalhador contra uma exploração exagerada da sua força de trabalho, viraram a maldição dos mais fracos: quem pouco frequentou a escola ou nela fracassou, quem não completou o ensino médio, quem não tem diploma não consegue emprego. E, na sociedade urbanizada desenvolvida, quem não encontra emprego não tem como se sustentar, criar uma família, manter uma “vida normal”.

Portanto, o mercado de trabalho exige uma qualificação do estudante, só que ele mesmo está tirando das escolas o jovem em formação, antes de conseguir se qualificar. E essa afirmativa nos traz ao ponto em que estamos entrando para a “sociedade do conhecimento com mentes valorizando mais o diploma do que o próprio conhecimento – o que aumenta o risco de que seja uma sociedade da informação mais do que uma sociedade do saber” (CHARLOT, 2014, p. 55). Krawczyk (2011) em seus estudos sobre jovens e mercado de trabalho reforça isso, destacando inclusive que esse processo de evasão por conta das necessidades de mercado configura uma legítima crise da educação.

José Machado Pais⁵¹ é outro autor que afirma a existência desse problema, cujas escolas

⁵¹ Os trabalhos apresentados por José Machado Pais referem-se diretamente para jovens europeus, em especial os

não conseguem dar garantias de sucesso ao jovem, mas vai além, pois para o autor, nem o mercado de trabalho consegue suprir aquilo que se almeja.

Nem o sistema educativo nem o mercado de trabalho parecem capazes de garantir a realização das aspirações de muitos jovens. Com dificuldades de inserção profissional, são então acossados por sentimentos de desilusão e descrença, traídos na capacidade de imaginar um futuro com esperança. Há pais que fazem um forte investimento na formação acadêmica de seus filhos na expectativa de que possam mais facilmente encontrar trabalho e tornarem-se independentes. Mas o que se observa é que muitos deles permanecem em casa dos pais, sem trabalho, economicamente dependentes. (PAIS, 2012, p. 268)

Em outra linha de estudos, pensando exclusivamente em trabalho e escola, o artigo de Paulo César R. Carrano, Andreia C. Marinho e Viviane Netto M. de Oliveira “Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio” apresenta balanço de pesquisas em que a repetência escolar é um dos maiores problemas em relação à sequência da trajetória escolar dos estudantes, enquanto:

Jovens com experiência no mundo laboral apresentaram maiores perspectivas de ingressar no ensino superior demonstrando o quanto trabalho e escola podem se articular para a elaboração de projetos de vida (CARRANO, MARINHO e OLIVEIRA, 2015, p. 1.452)

Nesse ponto, então podemos apontar o mesmo diálogo proposto por Carrano, Marinho e Oliveira (2015, p. 1.452), sendo:

Se, por um lado, trabalhar e estudar representam um desafio para a continuidade dos estudos sem truncamentos do fluxo da escolarização, por outro, a experiência de trabalho cria disposições relacionadas com a independência, a conquista da autonomia e o delineamento de projetos de futuro

Retornando aos debates de Krawczyk (2018, p. 4), considerando a inserção do empresariado e a influência econômica e política na educação, temos que hoje existe “[...] um novo estágio de reconfiguração do espaço público, no qual o empresariado busca o fortalecimento da capacidade de execução do aparelho administrativo (governo e escolar) e, ao mesmo tempo, se posiciona no cenário político educacional”. Esse novo cenário é identificado claramente quando se observam as escolas apresentando promessas de inclusão ao mercado de trabalho. Contudo, apesar de todas as promessas indicadas pelas escolas, o insucesso recai exclusivamente sobre o estudante, independentemente do quanto tenha se esforçado nesse

portugueses, mas são linhas de pensamento que podem ajudar na discussão dos jovens brasileiros, como o próprio autor afirma em seus trabalhos.

processo. E aqui abrimos outras vertentes para discussão: a relação da escola com o saber se tornou exclusiva para se conseguir um emprego e nada mais (CHARLOT, 2014)

Outra pesquisa relevante para entender os novos aspectos que identificamos no sistema de ensino é a de Claudia Basso (2014), cujo intuito da pesquisadora foi entender os contextos que seriam favoráveis para permanência dos estudantes no ensino técnico dentro do programa “Pronatec” (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego). Em suas considerações, a pesquisa aponta que a simples oferta de gratuidade do ensino já não é atrativo para os alunos permanecerem nas escolas. Na sequência do trabalho também não se consegue definir que a presença do mercado de trabalho é um ponto positivo no contexto da educação.

No diálogo sobre escola e mercado de trabalho, Christian Laval na obra “A escola não é uma empresa” apresenta pontos relevantes, tais como o dogma criado da escola atuando sob a ótica do mercado e a busca pela formação do indivíduo pelo profissionalismo e a produção do capital humano, que segundo o autor são facetas criadas pelo neoliberalismo. Segundo Laval, a educação nesse sentido tomou para si um sentido de que só deve existir ou só é útil caso esteja voltada para o setor econômico (LAVAL, 2004). Ainda, sobre a escola neoliberal, temos que:

Escola neoliberal é a designação de certo modelo escolar que considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico. Não é a sociedade que garante o direito à cultura a seus membros; são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que atinge tanto o sentido do saber e as instituições que supostamente transmitem os valores e os conhecimentos quanto o próprio vínculo social. (LAVAL, 2004, p. 22)

Para Christian Laval, ainda não era totalmente difundida a estruturação da escola neoliberal no país. Seu livro foi publicado no ano de 2004, mas apontava uma grande tendência para que isso, logo mais, fosse uma realidade. Seguindo em sua obra, Laval aponta os dois principais pontos que se pode identificar na construção da escola voltada ao sistema economicista:

Em primeiro lugar, a acumulação do capital depende cada vez mais da capacidade de inovação e da formação de mão de obra, portanto, de estruturas de elaboração, canalização e difusão de saberes ainda largamente a cargo dos Estados nacionais. Se a eficiência econômica pressupõe um domínio científico crescente e um aumento do nível cultural da mão de obra, ao mesmo tempo, e em razão da própria expansão da lógica de acumulação, o custo permitido pelo orçamento público deve ser minimizado por uma reorganização interna ou por uma transferência do ônus para as famílias. Acima de tudo, o gasto com a educação deve ser “rentável” para as empresas usuárias do “capital humano” (LAVAL, 2004, p. 23)

Portanto, a educação é vista como ferramenta para busca da eficiência econômica e, com isso, seus resultados devem ser satisfatórios para os desejos do mercado de trabalho. A

próxima razão identificada por Laval (2004, p. 26-7), seria:

A segunda razão está ligada à pressão das solicitações do mercado e das distrações audiovisuais, que aprisionam o desejo subjetivo na jaula do interesse privado e do consumo. O gozo da mercadoria se torna a forma social dominante do prazer dos sentidos e do espírito. Exceto quando contam com uma célula familiar protetora, os jovens são facilmente desviados da satisfação intelectual pela “socialização-atomização” mercantil e, por isso, é mais difícil que adiram à cultura transmitida pela escola. Na sociedade de mercado, o consumo vem à frente da instrução

Esse aprisionamento indicado por Laval demonstra a tendência, muito predominante nos dias atuais, de toda uma sociedade, que está diretamente ligada ao interesse pelo consumo e interligada nas redes sociais. A explosão audiovisual presente em nosso cotidiano torna o ambiente escolar um complexo cenário de necessidade de interação entre o professor e os alunos, na busca de conseguir a atenção dos estudantes. Em Etecs, a busca pela ampliação da carga horária prática, por exemplo, também, é uma tentativa de ampliar a atenção dos estudantes durante a formação técnica. Identificando aqui outra movimentação em triar para uma formação específica para o mercado de trabalho.

Estudando o cenário exclusivo da evasão escolar no ensino técnico, Dore (2013) pondera que é preciso ter cuidado ao analisar os números relacionados à evasão escolar, lembrando que não se pode trabalhar esse fenômeno apenas com avaliações numéricas, pensamento compartilhado também por Fredericheski (2020, p. 17) que reforça a necessidade de um “[...] olhar mais cuidadoso sobre o processo de evasão, pois existem fatores que podem desencadear a evasão do estudante, especialmente por se tratar de um indivíduo e não apenas de números estatísticos”. Como vimos anteriormente, a evasão é um fenômeno complexo, o sujeito pode apresentar trajetórias truncadas, o mercado de trabalho pode causar sua desistência da vida escolar ou motivá-los a seguir, diversos fatores precisam ser avaliados antes de se poder afirmar os reais motivos que influenciaram tais decisões; Roberto Kanaane e Claudio Kubilius (2019) destacam que o cenário político, cultural e econômico do país, além das aspirações dos jovens, seus desejos e as futuras possibilidades que encontram no caminho escolar, tudo isso traz influências na decisão sobre seguir ou não com os estudos, reforçando aqui as discussões sobre os fatores sociais e pessoais no processo de evasão.

4.3.1 Programas de empregabilidade combatem à evasão escolar?

Mantendo a discussão sobre empregabilidade, no universo das Etecs ingressamos em dois diferentes programas, que nas instituições são tratadas como ferramenta tanto para

combater a evasão escolar, quanto também como forma de integração dos estudantes com o mercado de trabalho. Os programas de estágio e de aprendizado que estão diretamente relacionados ao mundo do trabalho.

Pelos diversos problemas que hoje enfrentamos no país, considerando entre um deles o alto índice de desemprego, que no 4º trimestre de 2021 atingiu cerca de 12 milhões de brasileiros⁵², o estágio acabou ganhando uma importância muito maior do que ser uma disciplina integradora ao mercado de trabalho, essa atividade virou fonte de renda para muitos estudantes e para as próprias famílias. De acordo com a denominada “Lei de Estágio”, Lei nº 11.078 de 25 de setembro de 2015, afirma-se que o estágio é um:

ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2015)

Portanto, identifica-se que o ato do estágio é a busca pela ampliação da preparação do aluno para o mundo do trabalho, alinhando teoria e prática. No Brasil, passamos por um problema de precarização da mão de obra, devido aos inúmeros retrocessos que temos quando falamos sobre direitos trabalhistas nos últimos anos. Essa precarização e as mudanças no mercado de trabalho fazem notar que existe uma ampliação na procura das empresas, principalmente de médio e pequeno porte, por estágios oferecidos pelas Etecs.

A formalização da prática de estágio, nas Etecs, é algo teoricamente simples, uma burocracia muito baixa, pois para formalização basta a entrega de apenas um termo de compromisso de estágio, constando os dados do aluno, da empresa e do curso, assinado por todos envolvidos. Dali para frente, existem relatórios e controles da prática do estágio, mas não configuram como entrega obrigatória por parte do estudante, já que o estágio é desenvolvido como disciplina optativa. Tanto é que caso o estudante não entregue os relatórios ele não terá o estágio somado em sua formação, mas não terá nenhum prejuízo para sua formação técnica. Essa atitude apresenta um problema, a falta de formalização das práticas exercidas enquanto estagiário dificulta a regularização das atividades, ficando o estagiário diretamente condicionado às vontades do empregador, que nem sempre estão ligadas aos interesses de formação como descrito na lei.

⁵² Segundo o IBGE, no 4º Trimestre de 2021 o Brasil atingiu a marca de 12 milhões de desempregados, valor que é referente a 11,1% do País. Pelas pesquisas desenvolvidas pelo instituto nessa marca não são considerados os jovens que se dedicam integralmente aos estudos, as donas de casa e empreendedores que se dedicam aos seus próprios negócios (MEI - Microempreendedor Individual).

Aprofundando a forma como o estágio é tratado pela unidade de ensino, nota-se que existe um programa e uma ação coletiva entre equipe de gestão, professores e alunos para ampliar as oportunidades de estágio aos alunos. As exigências legais para o desenvolvimento de um estágio também podem ser acessadas no *site* descrito, porém como dito, tal prática não exige uma grande burocracia ou fiscalização efetiva das atividades exercidas, muito se desenvolve apenas pelo preenchimento de relatórios, o que não assegura que o estágio seja realmente um “ato educativo supervisionado”. Quando se pesquisa de maneira informal o que está acontecendo, o próprio aluno acaba não relatando com precisão as atividades desenvolvidas, o que pode ser explicado, como hipótese inicial, pelo medo de perder tal oportunidade que considera importante para sua carreira profissional.

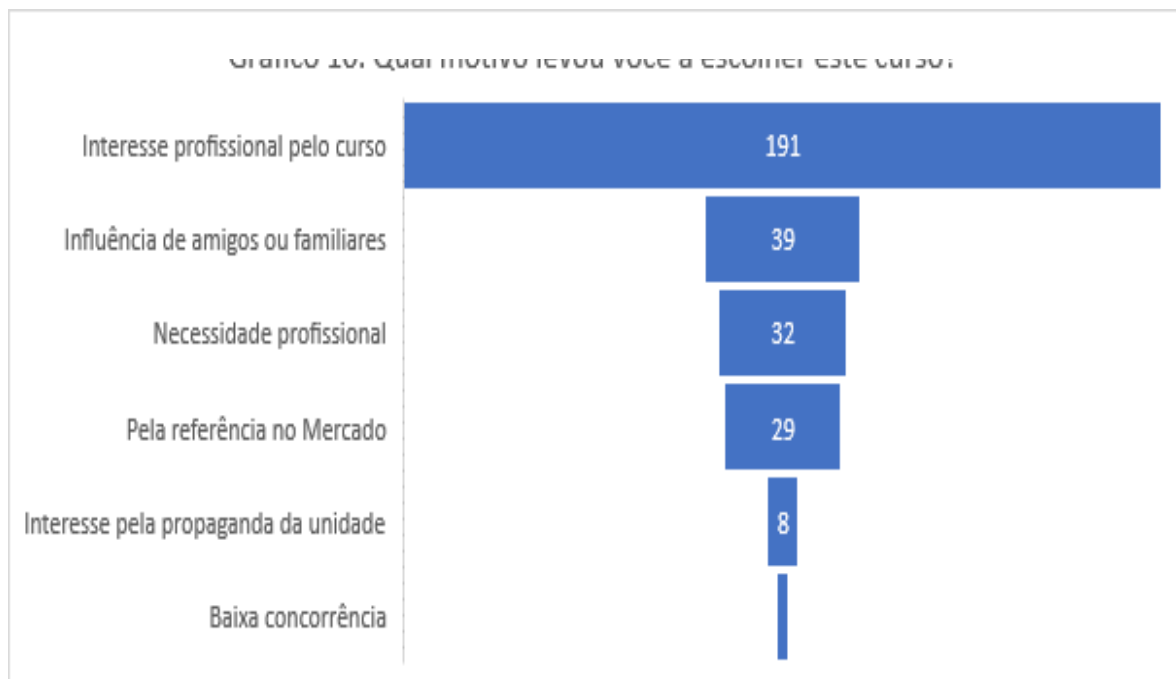
Quando digo que o estágio é uma oportunidade de o aluno conseguir ampliar sua renda (ou até pode ser em algumas ocasiões o próprio sustento da família), vale observar que a Lei do Estágio separa essa prática em “estágios obrigatórios” e “estágios não-obrigatórios”. Os estágios obrigatórios são aqueles destinados ao ensino superior e por sua vez permitem a formalização dessa prática sem remuneração; já o estágio não-obrigatório é aquele que acontece quando a grade escolar do curso não obriga que o estudante busque essa prática, mas que poderá realizá-la, desde que não prejudique seu desenvolvimento escolar, nem ultrapasse a carga horária de seu próprio curso, respeitando as exigências legais (BRASIL, 2015). O estágio não-obrigatório é atribuído para as escolas, em seus mais diferentes níveis de ensino, partindo do médio ao superior, e passando pelo técnico; o que determinará sua obrigatoriedade ou não serão suas grades curriculares e as devidas congregações envolvidas em sua construção. A lei do estágio determina que as escolas sejam responsáveis pela assinatura de um “termo de compromisso de estágio” e tal vínculo seja realizado com a assinatura da empresa e do estagiário (um familiar ou responsável legal deverá também assinar quando o estagiário for menor de idade).

Por não ter obrigatoriedade, as empresas interessadas na contratação de estagiários precisam determinar uma remuneração para esse estudante. Essa remuneração é definida no termo de compromisso de estágio e são referentes ao pagamento de “bolsa alimentação” e “bolsa transporte”. Como ponto de argumentação de uma possível precarização da mão de obra dos estudantes, as Etecs não possuem nenhum envolvimento financeiro sobre o contrato e na negociação entre estudante e empregador, ficando apenas a escola obrigada a verificar se existirá o pagamento e esse deve ser formalizado no contrato. Contudo, a legislação não define pagamentos mínimos para estagiário, diferente do que acontece na CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e no programa Aprendiz Paulista, comentado na sequência.

Voltando às determinações da Lei de Estágio, no §2º identifica-se que “O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (BRASIL, 2015), ou seja, essa atividade precisa de uma articulação entre escola e empresa, visando o desenvolvimento máximo do estudante. Entretanto o mercado de trabalho apresenta uma grande complexidade quanto a essa questão, como destacado anteriormente, nem sempre o estudante que é posto para estagiar, cumpre aquilo que é determinado, e quando apresentada obrigatoriedade de cumprir outras funções, ele faz sem reclamar, o que caracteriza uma série de problemas futuros.

Ciente dessas possíveis distorções, abro aqui uma possível ramificação para tentar identificar melhor os motivos que levam os alunos a evadir do curso técnico. Quando fazemos o recorte para os estudantes entre 15 e 17 anos que por sua vez estudaram paralelamente na Etec o no ensino médio, refletindo que conforme o gráfico 10 (abaixo), 77,3% dos estudantes que buscam o ensino técnico apresentam interesse direto pela área profissional do curso técnico, o que levou esse estudante a desistir dessa sua busca pelo ingressar no mercado de trabalho? Questiona-se também, alternativamente, se tal situação não teve influência alguma com o processo de evasão?

Gráfico 10. Qual motivo levou você a escolher este curso?



Fonte: Perfil Discente da Etec Sales Gomes⁵³

⁵³ disponível em <https://www.etcsalesgomes.com.br/upload/download/1605017743.pdf>

Outro programa desenvolvido nas Etecs é o “Aprendiz Paulista”. Esse programa por sua vez possui uma estrutura muito mais densa do que o Programa de Estágios abordado anteriormente, apesar de ser muito confundido pelos alunos ou até mesmo pelas empresas, o Aprendiz Paulista é um programa regulamentado sob a Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, que traz alterações na CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) (BRASIL, 2000).

O aprendiz é uma determinação do Governo Federal para empresas de médio e grande porte que precisam compor seu quadro de funcionários com 5 a 15% de jovens. Esses jovens precisam se encaixar em programas, de algumas instituições, tais como as Etecs, o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), entre outras instituições; o processo de contratação e controles é muito mais rigoroso do que o Programa de Estágios, sobretudo porque existe uma fiscalização muito grande em cima das empresas para que essa determinação seja cumprida.

Tendo a CLT como base determinante das normas de contratação dos aprendizes, os Governos Estaduais estabeleceram normas e unidades para aplicar e desenvolver seu programa. O Governo do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho (SERT), sob a luz do Decreto nº 54.695/2009 (ALESP, 2009), estabeleceu que as Etecs desenvolvessem o programa de aprendizagem junto aos seus cursos técnicos, determinando que a UFIEC (Unidade de Formação Inicial e Continuada) fosse o departamento dentro do CPS que articulasse todo controle documental do aprendiz, assim como fiscalizasse o desenvolvimento dos programas dentro das Etecs. As Etecs por sua vez definem dentre seus professores um escolhido para coordenar o programa, que atuará em mediação com as empresas para conseguir direcionar os alunos interessados em ser aprendiz e controlará em período posterior a atuação desse aluno (controle de frequência, apoio técnico e pedagógico, acompanhamento de rendimento e assim por diante).

Ainda entendendo a importância da lei do aprendiz, no Brasil a contratação de menores de 16 anos é proibida, salvo se estiver dentro das condições do Aprendiz (BRASIL, 2000). Como se afirma no artigo 428 da CLT:

Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação (BRASIL, 2005, p. 1)

Aqui já podemos identificar uma diferença muito grande entre estágio e aprendiz, apesar de o aprendiz também ter, na teoria, caráter formativo de aprendizado, esse é contratado como

funcionário da empresa, tendo seus registros e direitos assegurados. O aprendiz permanece em atividade profissional durante o prazo de seu curso e recebe suporte da instituição de ensino e da empresa para que se tenha resultados de desempenho, mostrando um desenvolvimento satisfatório ao longo de sua formação.

Já quando se trata de estágio, por mais que se tenha a legislação de estágio determinando as regras e a instituição de ensino busque regularizar a atuação, não existe registro de uma fiscalização rigorosa pelos órgãos competentes na atuação do estagiário e foge da instituição de ensino a liberdade ou o poder para intervir na atuação profissional, podendo essa ação inclusive levar ao desligamento do estagiário de suas atividades, o que pode ser extremamente prejudicial, pois muitas vezes o estágio se torna fonte de renda familiar. Em contrapartida, empresas multinacionais possuem implantação de Programas de Estágio muito valiosos, e não generalizo tal problemática, destacando ainda que são muitos casos positivos de alunos que participam de tal atividade, mas faço a ressalva sobre uma situação que pode ser um problema que vai além da atuação direta das Etecs.

Por consequência, quando se discute evasão escolar em unidades de ensino técnico é fundamental também abrir discussões sobre os programas de estágio e programas de aprendizagem, pois como dito, são atividades institucionais diretamente utilizadas para combater a evasão. Seguindo, inclusive números apresentados pela instituição, em seu Plano Plurianual de Gestão, os índices de evasão escolar quando os alunos atuam como estagiário ou aprendiz, são muito mais baixos do que quando comparados com aqueles que não participam de tais programas. Portanto, cabe nesse estudo então olhar para essa experiência, de maneira investigativa, crítica e trazer mais sobre esse processo, ajudando a entender a influência do mercado de trabalho na vida desses estudantes.

4.4 A EVASÃO ESCOLAR: PROBLEMAS ESTRUTURAIS, PEDAGÓGICOS E SOCIAIS

Considerando a complexidade que gira em torno do fenômeno da evasão escolar, Ceratti (2008) destaca a importância de se levar em conta os fatores sociais na construção deste processo. Para o autor, inclusive, as influências sociais vivenciadas pelo estudante no processo de escolarização precisam ser entendidas primeiro, para a partir daí se buscar as outras fontes que podem se tornar motivo de evasão escolar. Esse entendimento é compartilhado por Rosemary Dore e Ana Zuleima Luscher em seus artigos sobre evasão escolar no ensino técnico.

Lia P. Ribeiro de Almeida (2009) em sua tese de doutorado cuja pesquisa ocorreu em Portugal e teve como enfoque principal o envolvimento entre juventude, família e autonomia

levantou que o ato da evasão escolar está envolvido com uma série de fatores, principalmente em sua tese com a contextualização do jovem, seu local de estudo, as condições familiares e seu interesse por buscar a autonomia por meio da vivência com o mundo do trabalho, perdendo o sentido de se continuar na vida escolar (ALMEIDA, 2009). Portanto, na necessidade de novas experiências, nos interesses subjetivos do estudante que se criam pelo contexto em que vive, aqui os fatores pessoais e sociais se fazem presentes e muito fortes na trajetória escolar, bem como na busca pessoal dos jovens pela, digamos assim, “criação do eu”.

Ao longo da história surgiram diferentes linhas de pensamento sobre a educação, em muito, conflitantes. O interesse geral podemos traduzir que seria, obviamente, entender o máximo possível sobre o sistema de ensino e toda a complexidade que permeia a escola, o professor e os estudantes. Dentro de todo esse processo histórico temos nos estudos dos sociólogos franceses, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, materiais valiosos para se analisar, seja em concordância ou para refutar. Nos estudos denominados “A reprodução”⁵⁴, os autores consideravam que a escola é uma responsável direta pelo sucesso ou fracasso do aluno, principalmente quando se trata de pessoas oriundas das categorias mais pobres. Maria Alice Nogueira e Cláudio Marques Martins Nogueira nos estudos “Bourdieu & a Educação” discutem os pensamentos de Bourdieu, no qual traduzem os pensamentos do sociólogo indicando que para Bourdieu o princípio de inteligibilidade se dá na relação entre o sistema de ensino e a estrutura das relações de classe. Portanto, só se pode compreender os trabalhos pedagógicos e a escola se relacionar com o sistema de classes. Retirando aqui então a neutralidade no sistema de ensino (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014).

Seguindo nessa linha de pensamento, se no sistema de ensino eu relaciono com o sistema de classes e retiro a neutralidade do ensino, que podemos também definir como a universalização, automaticamente passo a interpretar que dentro do sistema de ensino a bagagem cultural dos envolvidos estará presente e, indo além, a bagagem cultural daqueles que construíram o sistema de ensino também estava presente no momento da organização escolar. Bourdieu, segundo estudos de Maria Alice Nogueira e Cláudio Marques M. Nogueira (2014) indicava que não existem culturas superiores, entretanto existe uma arbitrariedade sobre a cultura e, nesse momento é onde ocorre a legitimação da desigualdade, pois simplesmente passa a ter mais valor à cultura ao qual se faz presente nas classes dominantes e tal cultura é

⁵⁴ Esse estudo de Bourdieu ocorreu na França, na década de 60. Uma outra realidade e em diferente contexto do que se abordou por exemplo a Lia P. Almeida, que foi um estudo mais recente e em Portugal. Entretanto olhar para diferentes locais e períodos podem enriquecer o entendimento desde que consiga extrair como tal situação se encaixa ao contexto que deseja estudar.

reproduzida nas escolas.

Para Bourdieu ainda, tal imposição cultural só poderia existir caso a escola fizesse sua transmissão de forma oculta, indicando neutralidade, mas dentro de seu sistema de ensino legitimando a sobreposição de culturas:

“[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças de diferentes classes sociais” (BOURDIEU, 1998, *apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014, p. 73)

Seguindo nos estudos de Maria Alice Nogueira e Cláudio Martins M. Nogueira, ficaria clara a reprodução da classe dominante, quando:

Para Bourdieu, esse domínio variaria de acordo com a maior ou menor distância existente entre o arbitrário cultural apresentado pela escola como cultura legítima e a cultura familiar de origem dos alunos. Bourdieu observa que a comunicação pedagógica [...] exige implicitamente, para seu pleno aproveitamento, o domínio prévio de um conjunto de habilitados e referências culturais e linguísticas que apenas os membros das classes mais cultivadas possuiriam. Os professores transmitiriam sua mensagem igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Esses instrumentos, no entanto, seriam possuídos apenas por aqueles que têm a cultura escolar como cultura familiar, e que já são, por isso mesmo, iniciados nos conteúdos e na linguagem utilizada no mundo escolar (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014, p. 74).

Nesse contexto, Bourdieu então reforça que o sucesso escolar seria fruto dessa comunicação, cujas crianças oriundas de culturas que não fizessem parte desse contexto escolar, e que por sua vez, não conseguiam acompanhar esse processo, teriam menor capacidade do que àqueles que se apropriassem dos ensinamentos escolares. Nessa linha de pensamento, “a escola cumpriria, assim, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA, e NOGUEIRA, 2014, p. 75).

Essa relação se dá pela estrutura na qual a escola é construída e sua interação com os jovens, muitas vezes mais violentas, mesmo que simbolicamente falando, do que acolhedora e/ou transformadora (BOURDIEU-PASSERON, 1975). Portanto aqui, partindo para relação escola-estudante, vale a discussão sobre os conflitos nessa constante interação aluno-professor, pois sem dúvidas é um ponto extremamente importante para progredir com os estudos da evasão escolar.

Em trabalho posterior de pesquisa coletiva, “Os excluídos do interior”, Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2001, p. 483) reforçam que a escola estaria se tornando um “engodo e fonte de uma imensa decepção coletiva”. Uma definição incisiva das escolas considerando que

simplesmente as unidades escolares não conseguiam estar cumprindo com as promessas feitas para sociedade. Em contribuição ao pensamento, Laval, reforça o direcionamento das instituições de ensino ao fator econômico, quando diz:

Embora, mais do que nunca, o discurso oficial reconheça a educação como fator essencial de progresso, não podemos senão constatar a erosão dos fundamentos e finalidades de uma instituição que até pouco tempo atrás se dedicava à transmissão da cultura e à reprodução dos referenciais sociais e simbólicos da sociedade. Os objetivos “clássicos” de emancipação política e desenvolvimento pessoal que eram confiados à instituição escolar foram substituídos pelos imperativos prioritários da eficiência produtiva e da inserção profissional. Presenciamos, no campo da escola, a transmutação progressiva de todos os valores em mero valor econômico (LAVAL, 2004, p. 29).

Adiantando alguns dados obtidos pela realização desta investigação, quando extrai da pesquisa de perfil discente realizada pela Etec Sales Gomes na questão sobre o motivo pelo qual os alunos buscam o ensino técnico, a grande maioria destaca o interesse em conseguir qualificação profissional para estudar na área do curso. Novamente, nas Etecs podemos identificar que são constituídas com essa finalidade, ou seja, de integrar o aluno com o mercado de trabalho, construindo durante o processo de escolarização uma ponte no término da qual o aluno estaria apto para atuação profissional na área escolhida e inserido no mercado de trabalho. Contudo, se existe em seu cotidiano um alto índice de evasão escolar, precisamos entender os problemas que o processo apresenta, sendo um deles o modo pelo qual está ocorrendo a interação aluno-professor.

Nora Krawczyk abre um diálogo sobre a importância dessa interação, definindo que “[...] para os estudantes, o sentido da escola está bastante vinculado à sua integração escolar e à sua identificação com o professor” (KRAWCZYK, 2009, p. 9). Com o mesmo sentido, Carla Corrochano e Caíque Diogo de Oliveira quando estão estudando os jovens do ensino médio destacam que a relação professor-aluno vai muito além de uma “transmissão do saber”, ela tem ligação com a “[...] identificação e solidariedade, e de outro por exclusão e violência” (CORROCHANO e OLIVEIRA, 2021, p. 10). Portanto, ao mesmo tempo em que uma relação entre aluno e professor pode produzir um ambiente acolhedor, no qual o aluno se identifique e deseje estar e seguir naquele local, também pode ser um momento de conflito, definido pelos autores como um local de ‘violência’ e essa violência, mesmo que simbólica⁵⁵ como já me referi

⁵⁵ O conceito de violência simbólica foi criado por Pierre Bourdieu ao definir o ato das instituições escolares desconsiderar os saberes das classes de menor capital cultural, privilegiando as culturas dominantes. Agrega-se ao processo de violência a legitimação da estrutura dominante, perpetuando a ideologia que condiz com os interesses da classe dominante.

anteriormente neste trabalho, expulsa o aluno e pode encerrar sua trajetória escolar.

Entre as Etecs, a unidade de ensino de Tatuí foi uma das primeiras escolas técnicas do país, criada em 1934. Seu corpo docente é constituído por profissionais com formação acadêmica superior na área em que lecionam e experiência profissional relativa⁵⁶. De começo vale destacar que o mercado de trabalho de hoje, por mais que os docentes busquem atualização contínua em seus currículos, é muito diferente daquele que eles vivenciaram; além das mudanças constantes que ocorrem no mercado de trabalho e no distanciamento, até que natural, do docente com a área de atuação outro ponto que pode ser levantado são “As crenças de auto-eficácia dos professores”, título do trabalho de José Aloyseo Bzuneck que propõe um diálogo sobre os reflexos da ação do professor no processo de escolarização. Para o autor então temos que:

As crenças de autoeficácia resultam de um complexo processo de auto-persuasão, ou seja, o indivíduo processa a informação advinda de quatro principais fontes: experiências positivas de êxito em tarefas anteriores; experiências vicariantes, mediante a observação de outras pessoas com êxito em situações similares; persuasão verbal ou outras influências sociais que comunicam e convencem; e estados fisiológicos, que sugerem julgamentos quanto à própria capacidade, força e vulnerabilidade. De todos esses fatores, são as reais experiências de êxito que propiciam o mais seguro incremento de auto-eficácia, sendo indispensáveis mesmo na presença das demais fontes. Aliás, uma vez bem estabelecida numa pessoa a crença de auto-eficácia, eventuais experiências de fracasso não representam para ela uma ameaça significativa, a não ser em função de certas atribuições de causalidade pelo fracasso (BZUNECK, 2000, p. 6)

Entender esse processo de construção da auto-eficácia do professor é dar mais um passo na identificação de possíveis conflitos entre aluno e professor. Quando me refiro que o corpo docente das Etecs é constituído por professores que, em sua grande maioria, vivenciaram o mercado de trabalho em outras épocas, me recordo do que indica Dayrell (2007, p. 1.107): “[...] o jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores”. Essa diferenciação pode aqui então representar um conflito intergeracional ou uma ruptura no processo pedagógico.

Em contraponto, Bernard Charlot (2014) apresenta um ponto de vista muito interessante quando se busca entender o processo de construção do conhecimento que hoje encontramos nas escolas. Ser professor não é mais “simplesmente dar aula”. As configurações dos espaços

⁵⁶ Essa informação pode ser obtida dentro dos editais de processos seletivos dos docentes, cuja formação superior na área é critério obrigatório de apresentação para participação e a experiência profissional em alguns casos, vide em www.cps.sp.gov.br

escolares mudaram, e a competência atribuída aos docentes também:

[...] Poder-se-ia resumir o desafio novo a ser enfrentado pela escola e seus professores pela seguinte constatação. Outrora, o professor era um funcionário público, cuja função era definida por textos oficiais. Bastava-lhe cumprir as exigências dos textos, em particular quando estava sendo fiscalizado. Se os pais reclamassem dele, podia invocar aqueles textos e concluir que estava cumprindo as suas obrigações e fazendo o seu trabalho. Acabou essa época. Hoje o professor é considerado um profissional. O seu trabalho já não é, ou pelo menos não é apenas, cumprir tarefas predefinidas, é também, e antes de tudo, resolver os problemas. Pode inovar, pedir conselhos a quem quiser, mobilizar recursos locais etc.: o que importa é que ele encontre um jeito para resolver os problemas na sua classe e entregue aos alunos bem-sucedidos (CHARLOT, 2014, p. 31-2)

Aqui então apresentamos dois pontos interessantes que podem se desdobrar em conflitos no cotidiano escolar, mas ainda podemos ampliar para diversos outros cenários. Em nossa sociedade temos que as escolas passaram a configurar o espaço de desenvolvimento econômico e social, cuja população precisa apresentar um melhor nível de formação para conseguir oportunidades no mundo do trabalho e a competência passa a ser da escola, que já precisa lidar com a democratização do ensino e os novos cenários que se encontram a educação, como por exemplo, receber uma série de alunos que não encontram nenhum sentido em estar lá, transportados muitas vezes pela progressão continuada ou simplesmente pelo fato de estarem sendo obrigados pela legislação vigente e o professor recebe a carga de contextualizar toda essa problemática e apresentar um “ensino de qualidade”⁵⁷.

Nesse sentido, outro ponto que precisa ser levantado é como estão sendo trabalhadas as matrizes curriculares das escolas técnicas, que são o embasamento legal da atuação docente e o direcionamento que eles recebem para construção de suas aulas. Essas bases estão sendo reestruturadas, principalmente mediante a lei nº 13.415/2017, lei do ensino médio já citada neste trabalho. Deve-se considerar ainda a integração entre ensino médio, ensino técnico e os destacados ‘itinerários formativos’ que buscam introduzir o pensamento de formação voltada ao mercado de trabalho, a profissionalização do jovem. E nessa discussão da educação tornar-se mercadológica, partimos para outro diálogo, sobre a justiça escolar e o mérito como forma de análise de desempenho e critério para definição do “sucesso escolar”.

⁵⁷ “Pelo fato de a sociedade contemporânea priorizar as lógicas de qualidade e eficácia, a escola deve atender a novas exigências. Essas não são em si abusivas, mas resta saber o que significam as palavras “qualidade” e “eficácia” quando referidas à escola. Pode esse sentido ser muito diferente em uma lógica do diploma e da concorrência e em um projeto de verdadeira formação para todos” (CHARLOT, 2014, p.40-1)

4.5 A MERITOCRACIA E A JUSTIÇA ESCOLAR NO CONTEXTO DO ENSINO TÉCNICO CONCOMITANTE

Florestan Fernandes (1988) faz o seguinte questionamento em um de seus discursos, em “O processo constituinte”: as escolas não retêm o estudante, mas os expulsam. Por quê? Essa indagação abre um universo de possíveis discussões sobre o assunto, mas aqui vamos partir em duas frentes, cujas informações são fundamentadas por François Dubet (2004) e Danilo Martucelli (2015), autores que discutem, entre outros assuntos, a justiça escolar e o mérito. Existe uma grande controvérsia quando se analisa o sistema escolar, tentando traduzi-lo como um ambiente “justo e meritocrático”, utilizando desses termos para definir que a instituição de ensino combate desigualdades sociais. Pelo contrário, os estudos desses pesquisadores mostram que as escolas podem estar inclusive contribuindo com o aumento das desigualdades sociais não apenas reproduzindo desigualdades sociais prévias.

Essa hipótese precisa ser discutida, pois as Etecs são instituições altamente voltadas ao mercado de trabalho e em seu cotidiano o ensino proposto é voltado à prática, sendo por muitas vezes o mérito pelo desempenho do estudante tendo destaque. Dubet (2004, p. 31) define o mérito no ambiente escolar como uma “[...] crueldade subjetiva” e adiante afirma que as instituições de ensino não apresentam mecanismos para auxiliar os alunos que apresentam fracassos em sua trajetória escolar (DUBET, 2006). Ainda segundo este sociólogo francês, esse sistema cria competitividade, mas não gera garantias de sucesso, e caso isso não ocorra, a responsabilidade é sempre repassada ao aluno, nunca à instituição.

Dubet (2004, p. 551) salienta que “[...] uma escola ‘meritocrática’ de massas cria necessariamente ‘vencidos’” e Martucelli (2015) indica que escolas inseridas no sistema meritocrático são responsáveis pelo aumento da desigualdade. Ainda, Dubet ratifica que as sociedades democráticas escolheram o mérito como princípio de justiça, ficando assim definido que, em tais contextos, “[...] o mérito pessoal é o único modo de construir desigualdades justas” (DUBET, 2004, p. 544). Seguindo no pensamento do mérito, mas olhando para pesquisas mais próximas e recentes, parto para o estudo do professor Felipe Tarábola (2017) sobre o mérito relacional; seu trabalho foi desenvolvido com estudantes ingressantes na USP oriundos de escolas públicas com o intuito de entender como o mérito era visto pelos jovens que ingressaram na universidade e o resultado foi que os jovens não acreditavam na existência real do termo, utilizando então a metáfora do “canto da sereia” para definir a forma como os estudantes viam a aplicação do sistema meritocrático no processo.

Portanto, nos estudos de Dubet e Martucelli podemos extrair que o sistema meritocrático

aplicado às escolas não consegue ser justo, pelo contrário, em determinados contextos ele amplia desigualdades e o pior é que isso se torna válido socialmente, criando uma escola que não atua no desenvolvimento do sujeito e transfere a culpa do insucesso escolar totalmente ao aluno que evadiu. As pesquisas de Tarábola indicam que nem os alunos envolvidos em sistemas meritocráticos acreditam nas existências ou na eficiência deles.

Quando reflito sobre toda nossa atual estrutura de ensino, não me prendendo apenas à escola, mas também pensando sobre a sociedade como um todo, recorro a Alain Touraine (1998) que descreve que o espírito de uma sociedade se manifesta em suas regras jurídicas e em seus programas de ensino. Anteriormente neste trabalho utilizei a frase de Florestan Fernandes que a educação no Brasil sempre foi escamoteada; para Touraine a educação deveria ser voltada para evolução do indivíduo, mas infelizmente o que muito se nota é a educação voltada à economia. Lívia Barbosa (2003, p. 70) em seu estudo sobre “Meritocracia à brasileira” um estudo sobre o uso de indicadores no Brasil indica que “[...] no Brasil, desempenho não se avalia, se justifica”, tecendo uma crítica à forma pela qual administramos nosso sistema de ensino. Todos esses autores nos trazem uma série de problemáticas que encontramos no sistema de ensino e que por sua vez tornam ainda mais ilusório pensar em uma escola meritocrática neste modelo de sociedade em que vivemos.

Outro ponto a se considerar sobre a construção da meritocracia no sistema escolar é quando Christian Laval, reforça que:

A massificação escolar não conduziu ao grande amálgama social e ao reinado da meritocracia harmoniosa, muito pelo contrário. As dificuldades enfrentadas por um grande número de estabelecimentos escolares com forte apelo popular foram agravadas por políticas liberais que acentuaram a marginalização de partes importantes da população e aprofundaram as desigualdades que afetam de múltiplas formas o funcionamento da escola (LAVAL, 2004, p. 20)

Com isso, para estudar a evasão escolar das Etecs é fundamental também que se verifique a influência da meritocracia nesse fenômeno. As instituições de ensino apresentam programas de integração ao mercado de trabalho, mas não dão garantias de que todos terão a oportunidade, bem como torna-se incapaz quando ao interagir com o mercado de trabalho se posta mediante a uma vaga “exclusiva para um determinado gênero” ou que exija um determinado nível de conhecimento que naquele momento seu estudante não possui.

Dubet, em uma entrevista concedida em 2021, de forma virtual e intitulada como “Entrevista com François Dubet: Será que a escola pode salvar a democracia”⁵⁸.

⁵⁸ O conteúdo pode ser visualizado em https://www.youtube.com/watch?v=_J4KzcHxWk4. O material foi publicado pelo “Ateliê de Humanidades”, compartilhado no Ciclo de Humanidades Virtual: Os fins do humano

A injustiça é o obstáculo à pura igualdade das oportunidades. [...] O que isso quer dizer? Quer dizer que não se contesta as desigualdades de posição social, mas contesta-se as desigualdades de acesso às posições sociais. E é uma concepção bem diferente da justiça. Por exemplo, na sociedade industrial clássica, as desigualdades entre homens e mulheres eram muito fortes, mas, de certa forma, não estavam no centro de uma visão focada na exploração econômica. Hoje em dia, as desigualdades entre homens e mulheres na Europa são muito mais fracas, mas são insuportáveis, pois as mulheres são discriminadas. Isso gera um problema, é claro. Isso é um problema de justiça, pois ela não visa reduzir as discriminações, mas sim produzir desigualdades justas, pois seria resultado de uma competição justa (DUBET, 2021, p.1)

Esses são exemplos que facilmente podem ser identificados nos cotidianos das Etecs. Graças à vivência pela busca por integração dos estudantes com o mercado de trabalho, por muitas vezes me deparei com tal cenário. Todos têm os mesmos direitos e oportunidades para conseguir suas devidas posições no mercado de trabalho, entretanto, na construção desse cenário muitos são excluídos, mas são excluídos de uma forma “justa”. Nesta situação, para quem deve-se atribuir a responsabilidade do fracasso⁵⁹ nesse processo? É uma pergunta complexa, que talvez envolva diversas vertentes. Uma forma de entender esse fato é retornar ao que nos traz Dubet:

Somos totalmente seres sociais e, ao mesmo tempo, somos o sujeito, os atores [...] A escola é um sistema no qual os indivíduos se produzem por si, se fabricam por si, através da motivação, da estratégia etc. Então, construí um pequeno mecanismo teórico que seria longo de mais a ser exposto, mas que, no fundo, diz: os atores sociais são confrontados a situações e problemas, essas situações e problemas não são escolhidos por eles, mas são eles que dão sentido e que reagem a essas situações e problemas. [...] Não fazemos exatamente o que nossos papéis e estatutos nos dizem para fazer. É por isso que há protestos, movimentos sociais de um lado e, do outro, depressões, suicídios. Pois é o paradoxo ao qual foi construído (DUBET, 2021, p. 1)

Portanto, a escola se pode entender que está perplexamente inserida no meio de uma construção, aqui retomamos o princípio da dialética. Sua história se constrói ora atendendo os desejos da burguesia, seus cotidianos em muitos caminhos se alinham com o empresariado, reproduzem desigualdades em certos contextos, mas que são construídas por sujeitos, sujeitos que vivem socialmente, mas também se configuram como atores e, portanto, podem apresentar poder de ação revolucionário. E nesse incessante conflito, cabe abordar neste estudo o contexto das discriminações dentro do ambiente escolar.

⁵⁹ Novamente aqui se destaca o problema enfrentado pelo movimento neoliberal que traz ao aluno a responsabilidade pelo seu fracasso escolar. A desistência de seguir em seus estudos, independente dos motivos que levaram ao fato são transportadas ao aluno.

4.6 DISCRIMINAÇÕES POR GÊNERO E RAÇA NO ENSINO TÉCNICO

Nos retratos históricos que apresentei ao longo de meus estudos podemos entender que ocorreu um processo de massificação e democratização do ensino em nosso país, bem como esse processo foi recheado de “crises”. Como foco principal de diálogo nesse momento, vamos nos atentar para a visão economicista que passamos a identificar na educação. Se temos escolas voltadas ao sistema econômico e ligadas diretamente ao mercado de trabalho, uma das situações que chamam a atenção são as práticas discriminatórias que podem ocorrer nesse cenário. Se abrir uma discussão sobre o processo de ensino dentro de Etecs, será extremamente comum que essa conversa seja direcionada para o mercado de trabalho. Portanto, entender os fatores discriminatórios passa a ser essencial quando se busca o combate da evasão escolar.

Por discriminação, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) apresenta que “qualquer distinção, exclusão ou preferência feita com base na raça, cor, sexo, religião, opinião política, nacionalidade ou origem social, que tem como efeito anular ou prejudicar a igualdade de oportunidades e tratamento no emprego ou na ocupação” (OIT, 2013, p. 12). Ainda, complementa-se que discriminar é o ato de tratar alguém de modo diferente e de forma menos favorável devido às características antes descritas. Passos (2015, p. 27) reforça que discriminação é “[...] tratar as pessoas de forma desigual devido a características pessoais que não têm relação com seu desempenho” e Assis (et al, 2020) reconhece que a própria distinção no emprego, cujo fundamento sejam os méritos individuais já podem ser traduzidos como um ato discriminatório.

Nesse momento vale o destaque que o mercado de trabalho é repleto de desigualdades, o Brasil faz parte de um tratado internacional da OIT, assinado em 2003, definido como “Agenda de trabalho decente”, com o compromisso de atuar fortemente no combate às desigualdades no trabalho e promoção do emprego de qualidade, o respeito às normas internacionais de trabalho, a extensão e proteção social e o diálogo social. Em resumo, esse tratado foi definido da seguinte maneira:

Nosso compromisso de combater a pobreza, a desigualdade, a fome e a exclusão social para melhorar as condições de vida de nossos povos e fortalecer a governabilidade democrática nas Américas. Conferimos o direito ao trabalho, tal como está estipulado nos instrumentos de direitos humanos, um lugar central na agenda hemisférica, reconhecendo assim o papel essencial da criação de trabalho decente para a realização desses objetivos. (Parágrafo 1º da Declaração de Mar del Plata)

A Declaração reconhece ainda “[...] o valor do trabalho como atividade que estrutura e dignifica a vida de nossos povos, como um instrumento eficaz de interação social e um meio

para a participação nas realizações da sociedade, objetivo primordial de nossa ação governamental para as Américas” (Parágrafo 76). Portanto, o compromisso firmado há quase duas décadas ainda talvez não apresente resultados contundentes na questão, pois percebemos um viés que cada vez mais facilita certos atos discriminatórios no trabalho, bem como o número de atuações informais vêm aumentando nos últimos anos.

Ainda quanto as discussões sobre discriminação, podemos separar tais atitudes em ‘diretas’ ou ‘indiretas’; Pela OIT (2013) ela é direta quando regulamentos, leis e políticas explicitamente excluem ou prejudicam os trabalhadores considerando opiniões ou características pessoais, já a indireta é quando ela ocorre, de maneira aparentemente neutra, sem pretensão de se fazer distinção, mas que ocorre o prejuízo da mesma forma, ou seja, ainda mais complicada de se identificar e corrigir. Existe uma série de problemáticas quanto a questão, pois seja por raça ou gênero, no Brasil lutamos contra uma série de problemas ocultos, ou seja, é perceptível quando se olha para o problema estatisticamente, mas no cotidiano é extremamente difícil combater aquilo que se é negado com ênfase entre os sujeitos que praticam atos discriminatórios.

Nas discussões sobre o preconceito quanto às questões de gênero, abro tal diálogo introduzindo o termo “competência” que muito se faz presente no contexto empresarial e, por sua vez, contribui com a forma desigual que alguns cenários são construídos na sociedade. Para Helena Hirata, “[...] competência remete, assim, a um sujeito e uma subjetividade, e nos leva a nos interrogar sobre as condições subjetivas (e intersubjetivas) da produção” (HIRATA, 1996, p. 133). Nesse cenário, através do sentido de competência o mercado configura uma situação ao qual determinados sujeitos terão ou conseguirão construir uma situação de vantagem sobre os demais; Para Lucie Tanguy (2001), cujos estudos de competência foram construídos analisando o cenário da América Latina como um todo, “*la formación es antes que nada para las empresas, un instrumento de competencia económica y para los individuos, un instrumento de acceso y de mantenimiento del empleo*” (TANGUY, 2001, p. 111). Portanto, escola e mercado estariam atuando para uma formação direcionada, construída através do sentido de competências.

Tal cenário impõe sobre os sujeitos uma legitimação de uma série de desigualdades. Ainda nos estudos de Hirata, principalmente se levarmos em conta a organização produtiva e industrial dos países dito de “terceiro mundo”, cujos aspectos produtivos ainda seguem as determinações tayloristas⁶⁰ de produção, a proposta de requalificação profissional por meio da

⁶⁰ O “Taylorismo” é um termo comumente encontrado nos estudos da área da Administração. Esse nome foi

introdução de novas tecnologias, levando em conta a divisão sexual existente na organização industrial e na sociedade, torna o processo extremamente desigual para as mulheres (HIRATA, 1996). Tanguy ainda corrobora com tal afirmação quando afirma que inclusive:

La utilización de esta noción de competencia en el mundo de las empresas se efectúa correlativamente con la implementación de políticas de empleo orientadas a la búsqueda de flexibilidad y políticas de cambio de la organización del trabajo o de la gestión del personal, políticas que a su vez se inscriben en un contexto marcado por una contracción masiva de los empleos, cambios acelerados de las tecnologías de producción y procesamiento de la información, una mayor competencia en los mercados, y también una decadencia de las organizaciones profesionales y políticas de los asalariados (TANGUY, 2001, p. 112)

Pensar em uma construção econômica e social cujas regras do jogo supostamente se apresentam como igualitárias, mas que as condições criadas são extremamente desiguais é uma determinante em nossa sociedade. Para Hirata (2019, p. 4):

O emprego feminino está numa situação bastante ruim, porque a maior parte dos empregos de tipo industrial tem diminuído bastante e o que existe, hoje em dia, é o crescimento muito grande dos empregos de serviço. São trabalhos mal remunerados, com pouco reconhecimento social, como o das professoras de escola primária, as vendedoras, as profissionais da rede de saúde, as cuidadoras, além de todo o contingente de trabalhadoras domésticas

Ainda, existe uma dialética construída sobre a estruturação das carreiras das mulheres no mercado de trabalho. Uma situação extremamente complicada, pois é possível identificar mulheres em postos de trabalho de destaque nas empresas. Entretanto para que ela chegue nestas condições, muitas vezes se identifica que existirão outras mulheres que precisam se dedicar na atividade doméstica e de cuidados de maneira geral, para que ela possa atuar profissionalmente; “[...] uma precisa da outra para sobreviver, mas, ao mesmo tempo, há uma relação de exploração” (HIRATA, 2019, p. 4). Portanto, sempre será direcionado uma desvantagem para as mulheres.

No contexto de formação técnica e tecnológica, ao qual minha pesquisa se direciona, nos números que podemos observar principalmente dentro do subcapítulo “Perfil Discente”, na tabela 2, que se determina o sexo em cada um dos cursos oferecidos pela Etec Sales Gomes, identificamos uma predominância masculina naqueles que tem a tecnologia como fonte de

atribuído para ciência desenvolvida por Frederick Winslow Taylor, denominada como “Teoria dos Movimentos” e publicada no começo do Século XX. Para Taylor, as empresas deveriam padronizar a forma de trabalho de seus operários, cronometrando o tempo de atuação e criando regras específicas de conduta para que o rendimento operacional fosse ainda maior. A condição de trazer para o trabalhador humano uma atuação mecânica ficou muito famosa na crítica construída por Charles Chaplin em “Tempos Modernos”.

conhecimento, enquanto os que direcionam para área de saúde e de cuidados, a maior parte do público é feminino. Tal cenário é compartilhado pelos estudos de Hirata, quando ela afirma:

Já existe um problema estrutural, basta ver a maneira como as modalidades de qualificação profissional se comportam diferentemente em relação aos homens e as mulheres. Os homens têm muito mais possibilidades de uma formação, inclusive do tipo tecnológico, o que sempre foi vedado às mulheres. Agora, em relação à questão dos cuidados, é um pouco diferente. Como se considera que o cuidado é alguma coisa que deve ser feito pelas mulheres, a formação, em princípio deveria ser disponibilizada também para as mulheres. Entretanto, não sei se pode se dizer que as mulheres são mais contempladas do que os homens.” (HIRATA, 2019, p. 5)

A título ilustrativo, recorde-me de uma aluna, estudante de Mecânica, branca, com imenso interesse em atuar na área de manutenção, que eu fazia sua indicação para as empresas, mas nada conseguia e por fim, iniciou sua atuação profissional na área administrativa de uma empresa; de outra aprendiz, negra, com boas notas que ao término do programa não foi efetivada, entretanto outra da mesma área e mesmo curso, branca, permaneceu na equipe da empresa. Não me atendo apenas a este caso, me deparei com vários outros, como por exemplo, alunos negros, com bom desempenho escolar que não conseguiram entrar no mercado de trabalho, mesmo após diversas indicações por parte da escola. Entretanto, nunca tendo a abordagem para identificar se um dos problemas para isto estaria sendo a questão racial.

Conforme identificado no subcapítulo desta pesquisa, relativo ao perfil discente da Etec Sales Gomes, o maior público que compõe o ensino técnico regular da Etec é o masculino. Entretanto, as mulheres apresentaram predominância em algumas áreas de formação técnica, tais como Nutrição e Dietética, Meio Ambiente e Administração, bem como demonstram crescimento em algumas áreas que ainda apresentam grande resistência, como Mecânica, Mecatrônica e Eletrotécnica (áreas definidas como do eixo industrial). Contudo, mesmo indicando crescimento, ainda o percentual de representatividade feminina na modalidade é baixo, como no curso de Eletrotécnica, no qual as mulheres compõem 4,76% da média geral; ainda, outra barreira identificada no ensino técnico é a do gênero, que nas pesquisas gerais nem fazem parte para identificação dos alunos e, portanto, tornam ainda mais difíceis e complexas a interpretação de dados quanto a questão. Assis (et al, 2020) reforça que a sociedade precisa urgentemente agir contra os processos discriminatórios no que tange sexo e gênero, contudo enquanto a grande maioria dos problemas permanecerem ocultos, a dificuldade será sempre muito maior de corrigir essa situação.

No artigo “O teto de vidro das executivas brasileiras” o problema gerado pelas desigualdades, ali considerando principalmente sexo, gênero e raça, vai muito além do

indivíduo, é uma situação que afeta negativamente o próprio Estado (LIMA et al., 2013). Mantendo-se na metáfora utilizada do “teto de vidro”, Marília Bárbara Fernandes Moschkovich em sua Dissertação de Mestrado pela Unicamp, faz uma discussão utilizando novamente a metáfora para explicar que existe uma “barreira invisível” que impede o avanço na carreira das mulheres, a progressão para os cargos superiores. Segundo a pesquisadora, "as mulheres estariam mais concentradas em posições iniciais de diferentes carreiras, e teriam de superar barreiras mais duras para chegar ao topo" (MOSCHKOVICH, 2012, p. 29). Seu estudo está diretamente relacionado à carreira acadêmica da mulher, utilizando-se de grande parte de uma bibliografia internacional, mas que ela buscou contextualizar com uma das principais universidades do país.

No estudo “Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009)”, desenvolvido pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), é possível identificar uma relação complexa entre gênero e raça, ampliando as discussões pois agora, além das discriminações anteriormente descritas por raça, existe um agravante por gênero. Se tratado das dificuldades do negro na sociedade, o que pode se dizer da mulher negra no mercado de trabalho?

A análise das desigualdades sociais, a partir da perspectiva sociológica, tem como um de seus principais objetivos compreender os processos de estratificação social considerando sua origem e seus mecanismos de produção e reprodução. [...] raça e gênero ganham destaque na explicação deste fenômeno, porque, em primeiro lugar, tais atributos implicam em desvantagens históricas para determinados grupos sociais e atuam de maneira decisiva na definição da posição social dos indivíduos (LIMA, RIOS e FRANÇA, 2013, p. 53)

Ao abordar o tema de discriminação por ‘gênero’ e ‘sexo’ é prudente entender que existe uma diferença entre os termos, diferença essa que inclusive é possível identificar que não é aceita por parte da sociedade. Assis (et al, 2020) separa os termos determinando que ‘sexo’ é uma definição biológica do sujeito, enquanto gênero refere-se às características psicológicas, sociais e culturais. De acordo com a Comissão para a Igualdade no Trabalho e Emprego - CITE (2013), os conceitos de sexo e gênero foram determinados pensando em uma correlação com o setor econômico e o próprio mercado de trabalho. Neto (2016) retrata que ‘sexo’ é um termo classificado pela biologia segundo a manifestação de certos órgãos e hormônios no corpo, também uma identificação pelos cromossomos, enquanto ‘gênero’ é uma classificação social (levando em consideração as questões anteriormente descritas), afirmação reforçada por Nicholson (2000) e indicada até como um “senso comum” no artigo escrito por Marília Pinto de Carvalho em “O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia

da Educação da ANPEd (1999-2009)”. Ainda, Carvalho (2011) demonstra que é visível a participação ativa das mulheres na construção da civilização ocidental, porém que isso não conseguiu alterar a problemática da inferioridade imposta quando se compara homens e mulheres, não só ao longo da história, mas em nosso cotidiano e a questão do gênero amplia a complexidade dessa situação.

Um dos problemas com os quais os/as estudiosos/as se depararam nesta reflexão foi a persistente permanência das relações de dominação entre os sexos, que parece conferir-lhes um caráter imutável, portanto a-histórico, e no limite natural. O pressuposto de que os homens sempre dominaram as mulheres e a busca por uma explicação única e fundante dessa relação de poder têm sido eixos em diversas abordagens difundidas ainda hoje, que variam de uma postura assentada em explicações biológicas a visões que, assumindo a construção social do gênero, enfatizam de tal maneira as constâncias e permanências que se aproximam do essencialismo (CARVALHO, 2011, p. 103)

Um dos objetivos deste estudo de Marília de Carvalho, sobre gênero, foi levantar os autores mais citados quando se discutiu gênero entre os anos de 1999 e 2009, no grupo de estudos de Sociologia da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Entre um dos autores mais citados, encontra-se o Bourdieu, que inclusive também é muito criticado por parte dos estudiosos do tema. Em uma das suas obras, Bourdieu define o termo gênero como uma manobra de padronização dos sujeitos, criando estigmas, determinando lugares e disposições sociais; essa definição remete ao poder de aprisionamento do sujeito em uma esfera social (BOURDIEU, 2002). Joan Scott define inclusive os estudos de Bourdieu como “[..] exemplo pelo qual os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 1990, p. 88). Entretanto, a autora ressalta que as visões que o autor traz não tiveram o cuidado de se ampliar os olhares para outras culturas, outros povos e foram movidos por uma lógica binária, cujo padrão de uma sociedade com dominação masculina e inferioridade feminina foi repassada para outra, uma atitude definida pela autora como “transcultural e trans-histórico” e um outro ponto de crítica é a falta de comunicação do próprio autor com os estudos do próprio campo de gênero.

Por conseguinte, temos que: quando os indivíduos não correspondem às expectativas de gênero e, portanto, não estão “normalizados” conforme a matriz hegemônica do sujeito social, correm o risco de sofrerem com a exclusão, discriminação social e sexual, quer no mundo público, quer no privado, mediante influências externas (DUARTE e SPINELLI, 2020, p. 3)

Algo que destaca a problemática de gênero na sociedade são as diferenças salariais encontradas no mercado de trabalho. Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), em 2019 o salário das mulheres representou 77,7% dos salários dos homens, números que ainda apresentam maior diferença conforme os cargos indicam maior grau de exigências, como em cargos gerenciais, onde a diferença passa para 61,9%; outro fato que mostra diferenças é que os homens, mesmo com uma expectativa de vida menor, se aposentam apenas 5 anos mais tarde do que as mulheres. Tal abordagem, segundo Assis (et al, 2020) indica fatores discriminatórios de gênero.

Além disso, Antônio Sérgio Guimarães (2002) afirma que a discriminação é típica em muitos países, principalmente quando os investimentos em capital humano são centrados em classificações por gênero. Guimarães (2002) também afirma que a necessidade imposta a mulher de cuidar das mais diversas obrigações com a família, sua ‘obrigação’ que a sociedade impõe para combinar trabalho formal⁶¹ com trabalho não remunerado também é impactante em seu desenvolvimento profissional e afeta negativamente seu rendimento e suas condições no mercado de trabalho e por isso merece destaque (COSTA et al, 2008). Nos estudos de “Jovens e Trabalho no Brasil: Desigualdades e desafios para as políticas públicas” um levantamento efetuado em 2006, como demonstrado na tabela 4, apresenta que jovens do sexo feminino conseguem atuar em uma carga horária profissional menor do que os homens em todas as faixas etárias.

Tabela 4. Características da jornada semanal de trabalho da população jovem que só trabalha, por faixa etária. Brasil, 2006 (em %).

Jornada (em horas)	Faixa etária (em anos)					
	14-15	16-17	18-21	22-24	25-29	14-29
Até 30	37,5	24,7	14,2	13,4	13,9	14,4
De 31 a 44	37,2	41,5	47,9	48,5	48,5	48,0
Superior a 44	25,3	33,9	38,0	38,1	37,6	37,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Média	34,0	37,9	41,3	41,5	41,4	41,2

Fonte: IBGE/Pnad. Elaboração: Dieese.

Obs.: No "Total" incluem-se os sem declaração de jornada.

Fonte: IBGE/Pnad. Elaboração: Dieese

⁶¹ Entende-se por trabalho formal aquele que é registrado na CTPS (Carteira de Trabalho Profissional e Previdência Social), dispondo ao trabalhador todos os direitos assegurados em lei, pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas)

Essa condição imposta é destacada por Corrochano (2008, et al) pela necessidade de dedicação muito maior das mulheres nas atividades domésticas, bem como nos cuidados com outros familiares (idosos e crianças), quando necessário. Na mesma linha de pesquisas, Helena Hirata (2016) apresenta uma discussão em “O trabalho de cuidado” sobre a teoria do *care*, que se relaciona ao ato do cuidar ser direcionado às mulheres e que este abre uma discussão sobre alguns paradigmas, tais como: o paradigma de uma hierarquia em que a razão e a cognição seriam instâncias superiores às emoções e aos afetos; e o paradigma da disciplinaridade que erige a sociologia como disciplina enquanto instância privilegiada de análise, rebaixando a interdisciplinaridade como discutível e a ser menosprezada (HIRATA, 2016, p. 60)

No trabalho desenvolvido por Giovana Duarte e Letícia Machado Spinelli, com o tema “Estereótipos de gênero e divisão sexual do trabalho: uma reflexão sobre a realidade do trabalho feminino”, as autoras destacam que mesmo as mulheres hoje sendo consideradas: sujeitos ativos no mundo do trabalho, as mulheres se mantêm como sujeitos confinados ao paradigma da domesticidade e do cuidado da família, de maneira que o domínio doméstico, antes que um espaço de descanso e lazer, se configura em mais uma jornada de trabalho (DUARTE e SPINELLI, 2020, p. 1).

Nos estudos sobre a inserção da mulher no mercado econômico, Costa (et al, 2008) relata a importância de atingir a autonomia econômica como processo de caminho à liberdade para elas, uma “[...] liberdade, ainda limitada por uma série de constrangimentos de ordem política, sociocultural e mesmo afetivo-psicológicos, os quais não deixam de influenciar e ser influenciados por fatores econômicos” (COSTA et al, 2008, p. 686). Sobre os constrangimentos identificados quanto ao sexo feminino, ainda hoje as mulheres são identificadas como o “sexo frágil”, termo utilizado por Tardin, Barbosa e Leal (2015), em oposição à caracterização dos homens como sendo “sexo forte”. Essa construção social cria barreiras, paradigmas e várias problemáticas no dia a dia do sujeito. Saffioti (1987, p. 39) rebate fortemente essa construção, que segundo ela “[...] consiste na maneira mais fácil de viver, porque basta obedecer ao modelo, entrar na fôrma” e para o autor precisamos lutar contra isso, quebrar esses paradigmas e buscar enfim uma igualdade de gênero.

Em contraponto, Marta Arretche identifica que ao longo dos anos em algumas profissões as mulheres ganharam significância e importância, como nas áreas de serviços sociais, na educação, na saúde e algumas outras áreas que podem até ser considerada de predominância feminina (ARRETCHE, 2015), porém da mesma forma mantém-se as dificuldades sociais impostas a elas. Hirata (2016) em “O trabalho de cuidado” relaciona a ampliação das mulheres no mercado de trabalho com a própria interação delas com empregos que se desenvolvem na

prática do cuidar, ou seja, nos serviços sociais⁶². Entretanto, na grande maioria desses serviços, o plano de carreira, as possibilidades de crescimento, os salários, são muito menores considerando outras escolhas no mercado. Ainda, Helena Hirata nos apresenta que:

Nas sociedades contemporâneas, as mobilizações das militantes feministas por uma repartição igualitária do trabalho doméstico e de cuidado e as políticas sociais e familiares de alguns Estados por uma maior igualdade entre mulheres e homens têm apontado para as vias possíveis de uma superação da atual divisão sexual do trabalho. Certamente não haverá uma maior igualdade profissional entre homens e mulheres enquanto permanecer a assimetria na realização do trabalho doméstico e de cuidados, que continua sendo considerada responsabilidade exclusiva das mulheres (HIRATA, 2016, p. 61)

Voltando os olhares para os alunos da Etec Sales Gomes, é possível identificar as semelhanças citadas no mercado, cuja predominância nos estudos em áreas do eixo ‘ambiente e saúde’, bem como ‘gestão e negócios’ são do público feminino. Essa vertente aponta e reforça o que os estudiosos da área levantaram, sendo a Etec um ponto de interseção dessa prática mercadológica, pois apresenta um ensino profissionalizante que teoricamente deve estar sempre alinhado com o mercado de trabalho.

No que diz respeito ao preconceito racial o antropólogo e professor da USP, Kabengele Munanga, em diversas entrevistas realizadas define o racismo como um “crime perfeito”, ou seja, existe toda uma estrutura de preconceito racial montada no país, mas não existem racistas e a vítima ainda, muitas vezes, é quem leva a culpa (MUNANGA, 2004). De uma forma ainda mais crítica, Silvio Luiz de Almeida apresenta o racismo como uma ação estrutural, ou seja, é uma “manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (ALMEIDA, 2019, p. 136). Inclusive, em seu livro sobre “Racismo Estrutural” vai além e determina uma relação do racismo estruturada pela legalidade.

Em minha vivência, diretamente envolvido na integração escola e mercado de trabalho, pude perceber algumas situações discriminatórias, na forma como Kabengele Munanga destaca, uma estrutura racista/discriminatória, mas sem personagens explicitamente destacados. Das vagas que surgem no mercado de trabalho, nenhuma abertamente apresenta um perfil discriminatório⁶³, os perfis procurados são genéricos, mas durante o processo de entrevistas,

⁶² A autora em seu trabalho também confirma que a massificação das mulheres no mercado de trabalho não é o único fator que acabou direcionando as mulheres para essa prática, mas que também o próprio envelhecimento da população acabou impactando nessa prática

⁶³ A situação da divulgação das vagas de emprego em nosso cotidiano é completamente diferente do que se pode visualizar no artigo “O racismo nos anúncios de emprego do século XX” de Kelly Cristina de Oliveira e Sonia Maria de Oliveira Pimenta, disponível em <https://www.scielo.br/j/ld/a/6W4K7CxrhMDrHdMtBrhJPbg/?lang=pt>. Esse novo cenário, como dito, não representa o fim da desigualdade nos processos, mas como demonstrado no

nas análises das qualificações e nas definições para contratação é onde tal fato ocorre.

Quando entramos nas questões raciais, neste trabalho vamos discutir as possíveis influências e os impactos dessa situação dentro da escolarização, mais precisamente em Etecs, mas antes precisamos olhar para todo contexto histórico envolvido do racismo, no Brasil, e alguns autores internacionais para daí conseguir entender mais precisamente esse panorama. Henriques (2001, p. 17) em seus estudos define que “nascer negro no Brasil está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre. Especificamente, os negros representam 70% dos 10% mais pobres da população, enquanto, entre o décimo mais rico da renda nacional, somente 15% da população é negra”. Esses dados estatísticos nos ajudam a iniciar o processo de identificação dos problemas raciais que encontramos em nossa sociedade, porém o problema é muito mais complexo do que parece.

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2004) em “Preconceito de cor e racismo no Brasil”, discute sobre o racismo levando em consideração dados de Gilberto Freyre e os estudos de Pierson na década de 30 no estado da Bahia, no tocante à afirmação identificada de que no Brasil existe o preconceito de cor, e não de raça, bem como isto deveria ser bem diferenciado; inclusive os autores debatem que nosso país não conheceu o “ódio entre raças”, diferentemente do que se pode identificar em outros locais do mundo. Oracy Nogueira discute o tema e apresenta essa especificidade que tomou o racismo no Brasil, sendo diferente do que se encontra em outros países. O autor apresenta o preconceito sendo portado como uma marca:

Quanto à estrutura social: onde o preconceito é de marca, a probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas de que o indivíduo é portador, ficando o preconceito de raça disfarçado sob o de classe, com o qual tende a coincidir; onde o preconceito é de origem, o grupo discriminador e o discriminado permanecem rigidamente separados um do outro, em status, como se fossem duas sociedades paralelas, em simbiose, porém irredutíveis uma à outra (NOGUEIRA, 2006, p. 303)

Ainda em Guimarães (2004), o negro enfrenta uma série de obstáculos para conseguir seu progresso social, político e cultural, pois por definições biológicas, até muito pouco tempo atrás sua raça era atribuída uma inferioridade inata, comparada a raça branca. Em Munanga (2004, p. 52) temos que “[...] a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico”. Portanto, até aqui, é possível identificar que existe um sistema discriminatório, racial e de gênero, que de acordo com o estudo “Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho” desenvolvido por Rosemeire Ap. Scopinho e Elisabete Figueroa

Santos (2011, p. 27) “[...] a maioria negra permanece excluída da sociedade e, na prática, não existe como sujeitos de direitos”.

Ainda no contexto definido pela autora, é extremamente importante compreendermos como funcionam essas “[...] estruturas racistas, isto é, arranjos e articulações sociais discriminatórios pautados no critério racial” e assim traduzir o que dele se retirou os chamados “acordos simbólicos”⁶⁴. Outra problemática existente nas discussões sobre raça no Brasil é destacada por Kabengele Munanga, no trabalho “A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil”. Um trecho que merece destaque é quando se retrata que o racismo pode ser identificado como um “problema social”:

A palavra “social” incomoda-me muito. Quando dizem que a questão do negro é uma questão social, o que quer dizer “social”? As relações de gênero são uma questão social; a discriminação contra o portador de deficiência é uma questão social; a discriminação contra o negro é uma questão social. Ora, o social tem nome e endereço. Não podemos diluir, retirar o nome, a religião e o sexo e aplicar uma solução química. O problema social tem de ser atacado especificamente. A discriminação racial precisa ser urgentemente enfrentada. Nós, negros, também temos problemas de alienação de nossa personalidade. Muitas vezes trabalhamos o problema na ponta do iceberg que é visível. Mas a base desse iceberg deixa de ser trabalhada (MUNANGA, 2004, p. 54)

Em sua tese, Ana Paula Corti (2015, p. 52) apresenta que “[...] os avanços no acesso à educação não diminuíram desigualdades sociais, como seria esperado, e criaram novas formas de exclusão inesperadas [...] isso revela que a educação não caminha sozinha, apartada no contexto econômico mais geral e das políticas sociais”. Na percepção de Dubet, podemos olhar para as desigualdades em múltiplos campos, tais como das experiências coletivas e individuais, bem como do mundo do trabalho, da educação e do consumo; no entendimento da modernidade, as desigualdades acabam sendo aceitas politicamente e normativamente, desde que não impeçam o sujeito de buscar oportunidades iguais, desprezando nesse sentido todo cenário imposto ao sujeito (DUBET, 2001). Florestan Fernandes já alertava para uma grande dificuldade da sociedade se desvencilhar da estrutura discriminatória que foi construída:

Tomando-se a rede de relações raciais como ela se apresenta em nossos dias, poderia parecer que a desigualdade econômica, social e política, existente entre o ‘negro’ e o ‘branco’, fosse fruto do preconceito de cor e da discriminação racial. A análise histórico-sociológica patenteia, porém, que esses mecanismos possuem outra função: a de manter a distância social e o padrão correspondente de isolamento sócio-cultural, conservados em bloco pela simples perpetuação indefinida de estruturas parciais arcaicas (FERNANDES, 1965, p. 193-4)

⁶⁴ Resoluções e pactos que tangem o não-dito, pautados numa cultura de silenciamento de preconceitos, mas que são internalizados e reproduzidos pelos sujeitos e grupos por meio de códigos naturalizados, processo este que se dá no nível dos significados e representações construídos acerca de raça e suas implicações.

Seguindo com Florestan, encontramos uma dinâmica de que a construção racista da sociedade (isso considerando ainda a década de 1960) foi “[...] herdada, como parte de nossas dificuldades em superar os padrões de relações raciais inerentes à ordem social escravocrata e senhorial” (FERNANDES, 1965, p. 194). Ainda, vivemos um reflexo cujos “negros e mulatos seriam apenas metamorfose do escravo” e essa consideração perpetuou o que então se define o preconceito de cor, e não exclusivamente de raça (GUIMARÃES, 2004). Florestan Fernandes (1959) indica que essa estrutura foi construída para resguardar os privilégios dos brancos, uma ação para resguardar a posição burguesa, mantendo-os como “raça dominante”; outro grande problema é a falta de “culpados” nesse processo, ou seja, por mais que o preconceito seja real e a discriminação legitimada, não existem racistas e Guimarães (2004) ainda determina que racismo era identificado como doutrina ou ideologia política.

Avançando um pouco mais nas discussões, Carlos Hasenbalg (2005) em “Discriminação e desigualdades raciais no Brasil” define que o racismo se entrelaça com a estrutura das relações ideológicas capitalistas, bem como as políticas; eis que passa então a ocorrer uma divisão racial (e sexual) de uma maneira articulada e sem necessariamente precisar se buscar identificar elementos subjetivos. Esse cuidado no entendimento das questões raciais é reforçado por Guimarães, descrevendo que:

As desigualdades raciais, além de constatadas, precisam também ser compreendidas, sob o risco de dar-se margem a uma excessiva politização do tema e a uma certa contaminação moral e ideológica, como se estes estudos pudessem ser reduzidos a dados estatísticos a munir o ativismo e as políticas sociais (GUIMARÃES, 2004, p. 28)

Outro ponto de vista, bem forte e que nos instiga, é o que apresenta Soares (2000, p. 24) “[...] se o negro ficar no lugar a ele alocado, sofrerá pouca discriminação. Mas se porventura tentar ocupar um lugar ao sol, sentirá o peso da discriminação sobre seus ombros”. Olhando para uma perspectiva um pouco diferente da que vivemos, entretanto mantendo-se no contexto das discriminações raciais, bell hooks e Grada Kilomba (2019) em relatos no contexto estadunidense e alemão sobre racismo, destacam respectivamente que vivemos uma forte resistência na quebra de paradigmas, onde as classes dominantes atuam constantemente para manutenção da dominação e por consequência a perpetuação das desigualdades, tornando inclusive esse fato algo natural (HOOKS, 2013) e essa construção social algo como:

Um controle interminável sobre a voz do sujeito negro e o anseio de governar e comandar como nós nos aproximamos e interpretamos a realidade. Com tais observações, o sujeito branco é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre

um grupo que ele está classificando como ‘menos inteligente’” (KILOMBA, 2009, p.7)

Portanto, mesmo que as autoras estejam em um contexto diferente, apresentam ótica que se aproxima bastante do que vivenciamos no país; o negro precisa diariamente travar uma série de batalhas, não só as economicamente impostas para eles, mas as sociais, o sistema que o coloca automaticamente em desvantagem contra o branco, como definido:

No mundo do trabalho, os jovens negros enfrentam dilemas importantes, por serem jovens e negros. Além de terem que enfrentar os desafios atualmente colocados para os trabalhadores jovens na busca por qualificação, acesso e permanência no ensino superior e no mercado de trabalho, eles são discriminados pela diferença de cor e deparam-se com um conjunto de particularidades cujas possibilidades de superação são ainda mais escassas do que as dos jovens brancos (SCOPINHO e SANTOS, 2001, p. 27)

Como afirma hooks (2013), se faz verdades sociais em cima de mentiras, tais como a afirmativa de que negros tiram vagas de brancos no mercado de trabalho. A realidade exposta pela autora é em outro território, mas pode ser traduzido facilmente para nossa realidade, como mostram os dados estatísticos do trabalho de Henriques (2001). Essa construção que traz, como definido por ela, um “[...] consumo coletivo de desinformação e o apego à desinformação” (HOOKS, 2013) condiz com o que determinado de apreço pela manutenção do sistema pela classe dominante. De acordo com Scopinho e Santos (2011, p. 31) vivemos em um país que “[...] convive, de um lado, com o mito da democracia racial e, de outro, com as estratégias empreendidas pelos grupos dominantes para não lidar com as desigualdades raciais existentes”.

Em concordância, uma série de estudos, tais como Corrochano (2005), Carrano (2000) e Szapiro e Resende (2010), Leão e Carmo (2010) identificamos a grande importância que existe no processo de transição do jovem para a vida adulta. Esse período, por si só, já é de grande complexidade, pois envolve uma série de fatores, tais como as mais variadas condições juvenis, os marcos que simbolizam esse processo, as políticas públicas, as imposições do sistema capitalista e sua exuberância pelo padrão de vida consumista, e pela passagem da vida escolar para a vida do mundo do trabalho, além de outras questões que podem ser postas em pauta. Portanto, se podemos definir como complicada essa passagem, e se ela ocorrer dentro de uma estrutura que dificulte ainda mais essa situação se for negro, se for mulher, se estiver fora do padrão eurocêntrico⁶⁵? Marta Arretche indica em seus estudos que vivemos um “legado da

⁶⁵ O etnocentrismo é a visão de mundo produzida a partir dos valores, modelos e ideias de um determinado povo, sobrepondo-se a outro e subjugando-a de maneira preconceituosa. Pelo termo estar quase sempre ligado a povos europeus, alguns autores definem o termo como ‘eurocentrismo’

colonização e da escravidão e a posterior marginalização dos grupos raciais não europeus se projetam sobre a hierarquia da estrutura ocupacional brasileira” (ARRETCHE, 2015, p. 381). Isso indica que a estrutura social que temos hoje apresenta que os negros e as mulheres representam as atividades menos remuneradas, tais como as de setores rurais e as que exigem menor capacidade intelectual (de baixa hierarquia).

Sarriera e Verdín (1996) apontam em seus estudos que jovens desempregados possuem menor nível de bem-estar psicológico, ou seja, se inferiorizam por uma incapacidade de inserção no mercado de trabalho e por necessidade, submetendo-se a precarização da mão de obra, a desistência da continuidade ou a busca por uma melhor escolarização. Para Scopinho e Santos (2011, p. 31) existe um padrão do trabalhador no mercado formal: “homem e branco. Os que não se encaixam nesse perfil, mulheres e negros, em grande parte, estão na informalidade, em ocupações instáveis e de baixa remuneração”.

Na leitura da tese de Faustino, intitulada “Por que Fanon, por que agora?”, o autor relata inclusive toda pressão psicológica que se estrutura no período colonizador, e perdura até os dias atuais, sobre a ótica imposta ao negro, onde o mesmo passa a se ver em partes culpado pela própria estrutura discriminatória criada “o negro passa a ver o mundo e a si próprio com o olhar fornecido por seu algoz e, concordando, por isso, com todas as prerrogativas que lhe conferem o status de animal, assumindo a culpa por ser o “fardo do homem branco⁶⁶” (FAUSTINO, 2015, p. 71). Mediante afirmativas da problemática racial, identificando claramente seu reflexo no mercado de trabalho, Corrochano (2005, p. 99) questiona:

Se observarmos as taxas de desemprego, também temos questões específicas a serem observadas. Se considerarmos o desemprego enquanto uma construção social, cabe questionarmos o porquê das taxas mais elevadas de desemprego entre os jovens e o porquê de o debate em torno do desemprego juvenil ganhar tanto destaque no espaço público. As taxas de desemprego entre mulheres e negros também são muito elevadas. Por que não ganham o espaço que o desemprego juvenil, sobretudo o dos jovens homens, ganha? Uma outra questão importante a debater diz respeito às próprias políticas públicas a serem construídas para esse grupo. Que políticas? E se considerarmos a diversidade tão presente entre os jovens, que políticas, para quais jovens?

Em concordância com esse discurso, e os questionamentos levantados, Paixão e Carvano (2008), em seus estudos sobre o mercado de trabalho, identificam que os jovens negros estão inseridos nos cargos de maior precariedade, ou seja, aqueles que exigem menos

⁶⁶ O termo “fardo do homem branco” surgiu com o poeta britânico Rudyard Kipling, conhecido pelos ensaios e poemas favoráveis ao imperialismo incluindo *The Jungle Book* (1894), publicou, em 1899 seu poema *The white man’s burden*, ou como traduzido “O Fardo do Homem Branco”. Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/o-fardo-do-homem-branco-exaltacao-do-imperialismo/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues

escolarização, assim como uma qualificação menor. E no termo “qualificação”, devemos identificar que ela se tornou extremamente subjetiva no mercado de trabalho; as qualificações são guiadas para escolha dos candidatos pela apresentação de “competências”, não mais pelo simples fato de comprovações de experiência e certificações. Marcelo Afonso Ribeiro (2009) reforça tal definição, cuja ideia é apresentar que a própria prática de qualificar para um emprego por competências pode ser um ato discriminatório, pois passa automaticamente a ser subjetiva pelo entrevistador. Em dados levantados pelo IPEA, temos que:

Ao mesmo tempo, os processos de recrutamento para posições mais valorizadas no mercado de trabalho e nos espaços sociais operam com características dos candidatos que reforçam e legitimam a divisão hierárquica do trabalho, a imagem da empresa e do próprio posto de trabalho (IPEA/DISOC, 2008, p. 6)

Eis que sobre a busca pelo candidato ser aquele que representa a “imagem da empresa”, fica a dúvida: qual seria essa imagem? Em Scopinho e Santos (2011, p. 33) as autoras afirmam que “[...] o epicentro do racismo está localizado nos discursos e representações negativas acerca dos negros, especialmente de suas capacidades, características físicas, culturais e religiosas”. Ainda, tal discurso sobre a determinações de competências para ocupações de determinados cargos “[...] elucida as construções segregacionistas que estão na base da manutenção dos lugares sociais de privilegiados e marginalizados” (SCOPINHO E SANTOS, 2011, p. 33)

5 MÉTODOS E TEORIAS: REFLEXÕES SOBRE EVASÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA DE ENSINO TÉCNICO

Começamos a descrever sobre o método parafraseando com Marx, entendendo que todo começo em qualquer ciência é difícil. Para Marx (1982, *apud* NETO, 2011), o método não é um conjunto de regras formais que se aplicam a um objeto recortado para uma investigação determinada; o método implica em uma determinada posição do sujeito que pesquisa, que por sua vez extrai suas múltiplas determinações na sua relação com o objeto. Portanto, é necessário entender a necessidade dessa relação direta entre objeto e pesquisadores, e mais que isso, para Marx não basta só buscar o conhecimento pelo único interesse do saber, o motivo maior deve ser a busca pela mudança social, a humanização. Transpondo essa ideia para meu trabalho de pesquisa, precisamos ir além do simples fato de entender a evasão escolar, é preciso compreender e abrir uma reflexão de ela pode ser combatida, o que pode estar por trás do que aparentemente se indicam os motivos da evasão escolar.

Quando se dialoga sobre os métodos abordados para uma pesquisa, Heloisa Helena T. de Souza Martins em seu artigo sobre metodologia define que “A metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica” (MARTINS, 2004, p. 291); para Martins, então, as definições metodológicas não se tratam sobre as escolhas das técnicas, mas sim da própria maneira de se fazer ciência. Outra ponderação importante é a realizada por Florestan Fernandes no estudo “Fundamentos empíricos da explicação sociológica” de 1959, que segundo o autor é preciso estabelecer um ponto de interseção entre os métodos técnicos escolhidos para pesquisa e os métodos lógicos, ou seja, a forma como serão abordadas as interpretações dos dados extraídos nas pesquisas e das informações geradas no processo.

Para entender as principais razões que estão envolvidas com a evasão escolar do ensino técnico concomitante no público jovem (entre 15 e 17 anos), inicialmente identifiquei o público envolvido me utilizando de dados oficiais da instituição, bem como apresentei o diálogo entre as recentes discussões sobre a evasão e a educação em nosso país, com dados do Centro Paula Souza, bem como em outras esferas na educação. Daqui para frente, o diálogo discorrerá sobre a pesquisa efetivamente desenvolvida para este trabalho, com o público escolhido através do recorte específico apresentado.

Inicialmente quando trabalho com a classificação de minha pesquisa, me embaso nas concepções de Sylvia C. Vergara (2016) sobre o enquadramento de uma pesquisa: segundo a autora, quando ela busca explicações para um fenômeno, trata-se de pesquisa considerada

explicativa e descritiva. Apesar de minha pesquisa ser quantitativa e descritiva, Antonio Carlos Gil em “Como elaborar projetos de pesquisa” aponta que uma pesquisa fundamentada no levantamento de problemas gerais a partir de dados específicos, buscando ali uma análise e interpretação das variáveis que irão decorrer deles, poderá ser considerada qualitativa (GIL, 2002).

Segundo Eva Lakatos e Marina Marconi (2003), a pesquisa qualitativa tem como objetivo analisar e interpretar aspectos do comportamento humano e permite a análise sobre hábitos, atitudes e tendências de comportamento. Vergara (2016) classifica a pesquisa semifechada com um caráter flexível, cuja pesquisa deverá contemplar perguntas que seguirão um roteiro, mas os atores envolvidos podem abrir espaço para alterações ou explicações mais pontuais. Portanto, o questionário tem essa pretensão, de seguir um roteiro, mas em todo momento abrindo espaço para livre expressão do participante.

Quanto ao tema proposto, a evasão escolar é muito frequente nos estudos sobre educação; por ser um problema recorrente, sua história praticamente se funde ao da própria educação e toda sua evolução ao longo dos anos. Dentro dessa assertiva, estudos atualizados nesta área podem apresentar informações de grande utilidade, pois o fenômeno de evasão escolar está diretamente ligado a outros fenômenos sociais, tais como o da desigualdade social. Portanto, este estudo busca novos resultados que possam de maneira sistêmica contribuir com a melhoria da condição da vida humana. E quando retrato que evasão faz parte de uma série de estudos, já há muito tempo, reflito sobre a originalidade de minha pesquisa; sobre isso, João Paulo Vagarinho (2019) aponta que um projeto de pesquisa pode ser conduzido pela mescla da originalidade⁶⁷ com a criatividade⁶⁸ do pesquisador.

Ponderando sobre minha participação direta no cotidiano da Etec; a observação do fenômeno, bem como a vivência, são pontos importantes, mas também perigosos. Bourdieu (2002) fez uma alerta sobre as armadilhas do objeto pré-construído, mas outros pesquisadores enaltecem a importância da pesquisa *in loco*, como Maria da Conceição Batista Correia em “A observação participante enquanto técnica de investigação” (2009). Segundo a autora, permanecer longe do objeto de pesquisa pode trazer consequências negativas pela perda dos

⁶⁷ Para o autor, a originalidade está diretamente ligada a componentes que integram a qualidade da investigação científica, mas que por muitas vezes não é definido com seu devido rigor, sendo alvo de discussões entre autores da importância de se buscar algo original ou não em uma pesquisa. Contudo em uma breve definição, a originalidade é observada daquilo que é publicamente identificado no projeto de pesquisa, sejam objetos físicos, estilos e/ou comportamentos

⁶⁸ Quanto a criatividade o autor identifica que é a capacidade cognitiva do pesquisador em fazer associações entre as múltiplas categorias ou ideias que vão surgindo ao longo da construção da pesquisa; enquanto originalidade remete ao objeto físico, a criatividade parte do imaginário

registros, por mudanças decorrentes do cotidiano ou também as próprias novas influências que a vida nos fornece, mudando o modo de pensar, inclusive sobre aquilo já vivenciado. E nesse ponto inclusive trago a entrevista concedida por François Dubet a Angelina Teixeira Peralva e a Marília Pontes Sposito com o tema “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor” (1997). Dubet afirma ter sido movido a vivenciar o objeto de pesquisa, pois como pesquisador da educação, em primeiro momento começou a duvidar das reclamações e dos problemas relatados por aqueles que estavam presentes no cotidiano escolar e posteriormente o autor relata ter sido criticado por não estar presente na realidade escolar e trabalhar de forma abstrata àquilo que pesquisava.

Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa é exploratória, já que busca evidenciar um problema, envolvendo revisão bibliográfica e análise de exemplos. Para Robert K. Yin, o método que está sendo empregado nesta pesquisa pode se indicar que “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 1999, p. 32) e Lakatos e Marconi ressaltam que esse tipo de pesquisa traz um aprofundamento de determinado caso ou evento, com diferentes instrumentos utilizados para descobrir determinado fenômeno.

Portanto, esta pesquisa é focada inicialmente na Etec Sales Gomes, unidade de Ensino Médio e Técnico da cidade de Tatuí, pertencente ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, mas cujos resultados poderão servir para discussão do fenômeno em escala maior. A pesquisa proposta, anexa às suas discussões, tem intuito de trazer informações precisas sobre o processo de evasão da unidade dentre os cursos que apresentaram maior taxa de evasão escolar nos últimos anos.

5.1 ANÁLISE DO PROBLEMA, TÉCNICAS DE SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

As Etecs possuem seus dados de movimentação de alunos formalizados junto a CETEC (Unidade de Ensino Médio e Técnico), departamento responsável do CPS pela análise e apoio às unidades de ensino. Os dados formalizados se encontram no sítio eletrônico⁶⁹ da Autarquia, e podem ser consultados por qualquer pessoa. No 2º Semestre de 2020 a Etec apresentou 1.193 alunos matriculados em seus 19 diferentes cursos, divididos entre os cursos anteriormente descritos. Nesses números não foram consideradas as modalidades do NovoTec Integrado, NovoTec AMS e NovoTec Expresso (modalidades de ensino adotadas pelo Centro Estadual de

⁶⁹ <http://bdcetec.cpsctec.com.br/index.php>

Educação Tecnológica Paula Souza, e que estão sendo desenvolvidas em parceria com as Fatecs e com a Secretaria de Educação). Desse total, no semestre indicado, a Etec registrou 94 alunos que deixaram permanentemente seus estudos (desistentes) ou que por qualquer motivo paralisaram sua matrícula (trancamento) e mais 112 alunos retidos, ou seja, não apresentaram as competências mínimas exigidas pela instituição para continuidade de seus cursos.

Vale destacar que mediante ao enfrentamento da pandemia da COVID-19, a Etec Sales Gomes, assim como toda rede de ensino gerenciada pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, reformulou sua forma de oferta das aulas, adotando desde o 1º Semestre de 2020 o ensino remoto, por auxílio do Microsoft Teams (software da Microsoft) para todos os seus cursos e manteve tal medida até o 2º semestre de 2021, quando realizou o retorno progressivo dos estudantes para o ensino presencial.

O tema evasão escolar é muito estudado e debatido, principalmente para identificar suas causas e criar ações para seu combate. Entende-se que o ato de evasão é o ato final, ou seja, aquele que o estudante age; contudo, essa ideia se construiu por um determinado motivo, ou uma série deles, ao longo de sua trajetória escolar (BASTOS e GOMES, 2014, p. 2). Entretanto como foco deste estudo, temos o ensino técnico profissionalizante, que para Dore e Luscher:

[...] ao contrário do que ocorre nos níveis fundamental e médio, o ensino técnico não reúne uma quantidade expressiva de estudos sobre evasão, o que dificulta tanto a construção de um referencial teórico sólido, quanto o levantamento de indicadores a serem utilizados nas pesquisas empíricas (DORE e LUSCHER, 2011, p. 775)

Portanto, esta pesquisa se faz mediante procedimentos pré-definidos e controláveis, no intuito de se buscar fatos sobre a evasão escolar, cujos resultados podem ser investigados, compreendidos e por consequência, se necessário, refutados.

Para Cupani (1985) entender um fenômeno é descobrir qual seu vínculo com outros fenômenos, e por consequência colocar os resultados perante as leis já descobertas. Tal atitude tem a intenção de trazer a possibilidade de prever determinado comportamento. Portanto esse trabalho, seguindo tais métodos científicos, buscará por meio de coleta de informações, em questionário, apresentar uma reflexão sobre o fenômeno da evasão escolar, identificando quais variáveis poderiam estar ligadas ao fenômeno. Ainda, “[...] se a proposta, por outro lado, é analisar qualidade na esfera educativa, as discussões tornam-se muito mais amplas e complexas, sobretudo por envolver, além dos aspectos essencialmente pragmáticos, outros de cunho ideológico e político” (FIGUEIREDO, 2014, p. 22). Tal dialética se constrói sobre discussões que consideram a evasão escolar e seus diversos fatores envolvidos, não só com as questões socioeconômicas dos alunos, mas também com as relações pedagógicas, estruturais, as

condições familiares, entre outras.

Para desenvolvimento da pesquisa inicialmente utilizei a estrutura de dados publicada pela Instituição de Ensino e, no segundo momento, desenvolvi a pesquisa com 27 estudantes que aceitaram participar, considerando estes dentro do critério de serem jovens entre 15 e 17 anos, bem como considerar que estiveram matriculados no Ensino Técnico concomitante da Etec Sales Gomes entre 2016 e 2021, evadindo do curso técnico, mas que no mesmo período estivessem matriculados em qualquer unidade de ensino médio. Vale destacar que esse recorte histórico é muito importante pois poderá apresentar os estudantes que vivenciaram a pandemia da Covid-19, bem como a reforma do Ensino Médio em nosso país.

Em Dore e Luscher (2011a) temos que a evasão escolar é relacionada a diversas causas, tais como repetência, dificuldades pessoais e sociais para seguimento na vida escolar, problemas pedagógicos, entre muitos outros. Fatores estes que inclusive faz parte de minha discussão nesse trabalho, ampliando que também estão diretamente ligados fatores econômicos, questões familiares, desigualdades e imposições que nos trazem a mercantilização da educação e o conceito de meritocracia, muito presente e forte no ambiente da educação técnica.

Como técnicas deste estudo, houve coleta de dados, por meio de questionário eletrônico. Segundo Andrade (2010, p. 137) “[...] deve-se elaborar um plano que especifique os pontos de pesquisa e os critérios para a seleção dos possíveis entrevistados e dos informantes que responderão aos questionários”. Os questionários foram elaborados de maneira semi fechada, ou seja, com questões com respostas de múltiplas escolhas e/ou abertas, direcionadas ao contexto, mantendo-se o sigilo, quando de interesse do envolvido. O propósito do questionário foi conseguir desenvolver os perfis dos alunos evadidos ao mesmo tempo criar um diálogo para interpretar as razões da evasão ter ocorrido.

Robert K. Yin afirma que:

[...] uma mente indagadora é um importante pré-requisito durante a coleta de dados, não apenas antes ou após a atividade. A coleta de dados segue um plano formal, mas as informações específicas que podem se tornar relevantes a um estudo de caso não são previsíveis imediatamente (YIN, 2001, p. 81)

Ainda, Yin (2001) destaca que cabe ao pesquisador a responsabilidade sobre os resultados das interpretações dos dados coletados, exigindo um certo cuidado para que não tenham reflexos tendenciosos, haja vista que a subjetividade do autor estará presente em todo o processo.

Além disso, o trabalho contou com a observação direta do problema, que para Lakatos

e Marconi (2003, p. 190) entra como “[...] coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”; essa observação direta pode ser considerada quando me refiro a experiência e o contato com os jovens na Etec antes da evadirem.

Para Gil (2002) o momento de interpretar os dados é aquele que busca estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam derivados das teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente. Quanto ao processo de análise e interpretação de dados, Laville e Dionne (1999) classificam como análise por emparelhamento, ou seja, é uma verificação de dados correlatos inseridos de um determinado contexto teórico, com os dados que resultaram sob uma investigação realizada.

Para avaliação dos dados, as perguntas foram segmentadas em temáticas relativas ao comportamento do jovem dentro da escola, considerando os critérios como a postura deles dentro da instituição, a forma como se planejavam, a execução das tarefas solicitadas, o convívio social e a motivação que os levaram até a unidade e que também afastaram eles da escola. A partir de cada temática, foram elaboradas médias aritméticas, gráficos e tabelas, os quais serviram de base para avaliar o aluno no cotidiano da Instituição. O número de jovens participantes desta pesquisa foi definido a partir da análise dos dados auferidos pela aplicação dos questionários, para que se tenha um material de valor para estudo e demais atividades.

6 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Embasado sob toda perspectiva anteriormente descrita, ciente da extrema importância que possui o ensino técnico e tecnológico para nosso país e dos altos índices que hoje são apresentados de evasão escolar nessas modalidades de ensino. Considerando que os reflexos dessa evasão prejudicam não só o país como um todo, mas a vida de muitos jovens que contavam com esse ensino como fonte de mudança de vida e sofrem as consequências da evasão escolar. Neste momento minha pesquisa foi desenvolvida, aplicando os questionários elaborados conforme ideia desenvolvida na seção sobre metodologias e seguindo o exemplo que consta no apêndice A.

O questionário elaborado para coleta de dados foi estruturado com 80 perguntas, separadas entre fechadas e semifechadas. Neste sentido, as questões foram separadas em 5 seções distintas, sendo elas: apresentação e dados pessoais; perfil socioeconômico; trajetória escolar; trabalho e escola; perspectiva profissional. Com isso a pretensão foi:

No perfil de apresentação e dados pessoais as questões buscaram identificar se o jovem que efetivamente participou da pesquisa se enquadrava no grupo selecionado. Como a separação dos jovens escolhidos para pesquisa se deu com busca direta entre conhecidos que passaram pela situação, bem como colegas de profissão e o questionário foi aplicado de forma *on-line*, importante destacar que existe o risco de pessoas fora do grupo selecionado acabarem por responder, mas tal situação seria descartada caso ocorresse. Para controle inicial da pesquisa, sabendo da importância de tais dados, foi divulgado um Termo de Consentimento para participação da pesquisa, que destaco como apêndice B; esse termo me guiou para enviar os questionários apenas aos jovens que aceitaram participar da pesquisa. Contudo, como destacado, pensando em evitar o compartilhamento com pessoas fora deste grupo, considerei importante inserir tal seção para não só identificar, mas controlar o andamento da pesquisa. Ao aplicar o termo de consentimento obtive o retorno de 55 possíveis voluntários para a pesquisa.

Na seção “perfil socioeconômico” o objetivo será conseguir traçar mais precisamente os traços sociais e econômicos dos jovens. Considero que no meio da pesquisa consegui dados importantes para esse entendimento, pois no Plano Plurianual de Gestão da Etec Sales Gomes é possível encontrar alguns dados dentro da seção “Perfil Discente”. Contudo, alguns ainda permanecem ocultos e seria importante, por exemplo, separar a renda familiar da renda exclusiva do estudante e a própria renda durante o curso e após o curso.

Em “trajetória escolar” as questões foram construídas para identificar a vivência do jovem dentro do ambiente escolar. As questões tinham o interesse em saber se o jovem obteve

algum tipo de reprovação, se passou por processos conflituosos com qualquer um dos agentes escolares e se a própria motivação mercadológica inserida na educação influenciou o processo de decisão em evadir. Também foram levantadas questões sobre a COVID-19 no processo de evasão e a reforma do ensino médio. Em relação à reforma, o interesse seria em entender se ela causou algum tipo de impacto na desistência do jovem, considerando que o recorte proposto para esse estudo foi de estudantes entre 2016 e 2021, portanto a reforma passou como pauta de discussão e teoricamente influenciou em alguns novos cenários dentro da instituição.

Na seção “trabalho e estudo” a principal ideia seria identificar a questão de integração entre o jovem estudante e o mercado de trabalho, bem como nesse momento traçando como ocorreu essa interação e os prejuízos e/ou benefícios oriundos deste processo. Como discutido anteriormente o mundo do trabalho é uma realidade vivenciada pelos jovens e em grande maioria em nosso país a experiência com o trabalho ocorre muito cedo, ainda enquanto se vive dentro das escolas e nem sempre apresentando também as melhores condições. Contudo, nem sempre o trabalho exerce influência negativa na vida escolar, sendo ele por vezes o motivo inclusive de permanência nos estudos. Portanto busco identificar como esse fator foi abordado pelos jovens da pesquisa.

E por fim a seção “trajetória e perspectivas” foi elaborada tentando identificar, mesmo que basicamente, as motivações que levaram o estudante a escolher o ensino técnico e quais seriam os desejos por conta dessa escolha. Será uma seção complementar ao da escola e trabalho considerando que aqui o pesquisado indicaria os motivos preliminares que o levaram ao ensino técnico e como refletem sobre a decisão de evasão.

Ao total, na busca pelos evadidos do ensino técnico inicialmente obtive o interesse de 55 participantes que responderam ao termo de consentimento enviado de maneira *on-line* (apêndice B). Esses alunos foram selecionados de forma aleatória, considerando como perfil de escolha apenas os seguintes critérios: ter evadido de um curso técnico entre os anos de 2016 e 2021; ter cursado o ensino médio em qualquer instituição de ensino em paralelo ao ensino técnico. Após formalização do consentimento, o participante da pesquisa recebeu o questionário contendo 80 questões divididas entre as cinco seções apresentadas anteriormente (apêndice A). A pesquisa aconteceu no 2º Semestre de 2021, conseguindo 27 respostas no questionário. Vale reforçar que tentei por diversas vezes, em diferentes meios de comunicação, ampliar a participação para até os 55 que responderam o termo de consentimento, mas infelizmente sem sucesso. A discussão preliminar sobre os resultados obtidos é apresentada em seguida.

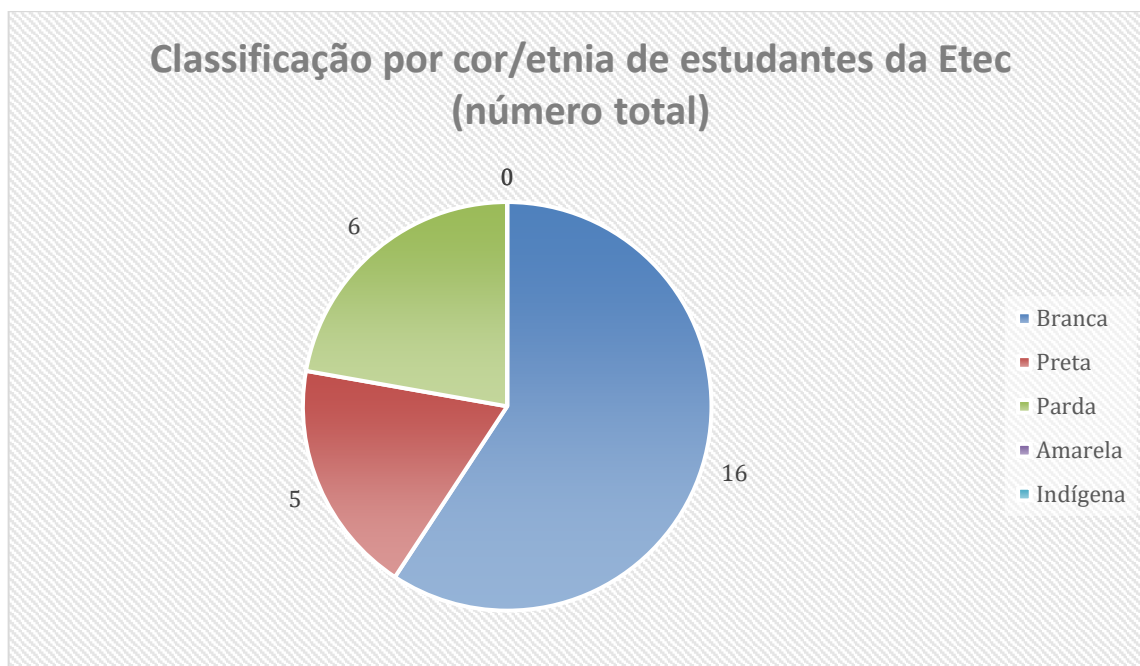
6.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESQUISADOS

A pesquisa foi construída sobre a prerrogativa de investigar os motivos que levam o estudante à evasão escolar, embasada em algumas hipóteses comumente discutidas no ambiente escolar, sendo uma delas a necessidade de optar entre o mundo escolar e o mundo do trabalho, ou seja, que no momento em que o estudante é conduzido a escolher entre um ou outro, ele pretere a escola e adentra ao trabalho (e nesse momento independe da motivação pelo escolha, seja por fins de autonomia, ajuda familiar ou outras questões). Destaco que não levanto tal hipótese como a principal e nem afirmo ser verdade, apenas reitero que identificar o perfil socioeconômico do estudante contribui para se aproximar ou distanciar desta hipótese.

Adentrando na pesquisa realizada, os estudantes escolhidos foram de cursos diversificados, entre as 27 respostas (questão 2) temos jovens dos cursos técnicos de: Desenvolvimento de Sistemas (1), Mecatrônica (1), Informática (1), Logística (2), Manutenção Automotiva (1), Mecatrônica (3), Eletrotécnica (1), Mecânica (1), Meio Ambiente (3), Nutrição e Dietética (1), Química (4) e Edificações (1); também a pesquisa contemplou jovens que cursaram na Etec o ensino médio integrado ao técnico, sendo os cursos de: Ensino Técnico de Desenvolvimento de Sistemas Integrado ao Médio (2), Ensino Técnico de Informática Integrado ao Médio (1), Ensino Técnico de Administração Integrado ao Médio (1) e Ensino Técnico de Química Integrado ao Médio (1); por fim, também recebemos a resposta de dois alunos que cursaram apenas o Ensino Médio na Etec (modalidade de ensino hoje já extinta da grade curricular da instituição).

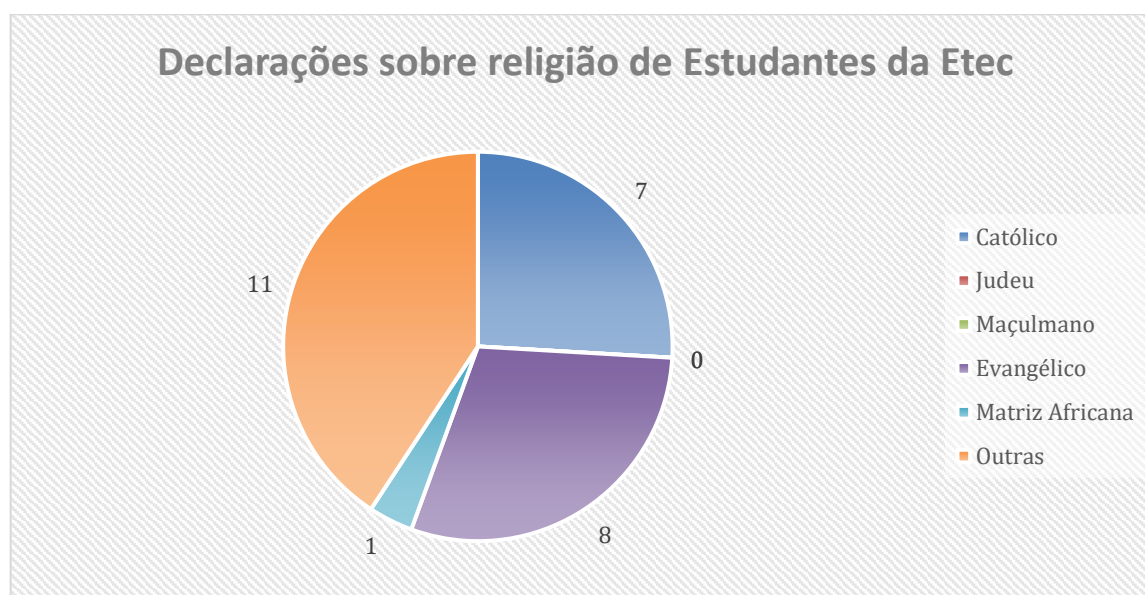
Quanto aos jovens que participaram da pesquisa, 12 se identificaram do sexo feminino e 15 do sexo masculino (questão 4); em identidade de gênero 14 apontaram ter a identidade feminina e 13 a identidade masculina. Portanto, dois sujeitos pesquisados se identificam com a identidade oposta quanto a classificação por sexo. Nas questões de classificação por cor (gráfico 11) e de religião (gráfico 12), temos respectivamente que 16 jovens se classificam como brancos(as), seis são pardos(as) e cinco pretos(as); oito são evangélicos(as), sete são católicos(as), um de matriz africana e 11 apontaram como 'outras'. Infelizmente na pesquisa a opção 'outras' não contemplava a opção de o estudante indicar qual seria, o que deixou indefinido esse quesito e abrindo uma reflexão interessante na questão, pois é sempre muito comum ver em pesquisas a maioria dos indicadores sendo direcionados para católicos ou evangélicos.

Gráfico 11. Classificação por cor/etnia de estudantes da Etec



Fonte: elaboração própria

Gráfico 12. Declarações sobre religião de estudantes da Etec

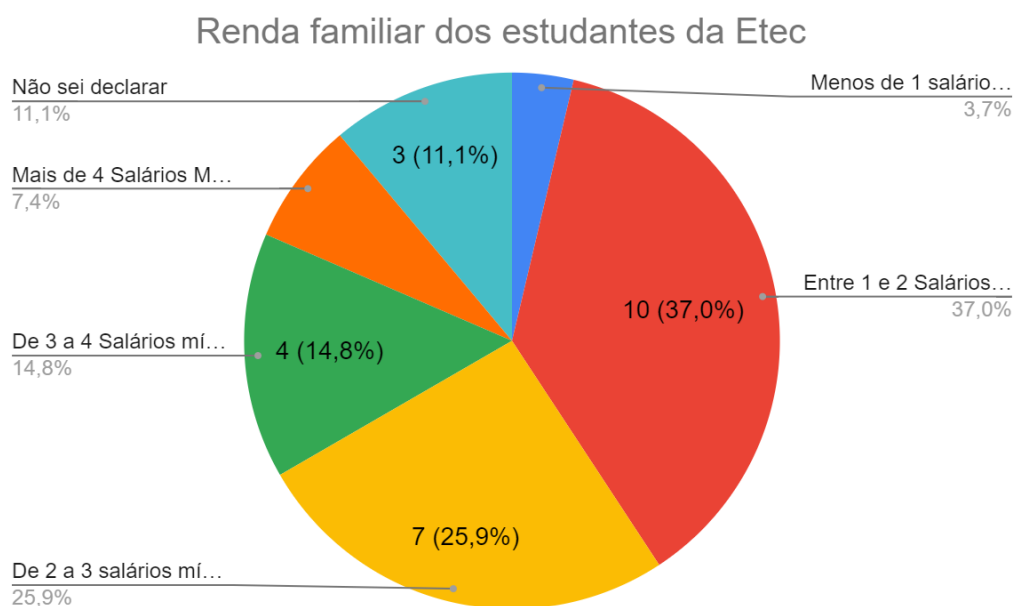


Fonte: elaboração própria

Em relação à renda familiar, na questão 14, cujo resultado segue exposto no gráfico 13, temos que a grande maioria, ou seja, 10 estudantes vivenciaram o período do ensino médio e ensino técnico com uma renda familiar entre um e dois salários mínimos, enquanto sete declararam entre dois e três salários mínimos, quatro estudantes declararam entre três e quatro salários mínimos e apenas dois jovens indicaram receber mais de quatro salários mínimos; no

tocante, três estudantes não souberam declarar o rendimento familiar na ocasião e um declarou renda menor que um salário mínimo na ocasião. Para contribuir na identificação da renda *per capita* percebe-se que na questão 15 que 11 dos jovens tinham quatro pessoas residindo com a renda informada, enquanto quatro apresentaram mais de cinco pessoas residindo em conjunto, dois estudantes indicaram três pessoas vivendo da renda e outros dois estudantes apenas duas pessoas.

Gráfico 13. Renda familiar dos estudantes da Etec



Fonte: elaboração própria

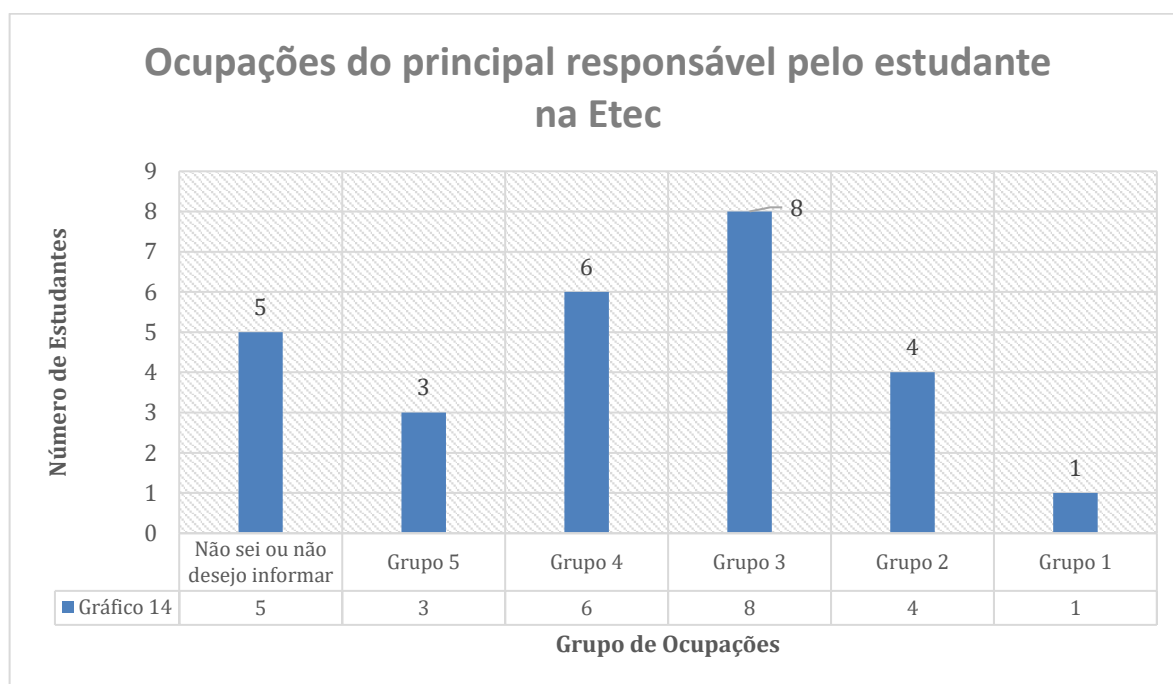
No perfil socioeconômico, ao iniciar os questionamentos sobre o uso da internet e a residência do estudante, os 27 entrevistados utilizam internet em seu celular (questão 16); 16 deles utilizam notebooks todos os dias para acesso à internet e outros sete estudantes utilizam do mesmo equipamento pelo menos uma vez na semana e apenas dois jovens não possuem acesso (questão 17). 23 dos entrevistados informaram ter *wi-fi* instalado na própria residência e apenas um dos entrevistados acusou que utiliza apenas a internet com o *wi-fi* de terceiros (locais públicos, escolas etc.) (questão 18).

Sobre a moradia dos entrevistados, levantadas na questão 19, 11 dos jovens residiam em casa própria e quitada, oito em casa alugada, cinco em casa própria financiada e três em casa de outros familiares. Enquanto vivenciavam suas vidas escolares, além da grande maioria ter informado possuir uma moradia satisfatória, tivemos também na questão 22 a informação de que 24 jovens enquanto estudantes tinham sido o principal responsável pela renda familiar

da casa empregado.

Sobre a principal ocupação do responsável pela fonte de renda na residência, a questão 23 buscou traçar qual a ocupação dividida em alguns grupos, resumidamente: o grupo 1 seria voltado ao agronegócio, o grupo 2 aos profissionais com trabalhos domésticos, o grupo 3 aos profissionais da área de serviços em geral, o grupo quatro voltado ao funcionalismo público, carreiras militares, professores, alguns cargos mais técnicos e nessa linha e o grupo 5 atividades na área de medicina, engenharia, cargos mais elevados, se assim posso dizer, em suas profissões. No gráfico 14 se apresenta o resultado obtido, sendo que a grande maioria se dividiu entre as ocupações do grupo três e do grupo quatro, profissões que ali se identificam como inclusive as de foco de formação do ensino técnico, ou seja, demonstram uma breve continuidade na formação do ensino técnico com o caminho que a família vem traçando.

Gráfico 14. Ocupações do principal responsável pelo estudante na Etec



Fonte: elaboração própria

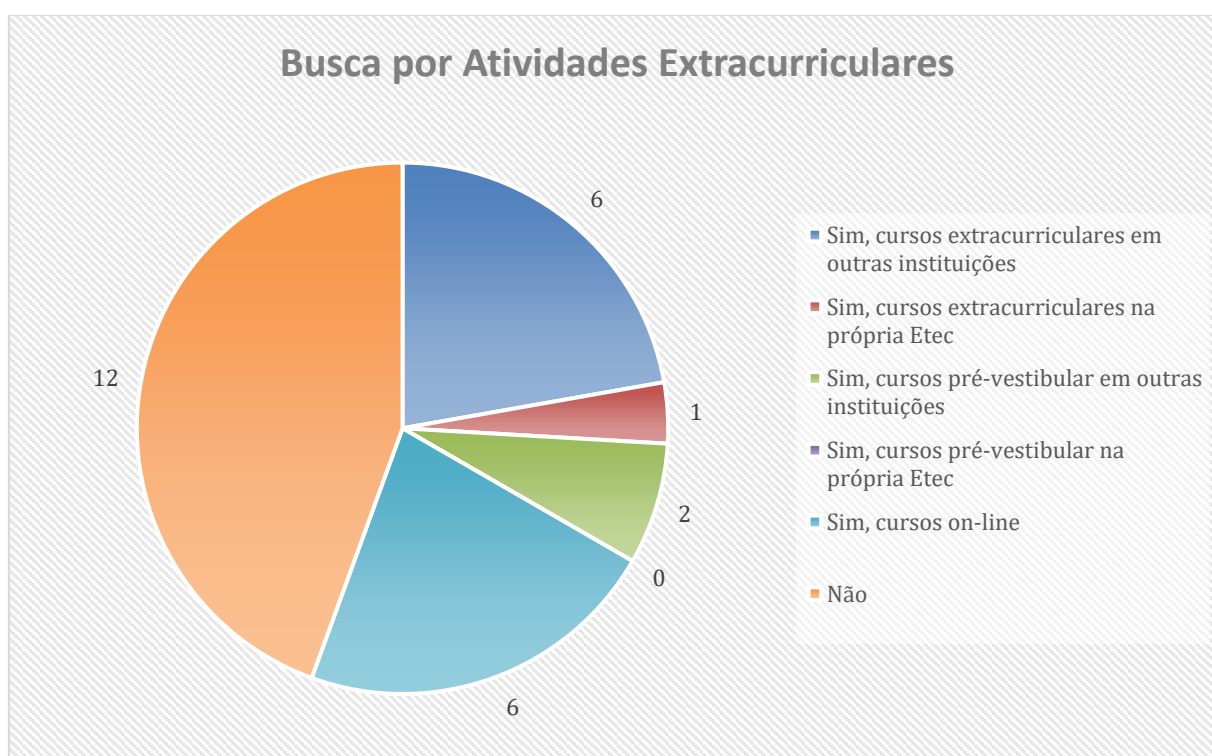
6.2 TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS EVADIDOS DE ETECS

Para entender a evasão escolar é fundamental que se investigue a trajetória desse aluno. Sua vivência escolar reflete diretamente na forma pela qual ele decidirá agir dentro de tal ambiente e suas escolhas pela continuidade ou desistência dos estudos. Portanto, nesta pesquisa extrai dados sobre essa situação. Dentre os pesquisados, 25 estudaram integralmente o ensino

fundamental em escolas públicas (questão 8) e apenas um sujeito da pesquisa indicou ter estudado em escola particular; quanto ao ensino médio, assim como já podemos notar nas respostas da questão nove, 12 cursaram o ensino médio em paralelo ao da Etec em outra escola pública, 12 cursaram o ensino médio integrado ao curso técnico em uma Etec e três foram jovens que cursaram o ensino médio em escola pública, mas transferiu-se para Etec e ficou a maior parte desse período.

Outro cenário estudado foi a dedicação à escola, considerando essa situação de integrar o ensino médio ao ensino técnico. Na questão 11 podemos identificar que 12 jovens se dedicaram durante o período escolar “manhã e tarde”, enquanto quatro tiveram uma dedicação “manhã e noite” e entre os demais pesquisados, sete em uma dedicação apenas noite e dois com dedicação vespertina e dois matutina. Na questão 12, conforme destacado no gráfico 15, busquei entender se além da dedicação escolar os jovens buscaram outras fontes de estudo; o resultado se apresentou como 12 indicando que não, ou seja, se dedicou exclusivamente à Etec e/ou o ensino Técnico Integrado ao Médio, seis buscaram cursos *on-line* (esse pode inclusive ser um movimento impulsionado pela pandemia, cuja busca por capacitações virtuais cresceu exponencialmente), um buscou capacitação extracurricular dentro da própria Etec e os outros seis buscaram capacitações pensando em sua preparação para o vestibular.

Gráfico 15. Busca por atividades extracurriculares

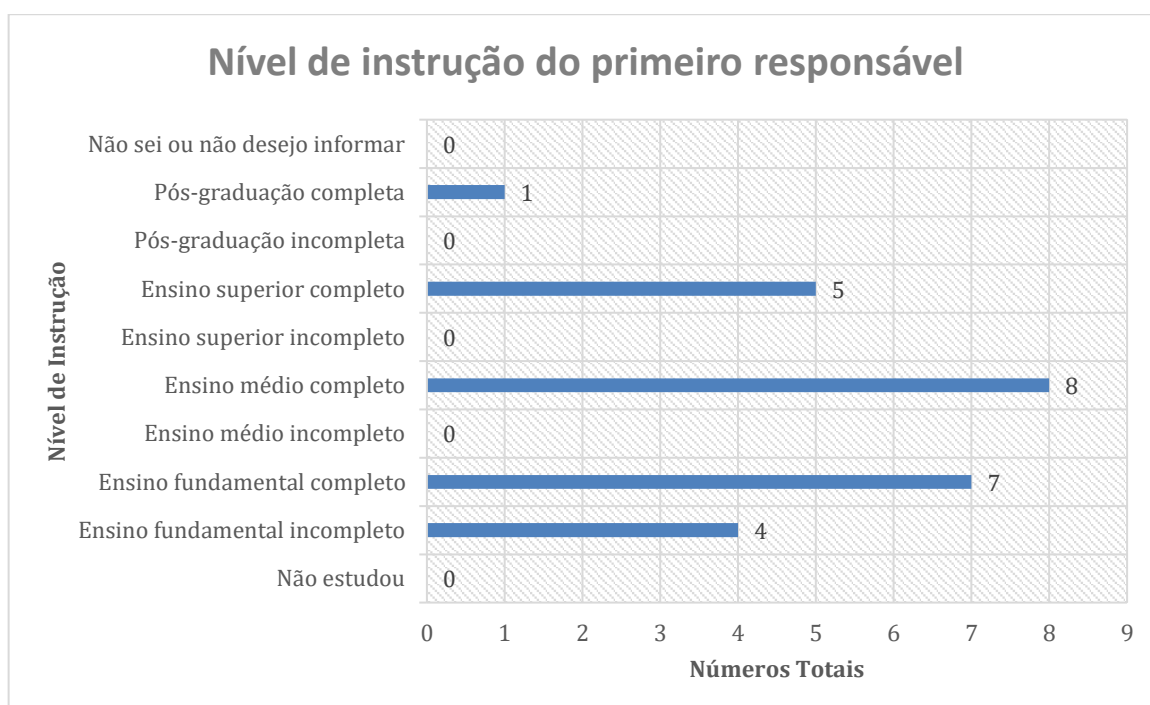


Fonte: elaboração própria

Neste ponto, podemos observar que pouco mais da metade dos estudantes entrevistados, ou seja, 15 dos jovens estudantes além de se dedicar a jornada de estudos propostos pela Etec também se preocuparam em buscar outras fontes de estudo, tendo que então nesse período ampliar ainda mais sua jornada de estudos. Preocupação essa que configura o interesse em possivelmente duas situações: capacitação profissional para ingressar no mercado de trabalho ou conseguir oportunidades melhores de emprego e o fato dos jovens buscarem melhor preparo para as provas de vestibular e por consequência o ingresso em Universidades.

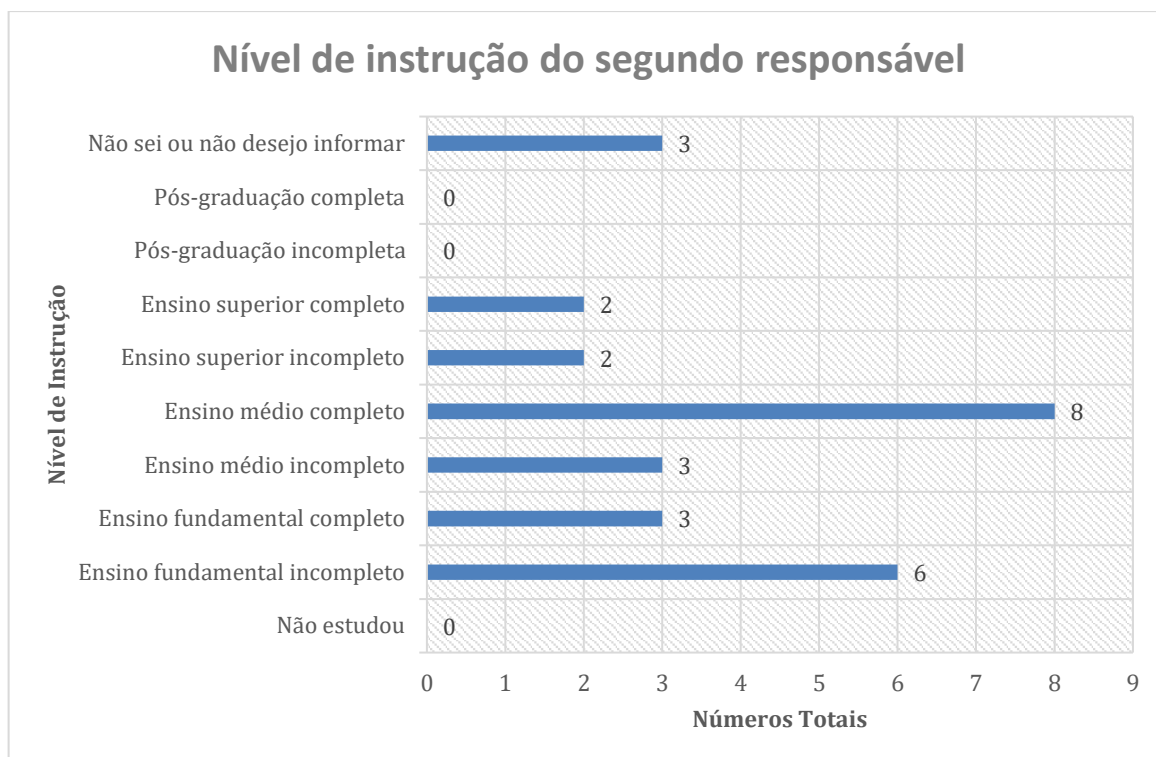
Um fato de extrema importância também em interpretar a vida escolar de uma pessoa é identificar até que ponto seus ascendentes estavam presentes na escola. Na questão 20 a pergunta foi trabalhada em “Qual é o nível de instrução do primeiro responsável por você (mãe, pai ou outra pessoa)” sendo que na questão 21 se perguntou sobre a segunda pessoa responsável. O resultado, exposto no gráfico 16 mostra que na questão 20 identifica-se quanto ao primeiro responsável, cinco atingiram o ensino superior completo, enquanto oito possuem o ensino médio completo e sete atingiram, pelo menos, a conclusão do ensino fundamental. Já quando se olha para o segundo responsável (questão 21 e gráfico 17) os números ainda caem um pouco mais, ficando em dois os responsáveis com ensino superior completo, o ensino médio completo se manteve com oito, mas o fundamental completo caiu para três, ficando então os responsáveis com fundamental incompleto em seis.

Gráfico 16. Nível de instrução do primeiro responsável



Fonte: elaboração própria

Gráfico 17. Nível de instrução do segundo responsável



Fonte: elaboração própria

Entre os entrevistados, por fim desta seção, a questão 24 destaca se o estudante possuía filhos durante seu período de estudos, 23 indicaram ‘não’ e quatro ‘sim’. Na questão 25 os entrevistados não eram obrigados a responder, apenas os que identificavam ter filhos, e desses, dois tinham dois filhos, um indicou três filhos e o outro indicou apenas um filho. E no que diz respeito à necessidade do estudante em se dedicar aos cuidados de outros familiares, enquanto estudante (questão 26), 19 indicaram não possuir tal responsabilidade, mas sete tinham a responsabilidade de cuidar de pelo menos uma criança e apenas um relatou ter necessidade de cuidado integral com algum idoso.

Até esse momento, então, a pesquisa apresentou um traço investigativo para identificação socioeconômica do entrevistado e para entendimento de sua trajetória escolar, bem como de seus familiares. Deste momento para frente as questões iniciaram uma perspectiva para traçar os fatos que construíram o estudante a motivação de evadir de seus estudos.

Por esta pesquisa entre suas hipóteses construídas, discutir a reforma do ensino médio dentro do contexto dos estudantes, mesmo tendo conhecimento de que algumas mudanças ainda nem foram implantadas ou estão em fase de construção, a questão 29 trouxe ao estudante o questionamento se ele tomou conhecimento da reforma, abrindo espaço para que na questão 30 ele pudesse comentar sobre ela. O resultado então foi que 15 estudantes destacaram ter tomado

conhecimento sobre a reforma enquanto 12 não. Na questão aberta, a grande maioria optou em não se manifestar, tendo dois comentários relevantes para pesquisa, sendo eles: “A carga horária aumentada, não deixava espaço a outras atividades” e “Sim, estudei muito mais em relação ao ensino fundamental”. Em ambos os casos a constatação foi de que ocorreu um acréscimo na necessidade de dedicação aos estudos dentro deste período.

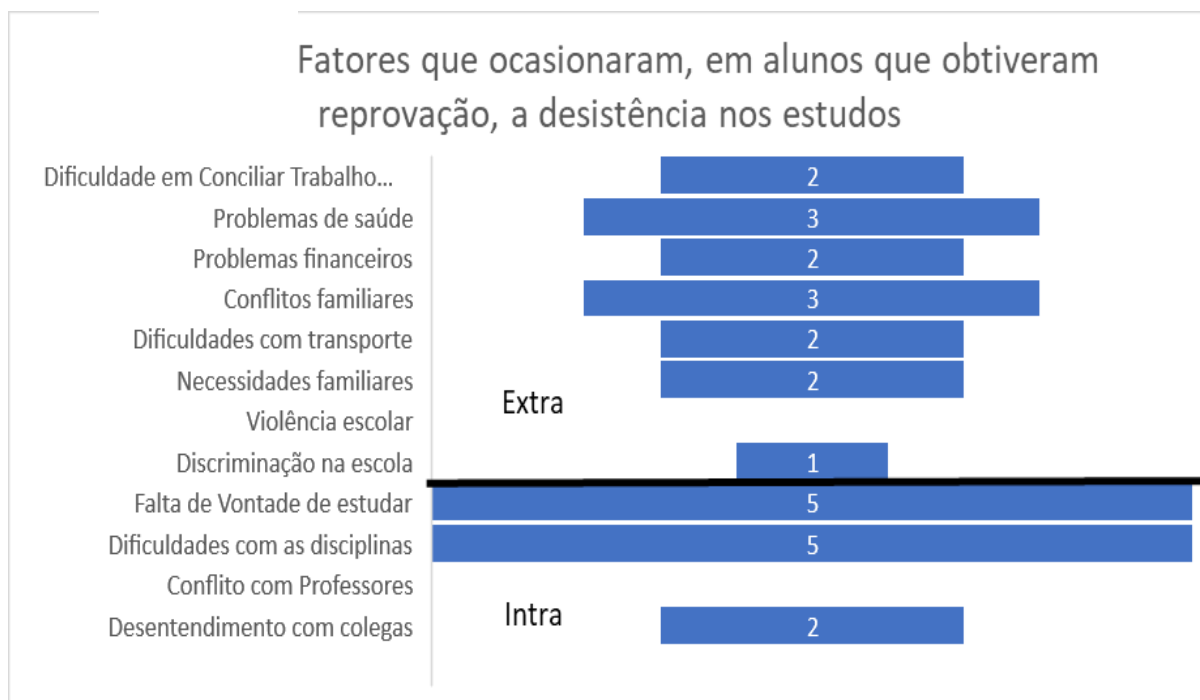
No universo das Etecs, ao qual pertenci durante o começo da pesquisa, existe uma movimentação muito grande quanto a carga horária dedicada no ensino. Se hoje, a integralidade do ensino aos estudantes do ensino médio em escolas públicas volta ao cotidiano, nas Etecs isso já havia se tornado realidade por volta de 2012. Contudo, já se buscam modificações na grade curricular, deixando de ofertar os “ETIMs” e passando a oferecer o “NovoTec” que são a inclusão do “novo ensino médio” e seguem as determinações da BNCC, mas que por muitas vezes o estudante (e nem o professor) sabe exatamente o que está configurando essa modificação.

Entre os sujeitos que colaboraram com esta pesquisa, se explorou informações sobre o estudante já ter cursado outras modalidades de ensino técnico (questão 31): 17 indicaram que não, era a única vez que haviam ingressado nessa modalidade, oito indicaram que sim, inclusive que além de cursar outro curso, também concluíram e dois indicaram que sim, mas que por sua vez evadiram. Nesse ponto é possível identificar um aspecto comentado ao longo do trabalho sobre esta geração, a questão de idas e vindas para escola, desistir e retornar, modificar o caminho ao longo do trajeto, a vida escolar refletindo a diversidade proposta pelo cotidiano dos jovens, assim como alinhada às mais inusitadas necessidades que surgem ao longo dos dias e que transformam, modificam os pensamentos e os desejos.

Entre as questões 32 e 36 as questões foram construídas para identificar o desenvolvimento do estudante quanto a evolução dentro da unidade escolar, a adaptação, se o estudante obteve algum tipo de reprovação e, caso sim, para entendermos os motivos para que isso tenha ocorrido. Quanto à reprovação, entre os evadidos, 20 apontaram que ‘não’ obtiveram reprovações e sete que sim. Na questão 33, onde o estudante poderia apontar mais de um motivo para sua reprovação, o resultado foi diversificado, mas com predominância dos fatores “falta de vontade de estudar” e “dificuldade com o desenvolvimento das disciplinas”, ambas com cinco estudantes apontando tais fatos (gráfico 18). Uma abordagem interessante a se destacar em cima desse resultado é que a falta de vontade de estudar pode ser um fator alinhado diretamente com a dificuldade em desenvolver a disciplina, pois automaticamente se existe uma dificuldade e não se encontra um trabalho de nivelamento, de resgate individual por parte do estudante, logo a vontade de seguir com os estudos tende a cair. Aqui nesse momento também

vale destacar que as questões de ‘dificuldades com professores’ e ‘violência escolar’ não tiveram nenhuma indicação entre os pesquisados.

Gráfico 18. Fatores que ocasionaram, em alunos que obtiveram reprovação, a desistência nos estudos



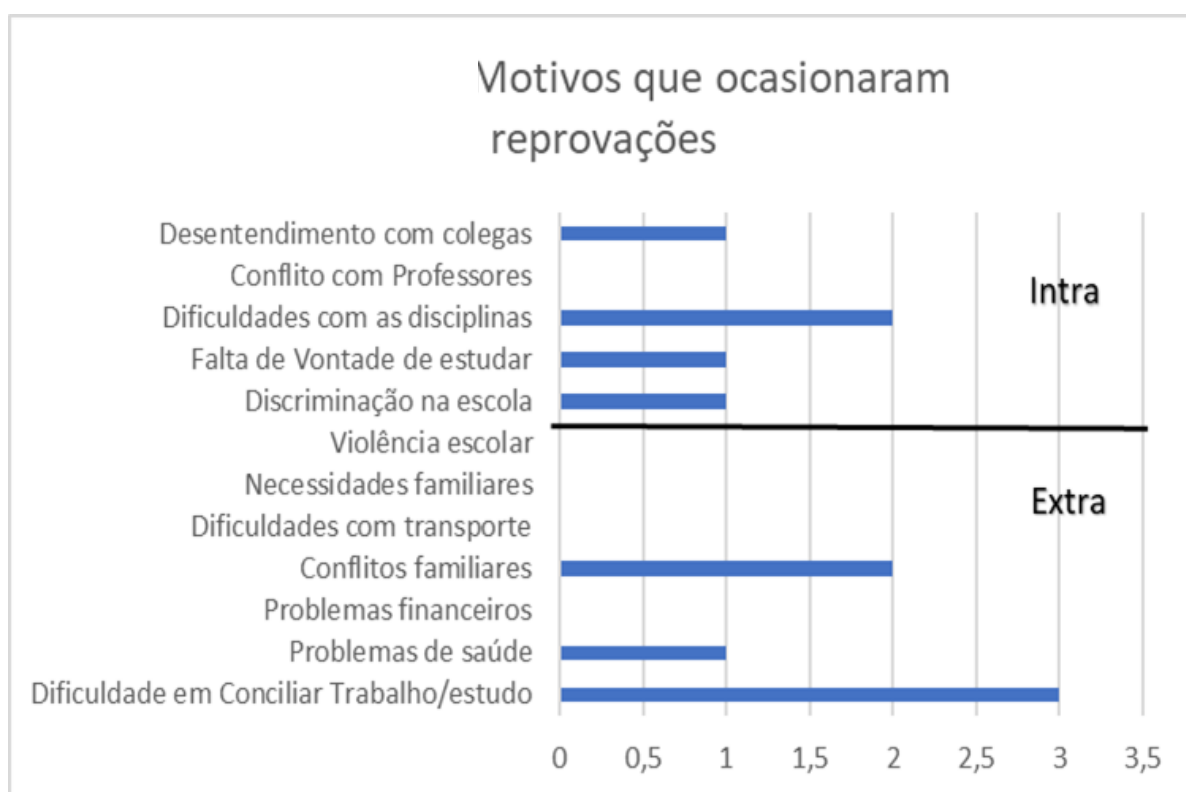
Fonte: elaboração própria

Ainda quanto ao gráfico 18, separamos as questões agrupadas em duas situações: fatores externos (extra) e fatores internos (intra) que possam ter influenciado o estudante de uma forma negativa na sequência de seus estudos: em fatores internos tivemos a falta de vontade de estudar (5 apontamentos), a dificuldade com as disciplinas (5 apontamentos) e o desentendimento com colegas (2 apontamentos) como os requisitos de maior influência no processo. As demais situações, classificadas como fatores externos, se dividiram entre os demais apontamentos na pesquisa. Nisto se traduz que as reprovações estariam mais ligadas a problemas pessoais dos estudantes, contudo sem eliminar que problemas externos poderiam também estar influenciando de maneira negativa. Na questão 34, onde o estudante poderia abertamente falar mais sobre suas reprovações, não tivemos indicações relevantes para análise.

Na questão 35, o intuito foi verificar se o motivo de obter reprovação foi fator determinante para que o estudante tenha evadido de seu curso técnico. A separação das perguntas levou a mesma proposta na construção do gráfico 18. Entre os pesquisados recolhemos apenas 20 respostas (gráfico 19), sendo que: três estudantes entenderam que a

dificuldade em conciliar trabalho e escola foi um dos fatores determinantes, dois apontaram novamente dificuldades com o desenvolvimento de disciplinas e outros dois problemas familiares, no mais um deles indicou ter sofrido problemas de saúde, mais um apontou falta de vontade de estudar, um se desentendeu com colegas de classe e o fato levou à desistência e outro sentiu discriminações no ambiente escolar. Contudo, a grande maioria, novamente apontou que não obtiveram reprovação, portanto isso não foi fator determinante para sua evasão escolar (14 estudantes). Na questão seguinte, a questão 36, o pesquisado dispôs de espaço para se manifestar, mas não registramos nenhuma resposta.

Gráfico 19. Motivos que ocasionaram reprovações



Fonte: elaboração própria

Entre as questões 37 e 40 se buscou entender se ocorreram formas de tratamento desigual ao longo de seus estudos no ensino técnico, as questões abordaram respectivamente: a possibilidade de algum tratamento desigual quanto a raça e/ou crença (questão 37), alguma forma de tratamento desigual quanto ao gênero (questão 38) e algum tipo de tratamento desigual quando o estudante teve contato com o mercado de trabalho (questão 39). O resultado foi que a grande maioria, na questão 37, indicou não ter recebido nenhuma forma de tratamento desigual, sendo 25 dos pesquisados, enquanto dois relataram que ‘sim, algumas vezes’. Na

questão 38, quanto ao gênero, repetiu-se a pergunta e o resultado foi que 26 dos pesquisados indicaram não notar nenhum tipo de tratamento desigual, enquanto um indicou que ‘sim, algumas vezes’. Na questão 39, a dinâmica persistiu, quando se questionado identificar tratamento desigual no momento de se ingressar no mercado de trabalho, considerando raça e crenças, 19 indicaram que não notaram nenhum tipo de desigualdade, enquanto sete relataram que não tentaram ingressar no mercado e apenas um destacou que sim, que identificou desigualdades. Na questão 40, quando a abordagem ocorreu para identificar tratamento desigual quanto ao gênero, no ingresso ao mercado de trabalho, 18 não identificaram, seis acusaram não ter tentado ingressar no mercado de trabalho, dois apontaram que ‘sim, algumas vezes’ e desta vez um dos entrevistados, representando 3,7% da pesquisa informou que ‘sim, muitas vezes’.

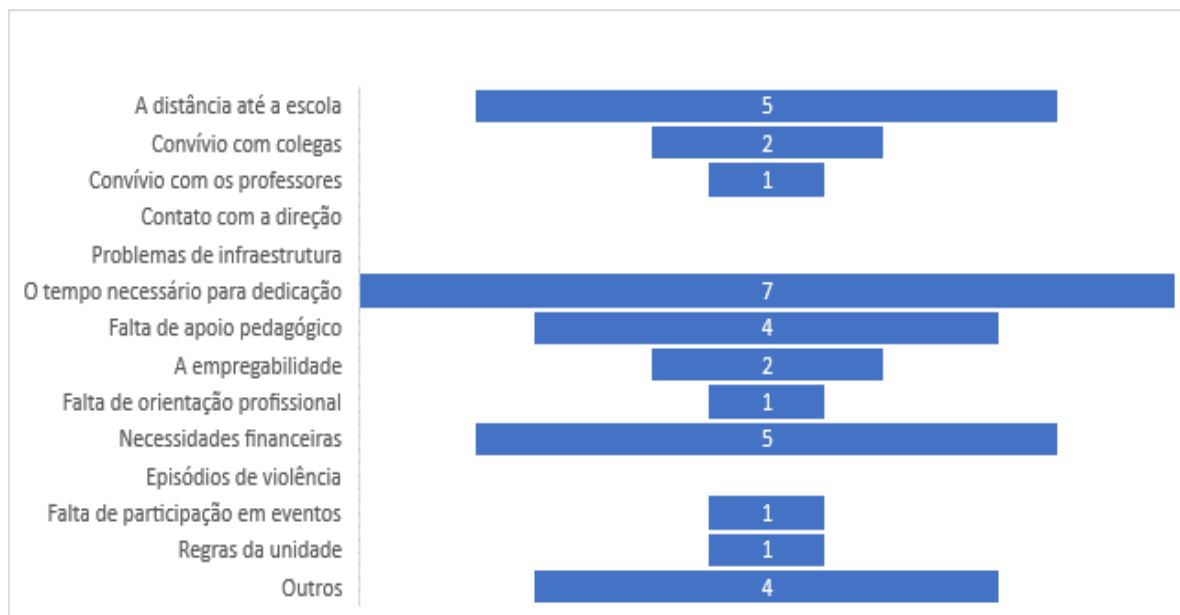
Em uma pesquisa aplicada de forma *on-line* sempre me remeto à importância de avaliar alguns pontos específicos que é possível identificar em um trabalho, talvez ler algumas entrelinhas. Quando profissionalmente faço a aplicação de questionários sempre é possível notar pequenas distorções em alguns pontos, e naquele momento entender alguns fenômenos que podem estar ocorrendo. Ao olhar o parágrafo anterior, identifica-se que a grande maioria dos sujeitos entrevistados não notaram desigualdades, sendo que esses fatores não foram determinantes para uma mudança de conduta em sua rotina escolar. Aqui vale destacar que a média geral de estudantes das Etecs, seja em minha pesquisa ou na pesquisa de perfil discente publicada pela unidade e que cito em meu trabalho, 60% dos estudantes da instituição são brancos; como destaquei anteriormente em meu trabalho, principalmente movido as falas do professor Kabengele Munanga, vivenciamos um ‘crime perfeito’, pois temos uma estrutura de preconceito racial no país, mas não temos racistas.

Tentando então extrair algo mais dos jovens que participaram da pesquisa, a questão 41 foi aberta, para o estudante se manifestar sobre qualquer tipo de desigualdade que possa ter sofrido ao longo de seu curso. Tivemos a seguinte manifestação: “Na área mecânica/elétrica industrial é muito difícil contratar mulheres, já que a maioria em exercício são homens”. Essa é uma verdade que compartilho a partir de experiências vivenciadas como agente atuando no processo de integração escolar e empresa. Apesar de nas áreas dos cursos técnicos termos, mesmo que de forma tímida, a participação de mulheres, remeto aqui os cursos técnicos de Mecânica, Mecatrônica, Eletrotécnica e Manutenção Automotiva, infelizmente o ingresso no mercado de trabalho para o sexo feminino é sempre mais difícil. Portanto, novamente destaco a complexidade quando se questiona aos pesquisados se notaram algum tipo de tratamento desigual no ambiente escolar ou no mercado de trabalho, talvez o entendimento tenha ocorrido apenas para sua própria vivência, excluindo do pensamento a desigualdade que envolve outros

indivíduos presentes no processo.

Na questão 42, deixei livre para que o estudante se manifestasse sobre as situações que o levaram a desistir de seu curso técnico, podendo inclusive apontar mais de uma ação que ocorreu ao longo de sua vivência escolar. Nesse ponto então sete estudantes apontaram que o tempo necessário para dedicação de seus estudos foi um dos fatores maiores para sua evasão; cinco estudantes apontaram a necessidade financeira como motivo e outros cinco estudantes consideraram a distância entre a sua casa e a escola um obstáculo para seus estudos. No mais, quatro estudantes desistiram de seus estudos pela falta de apoio nas questões pedagógicas, dois pelo convívio com os colegas de turma e um com o convívio com os professores; dentre as respostas dois evadiram devido à falta de empregabilidade em seu curso.

Gráfico 20. Motivos que levaram o estudante a evadir do ensino técnico



Fonte: elaboração própria

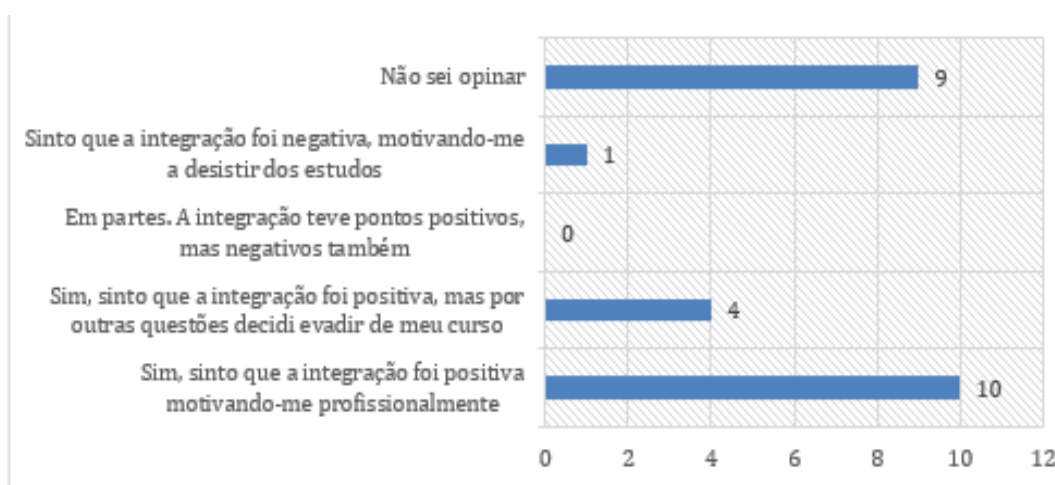
A questão 42, ilustrada pelo gráfico 20, apresenta a grande dificuldade de se estudar evasão escolar, imagino que inclusive a dificuldade sempre compartilhada por outros pesquisadores. Quando se levantou as hipóteses para essa pesquisa foi trabalhado que o fenômeno da evasão escolar é ocasionado pela falta de investimentos na educação, mas é também pelas complicações mercadológicas que envolvem a escola e buscam transformá-la em empresas, mas também é ocasionada pelo cenário conflituoso entre alunos, professores e gestão escolar, mas também é reflexo de brigas familiares e problemas extraescolar. Ou seja, em uma leve brincadeira de ‘mas também’ que faço acima, destaco a complexidade que temos em

apontar um fator exclusivo que seja fonte principal da evasão escolar em instituições de ensino, principalmente quando vivemos em um contexto social recheado de desigualdades e múltiplas questões envolvidas no cotidiano das pessoas: o que me leva hoje para escola pode ser exatamente aquilo que irá me tirar de lá amanhã.

Nas questões 43 e 44 as questões foram construídas de forma aberta, para os jovens interlocutores da pesquisa poderem se manifestar quanto à sua evasão indicada nos resultados que obtivemos no gráfico 18. Entretanto não tivemos manifestações relativas à pesquisa. Já na questão 45 o objetivo foi trazer uma breve reflexão do estudante comparando o que ele pensa hoje sobre ter evadido de um ensino técnico, destaco aqui as seguintes respostas: “Sinto que não mudaria minha decisão”; “Chance de um bom emprego” e “Foi a melhor escolha naquele momento, faria as mesmas escolhas na situação atual”. É possível então notar que em nenhum dos casos o evadido se mostra arrependido considerando o ambiente escolar, pois inclusive o evadido que se mostrou ter possivelmente perdido a oportunidade de um emprego, na verdade está pensando no benefício que o ensino lhe daria e não necessariamente na vivência escolar.

Em questão sobre o que o jovem sente sobre a integração entre ensino técnico e ensino médio (questão 46), temos que 10 consideram que esse fato trouxe impactos positivos para sua vida e nove declararam que não saberia opinar (gráfico 21); os demais se dividiram entre ter impactos negativos na vida, sendo ela uma das questões que levaram a evadir (um estudante) e não necessariamente a integração como fator principal de evasão, mas contribuiu (quatro estudantes). Na questão seguinte, a questão 47, abrimos para que eles pudessem falar mais sobre essa situação, mas não recebemos nenhum comentário.

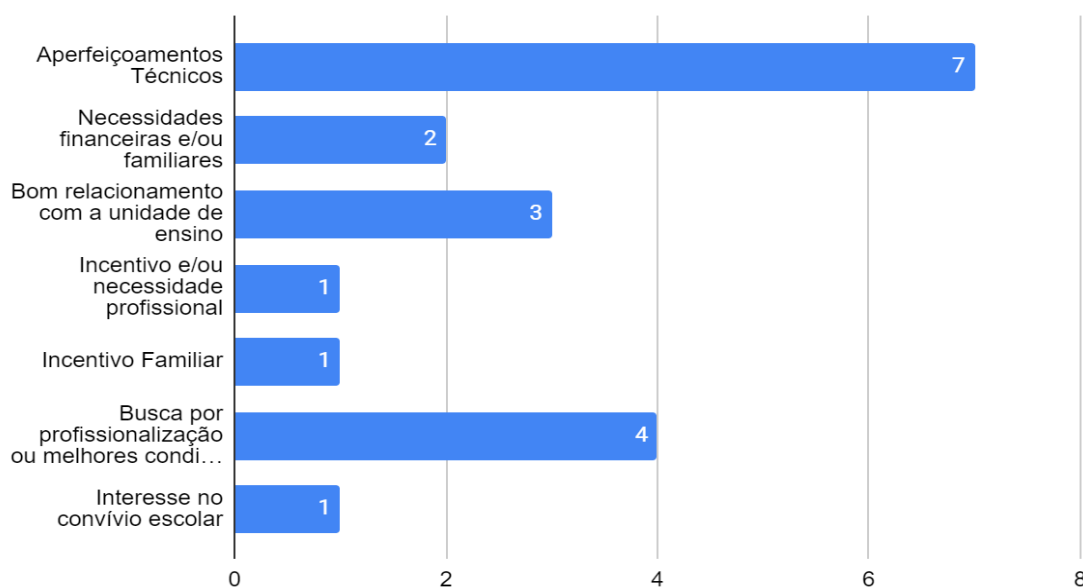
Gráfico 21. Impactos da integração entre Ensino Técnico e Médio



Fonte: elaboração própria

Entre as questões 48 e 51 foi abordado a intenção do jovem retornar para um curso técnico. Na questão 48 as possibilidades de resposta eram “sim”, “não” e “talvez”. Contudo a questão não ficou indicada como obrigatória no questionário e apenas 10 dos entrevistados se manifestaram. O resultado foi que cinco dos jovens afirmaram que “não” desejam voltar, enquanto três indicaram que “sim” e dois pontuaram que talvez. Na questão 49, cujos resultados se expressam no gráfico 22, se perguntou o que levaria um possível retorno ao curso técnico, as respostas vieram apenas dos participantes que indicaram que teriam ou talvez teriam o retorno ao ensino técnico, ficando principalmente o fator de aperfeiçoamento técnico destacado (sete respostas); vale ressaltar que nessa questão o participante poderia optar por mais de uma alternativa, portanto também tivemos destaque na questão da busca por uma profissionalização (quatro respostas). O que considero importante nesse momento é que ambos os fatores são os que fazem parte da missão do Centro Paula Souza, ou seja, oferecer um ensino que busque essa integração com o mercado de trabalho e os fatores produtivos e por isso nota-se que aqueles que sempre expressam interesse por fazer parte dessa modalidade de ensino apresentam pensamento similar. Isso não pode ser tratado como uma verdade absoluta, obviamente, mas é notável esse movimento.

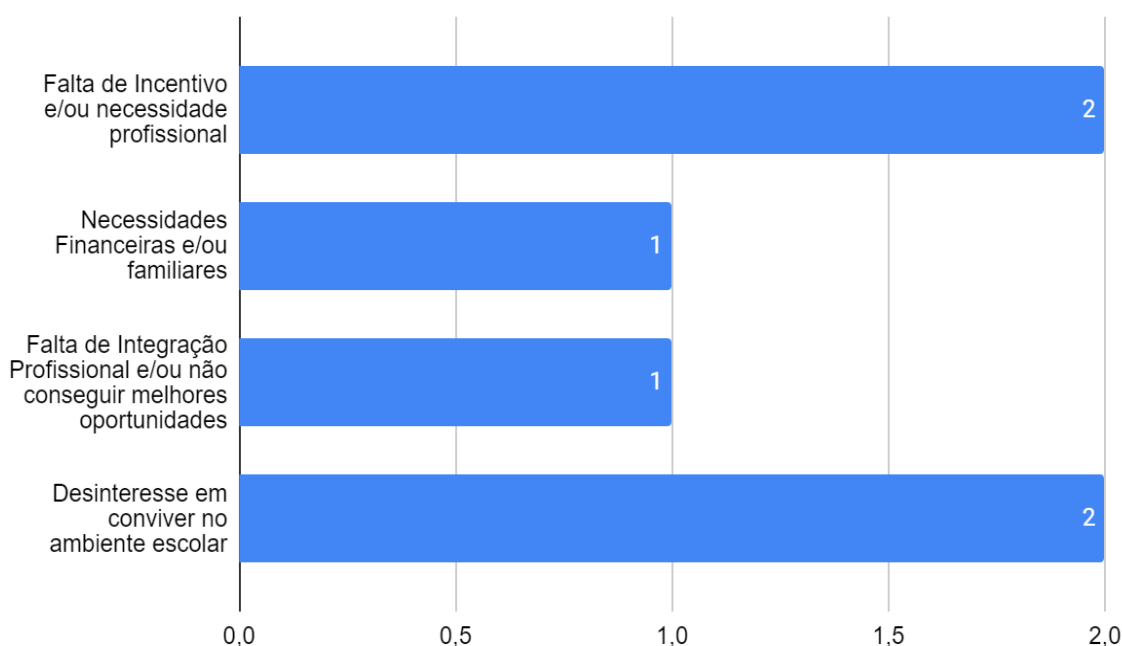
Gráfico 22. Fatores consideráveis para um retorno à Etec



Fonte: elaboração própria

Já na questão 50, cujo resultado se apresenta também no gráfico 23, o objetivo foi identificar os fatores que desmotivam o evadido ao seu retorno no ensino técnico. A dinâmica foi a mesma da questão anterior, com possibilidade de responder mais de uma alternativa e focada nos estudantes que deixaram seus cursos e responderam na questão 48 que não desejariam retorno ao seu curso. Entre os fatores que mais desmotivam ficou registrado a “falta de incentivo e/ou necessidade profissional” e o “desinteresse de conviver no ambiente escolar novamente”. Duas questões que levantam uma problemática direta para execução do curso, indicando aqui um problema que o estudante possa ter vivenciado no ambiente escolar, bem como a própria falta de integração do curso com o mercado de trabalho, um cenário totalmente oposto ao apresentado no resultado em relação ao estudante que deseja voltar ao curso.

Gráfico 23. Fatores que desmotivam seu retorno à Etec



Fonte: elaboração própria

A situação de oposição apresentada anteriormente nos traz uma série de reflexões, pois inseridos em um mesmo ambiente, com uma proposta teoricamente padronizada, em uma instituição com os mesmos profissionais em turmas diferentes é expresso que os resultados jamais serão os mesmos, pois quando se trata de seres humanos entram uma série de subjetividades; os sujeitos possuem individualidades que não podem ser superadas apenas pela

tentativa de sobrepor uma cultura, nesse caso a cultura escolar. Danilo Martucelli trata de individualização, definindo-a como:

A dinâmica essencial da individuação combina um ser diacrônico com um ser sincrônico, tratando de interpretar no horizonte de uma vida – ou de uma geração – as consequências das grandes transformações históricas. A articulação entre esses dois seres explicita a personalidade desta perspectiva, a saber, o questionamento do tipo de indivíduo que fabrica estruturalmente uma sociedade. Neste marco, os diferentes processos sociais, ligados a transformações econômicas, políticas ou culturais, não ficam em segundo plano, limitando-se a ser uma espécie de “adorno” distante, pelo contrário, são estudados através de diferentes metodologias, nas formas concretas pelas quais se inscrevem nas existências individuais. Em resumo, uma sociologia da individuação se afirma como uma tentativa para escrever e analisar, a partir da consideração de algumas grandes transformações históricas, a produção dos indivíduos. A questão não é então saber como o indivíduo se integra à sociedade pela socialização ou se libera por meio da subjetivação, mas de dar conta dos processos históricos e sociais que o fabricam em função das diversidades sociais. (MARTUCELLI, 2007, p. 30)

Esse paradoxo apresentado pela escola, esse conflito entre o sujeito estudante, o sujeito professor e toda estrutura e dinâmica que ali é proposto também faz parte das considerações fundamentais que Dubet decidiu aprofundar seu olhar para as escolas. Inclusive, o problema da individualização na escola traz outras reflexões, tais como:

Os atores sociais são confrontados a situações e problemas, essas situações e problemas não são escolhidos por eles, mas são eles que dão sentido e que reagem a essas situações e problemas. Foi por isso que eu me interessei muito, pelo que, para os alunos, é um problema grande na escola, isto é, como se motivar para estudar. Nem o nascimento nem a estratégia, são suficientes para se motivar a estudar. E há alguns anos, eu desloquei essas questões para as questões das desigualdades. No fundo, o que faz com que aceitemos a maioria das desigualdades? O que faz com que recusemos algumas? O que faz com que ajamos? O que faz com que não ajamos? Então, sou um sociólogo bastante clássico, de certa forma, pois penso que há sistemas sociais, conjuntos sociais, forças sociais [...] E, desse ponto de vida, estou de acordo com Bourdieu. Acho que há sistemas sociais, mas diferente de Bourdieu, acho que os atores agem, os atores protestam, e a dominação nunca é total. Inclusive, se a dominação fosse total, não haveria movimento feminista, não haveriam movimentos ecologistas, não haveriam sofrimentos, nem protestos. Essa é minha impressão pessoal (DUBET, 2021, p.1).

Se na sociologia, pelos dizeres de Dubet e Martucelli, discutimos a importância da interação entre os sujeitos no processo de escolarização, tendo ali um cenário de individualidades, de subjetividades e também de desigualdades. No cenário da educação tecnicista, passamos para uma outra situação: para tal modalidade de ensino, a centralidade da construção do conhecimento passa do método para o equipamento, tornando o professor apenas um mediador no processo. Nesse caso, portanto, cabe ao aluno aprender e em caso de insucesso a culpa também recai totalmente sobre ele. Essa é uma modalidade muito presente na construção do ensino técnico, principalmente nos cursos mais tradicionais e aqueles cujas

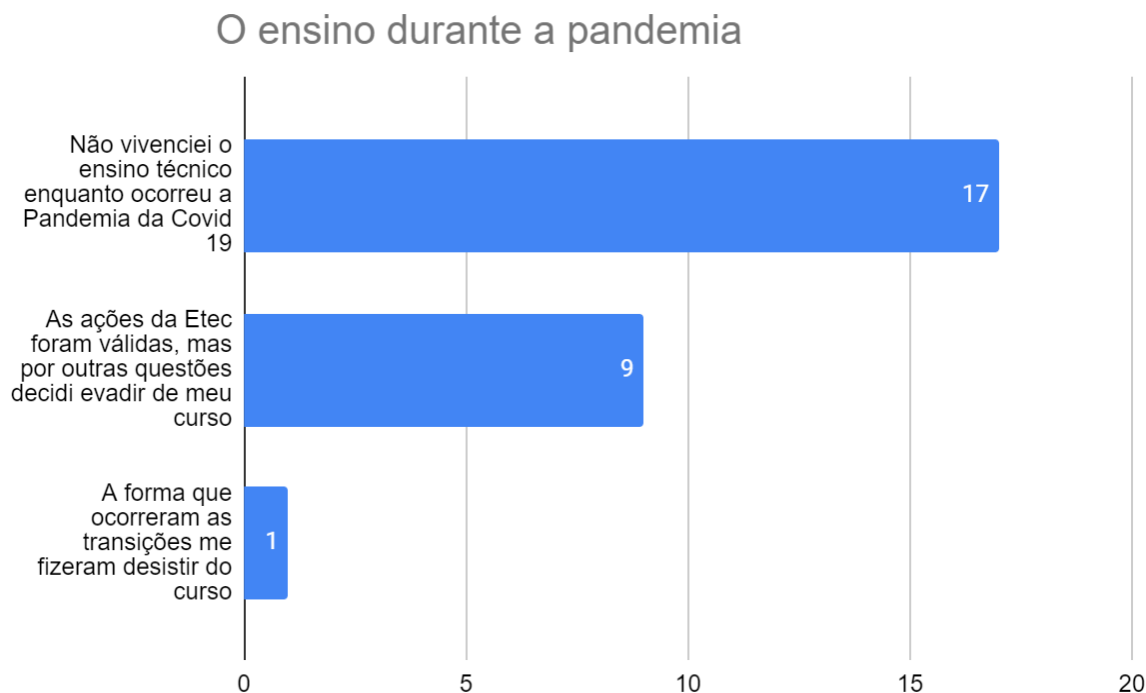
denominações permanecem como “cursos industriais” (mecânica e eletrotécnica). Entretanto, como pudemos observar, também não podemos apontar tais fatores como principais responsáveis pela evasão, pois cursos mais novos, com metodologias ditas “mais modernas”, como Meio Ambiente, cujo corpo docente se constrói com doutores e mestres (fato inclusive utilizado para divulgação do curso nas mídias sociais da unidade) e volta seus métodos de ensino além de aulas práticas, a abordagem de metodologias ativas em sala de aula, também se apresenta como um dos cursos com maior índice de evasão (tabela 2).

Por fim, a questão 51 buscou identificar se o estudante evadido de um curso teria o desejo de retornar ao ensino técnico, mas em outro curso. O resultado foi que oito apontaram que sim, quatro indicaram que não e seis apontaram que talvez (os demais estudantes não souberam ou não quiseram opinar).

Nas questões 52 e 53 o interesse foi identificar como o estudante viveu a situação da pandemia da Covid-19 no ambiente escolar, as mudanças no cenário, os impactos que ocorreram em sua vida e seu desenvolvimento escolar. Destaco aqui o recorte histórico dos estudantes que esta pesquisa buscou, indo desde antes da pandemia e passando por ela. Por isso, na questão 52 apresento que: 16 dos estudantes evadiram do curso técnico antes da pandemia, quatro apontam que a pandemia foi fator motivacional para sua evasão e quatro consideram que a pandemia não teve influência em sua decisão de evasão escolar. Além disso, três estudantes tratam que a pandemia teve impactos negativos, mas não foi o principal fator motivador para evasão.

Na questão 53, expressa no gráfico 24, a proposta foi entender se para o estudante a adoção, quase que automática, na mudança dos moldes de ensino, utilizando a plataforma do Microsoft Teams para ensino remoto e mudando suas estruturas de ensino foram válidas para os estudantes. O resultado foi que permaneceu a maioria dos estudantes sem vivenciar esse cenário (com 17 apontamentos para esse quesito), enquanto nove apontaram que consideraram válidas as ações por parte da Etec durante o período de pandemia e um dos estudantes pontuou que não foi válido, sendo isso inclusive o fator de desistência de seu curso.

Gráfico 24. O ensino durante a pandemia



Fonte: elaboração própria

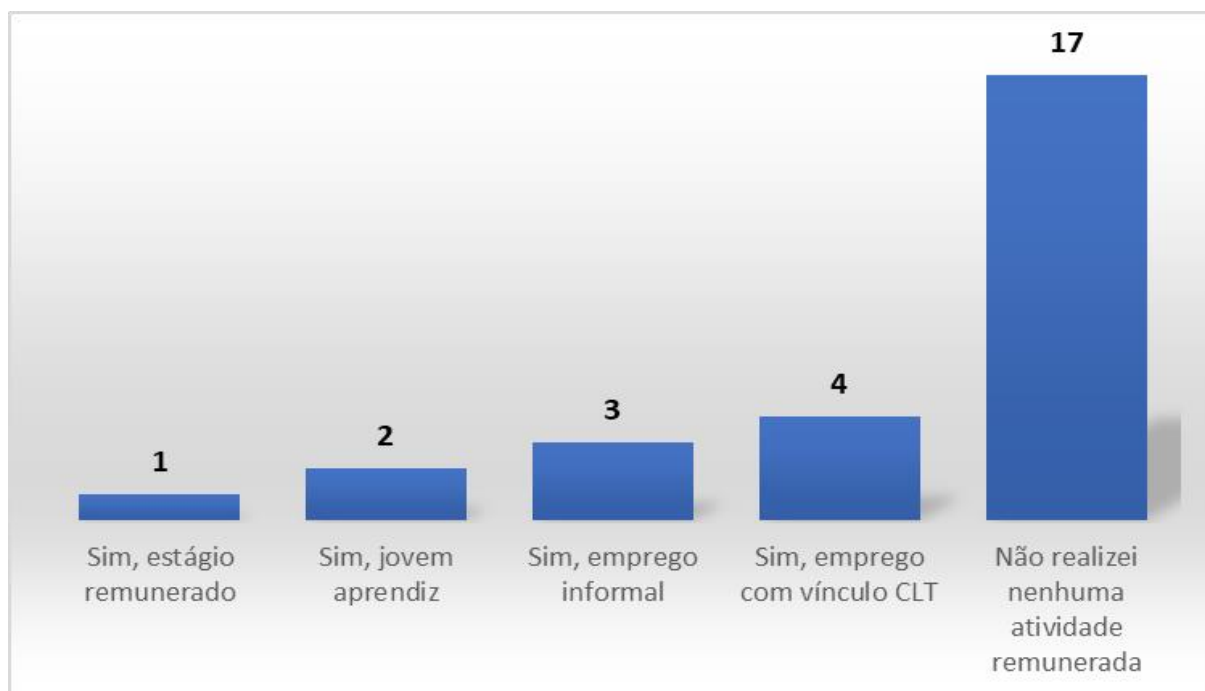
Portanto, aqui nessa parte da pesquisa, é possível entender e reforçar que sempre os múltiplos olhares devem ser aplicados quando se estuda evasão escolar, jamais é possível se encontrar um padrão de análise ou uma perspectiva precisa, apesar de estudos quantitativos mostrarem cenários que caminham para uma variável. Adotando medidas sobre fatores identificados em pesquisas, agindo para “maioria” automaticamente excluimos indivíduos do processo e esse é fator quase que “comum” no cotidiano escolar, ou melhor, em nossa sociedade. Apresentando assim o paradoxo existente na trajetória escolar do sujeito, passamos então para outro cenário. O do mundo do trabalho, que se alinhará com o ensino técnico.

6.3 TRABALHO E ESTUDO NO ENSINO TÉCNICO

Uma das principais hipóteses discutidas neste trabalho foi a situação de envolvimento do estudante com o mundo do trabalho. O ensino técnico é historicamente construído para atender aquela que se determinou como “mão de obra operária”, o ensino que se volta para profissionalização daqueles que apenas atingiriam no máximo esse nível de ensino e teria o interesse grande do empresariado em construir trabalhadores mais bem preparados. Vivemos uma versão um pouco mais atualizada disto, mas que ainda não deixou de ser, pelo menos, parte

verdade. Contudo, o que também é possível notar no cenário atual de Etec é que muitos jovens não vivenciam o mundo do trabalho enquanto estudante (gráfico 25), seja por não conseguir integração ou simplesmente por não desejar tal cenário, utilizando da Etec por muitas vezes como uma via de acesso ao ensino superior, movimento que obriga que as Etecs, inclusive a trabalhem com outras linhas de pensamento, menos empresariais e mais direcionadas para exames vestibulares e o próprio desenvolvimento humano.

Gráfico 25. Atividades remuneradas durante o ensino técnico

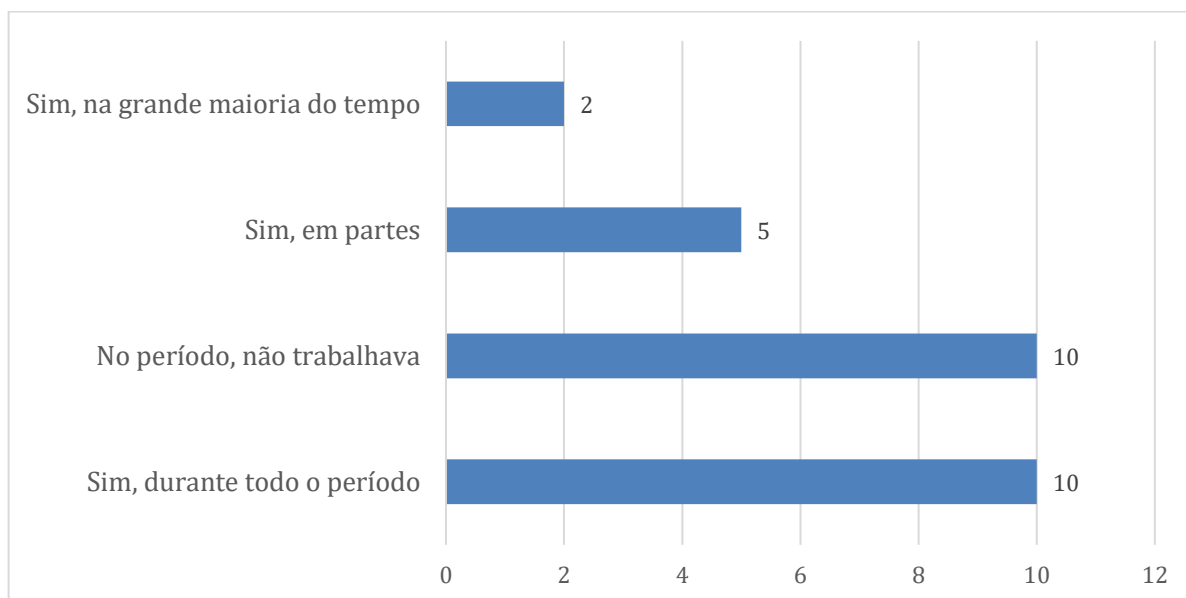


Fonte: elaboração própria

Na questão 13, base para a construção do gráfico 26, o intuito foi que o estudante apresentasse algumas opções de realização de trabalho durante o ensino técnico; essa opção foi retomada para discussão na questão 54, mas ampliando a possibilidade de apresentar outros envolvimento com o mundo do trabalho, inclusive atividades não remuneradas, mas que envolvesse o mundo do trabalho. Como resultado, 10 jovens participantes da pesquisa não tiveram qualquer envolvimento com o mundo do trabalho; outros 10 apresentaram envolvimento durante todo período em que esteve no ensino técnico, cinco se envolveram em partes com o mundo do trabalho e dois tiveram envolvimento durante a grande maioria do tempo. Se perguntando anteriormente se o jovem trabalhava durante o curso técnico, a grande maioria indicou que não, quando se abre a questão para envolvimento com o mundo do trabalho, independente da forma que ocorreu a atividade, o número de participantes indicando que “sim”

aumentou exponencialmente.

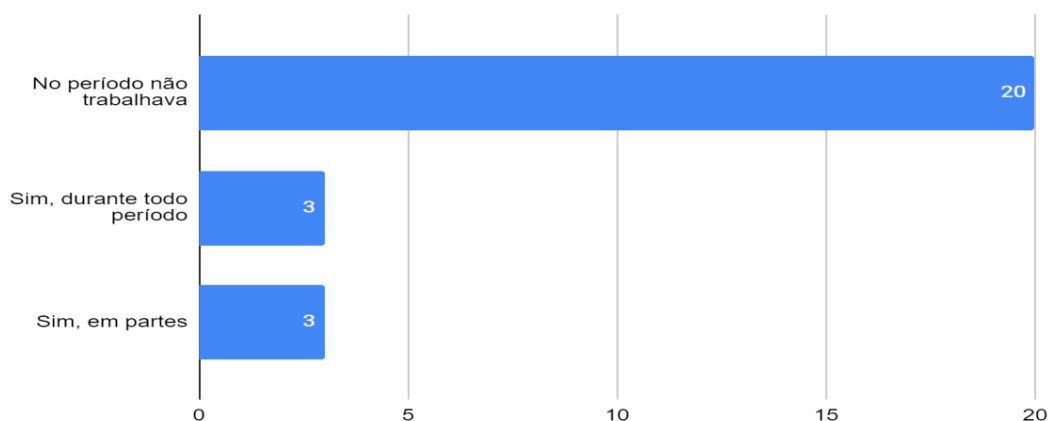
Gráfico 26. Dedicção ao mundo do trabalho enquanto estudante



Fonte: elaboração própria

Em meu trabalho, apresentei também a discussão sobre o comprometimento das atividades domésticas como uma das fontes de evasão escolar. Na questão 55 o questionamento ocorreu sobre a dedicação para atividades domésticas com remuneração; 20 estudantes indicaram que não, três estudantes indicaram que durante um curto período do ensino técnico precisou se dedicar e três que durante todo período de estudos se dedicou para atividades domésticas remuneradas. Agora, quando se abordou conforme a questão 56, se o estudante se dedicava para atividades domésticas, entrando aqui sua atuação na divisão das tarefas domésticas cotidianas, temos que: 10 estudantes indicaram que tinham que se dedicar, pelo menos em partes de seu dia no apoio, nove durante todo período enquanto estudante, precisou contribuir com atividades domésticas e quatro precisaram contribuir na grande maioria do tempo (outros quatro apontaram que não precisava trabalhar no período, traduzindo então que inclusive não precisa contribuir com as atividades domésticas em sua casa).

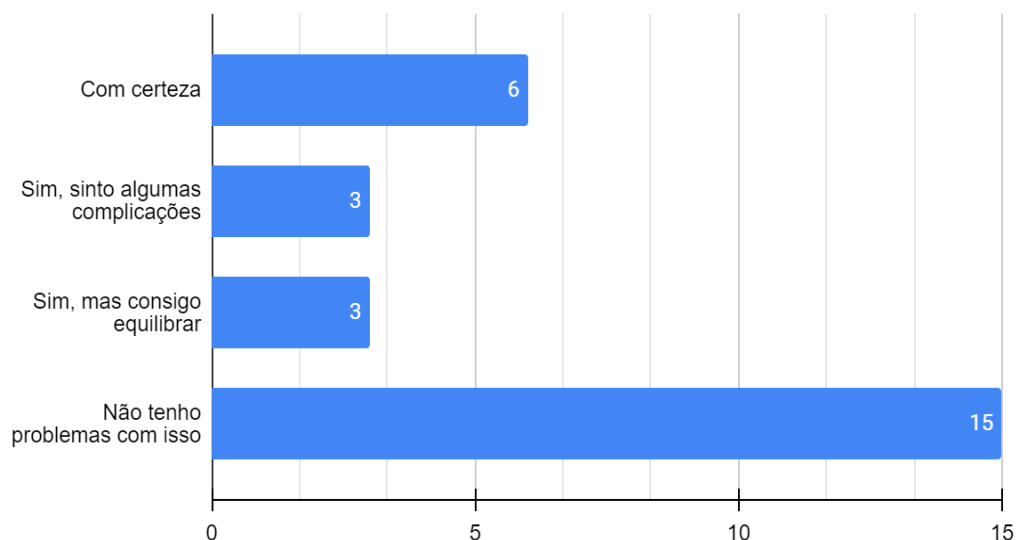
Gráfico 27. Atividades domésticas durante o ensino técnico



Fonte: elaboração própria

Na questão 57 a abordagem foi para identificar quais atividades domésticas ficariam sob responsabilidade do estudante. Conforme identificado anteriormente que a grande maioria não atuava no mercado de trabalho enquanto estudantes do ensino técnico, nesse momento então é possível identificar que as atividades domésticas começaram a ficar apontadas como maior vertente. 10 indicaram que as atividades domésticas tomavam certo tempo de seu dia, oito indicaram que realizavam atividades domésticas em conjunto, três indicaram que suas atividades domésticas tomavam grande parte de seu dia ou noite e dois precisavam se dedicar para tomar conta de uma criança ou idoso na ocasião; dos entrevistados, quatro seguiram apontando que não realizavam nenhuma atividade doméstica. Na questão 58 o sujeito expressaria que considera que as atividades domésticas geram impactos em seu desenvolvimento profissional (gráfico 28), e 15 indicam que não encontram problemas com isso, seis consideram que ela impacta com certeza e os outros seis dividem-se igualmente entre “Sim, mas consigo equilibrar” e “Sim, sinto algumas complicações”. Aqui vale destacar que uma parte apontou anteriormente que nunca se dedicou, nem ao mundo do trabalho, nem às atividades domésticas, mas que nesse caso também respondeu essa questão, ou seja, de qualquer forma a grande maioria sente algum tipo de problema quanto a sua dedicação profissional quando existem também necessidades de se dedicar em atividades domésticas. Na questão 59 deixou-se em aberto para se expressarem quanto a isso e não ocorreram registros.

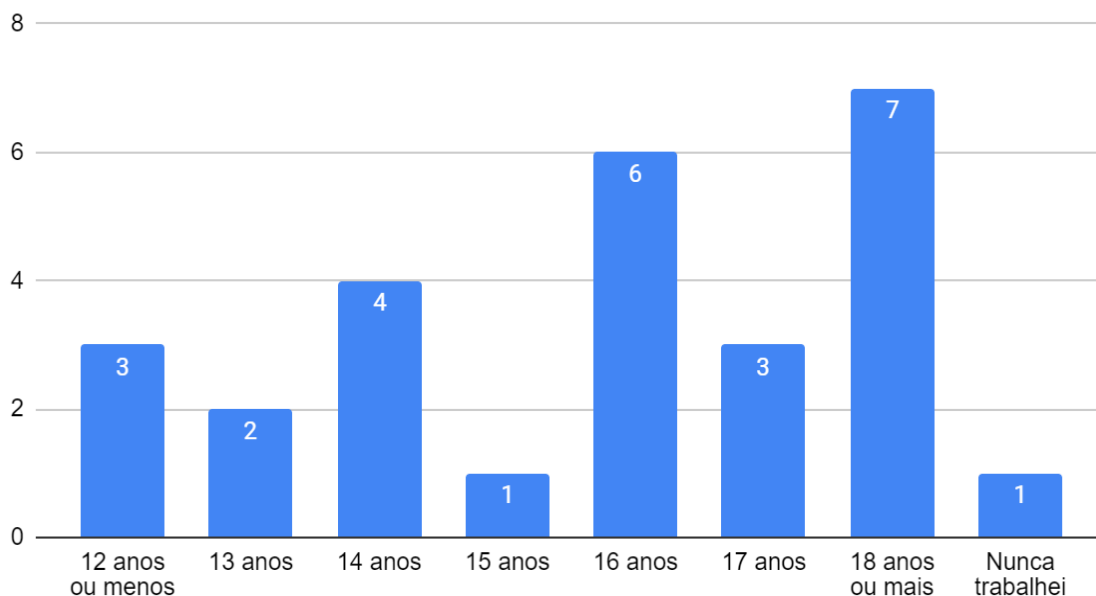
Gráfico 28. Impactos na vida profissional mediante dedicação nas atividades domésticas



Fonte: elaboração própria

Apesar de nos resultados anteriores termos a indicação predominante de que no período de estudos o jovem não ter contato com o mercado de trabalho, isso não é determinante que ele nunca tenha desenvolvido nenhum tipo de encontro com o mundo do trabalho. Na questão 60, bem como na seção IV da pesquisa contemplada no Apêndice A, seguimos ampliando o entendimento dessa integração. Conforme demonstrado no gráfico 29 o contato do jovem com o mundo do trabalho se iniciou em várias idades, já partindo desde os 12 anos, uma verdade que podemos expandir como sendo realidade de milhares de brasileiros. Na pesquisa três jovens iniciaram suas atividades no mundo do trabalho com 12 anos, seis tiveram contato com 16 anos e sete começaram acima dos 18 anos. Com esse resultado podemos identificar que 19 dos 27 pesquisados ingressaram no mundo do trabalho ainda antes de seus 18 anos de idade.

Gráfico 29. Idade dos jovens em seu primeiro contato com o Mundo do trabalho



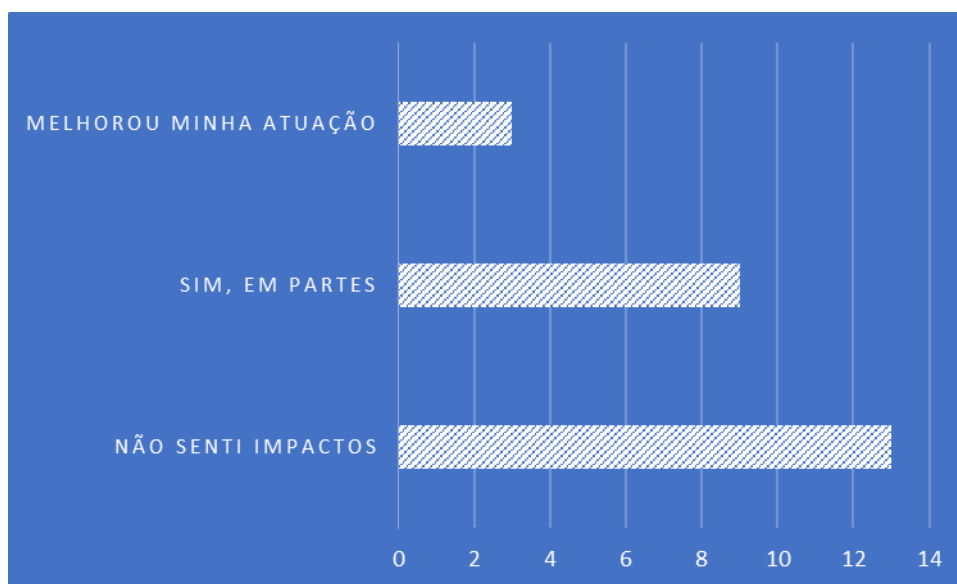
Fonte: Elaboração própria

Na questão 61 abrimos espaço para identificar o tipo de trabalho que esse jovem desenvolveu, mas desta vez buscando contemplar o período em que esse contato foi paralelo ao de sua vida escolar na Etec: seis dos jovens indicaram que durante sua permanência como estudante na Etec não trabalharam, seis também atuaram com vínculo empregatício da CLT, quatro fizeram parte do programa Aprendiz Paulista, outros quatro atuaram sem registros profissionais, três foram estagiários durante esse período e três realizavam trabalhos domésticos remunerados, por fim, um indicou que no período atuou voluntariamente, sem carteira assinada.

Uma vertente de pensamento que se encontra no universo das Etecs é que o ensino técnico proporciona uma melhoria profissional aos estudantes, entretanto tal situação não fica tão clara quando se investiga os alunos evadidos. Na pesquisa, cujo resultado compartilho no gráfico 30, a pergunta foi se o curso técnico trouxe impactos na vida profissional dos estudantes e o resultado foi que 14 dos jovens não sentiram impactos na vida profissional graças ao curso técnico, enquanto 11 indicaram que sentiram, mas em partes e apenas dois afirmaram com clareza ter sofrido impactos positivos na sua atuação. Dubet (2001, 2004) destacou a importância de entender como a escola tratava os “vencidos”, obras inclusive complementadas por Martucelli (2015), cujo resultado me move bastante é que sem olhar para os que não estão

atingindo os resultados desejados por um plano de ensino, você automaticamente está contribuindo para desigualdade.

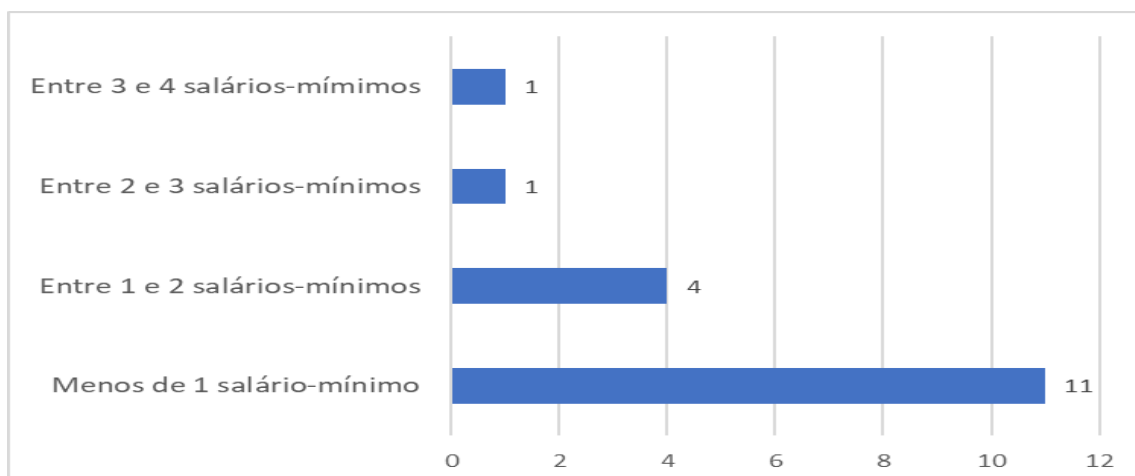
Gráfico 30. Impactos profissionais do curso técnico



Fonte: elaboração própria

Na questão 63 (gráfico 31) o objetivo da pergunta foi entender o fator principal de motivação para que o jovem buscasse o mundo do trabalho em paralelo ao seu cotidiano escolar. nove dos pesquisados indicaram não ter trabalhado no período, seis desejam a independência financeira (autonomia), quatro estavam preocupados com seu currículo, três trabalharam por conta das necessidades familiares, três queriam possuir uma renda e dois almejavam uma mobilidade social e/ou adquirir experiências. Um fato importante identificado logo na questão seguinte (questão 64) é a renda desse jovem enquanto seu contato com o mundo do trabalho: desconsiderando os jovens que indicaram nunca terem trabalhado (10), a grande maioria, ou seja, 11 indicaram que no período em que trabalharam sua renda era menor que um salário-mínimo e quatro ganharam até dois salários-mínimos.

Gráfico 31. Renda mensal considerando o trabalho em paralelo a escola



Fonte: elaboração própria

Nos dados que levantei anteriormente, aos quais alinho com os obtidos através dos estudos de Tomassi e Corrochano (2020), destaquei como de grande importância essa informação. Nela, é possível notar que, no mercado de trabalho cada vez mais se identifica o aumento de trabalhadores em condições precárias de trabalho, bem como trabalhadores sem registros profissionais. Na grande construção ideológica do mundo do “empreendedorismo”, os jovens atuam como trabalhadores autônomos, na busca de conseguir grandes fortunas, fama etc. Contudo, o que muito se vê são jovens com uma carga de trabalho muito grande, lutando para conseguir o mínimo possível para sua sobrevivência. Uma das situações extremamente familiar no cotidiano das Etecs são jovens que possuem uma ou duas partes de seu dia dedicadas ao estudo, mas que complementam suas atividades atuando nas práticas de estágio ou aprendiz, tendo inclusive como tal prática uma ação necessária para construção da renda familiar.

O estágio é configurado pela Lei 11.788 de 2008 como uma atuação educativa, uma atividade que visa melhorar o aprendizado por conta de agregar experiências profissionais ao envolvido, entretanto ele está sendo procurado pelas empresas e fornecido pelas escolas como substituição a um trabalhador formal. Lembro que isso não é algo exclusivo das Etecs, mas como um movimento possível de se identificar no mercado de trabalho brasileiro de forma geral, uma busca do puro e simples barateamento da mão de obra nas empresas.

Na questão 65 investiguei a destinação da renda que o jovem obtinha enquanto estudava, ponderando se neste ponto ele conseguia aplicar sua renda em gastos pessoais ou se precisava dela para complementar a renda familiar. Do total pesquisado, apenas quatro não precisavam ajudar nas despesas familiares; valor que se pode juntar aos nove que responderam não trabalhar no período de estudos. Os demais estudantes da pesquisa (14) precisavam contribuir com parte

ou integralmente sua renda para as despesas gerais da casa. Neste ponto fica claro que muitos jovens ingressam no mercado de trabalho por necessidade, acompanhando o cotidiano familiar e seguindo uma influência (e nesse caso direta ou indireta). Já na questão 66, ao questionar se o trabalho foi prejudicial aos seus estudos, o resultado foi que oito indicaram que alinharam bem ambas as atividades, não considerando o fato de trabalhar como algo que prejudicou sua vida acadêmica, dois apontaram que o trabalho foi um fator importante em seu desenvolvimento e cinco indicaram que sim, o trabalho atrapalhou seu desenvolvimento no curso (12 dos pesquisados apontaram que não trabalharam durante o período do curso).

Por fim, entre as questões 67 e 72 as perguntas foram criadas com interesse de entender se a integração ou a falta de integração ao mercado de trabalho foram situações que pesaram negativamente para o seguimento do curso, causando então o interesse de evadir nos jovens. No gráfico 32, criado pelas respostas da questão 67, vemos que 14 dos pesquisados não entende que o trabalho foi um motivo que o levou a evadir do curso, enquanto 11 apontam que não trabalharam no período. Na próxima questão, abrimos espaço para eles se expressarem livremente, mas não tivemos comentários expressivos para seguimento da pesquisa.

Gráfico 32. O trabalho pode ser considerado um dos motivos de evasão de seu curso?



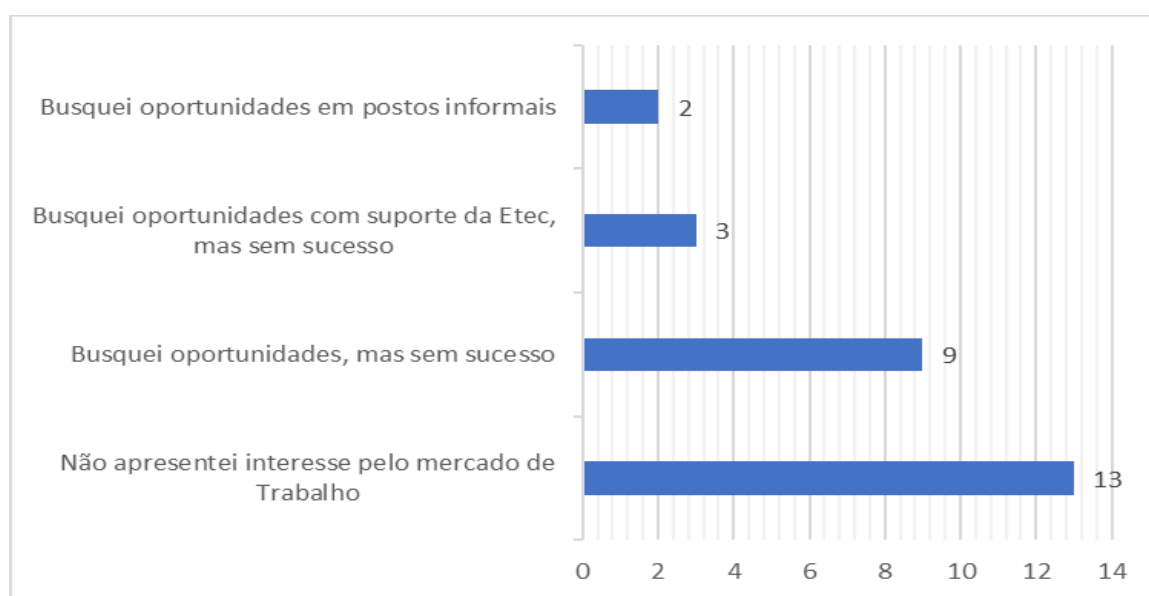
Fonte: elaboração própria

Na questão seguinte (questão 69) a pergunta foi imaginando se o jovem não estivesse atuando integralmente na escola e no trabalho, ou seja, se o não trabalhar no período foi uma situação que levou a desistir do curso. 16 apontaram que não, ou seja, não trabalhar no período também não foi uma situação que levou a desistência, nove seguiram apontando que não

trabalharam no período e apenas dois apontaram que a falta de emprego foi o fato que motivou sua desistência.

Sabendo que existem diversos públicos que constituem uma Etec, e conhecendo que o jovem que estava integrado entre o ensino médio e o ensino técnico não possui um olhar específico ao mundo do trabalho, já que muitos não trabalhavam, na questão 70 abordei se o pesquisado no período de estudos, buscou tal oportunidade. O resultado expresso no gráfico 33 foi que: treze não tiveram interesse em buscar ingressar no mercado de trabalho, nove procuraram essa integração sozinho durante seus estudos, mas sem sucesso, três tiveram essa ação com suporte da Etec (por meio dos programas de estágio e/ou aprendiz) e dois tentaram integração em postos de trabalho mesmo que informais, mas também não conseguiram. Na questão seguinte, a questão 71, foi aberto espaço para eles se manifestarem sobre a situação, mas infelizmente ninguém participou.

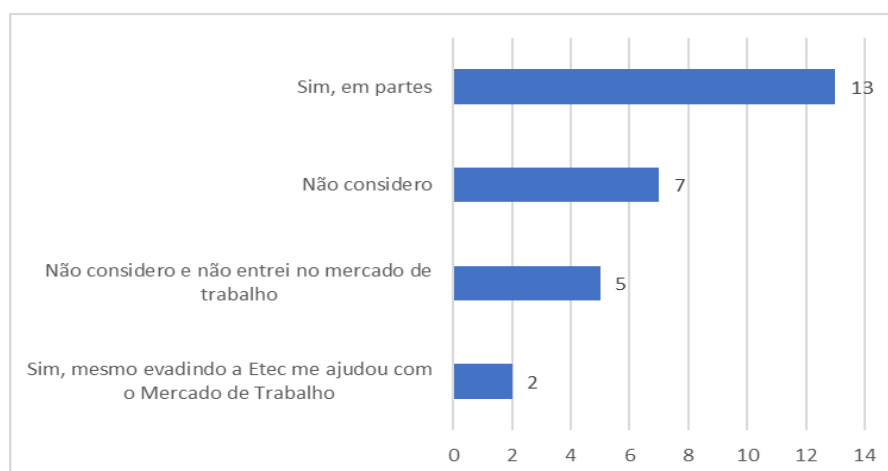
Gráfico 33. A busca por oportunidades no Mercado de trabalho enquanto estudante



Fonte: elaboração própria

E por fim desta seção, na questão 72, demonstrado o resultado mediante apresentação do gráfico 34, a proposta foi entender se o jovem considerou que o curso técnico foi o principal responsável pela sua integração ao mercado de trabalho, sendo que sete apontaram que não e esse resultado se complementa aos outros, cinco indicaram que não e não ingressaram no mercado de trabalho; 13 indicaram que sim, mas em partes e apenas dois apontam que mesmo que evadidos consideram que o curso técnico ajuda com a integração ao mercado de trabalho.

Gráfico 34. Perspectiva do jovem quanto a determinante de um curso técnico realizar sua inserção no mercado de trabalho



Fonte: elaboração própria

Observando os resultados expressos, podemos trazer duas situações para o diálogo, que inclusive foi trabalhado ao longo deste estudo: os jovens não consideram, com exatidão, que as Escolas Técnicas (Etecs) são “determinantes” para que eles possam ingressar no mercado de trabalho; outra situação é que o empresariado se faz presente, sim, no cotidiano das Etecs, mas não por isso que ele possa suprir toda demanda existente na rede de ensino, muito menos, tratar que todos os alunos que ali estão matriculados tem o desejo primordial de se tornar uma mão de obra, ainda mais com os inúmeros casos que se encontram de exploração no mercado de trabalho.

Essa afirmação faço considerando principalmente que é comum dentro do sistema de ensino das Etecs, diretrizes por parte do Centro Paula Souza e/ou do Governo do Estado de São Paulo, indicando a necessária de uma aproximação da escola com as empresas. Contudo, fica a reflexão de que se grande parte dos jovens não estiverem buscando o ingresso no mercado de trabalho, essa divergência ocasionará possivelmente em uma futura evasão.

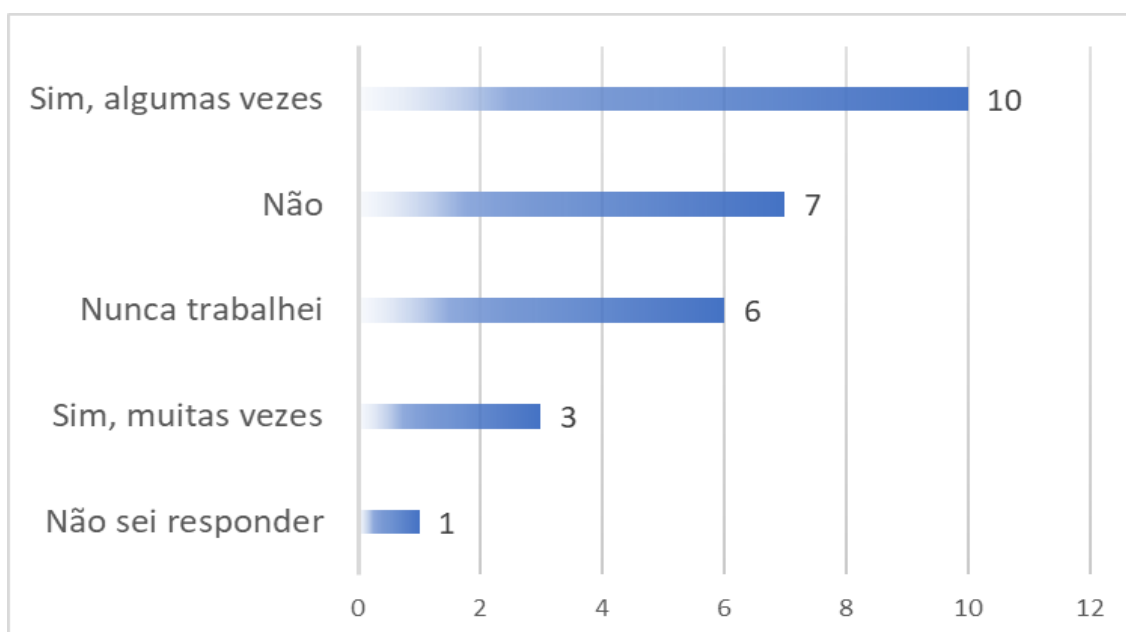
6.4 AS PERSPECTIVAS DOS JOVENS EVADIDOS DAS ETECS

Na seção elaborada cujo intuito seria traçar as perspectivas do jovem mediante sua vivência junto ao ensino técnico, identificando que essa modalidade de ensino se posiciona como forte instrumento de preparação e aprimoramento junto ao mercado de trabalho, obteve-se que na visão entre os pesquisados: 20 consideram que sim, o ensino técnico proporciona uma melhoria profissional na carreira, cinco acham que até é possível tal melhoria, mas em partes e

apenas dois não identificam o ensino técnico desta maneira (questão 73). Na próxima questão foi questionado se o jovem considera as questões técnicas como suficiente para um bom desenvolvimento profissional; 14 responderam que “sim, em partes”, cinco responderam que “sim, com certeza” e cinco responderam que “não”, nessa questão também foi identificado que três nunca trabalharam.

Nesse ponto o objetivo foi verificar se na visão do jovem ele identificava que as habilidades técnicas se sobressaem no mercado de trabalho em comparação a outras questões, como o gênero, a raça, os comportamentos socioemocionais e assim por diante. Na visão da grande maioria, os conhecimentos técnicos são suficientes para melhoria do desempenho profissional, entretanto na prática podemos entender que não funciona bem assim. Seguindo com a pesquisa, conforme apresentado no gráfico 35, após o pesquisado ter se posicionado sobre a importância do conhecimento técnico como, talvez, fonte exclusiva de desenvolvimento profissional, questionei se já passou por experiências de discriminação no mercado de trabalho e as respostas foram: três apontaram que “sim, muitas vezes” e dez que “sim, algumas vezes”; os demais se dividiram entre não, não sei responder e nunca trabalhei. Portanto, nesse universo pesquisado, onde a grande maioria se posiciona como concordando que as competências técnicas são cruciais para o desenvolvimento profissional também temos que 14 vivenciaram algum tipo de discriminação ou exclusão no mercado de trabalho.

Gráfico 35. Experiência com discriminação no mercado de trabalho



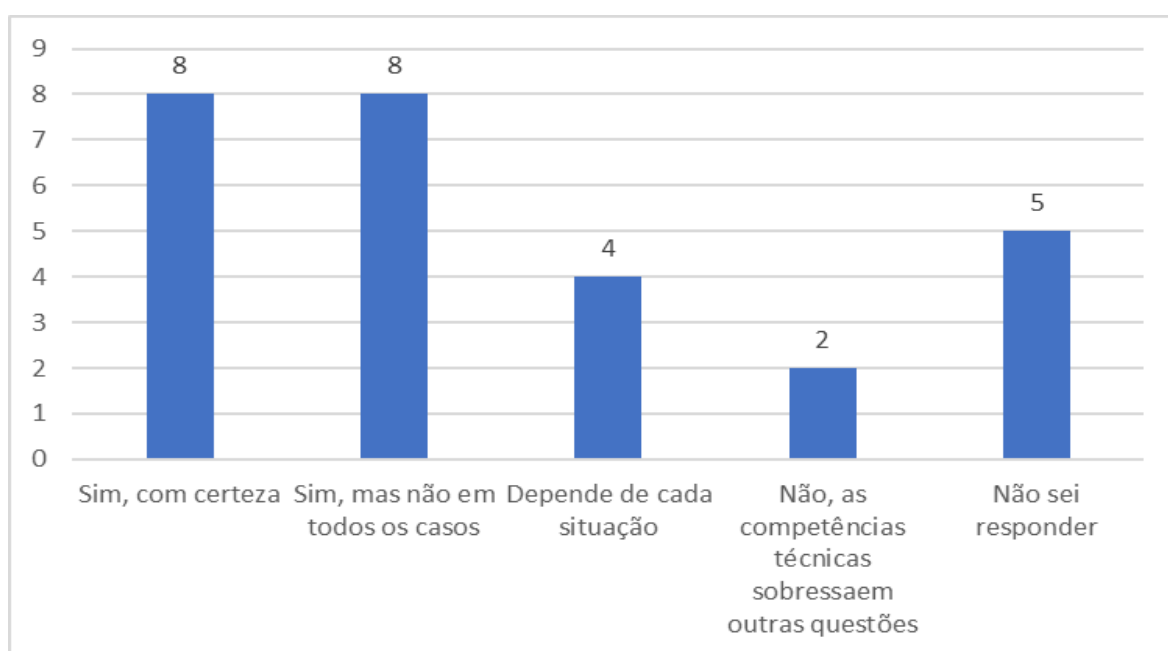
Fonte: elaboração própria

Na questão 76 foi aberto espaço para manifestações por parte dos pesquisados sobre as

questões anteriores, principalmente para a situação de uma possível exclusão ou desigualdade identificada no mercado de trabalho. Dois pesquisados se manifestaram, conforme registro: “Em várias entrevistas o fato de não ter experiência profissional pesava bastante” e “discriminação pela idade”. Ambas refletem uma problemática que é possível identificar na realidade dos jovens, sendo uma exigência, até excessiva em alguns momentos por parte das empresas, que é a extrema qualificação dos profissionais, sendo por muitas vezes oferecer benefícios equivalentes em troca, ou seja, existe muita exigência, mas uma exigência exploratória.

Aprofundando a questão de possíveis desigualdades no mercado de trabalho, na questão 79 os participantes foram questionados se consideram que existem impactos sobre as questões de gênero e raça que inclusive podem sobrepor as competências técnicas no mercado de trabalho. O resultado segue apresentado no gráfico 36, onde novamente podemos verificar que 16 dos pesquisados apontaram que sim, é possível entender que gênero e raça influenciam a carreira profissional acima dos conhecimentos técnicos e outros quatro apontam que depende de cada situação, ou seja, concordam em partes. Essa pergunta foi trabalhada anteriormente no questionário, no momento em que apontava se o estudante havia vivenciado discriminações e o resultado foi um pouco diferente, inclusive levando a entender que o público que esse questionário atingiu não seria diretamente o público que sofreu com tais problemas.

Gráfico 36. Análise das questões raciais e de gênero sobre as competências técnicas no mercado de trabalho



Fonte: elaboração própria

Entretanto, como visto no gráfico 36, pode-se afirmar que para concorrer a vagas no mercado de trabalho não basta apenas competência técnica. Fatores raciais e de gênero, por muitas vezes, estão acima daquilo que você sabe fazer ou de suas competências. Quando autores, como Marília Pontes Sposito e Paulo César Carrano trazem o termo “fetichismo das qualificações” ao qual vivemos, e sobre esse tipo de situação ao qual estão se referindo; tal problemática também é frisada por Maria Carla Corrochano, quando ela aponta em seus estudos que o processo de qualificação dos jovens está sendo insuficiente para que eles tenham melhores oportunidades de trabalho. E com propriedade reforço, que muitas vezes presenciei dentro da Etec, jovens com grande potencial de atuação no mercado, dentro do curso que haviam escolhido, que participavam de todas as atividades desenvolvidas pela unidade e conseguiam sempre boas notas, mas que ao serem direcionados para as vagas que surgiam, não eram selecionados. Jovens estes, quase sempre, negros ou mulheres.

Por fim, como uma das hipóteses trabalhadas para evasão também foram os conflitos pedagógicos, na questão 77 a pergunta buscou entender se o evadido recebeu algum tipo de tratamento discriminatório dentro da Etec, sendo que 18 disseram que não e dois não souberam responder; do outro lado da moeda, um aponta que sim, muitas vezes e seis indicaram que sim, algumas vezes. A problemática apresentada anteriormente pode ser vista como uma possível fonte de evasão, afinal 20 jovens, dos 27 pesquisados, apontaram que já vivenciaram discriminações no mercado de trabalho e, por consequência, é possível identificar a Etec envolvida nesse processo, pois apresenta um ensino voltado ao mercado de trabalho e fomenta em seus estudantes a busca constante para inserção profissional.

Adentrando um pouco mais na questão, a gama de cursos oferecidos na Etec Sales Gomes em questão é diversificada, passando por áreas de conhecimento mais recentes no mercado de trabalho, como a Administração e o Desenvolvimento de Sistemas, mas também é possível encontrar um público focado nos conhecimentos industriais, que inclusive são muito fortes no dia a dia da escola. Como explorado no capítulo sobre a história da instituição, inclusive a própria Etec é vista e conhecida por muitos na região como “Escola Industrial”, nome que carregou por muito tempo desde sua formação em 1934. Nesse cenário é possível identificar diferentes metodologias sendo empregadas no cotidiano escolar, que mesmo a unidade tendo um plano central de políticas pedagógicas, ao se ramificar dentro dos colegiados ele vai se construindo conforme o corpo docente presente. Aqui, abro um ponto de reflexão: é interessante e de grande relevância entender que ter uma construção voltada exclusivamente ao mercado de trabalho, mas não ter um público interessado em atuar conforme as determinações do mercado, muito menos usar da estrutura do ensino técnico para apenas aprender o “como

trabalhar”, podemos identificar que existe uma grande divergência entre os interesses, fator esse que pode ser apontado como relevante para o entendimento da evasão escolar.

Chegando ao ponto final da análise dos dados coletados pelo questionário aplicado, as questões 78 e 80 foram abertas, para identificarmos manifestações livres dos participantes, sobre as possíveis desigualdades vivenciadas dentro das Etecs e outra consideração que pudessem considerar relativas à pesquisa. Nesse ponto, na questão 78 um estudante levantou a discriminação por questões de sua religião, pois para ele certas religiões recebiam “benefícios”, enquanto os de sua religião, não. Infelizmente em sua resposta ele não foi bem específico para efetivamente entendermos o termo “benefício” que foi utilizado, mas leva-me a entender que ele está apontando à lei de liberdade religiosa, nº 13.796 de 2019. Por determinação da lei, nenhum estudante pode ser prejudicado, em frequência e notas, caso venha se ausentar para suas práticas de crença pessoal; nos dias que o estudante precisar de ausentar ele precisa se programar com a instituição de ensino, apresentar uma declaração comprovando a atividade e logo a unidade de ensino irá criar uma nova programação para ele. Conforme determinado em lei:

Art. 7º-A Ao aluno regularmente matriculado em instituição de ensino pública ou privada, de qualquer nível, é assegurado, no exercício da liberdade de consciência e de crença, o direito de, mediante prévio e motivado requerimento, ausentar-se de prova ou de aula marcada para dia em que, segundo os preceitos de sua religião, seja vedado o exercício de tais atividades, devendo-se-lhe atribuir, a critério da instituição e sem custos para o aluno, uma das seguintes prestações alternativas, nos termos do inciso VIII do caput do art. 5º da Constituição Federal (BRASIL, 2019, p.1)

Culturalmente é possível identificar que a lei transmite o direito para as religiões mais populares, como os adventistas; pois são aqueles que praticam dias de guarda religiosa e as escolas estão habituadas em liberar os alunos de suas atividades na sexta-feira ao pôr do sol. Contudo, na lei nada se refere apenas a liberdade para essa religião, ela contempla todas as outras e não faz distinção. O problema está na sua execução, nos gestores das escolas que cabe nesse momento a sensatez de interpretar que práticas vinculadas a outras religiões, como de matriz africana, também são amparadas dentro da lei e o seu não cumprimento acarreta em crime⁷⁰. Outro ponto que levanto extremamente importante nesta lei é que ela é voltada para todas as escolas do país, em diferentes níveis, mas estão excluídas da obrigatoriedade de cumprir tais exigências as escolas militares (CARDIM, 2019).

⁷⁰ A discriminação motivada pela religião é considerada crime no Brasil. A Lei 9.459/2007 pune com multa e até prisão de um a três anos quem zombar ou ofender outra pessoa por causa do credo que ela professa ou impedir e atrapalhar cerimônias religiosas

E por fim, o relato que também trago por ser relevante ao entendimento desta discussão é o seguinte: “Creio que no meu caso como a evasão ocorreu em época diferente de muitos que irão responder essa pesquisa, as informações podem ser bem diferentes devido a realidade do país na época”. Como o recorte histórico abordado foi de 2016 até 2021, temos diferentes cenários expostos para entender os motivos da evasão escolar, nesse meio tempo além de vivenciar uma crise econômica e política, atravessamos uma pandemia, situação que modificou a vida de muitas pessoas, de diversas formas. Infelizmente não tivemos outros relatos relevantes para pesquisa, sempre recebendo um retorno baixo quando se considerou abertura de espaços para livre manifestação no questionário. Devido ao tempo exíguo, não foi possível realizar entrevistas para retomar aspectos relevantes e aprofundar indicativos colhidos pela aplicação dos questionários.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evasão é um tema que demanda múltiplos olhares e talvez seja um dos mais complexos temas para se pesquisar na área da educação. O ato de evadir é construído por uma série de vertentes e identificar sua causalidade é o ponto chave para criar ações de combate ao fenômeno. O estudante que evade não decide esse ato em uma ação momentânea, mas sim através de uma série de situações que geram o descontentamento ou a impossibilidade de seguir em sua vida escolar.

Este estudo se buscou entender melhor a evasão escolar no ensino técnico concomitante, mas que por sua vez também acabou envolvendo a discussão sobre esse fenômeno no ensino fundamental e médio em nosso país, pois este reflete no cotidiano das Etecs. A formação de nível médio é fator condicional para ingressar em Etecs e sua conclusão é obrigatória para posterior certificação dessa modalidade de ensino. Contudo, poucos trabalham tentam analisar essa proximidade entre os níveis e os impactos que são gerados na vida daqueles jovens que ingressam no ensino técnico e evadem. Vale destacar que estamos falando de um universo que envolvem milhares de jovens, apenas pensando em estado de São Paulo, jovens estes que buscam nas Etecs uma possibilidade de mudança de vida, mas acabam desistindo.

Ampliando a discussão em cima de números analisados, podemos traduzir que temos um problema social em grande escala, pois estamos falando de cerca de 20% da média de 230 mil alunos matriculados no ensino técnico, apenas considerando o Centro Paula Souza. Com isso, aproximadamente 46 mil jovens desistem de sua formação técnica semestralmente. No ensino técnico concomitante, o ensino é direcionado exclusivamente para formação de mão obra especializada, cujos estudantes deverão atender os anseios do mercado de trabalho. Nesse ponto, duas problemáticas podem aparecer com mais clareza: a mercantilização da educação e as desigualdades que são criadas no mercado de trabalho e refletem no cotidiano escolar. Portanto, ter a escola direcionada ao mundo do trabalho é um ponto; a educação estar alinhada com a vida social é outro. Se quem dita as regras na escola é o empresariado, entramos em uma situação muito complicada.

Um dos pontos que é possível destacar com maior força na construção deste trabalho é a mudança da perspectiva do jovem presente nas Etecs. Quando se levantou o histórico das escolas técnicas no país foi dito que este sistema de ensino foi construído para os filhos de operários, para a classe social que teria esse curso técnico como a única fonte de conseguir uma profissionalização, portanto esta modalidade de ensino seria o limite ao jovem e a partir dela teria seu direcionamento para o mercado de trabalho. Contudo, quando apresentei as discussões

sobre principalmente as problemáticas visíveis com a introdução do empresariado na influência da elaboração de políticas públicas educacionais em nosso país, essa ação é muito visível no cotidiano do Centro Paula Souza; essa modalidade de ensino é construída para o aperfeiçoamento profissional e se faz presente a perspectiva de inserção profissional ao estudante da Etec. Contudo, é muito comum hoje em dia encontrar jovens que estão na Etec, mas que não desejam ingressar no mercado de trabalho. Essa resposta foi muito comum ao longo do questionário, pois o jovem cursava o ensino médio, o ensino técnico, mas não trabalhava e nem desejava ingressar no mercado de trabalho naquele momento.

Seguindo nessa linha de pensamento, se o jovem está em uma modalidade de ensino cujo objetivo é formar para o mercado de trabalho, mas ele não deseja ingressar no mercado de trabalho a chance de criar uma insatisfação é grande, pois suas aspirações não estão alinhadas com o da instituição de ensino. O que se encontra muito comum em jovens dentro das Etecs hoje é o desejo de seguir com os estudos, utilizar o ensino técnico como fonte de conhecimento e seguir para um ensino superior. Inclusive - mesmo que não abordado nesta pesquisa-, talvez esse fator motivador tenha direcionado ao que hoje denominamos como NovoTec AMS (Articulação Médio-Superior), o programa implantado para trazer ao jovem que busca o ensino técnico integrado ao ensino médio no Centro Paula Souza um passaporte para ser inserido nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs) automaticamente após sua conclusão do médio e técnico, seguindo com uma formação tecnológica (nível superior). Essa ação visa manter o estudante focando na formação técnica e tecnológica, seguindo ainda os direcionamentos mercadológicos, mas satisfazendo mesmo que timidamente essa expectativa de seguir com os estudos de nível superior.

Outra frente que se buscou compreender mais precisamente na pesquisa foi o contato do estudante com o mundo do trabalho. Muitas discussões são construídas sobre a influência do trabalho na evasão escolar: ele é determinante para evasão ou por conta dele o jovem segue na escola? Bem, tal resposta não tenho e pelos levantamentos teóricos realizados não sei se é possível chegar a uma afirmação peremptória, pois novamente a evasão escolar é um fenômeno que se pode identificar estatisticamente, mas que é realizada por um indivíduo, portanto nesta pesquisa identifiquei que o trabalho alinhado aos estudos pode ter efeitos positivos na formação do jovem ao mesmo ponto que apresentar efeitos negativos.

Quando a inserção no mercado de trabalho ocorre de uma forma mais “natural”, digamos assim, ou seja, ela ocorre dentro de uma estrutura cujo jovem não tenha extrema necessidade de obter uma renda, quando o jovem está em busca de autonomia, mas uma autonomia que não seja representada através de conflitos familiares, e outras pontuações nesse

sentido, bem como quando as empresas não apresentavam atividades diferentes do programado, tinham seriedade na proposta, utilizando do programa aprendiz ou do estágio, como realmente uma ferramenta de inserção profissional e mecanismo de aprendizado ao jovem, os resultados eram bem satisfatórios quanto aos *feedbacks* que eu trabalhava, tanto com a empresa, quanto com os jovens.

Outro ponto, que daí são as características inversas que acabo de frisar, é possível identificar em minha pesquisa que apesar de muitos jovens durante o ensino técnico apontarem que não estavam trabalhando, sua presença junto ao mundo do trabalho foi identificada. Praticamente todos os participantes indicaram já ter tido contato com o mercado de trabalho, desde os 12 anos até os 18 anos. Vivenciar qualquer forma de contato com o mundo do trabalho entre os 12 e 14 anos é uma atividade ilegal, portanto aqui já configura um erro nesse processo. Entre os 14 e 17 anos já vemos jovens em Etecs que estudam muitas vezes em dois horários e ainda já fazem estágio ou participam do aprendiz, e com isso, possuem uma carga horária de dedicação muito grande

O estágio, como discutido neste trabalho, não é e não deveria ser considerado como trabalho. O estágio é um ato educativo supervisionado que proporciona ao estudante uma visão de como é um mundo do trabalho, fazendo daquela vivência uma forma de ampliar seus conhecimentos acerca daquilo que o estudante está aprendendo em seu curso. Contudo, é extremamente comum encontrar uma série de jovens (e adultos) atuando em estágios em substituição a um trabalhador formal, com obrigações cotidianas e tendo ali inclusive uma renda para sustento familiar, o que desconfigura totalmente o previsto pela lei do estágio. O empregador muitas vezes sabe disso, mas alinha a necessidade do estagiário em ter uma renda com o desejo de conseguir baratear sua mão de obra, e, portanto, torna ali uma prática exploratória do mercado de trabalho. Destaco a diferença do aprendiz ao estagiário, pois já na lei do aprendiz, aí sim existe a determinação legal para práticas profissionais e asseguradas na CLT. Portanto a presença junto ao mercado de trabalho em condições satisfatórias ao estudante, em alguns casos por conta do esforço excessivo é tido como fator de evasão escolar, mas também muitos estudantes seguem e finalizam seus cursos por conta do envolvimento com o trabalho.

Outro diálogo existente na pesquisa, e crucial para interpretação da evasão no ensino técnico é a discriminação existente quando se buscam vagas no mercado de trabalho. Os jovens participantes apontaram, em todas as oportunidades da pesquisa, que identificam no processo de ingresso no mercado de trabalho situações desiguais, principalmente apontando que fatores de gênero e raça estão acima das questões técnicas, quando se buscam oportunidades. Se, a

formação ao jovem é voltada para ingressar no mercado de trabalho, mas a escola não consegue dar garantias que esse fato ocorra, só por conta disso já temos um grande problema no processo.

No que diz respeito à pandemia, obviamente não é possível descartar sua influência em diversos jovens e adultos à evasão escolar. No contexto das Etecs, principalmente no que se refere aos cursos de maior envolvimento prático em suas aulas e de maior dependência da utilização de laboratórios específicos para o desenvolvimento de suas aulas, a evasão se apresentou muito maior do que aqueles que puderam se adaptar ao contexto do ensino remoto. Essa realidade foi vivenciada por Etecs e Fatecs, tendo inclusive um movimento de interesse pela manutenção do ensino remoto por parte dos estudantes dos cursos de informática e administração, que inclusive também acabaram tendo um aumento da evasão quando se retornou o ensino presencial.

A pandemia também acarretou outra questão dentro das realidades das Etecs: antes muito se discutia e apontava as questões estruturais como um dos maiores motivadores de evasão escolar. Quando me remeto a definição estrutural da Etec, estou me referindo especificamente nesse momento as estruturas físicas da unidade. Por se tratar de um ensino técnico e, voltado ao mercado de trabalho, Etecs possuem uma série de laboratórios em sua unidade, para todos os cursos. Estes laboratórios se encontram, por muitas vezes, defasados no que diz respeito a tecnologia. E, por problemas estruturais destes espaços, muito se discutia nas Etecs que a evasão escolar estaria sendo ocasionada, principalmente, pela falta de investimentos nestes espaços. Contudo, com o decorrer da pandemia, nota-se que não tivemos apontamentos relevantes sobre essa questão como um fator de evasão escolar na unidade. Nenhum pesquisado citou problemas em laboratórios ou até mesmo a falta da possibilidade de estar em um laboratório por conta do ensino remoto.

Quanto à reforma do ensino médio, ao perguntar aos alunos um pouco mais da metade tinha conhecimento sobre ela, mas muito pouco se observou que os envolvidos sabiam sobre ela ou se notavam as mudanças que a reforma estava impondo aos jovens. Muito interessante discutir sobre esta questão, pois o Centro Paula Souza sempre esteve diante de uma série de mudanças no ensino, podendo inclusive ser propulsor destas reformas. Haja vista que parte das grades curriculares hoje identificadas no Centro Paula Souza foram traduzidas para a Secretaria da Educação, como por exemplo a abordagem no que se refere ao projeto de vida nas escolas de ensino médio e o interesse em formação para o mercado de trabalho.

Como um dos resultados da pesquisa, temos que: não se conseguiu apontar diretamente a reforma do ensino médio, fundamentada pela Lei nº 13.415/2017, como causadora da evasão escolar na unidade. Ainda, um movimento interessante é que mesmo muitos jovens de Etecs,

inseridos nas mudanças que estavam ocorrendo com a reforma, indicam desconhecimento sobre a situação. Outra vertente que se estabelece mediante ao cenário construído com a reforma, que merece estudos mais aprofundados, é o reflexo gerado pelo ressignificado como um todo do sistema escolar. A “propaganda” que trouxe o “novo ensino médio” era que a escola se apresentasse “moderna”, “inovadora”, “flexível” e com tais adjetivos apresentar uma estrutura melhor para que o jovem estivesse preparado para o mercado de trabalho; inclusive, cito um caso aqui mesmo em Tatuí, de escolas de ensino médio que possuem projetos de condução de carreira aos jovens, que inclusive fazem parcerias com a Etec e com a Fatec, para levar palestras aos jovens sobre o mercado de trabalho. Contudo, no cenário em que “todas as escolas pretendem fazer essa formação”, qual o significado das Etecs? Haja vista, antes dessa ação poderíamos visualizar uma separação um pouco mais clara, onde Escolas Técnicas tinham essa finalidade e os jovens do ensino médio buscavam-na por conta disto.

Quanto ao primeiro ponto a discussão se faz sobre as Etecs possuem a formação voltada ao mercado de trabalho, mas as escolas de ensino médio agora possuem essa característica, ambas não conseguem cumprir com o devido rigor tal promessa, ampliando o número de estudantes formados para este fim, mas sem necessariamente conseguir. Outro aspecto é a integralidade do ensino, passando nas escolas estaduais a ser os períodos manhã e tarde, retirando boa parte dos estudantes que faziam concomitantemente o ensino médio em escolas públicas e o técnico no período vespertino. Inclusive essa atitude vem fazendo as Etecs criarem estratégias para adaptar seus cursos quanto a isso.

Na abordagem quanto ao cotidiano escolar considerando que conflitos pedagógicos e qualquer tipo de violência podem ter efeito indutor à evasão escolar, não obtive na pesquisa que ambos são fortes influenciadores, pois um percentual baixo de jovens apontou que evadiu da unidade por conta de brigas com colegas ou por ter sofrido algum tipo de desigualdade na unidade. Conheço relatos de alunos que vivenciaram tal situação, mas que podem ser apontados nesse momento apenas pela minha vivência e não por dados obtidos na pesquisa. No mais, a grande maioria não indicou tais fatos como principal motivador de evasão escolar na Etecs.

Nesse momento, por fim, ao longo de todo esse trabalho, indico que a escola até pode estar inserida em um cenário economicista, com suas funções distorcidas por conta desse apelo industrial e pela proximidade do empresariado no cotidiano escolar, proximidade essa que de longe é ingênua ou sem interesses. Vivemos nos últimos anos, tempos difíceis, que pouco foi discutido diretamente nesse trabalho, mas que devem ser levados em conta, principalmente o abandono do governo federal como suporte ao seu povo mediante as imposições dos interesses da burguesia. Tal ato validou uma série de discriminações que, em meu estudo foram

abordados, e conseqüentemente foi propulsor do aumento de desigualdades e intolerância em nosso país. Porém, mediante todas constatações, acredito na escola como libertadora, como fonte de desenvolvimento social, como mecanismo de mobilidade social, como um local que deve ser acolhedor.

Conclui-se, com este estudo, que é necessária uma reformulação daquilo que se encontra no cotidiano das Etecs, se a intenção foi diminuir a evasão escolar em todas as suas unidades. Os dois principais pontos que quero destacar nesse momento são: se a escola é construída para uma formação técnica e profissional, divulgando para sociedade que ela é alinhada com o mercado de trabalho e fonte de integração, entretanto ela não consegue dar garantias a partir do momento que o aluno está matriculado, essa é uma problemática muito grande, e precisa ser revista; outro ponto é a própria identificação de qual o perfil do aluno que está interagindo dentro das Etecs. Nesse estudo, pequeno, do ponto de vista de estatísticas, se identificou que os jovens evadidos não tinham esse interesse mercadológico em sua formação; mas não podemos nos resumir apenas a esse estudo, quando se discute essa situação. São inúmeros casos dos jovens que vão em busca de Etecs pensando em oportunidades de melhorar seus conhecimentos no intuito de conseguirem acessar uma universidade. Vide as propagandas do próprio Centro Paula Souza sobre seus resultados mediante aos alunos que participam do ENEM e diversas outras que as Etecs propagam em suas redes sociais com a parabenização de jovens que recebem aprovação em Universidades de todo o país.

Desconheço se encerrar uma dissertação da forma ao qual farei é comum, mas após ouvir o discurso do, agora ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, o Professor e Filósofo Silvio Luiz de Almeida, que inclusive em seu livro “Crime, Racismo e Neoliberalismo” faço a fundamentação teórica em minhas discussões sobre as desigualdades raciais neste trabalho, quero compartilhar sua fala, cujo término levou a calorosos aplausos dos presentes e citou muitos dos que nas Etecs se fazem presentes e passam pelas discriminações impostas no mercado de trabalho.

Assumo hoje a função de ministro de estado dos direitos humanos e da cidadania, tendo a plena consciência de que não o faço só e nem mesmo o faço por mim. Sou fruto de séculos de lutas e resistências de um povo que não se resignou, nem mesmo diante de um dos piores crimes de horrores de nossa história. Recebo hoje um ministério arrasado. Conselhos de participação foram reduzidos e encerrados. Muitas vozes da sociedade foram caladas, políticas foram descontinuadas e o orçamento voltado para os direitos humanos foi drasticamente reduzido [...] permita-me como primeiro ato, um ato público como ministro, dizer o óbvio, que, no entanto, foi negado. Vou dizer coisas óbvias aqui: trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós, mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós, homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são pessoas valiosas para nós, povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós. Pessoas

lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não-binárias, vocês existem e são valiosos para nós; pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosos para nós; pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados, filhos de anistiados, vítima de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com falta de acesso a saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que tem seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós (Silvio Luiz de Almeida, Discurso de posse como Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do, então Governo, Luiz Inácio Lula da Silva, 2023⁷¹)

⁷¹ Discurso disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WpRG-kuy4nI>

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wender; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. **Estudar e trabalhar**: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. Novo estudo. CEBRAP, São Paulo, v. 39, 523-542, set./dez., 2020

ALESP, Assembleia Legislativa de São Paulo. **Decreto Nº 54.695, de 20 de agosto de 2009**. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2009/decreto-54695-20.08.2009.html>> Acesso em 10 set 2021

_____. **Lei complementar nº 1.086, de 18 de fevereiro de 2009**. Institui Bonificação por Resultados - BR, no âmbito do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2009/lei.complementar-1086-18.02.2009.html>> acesso em 11 nov. 2022.

ALMEIDA, Fernando José de. **Progressão continuada não é aprovação automática**. Nova Escola, 2010. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/287/progressao-continuada-nao-aprovacao-automatica>> acesso em 8 nov. 2022.

ALMEIDA, Lia Pappámikail Ribeiro d. **Juventude, Família e Autonomia**: Entre a norma social e os processos de individuação. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2009. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/319/1/21209_ulsd057815_td.pdf> Acesso em 04 mai 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de; VELOZZO, Júlio César de Oliveira. **Crime, racismo e neoliberalismo**. In: SOUZA, E. A.; OLIVEIRA e SILVA, M. L. (org.). Trabalho, questão social e serviço social: a autofagia do capital. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2019.
ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FILHO, Raimundo Barbosa Silva. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil**: fatores, causas e possíveis consequências. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 8, n.1, p. 35-48, jan-jun, 2017.

ARRETCHE, Marta. **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos / organização Marta Arretche - 1 ed. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.

ASSIS, Valquíria Aparecida; SILVEIRA, Emanuelle Araújo da; SOBRINHO, Pamela Lorrany; TEIXEIRA, Tania Cristina. **Gênero e outras desigualdades**: mercado de trabalho, influências e perspectivas. CORECON, Conselho Regional de Economia, Minas Gerais, 2020. Disponível em <<https://corecon-mg.org.br/desigualdade-genero-mulheres-mercado-trabalho/>> Acesso em 22 out 2021

AZANHA, José Mario Pires. **Democratização do ensino**: vicissitudes da idéia no ensino paulista. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 335-344, maio/ago. 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ep/a/KvxMBhKvtPg6wnBF8P4bSJq/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 28 dez. 2022.

BARBOSA, Livia. **Meritocracia à brasileira**: o que é desempenho no Brasil. Revista do Serviço Público, Brasília, v. 120, n.3, set/dez. 2003. pp. 58-102

BASSO, Claudia. **Aspectos pessoais e contextuais favoráveis à permanência de estudantes em cursos técnicos no Pronatec**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2014. Disponível em

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128655/327708.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 25 abr 2021

BASTOS, Oliver Guimarães Armando; GOMES, Carlos Francisco Simões. **A evasão escolar no Ensino Técnico: entendendo em enfrentando as dificuldades – Um estudo de caso do CEFET-RJ, X Congresso Nacional em Excelência em Gestão 08 e 09 de agosto de 2014**. ISSN 1984-9354. Disponível em:

<http://www.inovarse.org/sites/default/files/T14_0019_0.pdf> Acesso em 23 mar 2021

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Qualidade do ensino na escola pública**. Brasília: Liber Livros, 2006.

_____. **Educação e Sociedade no Brasil após 1930**. In. O Brasil Republicano: Economia e Cultura (1930-1964). 2ª Edição. Editora Difel – Difusão Editorial S.A. Pg. 381-416, 1986

BDCETEC, Banco de Dados da Unidade de Ensino Médio e Técnico.: **Mapeamento**.

Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Disponível em:

<http://www.cpscetec.com.br/bdcetec/index.php>. Acesso em 04 abr 2022

BIANI, Rosana Prado. **A Progressão continuada rompeu com mecanismos de exclusão**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2007.

BOCLIN, Roberto. **Justificativa para um novo ensino técnico**. Avaliação (Campinas) 24 (02), jul. 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000200004>> Acesso em 25 mar 2021

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998

_____. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112-121, 1983.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P. (coord.). *A miséria do mundo*. Trad. M. S. S. Azevedo et al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 481-486, 2001

BRANDÃO, Zaia. **Os jogos de escalas na sociologia da educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 607-20, maio/ago., 2008.

BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em 12 jun.

2021

BRASIL, Planalto. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. **Regulamenta o § 2º do art. 36 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF, 1997. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em 12 jun. 2021

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes;** altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em 12 jun. 2021

_____. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. **Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943.** Brasília, DF, 2000. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm>. Acesso em 12 jun. 2021

_____. Lei nº 13.796, de 3 de janeiro de 2019. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para fixar, em virtude de escusa de consciência, prestações alternativas à aplicação de provas e à frequência a aulas realizadas em dia de guarda religiosa.** Brasília, DF, 2000. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13796.htm> Acesso em 4 jan. 2023.

BZUNECK, José Aloyseo. **As crenças de auto-eficácia dos professores.** In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMPELLO, Ana Margarida. **Dualidade Educacional.** Dicionário da educação profissional em saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.

CARDIM, George. **Nova lei permite falta às aulas por motivos religiosos ou de consciência.** Brasília, 2019. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/01/07/nova-lei-permite-falta-as-aulas-por-motivos-religiosos-ou-de-consciencia>> acesso em 29 ago. 2022.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude:** as identidades são múltiplas. *Juventude, Educação e Sociedade*, 1, 52-72, 2000

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. **Trajetórias truncadas, trabalho e futuro:** jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1.439-1.454, dez., 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ep/a/P9xX7fLyt8MSgL4VmcGK4ft/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 2 jul. 2022.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O conceito de gênero**: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999 - 2009). Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 46 jan. Abr. 2011

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar**: causas e consequências. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2021

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** [livro eletrônico]. 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2014

CITE, Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego. **Anúncios de oferta de emprego x Igualdade de gênero**, 2013. Disponível em: <<http://forumigen.cite.gov.pt/documentos/oferta-formativa-igen/t4-comunicacao-e-linguagem/t4-cite-sobre-anuncios-de-emprego.pdf>> Acesso em 25 out 2021

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Boitempo, 1ª ed. 2000. Disponível em <https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf> acesso em 18 jun. 2022

CORREIA, Maria da Conceição Batista. **A observação participante enquanto técnica de investigação**. Universidade de Lisboa, Pensar Enfermagem, Vol. 13, nº 2, 2009. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf> acesso em 18 jun. 2022.

CORROCHANO, Maria Carla, et al. **Jovens e trabalho no Brasil**: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens operários e operárias** – experiência fabril e sentidos do trabalho. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 425-450, jul./dez. 2004

_____. **O trabalho e a sua ausência**: narrativas juvenis na metrópole. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012

_____. **Trabalho e juventude**: entrevista com Maria Carla Corrochano. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 8, 99-104, 2005

CORROCHANO, Maria Carla; CORTI, Ana Paula de Oliveira; SILVA, José Alves da. **“Ocupar e resistir”**: A insurreição dos estudantes paulistas. Edu. Soc., Campinas, v. 37, nº. 137, p.1159-1176, out.-dez., 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/CwYd9yX9DVrkJP5p3NbRVwN/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em 6 nov 2022.

CORROCHANO, Maria Carla. OLIVEIRA, Caíque Diogo de. **Jovens estudantes do ensino médio integrado**: relações de gênero na formação profissional. Pesquisa e reflexão em educação básica. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre, jan./jun. 2021, v. 34, n.1

CORROCHANO, Maria Carla; TOMASSI, Livia de. **O Qualificar ao empreender**: políticas de trabalho para jovens no Brasil. Estudos avançados, 34 (99), 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>> Acesso em 22 jun. 2022

CORTI, Ana Paula. **À deriva**. Um estudo sobre a expansão do ensino médio no estado de São Paulo (1991-2003). Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, s.n., 2015

COSTA, Albertina de Oliveira; SORJ, Bila; BRUSCHINI, Cristina; HIRATA, Helena (Orgs.). **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, 420p.

DAYRELL, Juarez. **A escola ‘faz’ as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **Evasão escolar**: não basta comunicar e as mãos lavar. 2005. Disponível em: <https://mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/educacao/doutrinas_e_artigos/evasao_escolar_murilo.pdf>. Acesso em 24 jun. 2021

DISOC, Diretoria de Estudos e Políticas Sociais; IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas**: 120 anos após a abolição. Brasília, 2008.

DORE, Rosemary. **Evasão e repetência na rede federal de educação profissional**. XXVI REDITEC, v. 2, n. 1, p. 05, 2013. Disponível em: <<http://www.reditec.ifal.edu.br/reditec/arquivos-1/apresentacoes/dia-0409/Tema%2005%20Evasao%20e%20Repetencia%20na%20Rede%20Federal%20de%20Educacao%20Profissional.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2021

_____. **Evasão na educação**: estudos, políticas e propostas de enfrentamento. Brasília: Editora do IFB: RIMEPES, 2014, pp. 21-56.

DORE, Rosemary. LÜSCHER, Ana Zuleima (2011a). **Permanência e evasão na Educação Técnica de Nível Médio em Minas Gerais**. Cadernos de Pesquisa, v. 41, no 144, p. 772-789, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a07.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2021

_____. **Política educacional no Brasil**: educação técnica e abandono escolar. Revista Brasileira de Pós-graduação, supl. 1, v. 8, p. 147-176, dez, 2011. Disponível em: <http://rbpg.capes.gov.br/images/stories/downloads/RBPG/Vol.8_suplemento/capitulo5.pdf>. Acesso em 22 jun. 2021

DORE, Rosemary; SALES, Pauta; CASTRO, Tatiana. **Evasão nos cursos técnicos de nível médio na Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais**. In: Evasão na educação: estudos, políticas e processos de enfrentamento. DORE, Rosemary; ARAUJO, Augusto; MENDES, Josué. Brasília. IFB/CEPTROTEC/RIMEPES, 2014.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. **Estereótipos de gênero e divisão sexual do trabalho**: uma reflexão sobre a realidade do trabalho feminino. Compartilhando saberes. PROGRAD, Rio Grande do Sul, 2020

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Tradução Maria do Carmo Duffles Teixeira. Revista Brasileira da Educação, 2001. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/DYTMchb9qK7FQdSNpcZpBnC/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em 03 mai 2022.

_____. **O que é uma escola justa?** Caderno de pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

_____. **El declive de la institución:** profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona: Gedisa, 2006

_____. **Ateliê de Humanidades:** entrevista com François Dubet. Será que a escola pode salvar a democracia? 2021. Disponível em <<https://ateliêdehumanidades.com/2020/09/21/ciclo-de-humanidades-os-fins-do-humano-pensar-o-sentido-da-educacao-em-tempos-e-barbarie/>> acesso em 4 jan. 2023.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994

FAT, Fundação de Apoio à Tecnologia. **Vestibulinho Etec.** Disponível em <www.vestibulinhoetec.com.br>. Acesso em 14 jun. 2021

FAUSTINO, Deivison Mendes. **“Por que Fanon? Por que agora?”:** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes,** São Paulo, CIA. Editora Nacional. 1965

_____. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. **O processo constituinte.** Brasília: Câmara dos deputados, 1988, p. 26-36

FERREIRA JR. Achilles Batista, et al. **Educação técnica e o trabalho no Brasil:** uma análise retrospectiva e histórica da evolução desse setor educacional. Uninter Curitiba – PR – maio 2015. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_156.pdf>. Acesso em 22 fev. 2022

FERREIRA, Eliza Bartolizzi; SILVA, Monica Ribeiro. **Centralidade do ensino médio no contexto da nova “Ordem e Progresso”.** Educ. Soc., Campinas, v. 38, n°. 139, p.287-292, abr.-jun., 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/88zn9TyCkLVg9xCY8ghshCq/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 8 nov 2022

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica.** Educação e Sociologia, Campinas, vol. 28. n. 100 – Especial, p. 1129-1152, out. 2007. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300023>>. Acesso em 24 nov 2021

FRIGOTTO, Gaudêncio.; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepção e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Editora Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Revista de Antropologia, v. 47, nº 1. São Paulo, USP, 2004

_____. **Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdades de gênero e raça no Brasil**. Cadernos Pagu, Nº 17-18 Páginas 237 – 2664, 2002.

_____. **Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil**. In H. Abramo & P. P. Branco (Eds.), Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; MARTELETO, Leticia; BRITO, Murillo Marschner Alves de. **Transições e trajetórias juvenis no mercado brasileiro de trabalho: padrões e determinantes**. Brasília: OIT, 2016.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005. p.121 e 124

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90**. Texto para discussão nº 807. Rio de Janeiro: Ipea, 2001

HIRATA, Helena. **Da polarização das qualificações ao modelo da competência**. In: FERRETTI, Celso João *et al Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 128-142

_____. **Entrevista: Helena Hirata**. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro. Maio-Ago, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tes/a/zzPPBSkWHqgd9xBt5jLKWSN/?lang=pt>> acesso em 30 dez. 2022

_____. **O trabalho de cuidado: comparando Brasil, França e Japão**. Revista Internacional de Direitos Humanos. v.13 n.24 • 53 - 64, 2016. Disponível em <<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>> Acesso em 03 mai 2022

HOOBS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desemprego**, 2011. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>> Acesso em 25 abril 2022.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar**, 1998. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=10157&articleId=19141&version=1,0> Acesso em fev. 2022

_____. **Censo Escolar 2021**: divulgação dos resultados. Brasília, 2022. Disponível em <https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf> acesso em 5 mai 2022.

_____. **Censo da Educação Básica 2021**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.]. - Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

JACOMINI, Márcia Aparecida. **Uma década de organização do ensino em ciclos na rede municipal de São Paulo**: um olhar dos educadores. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 08 nov. 2022.

JORDAN, Will J.; LARA, Julia; Mc PARTLAND, James M. *Exploring the causes of early dropout among race-ethnic and gender groups*. Sage Journals, 2022. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0044118X96028001003>> acesso em 6 nov. 2022.

KUBILIUS, Claudio; SANTOS, Bruno Zolotareff dos. **Fatores de evasão no ensino técnico das escolas do Centro Paula Souza**. In: 4o SEMTEC - Simpósio dos Ensinos Médio, Técnico e Tecnológico, 2017, SÃO PAULO. 2017. v. 4. p. 147-152

KANAANE, Roberto; KUBILIUS, Claudio. **Evasão no ensino médio**: estudo de caso. XIV Workshop de pós-graduação e pesquisa do Cento Paula Souza. São Paulo, 8-11 de outubro de 2019, ISSN: 2175-1897 disponível em <<http://www.pos.cps.sp.gov.br/files/artigo/file/579/89209331ede3c99b440d53ecd0562f56.pdf>> Acesso em 21 de fev. 2021

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Cobogó; 1ª edição, 2019

KRAWCZYK, Nora Rut. **Conhecimento crítico e política educacional**: um diálogo difícil, mas necessário. In: KRAWCZYK, N. (Org.). Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

Em questão, 6. Disponível em:

<<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2342/1/emquestao6.pdf%3E>>. Acesso em 22 abr 2021

_____. **Reflexões sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje**. Cadernos de pesquisa: Ação educativa, 2011. V.41 n.144, set./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2021

_____. **Políticas de regulação e mercantilização da educação**: socialização para uma nova cidadania. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 799-819, Especial – out. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 12 set 2021

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**

científica. 5 ed. São Paulo. Atlas. 2003.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. trad. Mana Luiza M. de Carvalho e Silva, Londrina: Editora Planta, 2004. XXI, 324p.; 22cm

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em <<http://old.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>> acesso em 24 jun. 2022

MARTUCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**. Santiago: LOM Ed., 2007.

MARTUCELLI, Danilo; ARAUJO, Kathya. **La escuela y la cuestión del mérito: reflexiones desde la experiencia chilena**. Educ. Pesquisa. São Paulo, v. 41, ñ. Especial, p. 1503-1518, dez. 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da educação e do ensino**. Trad. de Ana Maria Rabaça. Lisboa: Moraes, 1978.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro:· Civilização Brasileira, I, 1, 1968; I, 2, 1968a; III, 4, 1974; III, 5, 1974a e III, 6, 1974b, 1999b

MEC, Ministério da Educação e Cultura. **Histórico da educação profissional e tecnológica no Brasil**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil#:~:text=1942%20%2D%20%20Decreto%2DLei%20n%C2%BA,segundo%20ciclo%20compreende%20o%20ensino>>. Acesso em 16 nov 2021

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. RJ: Ed. Zahar, 2009

MIRANDA, Ana; CORICA, Augustina María. **“Gramáticas de la juventud”**. In: Freytes Frey, Ada (Orgs.). Entre la educación y el trabajo: la construcción cotidiana de las desigualdades juveniles en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2018, pp. 27-50

MOSCHKOVICH, Marília Barbara Fernandes. **Teto de vidro ou paredes de fogo? Um estudo sobre gênero na carreira acadêmica e o caso da Unicamp**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação. Campinas, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Entrevista de Kabengele Munanga. Estudos avançados 18 (50), 2004

NERI, Marcelo; CAMARGO, José Marcio; REIS, Maurício Cortez. **Mercado de Trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2288/1/TD_743.pdf> Acesso em 14 nov 2021

NETO, Alberto Emiliano de Oliveira. **O princípio da não discriminação e sua aplicação às relações de trabalho**. Jus.com.br. São Paulo. 2016. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/8950/o-principio-da-nao-discriminacao-e-sua-aplicacao-as-relacoesde-trabalho#ixzz3UfsD9mMm>. Acesso em 25 nov 2021

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a Educação**. 4^a ed. Belo Horizonte: autêntica, 2014, 128 p.

NOSELLA, Paolo. **Ensino médio**: em busca do princípio pedagógico. *Artigos Educação e Sociedade*, 32 (117), dez 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/wFtvf3SFQR6y5qfVvNPmY8s/?lang=pt>> acesso em 23 jul. 2022

OIT, Organização Internacional do Trabalho. **Genebra**. 2003. Disponível em: <http://www.oit.org.br/node/472>. Acesso em 25 nov 2021.

_____. **Agenda de trabalho decente**, Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_226229.pdf> acesso em 25 abr 2022.

OLIVEIRA, Cinthya. **Evasão escolar cresce 128% entre as crianças de 5 a 9 anos**. *O Tempo*, Minas Gerais, 2022. Disponível em <<https://www.otempo.com.br/brasil/evasao-escolar-cresce-128-entre-as-criancas-de-5-a-9-anos-1.2608460>> acesso em 05 mai 2022

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar, 2001

_____. **A esperança em gerações de futuro sombrio**. *Estudos avançados* 26 (75), 2012. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/LrCw7vXX6dWhDz87CYXgnqw/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 8 jan. 2023.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz M. **Censo e demografia**: a variável cor ou raça nos interiores dos sistemas censitários brasileiros. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. *Raça: novas perspectivas antropológicas* [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 25-61. ISBN 978-85-232-1225-4. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-03.pdf>>. Acesso em 03 mai 2022

PASSOS, José Joaquim Calmon de. **Direito do Estado**. 2015. *Revista Eletrônica de Direito do Estado*. Disponível em: <http://www.direitodoestado.com.br/artigo/j-j-calmon-de-passos/o-principio-de-nao-discriminacao>. Acesso em 12 mar 2022

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/ago., 1997.

REIS, José Carlos. **Anos 1960**: Caio Prado Jr. e “A revolução brasileira”. *Artigos Revista Brasileira de História*, set. 1999, Universidade Federal de Minas Gerais, <Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/TYLgh7WzQgLDgYHLqHTK4BF/?lang=pt>>. Acesso em 22

set 2021

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Psicologia e gestão de pessoas: reflexões críticas e temas afins**. São Paulo: Vetor, 2009.

RODRIGUES, José. **Ainda a educação politécnica: o novo decreto da educação profissional e a permanência da dualidade estrutural**. Trabalho, Educação e Saúde, 3 (2): 259-282, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. 11. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SARRIERA, Jorge Castellá; VERDIN, Regina. **Os jovens a procura de trabalho: uma análise qualitativa**. Psico, 27(1), 59-70, 1996.

SAVIANI, Demerval. **O choque teórico da politecnia**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, FIOCRUZ/EPSJV, v. 1, n.1, mar., 2003

_____. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 8 nov. 2022

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida; SANTOS, Elisabete Figueroa dos. **Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho**. Arquivo Brasileiro de Psicologia. Rio de Janeiro, 63, 1-104, 2011

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. Tradução Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. New York, Columbia University Press. 1989

SCREMIN, Sandra Margarete Bastianello. **Evasão-permanência em uma instituição total de ensino técnico: múltiplos olhares**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, 2008.

SILVA, Rose Neubauer da; DAVIS, Cláudia. **“É Proibido Repetir”**. Estudos em Avaliação Educacional, no. 07. junho 30, 1993: 5–44. Disponível em <<https://publicacoes.fcc.org.br/ae/article/view/2346>> Acesso em 8 nov. 2022.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras**. IPEA, Brasília, 2000.

SOUZA, Aparecida. **Trajetórias de professores da Educação Profissional**. Proposições, v. 16, n. 3, p. 195-211, 2005.

SOUSA, Clarilza Prado de. **Avaliação da aprendizagem formadora\avaliação formadora da aprendizagem**. IN: BICUDO, M.A.V. e SILVA JR., C.A. DA (ORG.). Formação do educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora da UNESP. 1999. (Seminários e Debates, v.4)

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre**

juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127

SPOSITO, Marília Pontes. (Coord.) **Juventude e escolarização** (1980-1998). Série Estado do Conhecimento, n. 7. MEC/Inep/Comped. Brasília, 2002.

SZAPIRO, Ana Maria; RESENDE, Camila Miranda de Amorim. **Juventude:** etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 43-49, 2010

TARÁBOLA, Felipe de S., **Mérito relacional?** Tensões e ambiguidades do reconhecimento escolar de jovens universitários egressos de escolas públicas brasileiras na década da diminuição da desigualdade social do início do século XXI. *In Mérito, desigualdades e diferenças:* cenários de (in)justiça escolar no Brasil e em Portugal. Alfenas – MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2017, p. 69-94.

TARDIN, Elaine Borges; BARBOSA, Murilo Tebaldi; LEAL, Polliana da Costa Alberone. **Mulher, trabalho e a conquista do espaço público:** reflexões sobre a evolução feminina no Brasil. *Revista Transformar*, v. 13, n. 1, p. 119-135, 2015. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/34/31>>. Acesso em 22 out 2022

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. **Jovens na transição escola-trabalho:** tensões e intenções. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **O que há de novo no debate da “qualificação do trabalho”?** Reflexões sobre o conceito com base nas obras de Georges Friedmann e Pierre Naville. Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02062003-170242/publico/TeseGisela.pdf>> Acesso em 5 jan. 2023.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Igual e diferentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

TOYOTA, Meire Satiko Fukusawa. **Evasão no Ensino Técnico e Técnico Integrado ao Ensino Médio:** um estudo de caso nos cursos técnicos em Eletrotécnica, Informática e Mecatrônica da Etec Jorge Street do Centro Paula Souza. Mestrado, Programa de Pós-graduação do Centro Paula Souza: 2020, São Paulo.

VAGARINHO, João Paulo. **Como identificar a originalidade num artigo científico ou numa tese de doutoramento?** *Demanda Contínua, Educ. Rev.* 35, Jan/Fev, 2019. Disponível <<https://www.scielo.br/j/er/a/WdQsHy6Q6cfjs65Lcgq36MP/?lang=pt#>> acesso em 18 jun. 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 16ª Edição, 2016

WEBER, Max. **Os três tipos puros de dominação legítima.** In: COHN, G. (Org.). Weber, 5ª edição. São Paulo: Ática, 1991. p. 79-127 (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. Ed. *New Jersey. Prentice Hall*, 1999.

APÊNDICE A

Questionário

SEÇÃO I: Apresentação

Evasão escolar no Ensino Técnico

Caro (a) estudante e responsável,

Solicitamos sua participação junto a pesquisa que está sendo desenvolvida para avançar nos entendimentos sobre evasão do ensino técnico, especialmente ocorrida em Etecs. Essa pesquisa faz parte do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar (Campus Sorocaba). Dentro da pesquisa estamos buscando informações que serão coletadas via questionário eletrônico com alguns estudantes previamente selecionados.

Este questionário foi construído com perguntas fechadas e abertas, com a finalidade de conhecer as características do estudante, bem como seu trajeto dentro das Etecs.

- A qualquer momento, durante a participação na pesquisa, poderá buscar esclarecimentos, bem como sua participação é livre, podendo se retirar ou interromper a qualquer momento;
- Sua participação é voluntária, e sua recusa na participação não acarretará nenhuma penalidade, punição ou perda em qualquer sentido;
- Os pesquisadores envolvidos irão tratar sua identidade com os padrões profissionais de sigilo, com os resultados sendo compartilhados com você e permanecendo em sigilo;
- Nenhuma informação compartilhada será liberada sem sua permissão e os resultados serão arquivados no setor de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, bem como encaminhadas para você;
- Sua participação não acarretará nenhum ônus para os envolvidos;
- Ter sua participação é extremamente importante para ampliar o conhecimento sobre a realidade dos jovens, bem como sua interação com as instituições, principalmente a escola e o mundo do trabalho;

Você poderá a todo instante entrar em contato com os pesquisados, através do (15) 996393162 (Jeferson) ou e-mail prof.jefersonnedelciu@gmail.com, bem como diretamente com a UFSCar, na Rodovia João Leme dos Santos (SP-264), KM 110 - Bairro do Itinga - Sorocaba/SP

1. Nome completo
 - a. Resposta aberta
2. Curso realizado na Etec
 - a. Resposta aberta
3. Mês e ano de nascimento
 - a. Resposta aberta
4. Sexo
 - a. masculino
 - b. feminino

- c. prefere não declarar/outro
5. Qual sua identidade de gênero
- a. masculino
 - b. feminino
 - c. prefere não declarar/outro
6. Segundo IBGE, a classificação por cor/etnia se dá seguindo as categorias: branco, pardo, preto, indígena e amarelo. Como você se considera?
- a. Branca
 - b. Preta
 - c. Parda
 - d. Amarela
 - e. Indígena
7. Qual sua religião
- a. Católico
 - b. Judeu
 - c. Muçulmano
 - d. Evangélico
 - e. Matriz africana
 - f. Outras?

SEÇÃO II: Questionário Socioeconômico

As questões abaixo compreendem o período em que esteve matriculado no ensino técnico. O objetivo é traçar o perfil socioeconômico do aluno do ensino técnico para ajudar na compreensão de suas ações e compreender suas características, seus problemas, suas dificuldades e demais fatores que podem ser determinantes no seguimento (ou não) da carreira escolar.

8. Onde você cursou o ensino fundamental?
- a. Totalmente em escola pública
 - b. Totalmente em escola particular
 - c. Maior parte em escola pública
 - d. Maior parte em escola particular
 - e. No exterior
 - f. Outra situação
9. Onde você cursou o ensino médio?
- a. Totalmente em escola pública (sem considerar Etecs)
 - b. Em uma unidade de Ensino Médio e Técnico (Etec)
 - c. Totalmente em escola particular
 - d. Maior parte em escola pública
 - e. Maior parte em Etecs
 - f. Maior parte em escola particular
 - g. No exterior

- h. Outra situação
10. Que tipo de ensino médio você cursou?
- a. Ensino Médio Comum
 - b. Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio
11. Qual foi sua dedicação quanto a jornada escolar considerando Ensino Médio e Ensino Técnico?
- a. Matutino (manhã)
 - b. Vespertino (tarde)
 - c. Noturno (noite)
 - d. Integral (manhã e tarde)
 - e. Integral (tarde e noite)
 - f. Integral (manhã e noite)
 - g. Outro Turno
12. Além de sua dedicação à jornada escolar (ensino técnico e/ou médio), buscou outras formas de estudo?
- a. Sim, cursos extracurriculares em outras instituições
 - b. Sim, cursos extracurriculares na própria Etec
 - c. Sim, cursos pré-vestibular em outras instituições
 - d. Sim, cursos pré-vestibular na própria Etec
 - e. Sim, cursos on-line
 - f. Não
13. Você exerceu, enquanto estudante do ensino técnico, atividades remuneradas?
- a. Sim, emprego formalizado (com vínculo a CLT)
 - b. Sim, emprego informal (sem vínculo com a CLT)
 - c. Sim, estágio remunerado
 - d. Sim, jovem aprendiz
 - e. Não realizei atividades remuneradas
14. Considerando o salário-mínimo de 2022, que está estipulado em R\$ 1.212,00. Quantos salários-mínimos pode ser considerado como sua renda familiar enquanto estava matriculado no ensino técnico:
- a. Menos de 1 salário-mínimo (R\$ 1,212,00)
 - b. Entre 1 e 2 Salários-Mínimos (de R\$ 1.212,00 até R\$ 2.424,00)
 - c. De 2 a 3 salários-mínimos (de R\$ 2.424,00 até R\$ 3.636,00)
 - d. De 3 a 4 Salários-mínimos (de R\$ 3.636,00 até R\$ 4.848,00)
 - e. Mais de 4 Salários-Mínimos (acima de R\$ 4.848,00)
 - f. Não sei declarar
 - g. Não desejo declarar
15. Quantas pessoas viviam da renda informada acima?

- a. Uma
 - b. Duas
 - c. Três
 - d. Quatro
 - e. De cinco para cima
16. Você acessa a internet usando o celular?
- a. Todos os dias
 - b. Pelo menos uma vez na semana
 - c. Pelo menos uma vez por mês
 - d. Menos de uma vez por mês
 - e. Não acesso
17. Você acessa a internet usando Notebook?
- a. Todos os dias
 - b. Pelo menos uma vez na semana
 - c. Pelo menos uma vez por mês
 - d. Menos de uma vez por mês
 - e. Não acesso
18. Assinale a forma mais frequente de acesso à internet
- a. Wi-fi em casa
 - b. Dados próprios
 - c. Wi-fi de terceiros (escola, trabalho, locais públicos, comércios etc.)
 - d. Não acesso à internet
19. Indique a situação do imóvel em que sua família ou você (no caso de independência da família) residia enquanto era estudante.
- a. Casa própria, quitada
 - b. Casa própria, financiada
 - c. Casa alugada
 - d. Casa cedida por parente ou instituição
20. Qual é o nível de instrução do primeiro responsável por você (mãe, pai ou outra pessoa)?
- a. Não estudou
 - b. Ensino fundamental incompleto
 - c. Ensino fundamental completo
 - d. Ensino médio incompleto
 - e. Ensino médio completo
 - f. Ensino superior incompleto
 - g. Ensino superior completo
 - h. Pós-graduação incompleta
 - i. Pós-graduação completa
 - j. Não sei ou não desejo informar

21. Qual é o nível de instrução do segundo responsável por você (mãe, pai ou outra pessoa)?
- Não estudou
 - Ensino fundamental incompleto
 - Ensino fundamental completo
 - Ensino médio incompleto
 - Ensino médio completo
 - Ensino superior incompleto
 - Ensino superior completo
 - Pós-graduação incompleta
 - Pós-graduação completa
 - Não sei ou não desejo informar
22. Qual era a situação do(a) principal responsável pela manutenção de sua casa enquanto você estudava?
- Trabalhava
 - Estava desempregado
 - Aposentado
 - Pensionista
 - Outros
23. A partir da apresentação de algumas ocupações divididas e ordenadas a seguir, indique o grupo que contempla a ocupação mais próxima do(a) principal responsável pelo domicílio (no caso de desempregado, indique a última ocupação).
- Grupo 1: Lavrador, agricultor sem empregados, boia-fria, criador de animais (gado, porcos, galinhas, outros), apicultor, pescador, lenhador.
 - Grupo 2: Diarista, empregado doméstico, cuidador de idosos, babá, cozinheiro (em casas particulares), jardineiro, faxineiro de empresa e prédios, vigilante, porteiro, carteiro, office-boy, vendedor, caixa, atendente de loja, auxiliar administrativo, recepcionista, servente de pedreiro, repositor de mercadorias.
 - Grupo 3: Padeiro, cozinheiro de restaurantes, sapateiro, costureiro, joalheiro, torneiro mecânico, soldador, operário, trabalhador de mineração, pedreiro, pintor, eletricista, encanador, caminhoneiro, taxista.
 - Grupo 4: Professor (de ensino fundamental, médio, educação infantil, de idiomas, música, artes etc.), técnico (de enfermagem, de contabilidade, eletrônica etc.), militar de baixa patente (soldado, sargento, cabo), corretor de imóveis, supervisor, gerente, mestre de obras, pastor, microempresário (proprietário de empresa com menos de 10 empregados), pequeno comerciante, pequeno proprietário de terras, trabalhador autônomo ou por conta própria.
 - Grupo 5: Médico, engenheiro, dentista, psicólogo, economista, advogado, juiz, defensor, delegado, promotor, tenente, capitão, coronel, professor universitário, diretor tenente, capitão, coronel, professor universitário, diretor de empresas públicas ou privadas, político, proprietário de empresas com mais de 10 empregados.

- f. Não sei ou não desejo informar
24. Enquanto estudante do ensino técnico, tinha filhos?
- a. Sim
 - b. Não
25. Se sim, quantos filhos?
- a. Um filho
 - b. Dois filhos
 - c. Três filhos
 - d. Quatro ou mais filhos
26. Enquanto estudante do ensino técnico, era responsável por cuidados de outros familiares (crianças e idosos, por exemplo)
- a. Sim, era responsável pelos cuidados de pelo menos uma pessoa idosa
 - b. Sim, era responsável pelos cuidados de pelo menos uma criança
 - c. Não tinha tais responsabilidades

SEÇÃO III: Trajetória Escolar

As questões abaixo compreendem especificamente sua trajetória escolar. O objetivo da seção é apresentar seu desenvolvimento escolar para ajudar na compreensão de como a escola e as ações que envolvem seus agentes podem ter influenciado (positivamente ou negativamente) suas escolhas.

27. Quanto aos seus estudos, de ensino fundamental, assinale a que corresponde com maior veracidade sobre seu histórico:
- a. Estudei integralmente em escolas públicas
 - b. Estudei a maior parte de minha vida em escolas públicas
 - c. Estudei parte em escolas públicas e parte em escolas particulares
 - d. Estudei a maior parte da minha vida em escolas particulares
 - e. Estudei integralmente em escolas particulares
28. Enquanto aluno da Etec, cursava o Ensino Médio?
- a. Sim, na própria Etec
 - b. Sim, em uma instituição de ensino público
 - c. Sim, em uma instituição de ensino particular
 - d. Não, já havia concluído
29. Enquanto aluno da Etec, tomou conhecimento sobre a reforma do Ensino Médio (regulamentada pela Lei nº 13.415/2017)
- a. Sim
 - b. Não
30. Enquanto aluno, sentiu ou identificou alguma mudança em seu cotidiano considerando a reforma do ensino médio?

- a. Resposta aberta
31. Além do curso apresentado inicialmente, já cursou outro curso de nível técnico em Etecs?
- a. Sim, mas não concluí
 - b. Sim, e conclui
 - c. Não, apenas o informado
32. Enquanto aluno da Etec, obteve reprovação em alguma disciplina ou semestre?
- a. Sim
 - b. Não
33. Caso tenha sido reprovado, quais dos motivos abaixo podem ter sido fatores que ocasionaram a situação? (Pode assinalar mais de uma alternativa)
- a. Dificuldade em conciliar trabalho e estudos
 - b. Falta de vontade de estudar
 - c. Dificuldade com o desenvolvimento das disciplinas
 - d. Problemas de saúde
 - e. Problemas financeiros
 - f. Conflitos e/ou problemas familiares e/ou pessoais
 - g. Dificuldades com transporte
 - h. Dificuldade(s) com professore(s)
 - i. Desentendimento(s) com colega(s)
 - j. Necessidade de me dedicar a questões familiares
 - k. Violência na escola
 - l. Discriminação na escola e/ou no mercado de trabalho
 - m. Não obtive reprovações
34. Caso considere outros motivos ou deseje se manifestar nesse ponto, fique à vontade:
- a. Resposta aberta
35. Caso tenha desistido, quais dos motivos abaixo podem ter sido fatores que ocasionaram a situação? (Pode assinalar mais de uma alternativa)
- a. Dificuldade em conciliar trabalho e estudos
 - b. Falta de vontade de estudar
 - c. Dificuldade com o desenvolvimento das disciplinas
 - d. Problemas de saúde
 - e. Problemas financeiros
 - f. Conflitos e/ou problemas familiares e/ou pessoais
 - g. Dificuldades com transporte
 - h. Dificuldade(s) com professore(s)
 - i. Desentendimento(s) com colega(s)
 - j. Necessidade de me dedicar a questões familiares
 - k. Violência na escola

- l. Discriminação na escola e/ou no mercado de trabalho
 - m. Não obtive reprovações
36. Caso considere outros motivos ou deseje se manifestar nesse ponto, fique à vontade
- a. Resposta aberta
37. Você percebeu, ao longo de seu curso, algum tipo de tratamento desigual, considerando raça e/ou crenças, por parte da unidade de ensino (considere o corpo docente, os coordenadores, a direção, a secretaria acadêmica ou qualquer outro agente escolar) ao longo de seu curso?
- a. Sim, muitas vezes
 - b. Sim, algumas vezes
 - c. Não identifiquei nenhum tipo de tratamento desigual
38. Você percebeu, ao longo de seu curso, algum tipo de tratamento desigual, considerando seu gênero, por parte da unidade de ensino (considere o corpo docente, os coordenadores, a direção, a secretaria acadêmica ou qualquer outro agente escolar) ao longo de seu curso?
- a. Sim, muitas vezes
 - b. Sim, algumas vezes
 - c. Não identifiquei nenhum tipo de tratamento desigual
39. Você percebeu, ao longo de seu curso, algum tipo de tratamento desigual, considerando raça e/ou crenças, quando buscou integração ao mercado de trabalho?
- a. Sim, muitas vezes
 - b. Sim, algumas vezes
 - c. Não identifiquei nenhum tipo de tratamento desigual
 - d. Não tentei ingressar no mercado de trabalho
40. Você percebeu, ao longo de seu curso, algum tipo de tratamento desigual, considerando seu gênero, quando buscou integração ao mercado de trabalho?
- a. Sim, muitas vezes
 - b. Sim, algumas vezes
 - c. Não identifiquei nenhum tipo de tratamento desigual
 - d. Não tentei ingressar no mercado de trabalho
41. Se sim, e desejar manifestar algum caso em especial, descreva abaixo:
- a. Resposta aberta
42. Dentre os fatores abaixo, considerando as dificuldades que encontrou em seus estudos, destaque as que considera ter importância na sua decisão de evadir (pode assinalar mais de uma)
- a. Distância entre casa e escola
 - b. Convívio com colegas de turma

- c. Convívio com os professores
 - d. Contato com a direção e/ou coordenação da escola
 - e. Problemas de infraestrutura e dos laboratórios da unidade
 - f. O tempo necessário para dedicar aos estudos
 - g. Falta de apoio nas questões pedagógicas
 - h. A empregabilidade do curso escolhido
 - i. Falta de orientação profissional
 - j. Necessidades financeiras
 - k. Episódios de violência
 - l. Falta de participação em atividades extracurriculares e/ou eventos (como grêmios, conselhos etc.)
 - m. Regras da unidade de ensino que impactaram negativamente
 - n. Outros
43. Caso considere, dentre as questões anteriores, importante apresentar algum fato, fique à vontade:
- a. Resposta aberta
44. O que desistir (evadir) de um curso técnico significou para você na época em que tomou tal ação?
- a. Resposta aberta
45. O que desistir (evadir) de um curso técnico significa hoje para você? Consegue definir diferenças no modo de pensar da situação para o momento atual?
- a. Resposta aberta
46. Sente que a integração entre ensino técnico e ensino médio gerou impactos em sua vida?
- a. Sim, sinto que a integração foi positiva motivando-me profissionalmente
 - b. Sim, sinto que a integração foi positiva, mas por outras questões decidi evadir de meu curso
 - c. Em partes, a integração teve pontos positivos, mas também pontos negativos
 - d. Sinto que a integração foi negativa, motivando-me a desistir dos estudos
 - e. Não sei opinar
47. Caso sinta necessário opinar sobre a integração entre ensino técnico e médio, fique à vontade
- a. Resposta aberta
48. Você deseja voltar a estudar o curso técnico que evadiu anteriormente?
- a. Sim
 - b. Não
 - c. Talvez
49. Se sim, quais fatores considera que poderiam te levar novamente ao curso técnico?

- (Assinale mais de uma alternativa)
- a. Busca por profissionalização e/ou melhores condições no trabalho
 - b. Aperfeiçoamentos técnicos
 - c. Necessidades financeiras e/ou familiares
 - d. Incentivo familiar
 - e. Interesse em conviver no ambiente escolar novamente
 - f. Bom relacionamento com a unidade de ensino
 - g. Incentivo e/ou necessidade profissional
50. Se não, quais fatores considera que desmotivam seu retorno ao curso técnico? (Assinale mais de uma alternativa)
- a. Falta de integração profissional e/ou não conseguir melhores condições no trabalho
 - b. Distância entre os métodos de ensino e o mundo do trabalho
 - c. Necessidades financeiras e/ou familiares
 - d. Falta de Incentivo familiar
 - e. Desinteresse em conviver no ambiente escolar novamente
 - f. Relacionamento ruim com a unidade de ensino
 - g. Falta de Incentivo e/ou necessidade profissional
51. Você desejaria ingressar em outro curso técnico?
- a. Sim
 - b. Não
 - c. Talvez
52. Entre os anos de 2020 e 2022 vivenciamos a Pandemia da COVID-19. Os métodos de ensino especificamente das Etecs passaram a ser aplicados via plataforma do Microsoft Teams (aulas remotas) entre março de 2020 e agosto de 2021; A partir de setembro de 2021 passou ocorrer de forma híbrida, tendo seu retorno totalmente ao ensino presencial a partir de fevereiro de 2022. Considerando esse cenário, indica que:
- a. A pandemia da Covid 19 teve grande impacto em minha evasão escolar
 - b. A pandemia da Covid 19 teve reflexos negativos, mas não sinto que evadi por conta dela
 - c. A pandemia da Covid 19 não gerou impactos em minha decisão de evadir
 - d. Não vivenciei o ensino técnico enquanto ocorreu a Pandemia da Covid 19
53. Em relação às ações da Etec para manter o ensino ao longo da pandemia, considera que:
- a. A forma que ocorreram as transições me fizeram desistir do curso
 - b. As ações da Etec foram válidas, mas por outras questões decidi evadir de meu curso
 - c. As ações da Etec foram negativas e me fizeram desistir de meu curso
 - d. Não vivenciei o ensino técnico enquanto ocorreu a Pandemia da Covid 19

SEÇÃO IV: Trabalho e estudo

Considerando que trabalho e estudo são ações estritamente próximas, ainda mais quando se analisa o universo do ensino técnico, as questões abaixo buscam conseguir informações que contribuam para o entendimento de como tais ações podem contribuir e/ou atrapalhar seu desenvolvimento enquanto estudante.

54. Enquanto estudante, se dedicou ao mundo do trabalho? (considere qualquer tipo de atividade remunerada ou não que envolva o mercado de trabalho)
- Sim, durante todo período
 - Sim, na grande maioria do tempo
 - Sim, em partes
 - No período não trabalhava
55. Enquanto estudante, se dedicava para trabalhos domésticos? (considere aqui apenas as atividades domésticas remuneradas)
- Sim, durante todo período
 - Sim, na grande maioria do tempo
 - Sim, em partes
 - No período não trabalhava
56. Enquanto estudante, se dedicava para trabalhos domésticos? (considere aqui apenas as atividades domésticas não-remuneradas, ou seja, aquelas obrigações cotidianas com a casa)
- Sim, durante todo período
 - Sim, na grande maioria do tempo
 - Sim, em partes
 - No período não trabalhava
57. Se indicou ser responsável por alguma atividade doméstica em sua casa, qual das opções abaixo estariam mais próximas?
- Realizo algumas tarefas, em conjunto
 - Tenho responsabilidades domésticas que me tomam certo tempo
 - Tenho responsabilidades domésticas que me tomam grande parte do dia ou da noite
 - Cuido de alguma criança ou idoso(a)
 - Não realizo nenhuma atividade doméstica
58. Considera que suas obrigações não-remuneradas, ou seja, atividades domésticas e/ou de cuidado com seus familiares geram impactos no seu desenvolvimento profissional?
- Com certeza
 - Sim, sinto algumas complicações
 - Sim, mas consigo equilibrar
 - Não tenho problemas com isso
59. Deixe aqui alguma consideração que destaca como pertinente para esse trabalho

- considerando o envolvimento da atuação doméstica com o mundo escolar:
- a. Resposta aberta
60. Com qual idade teve seu primeiro contato com o mundo do trabalho? (Mesmo que informalmente)
- a. 12 anos ou menos
 - b. 13 anos
 - c. 14 anos
 - d. 15 anos
 - e. 16 anos
 - f. 17 anos
 - g. 18 anos ou mais
 - h. Nunca trabalhei
61. Se sim, qual era seu vínculo com o mundo do trabalho?
- a. Trabalho formal (CLT)
 - b. Programa de Estágio
 - c. Programas de Aprendizado
 - d. Trabalho informal/autônomo (sem registros profissionais)
 - e. MEI (Microempreendedor Individual)
 - f. Trabalho doméstico (sem carteira assinada)
 - g. Trabalho doméstico (com carteira assinada)
 - h. Trabalhos não-remunerados / Voluntariado
 - i. Não trabalhei no período de estudos
62. Sente que trabalhar enquanto estudava, trouxe impactos para sua vida profissional?
- a. Sim, melhorou minha atuação profissional e/ou meu cargo na empresa
 - b. Sim, em partes
 - c. Não senti impactos graças ao curso técnico
63. Caso tenha trabalhado enquanto estudava, qual era sua principal motivação em manter as atividades em paralelo (trabalho e estudo)
- a. Independência financeira / autonomia
 - b. Necessidades familiares
 - c. Possuir uma renda
 - d. Adquirir experiências e mobilidade social
 - e. Melhorar o currículo
 - f. Não trabalhei no período de estudos
64. Considerando sua atividade profissional (independentemente da forma de vínculo) no período em que estudava, qual era sua renda mensal:
- a. Menos de 1 salário-mínimo (R\$ 1,212,00)
 - b. Entre 1 e 2 Salários-Mínimos (de R\$ 1.212,00 até R\$ 2.424,00)
 - c. De 2 a 3 salários-mínimos (de R\$ 2.424,00 até R\$ 3.636,00)

- d. De 3 a 4 Salários-mínimos (de R\$ 3.636,00 até R\$ 4.848,00)
 - e. Mais de 4 Salários-Mínimos (acima de R\$ 4.848,00)
 - f. Não sei declarar
 - g. Não desejo declarar
 - h. Não trabalhei no período de estudos
65. Quanto a renda obtida declarada na questão anterior, qual a principal destinação:
- a. Auxílio nas despesas da casa
 - b. Auxílio parte nas despesas da casa e parte com gastos pessoais
 - c. Toda renda destino aos gastos pessoais
 - d. Outros fins
 - e. Não trabalhei no período de estudos
66. Caso tenha trabalhado no período, considera que essa atividade foi:
- a. O trabalho foi extremamente prejudicial ao andamento de meu curso
 - b. O trabalho atrapalhou o andamento de meu curso
 - c. Consegui alinhar tranquilamente o trabalho com o andamento de meu curso
 - d. O trabalho me ajudou com o desenvolvimento de meu curso
 - e. O trabalho foi extremamente importante para o bom desenvolvimento de meu curso
 - f. Não trabalhei no período de estudos
67. Considera que o trabalho foi um dos motivos para evadir de seu curso?
- a. Sim, com certeza
 - b. Sim, em partes
 - c. Não
 - d. Não trabalhei no período de estudos
68. Se achar interessante, pode se manifestar nesse ponto sobre a influência do trabalho em seu desenvolvimento escolar:
- a. Resposta aberta
69. Caso não tenha trabalhado durante seu curso técnico, considera que a falta de trabalho pode ter influenciado em sua desistência?
- a. Sim, com certeza
 - b. Sim, em partes
 - c. Não
 - d. Não trabalhei no período de estudos
70. Ainda no cenário de não ter trabalhado, buscou oportunidades para ingressar no mercado de trabalho? (Pode destacar mais de uma opção)
- a. Sim, com suporte da Etec em Programas de Estágio e Aprendiz, mas sem sucesso
 - b. Sim, busquei sozinho oportunidades em diversos postos de trabalho, mas sem

sucesso

- c. Sim, mas apenas em postos de trabalho informal, mas sem sucesso
- d. Não tive interesse em ingressar no mercado de trabalho no período

71. Se considerar válido, poderá compartilhar nesse momento alguma experiência quanto ao processo de ingressar no mercado de trabalho enquanto estudante:

- a. Resposta aberta

72. Considera que o curso técnico foi um fator determinante para ingressar no mercado de trabalho?

- a. Não considero, e ainda não consegui ingressar no mercado de trabalho
- b. Não
- c. Sim, em partes
- d. Sim, mesmo evadindo sinto que o curso técnico me ajudou com isso

SEÇÃO V: Perspectivas e trajeto profissional

Aqui vamos colher algumas questões sobre seu trajeto profissional e suas perspectivas para o mercado de trabalho. As questões dessa seção têm o objetivo de entender sua forma de pensamento quando integrado à escola de ensino técnico e o mundo do trabalho.

73. Considera que o estudo de nível técnico pode contribuir para algum tipo de melhoria em sua carreira profissional?

- a. Sim, com certeza
- b. Sim, em partes
- c. Não

74. Na condição de sujeito atuante no Mercado de Trabalho, considera que apenas as questões técnicas auxiliam em um bom desenvolvimento profissional?

- a. Sim, com certeza
- b. Sim, em partes
- c. Não
- d. Nunca trabalhei

75. Já presenciou ou sentiu, ao longo de sua vivência no Mercado de Trabalho, algum tipo de discriminação ou exclusão no mercado de trabalho?

- a. Sim, muitas vezes
- b. Sim, algumas vezes
- c. Não
- d. Não sei responder
- e. Nunca trabalhei

76. Caso considere necessário, deixe aqui algum relato sobre o fato:

- a. Resposta aberta

77. Já presenciou ou sentiu algum tipo de discriminação em uma unidade de ensino técnico?

- a. Sim, muitas vezes
- b. Sim, algumas vezes
- c. Não
- d. Não sei responder

78. Caso considere necessário, deixe aqui algum relato sobre o fato:

- a. Resposta aberta

79. Considera que questões raciais e de gênero geram impactos na vida profissional, por muitas vezes acima até das próprias competências técnicas?

- a. Sim, com certeza
- b. Sim, mas não em todos os casos
- c. Depende de cada situação
- d. Não, as competências técnicas sobressaem esse tipo de questão
- e. Não sei responder

80. Deixe aqui alguma consideração que destaca como pertinente para esse estudo:

- a. Resposta aberta

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO: EXPERIÊNCIAS DE EVADIDOS

Nome do Pesquisador: Jeferson Nedelciu

Natureza da pesquisa: o sr. (sra.) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar a evasão escolar no ensino técnico

Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a Sra. (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) aborde as questões pessoais e sociais que levaram a sua evasão escolar, na modalidade de ensino técnico. A Sra. (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Sra. (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. A pesquisa terá abordagem sobre seu desenvolvimento escolar, considerando também questões pessoais sobre sua trajetória e identificando as causas que levaram à sua evasão da unidade de ensino. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

Benefícios: ao participar desta pesquisa a Sra. (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o problema de evasão escolar inicialmente nas Etecs, mas que poderá contribuir inclusive para o problema de evasão em todo o país, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa gerar informações preciosas para, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Pagamento: a Sra. (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

1. Nome completo
 - a. Resposta aberta
2. Telefone de contato
 - a. Resposta aberta
3. Consentimento Livre e esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

- a. Ciente e de acordo